

Itaytera

"1817, 3 DE MAIO — Neste dia subiu ao púlpito na matriz do CRATO, revestido de batina e roquete, o diácono José Martiniano de Alencar, emissário do governo revolucionário de Pernambuco, e proclamou nossa independência e república, lendo o "Preciso" de Mendonça"

EFEMÉRIDES DO CARIRI — Irineu Pinheiro

N.º 11

ANO 1967



Tudo vai melhor
com Coca-Cola

Cariri Refrigerantes S. A.

na dinâmica do progresso Caririense

OFERECE

os dois mundialmente afamados

REFRIGERANTES

Laranja **FANTA** e **Coca-Cola**

CRATO - Rua Mons. Esmeraldo, 124 - Fone: 286 - CEARÁ

tão saborosa ...
que dá gosto ter sede!



Itaytera

DIRETORIA

DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Eleita para o Ano Social entre Outubro
de 1966 e igual mês em 1967

Presidente

José Alves de Figueirêdo Filho

Vice-Presidente

Pe. Antônio Gomes de Araújo

Secretário Geral

Jornalista João Lindemberg de Aquino

2.º Secretário

Zuleica Pequeno de Figueiredo

Comissão da Revista "ITAYTERA"

J. de Figueiredo Filho

Pe. Antônio Gomes de Araújo

João Lindemberg de Aquino

Comissão de Sindicância

Jurandy Temóteo de Sousa

Huberto Esmeraldo Cabral

Oswaldo Alves de Sousa

Comissão de Letras, Ciências e Arte

Prof. José Newton Alves de Sousa

Profa. Edméia Arraes de Alencar

José de Paula Bantim

Sócios que ocupam Cadeiras c/ Patono

João Lindemberg de Aquino

PADRE IBIAPINA

Dr. Raimundo de Oliveira Borges

BRUNO DE MENEZES

Profa. Edméia Arraes de Alencar

ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR

J. de Figueiredo Filho

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO

N.º 11

ANO 1967

Í N D I C E

1817. CENTO E CINCOENTA ANOS DEPOIS.....	3
HEROÍNA NACIONAL BÁRBARA DE ALENCAR.....	7
JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO.....	18
SINTESE DA VIDA E OBRA DE ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR....	31
DISCURSO DO Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES.....	39
COMEMORAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1817, EM CRATO.....	50
OEIRAS DO PIAUI	53
A PROPÓSITO DE UM DOS MAIS EMÉRITOS JURISTAS DO PAÍS....	63
NO DIA 3 DE MAIO DE 1967.....	66
CARIRI, O GRANDE CENTRO DE FOLCLORE DO NORDESTE.....	71
<u>A SEGUNDA VIDA DO Dr. HENRIQUE</u>	87
RECORDANDO UMA VIDA	99
DESPEDIDA DO EXERCITO ATIVO	102
JOSE' DE ALENCAR, NOTAS DE FAMILIA.....	107
REVOLUÇÃO DE 1817	115
A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO CRATO VERSUS CABRA PRETA.....	123
CÔNEGO MANUEL FEITOSA	127
VARIAÇÕES EM FA SUSTENIDO	139
CRATO, CABEÇA DE COMARCA... ..	140
PADRE FRANCISCO DE ASSIS PITA	142
PADRE MESTRE IBIAPINA NO RIO GRANDE DO NORTE.....	143
NO TEMPO DOS CORONEIS	151
O CEGO DO CAVAQUINHO	155
ELOGIO FEITO A GENERAL CRATENSE.....	159
COMEMORAÇÃO DO 30.º ANIVERSÁRIO DO H. P. S. DE FORTALEZA	163
R E M I N I S C Ê N C I A	170
CAROLINO SUCUPIRA	172
R E M I N I S C Ê N C I A	176
RECORDANDO E REVELANDO	179
RECORDANDO UM MARCO GLORIOSO DA HISTÓRIA.....	187
<u>MUSA GERMINANTE</u>	192
O MANDA-CHUVA DE JUAZEIRO	195
A MARCANTE PERSONALIDADE DE D. QUINTINO.....	199

1817. CENTO E CINCOENTA ANOS DEPOIS

J. de Figueiredo Filho

A Revolução Pernambucana de 1817 completou, a 6 de Março do corrente ano, seu sesquicentenário. Crato, vila então escondida no interior cearense, aderiu àquê movimento, eclodido em Recife, a 3 de Maio do mesmo ano.

Não foi adesão simbólica, nem quixotesca. Elaborada por homens conscientes e amantes da liberdade projetaram-se êles depois, no cenário político nacional. Marcou nova etapa para a vida de Crato e provou que o brasileiro do interior também sintonizava com a ânsia incontida de independência, soprada de seus centros principais—Recife, S. Paulo, Vila Rica, Salvador e Rio.

O Instituto Cultural do Cariri, há muito, pela pena de seus diretores, deu o grito de alerta, para que a região, em péso, comemorasse, condignamente, aquela data tão expressiva para todos nós. O acontecimento está definitivamente inscrito nos fastos de heroísmo da gleba caririense.

Dois grandes fatos históricos, de repercussão, avultam na movimentada vida do Ceará do passado, comprovando assim seu inato e invencível amor à liberdade. Um teve como cenário principal o Cariri, com as lutas encabeçadas pelo Crato, em prol de nossa emancipação política. O outro foi a libertação da escravatura, na província, em 1884, tendo Fortaleza como foco vigoroso de ação.

O lamentável é que pouca gente, mesmo em pleno Cariri, desconhece o papel proeminente que a Vila Real do Crato desempenhou naquela epopéia que o levou à liderança, entre os municípios que mais cooperaram pelas lutas de independência no Nordeste. No Museu Ipiranga, de S. Paulo, entre os heróis nacionais independentes, há dois deles, que tiveram suas raízes profundas na vila invicta de Crato: Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e José Pereira Filgueiras.

Vejamos trechos de minha HISTÓRIA DO CARIRI, Vol. I, págs. 67 e 80:

“Estaria a Vila Real de Crato, perdida no interior, a centena de léguas do litoral, preparada para tal evento? No local, encravado em centro agrícola importante e com atuação em vasta região, havia elite que se formara, girando em tórno da família Alencar, que já dava os primeiros rebentos a assumirem papel de liderança na região, demonstrando que, mais tarde, pela inteligência de escol e pelo trabalho, projetar-se-iam pujantes, pelo Brasil afora.

"A idéia não medrara em terreno estéril. No Cariri, havia todo um escol espiritual propício à infusão dos princípios novos, ou fôssem as idéias do seminarista José Martiniano de Alencar. Por exemplo (sem falar em Dona Bárbara, preconizada heroína desde 1810), o Padre Carlos José dos Santos, o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, citado; Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, irmão de José Martiniano de Alencar e nascido em 17.9.1789 (carta do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe ao Desembargador Livino Lopes da Silva Barros), e Leonel Pereira de Alencar, mencionado irmão de Dona Bárbara. Inácio Tavares Benevides, genro daquele e pernambucano de origem; Francisco Pereira Arnaud (e não Arnaudo), licenciado, de Misão Velha, neto do Capitão João Correia Arnaud, co-fundador da mesma cidade, Bartolomeu Alves Quental que se fixara em Crato e fundou a importante família Quental, dêste Cariri; Raimundo Pereira de Magalhães (mais ou menos da mesma idade de Alencar, aliás o único representante da família Bezerra de Menezes, do Cariri, que participou da revolução de 3 de Maio de 1817 nesta zona, Francisco Pereira Maia Guimarães (fundador da família Maia sob estes céus e ascendente de Alvaro Maia, interventor do Estado do Amazonas no tempo da Ditadura Vargas" (1817 NO CARIRI Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Em vila do interior qualquer do Brasil de então, não poderia haver, relativamente à população, ambiente melhor do que o da antiga Missão do Miranda. O contacto com a forja natural de rebelião no Nordeste — Recife, era permanente, através do clero, estudantes de Olinda e ligações de família. São injustos os historiadores que menosprezam o movimento do Cariri, só porque não medrou em capital litorânea. Naquela época, Aracati e Icó formavam as vilas mais prósperas e opulentas do Ceará e tôdas tinham contacto direto com Crato, pelo comércio intenso, de acôrdo com o tempo, e tendo como principal mercado fornecedor e consumidor a metrópole de Pernambuco.

A rebelião de Crato, que durou apenas uma semana, teve, todavia, repercussão extraordinária no tempo e no espaço. A vila tornou-se a cabeça natural das lutas em prol da independência, no Ceará, e seu raio estendeu-se até pelo Maranhão e Piauí. Entre 1817 e 1824, Crato, por si, ou seus filhos natos e adotivos, esteve à testa de tudo quanto se fez pela emancipação política na província e muitas vêzes, até fora dela. Os vultos de 1817, que ocuparam o primeiro plano entre 3 de Maio e 11 do mesmo mês, mesmo os que contribuíram para a sua derrocada, tornaram-se quase nomes nacionais, a exemplo de José Martiniano de Alencar, Tristão, Bárbara de Alencar,

Pereira Filgueiras, e o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, ascendente de figuras que encheram de glória a própria nacionalidade. A família Alencar converteu-se em patrimônio glorioso do país, de norte a sul. Os legalistas de 1817 — Pereira Filgueiras e José Vitoriano Maciel tornaram-se ardorosos independentes, amigos incondicionais de seus antigos vencidos, de 11 de Maio de 1817—os Alencares”.

* * *

“A rebelião de 1817 deixou marcas bem profundas em Crato. Criou-lhe o espírito de pioneirismo, no decorrer dos tempos futuros. Quase todo o empreendimento benéfico, nascido na vila ou na cidade, que surgiu da Missão do Miranda, tende a derramar-se noutras regiões.

Em 1839, José Martiniano de Alencar, já Senador do Império, secundando pedido da Câmara de Crato, apresentou projeto, criando a província dos Cariris Novos. Não medrou, mas ainda poderá florescer como Estado, em oportuna divisão territorial do país. Isso foi consequência da jornada, entre 3 a 11 de Maio, pois, o inspirador era o mesmo.

Os liberais, forjados em 1817, em Crato, foram a muralha que impediu o triunfo do chefe corcunda — Joaquim Pinto Madeira, em seu afã de cooperar para a restauração do superado Imperador Pedro I.

Os movimentos em prol da instrução pública, que partiram da fundação do Seminário de São José, pela clarividência de D. Luís Antônio dos Santos e sua floração, mais adiante, com o advento do bispado de Crato, encontraram o terreno propício para medrar, no velho espírito de pioneirismo cratense, despertado em 17.

A derrubada da prepotencia municipal, encarnada no intendente José Belém de Figueiredo, já fora da época, em 1904, foi outra consequência da altivez do cratense, vinda de 1817”.

Crato foi que nada fez até agora a fim de comemorar aquêle mais alto feito de seu passado. Deu o nome de um jardim 3 de Maio, substituindo depois para Praça Juarez Távora. Mas, não foi comemoração do dia da eclosão da rebelião de 1817. Era data que lembrava o errado dia da descoberta do Brasil, corrigido depois com a divulgação da carta do cronista — Pero Vaz de Caminha. A casa antiga de Dona Bárbara foi destruída irreverentemente, no lugar onde fica a atual coletoria estadual. O maior movimento que se realizou, em Crato, está praticamente esquecido pelos poderes públicos. Nem sequer existe, entre nós, qualquer marco comemorativo da data. Já é tempo de cogitarmos da erecção de um monumento cidadão que lembre 1817.

DRASA

Distribuidora Regional de Automóveis S. A.

SERVIÇO AUTORIZADO

VOLKSWAGEN

O BOM SENSO SÔBRE RODAS

EIS AS VANTAGENS DO SERVIÇO AUTORIZADO :

- ★ Peças genuínas e garantidas pela Fábrica
- ★ Manutenção, a cargo de Técnicos Especializados
- ★ Combustíveis — Lubrificantes — Lavagens
- ★ Acessórios — Motores — Pneus

Rua Ratisbona, 70/72 — Fone: 305

End. Telegráfico: - "DRASA"

CRATO

-

CEARÁ

José Carvalho

Heroína Nacional

BÁRBARA DE ALENCAR

Carreando a minha pedra para o monumento que, ao norte do país se tentou levantar em comemoração do primeiro centenário da revolução de 1817, escrevi um livro, sob a forma dramática, intitulado: "D. Bárbara". Não é preciso dizer aqui que tal livro se refere aos fatos ocorridos no Ceará. Foi êle impresso e publicado em Belém, Capital do Pará, e, não podendo ser lançado ao público a 6 de Março de 1917, dia da comemoração da revolução em Pernambuco, a qual foi rememorada com festas cívicas em Belém. O foi porém, alguns dias depois. Êste livro mereceu crítica benévola e crítica desabonadoras. A umas e outras não me é dado julgar. Não sei bem se aqui será lugar oportuno para dar uma satisfação: o meu livro ficou sem revisão de provas. Empenhado em concorrer com êle à referida comemoração, e, empenhado, também, em lutas políticas, com o fim de colocar no governo do Pará o Sr. Dr. Lauro Sodré, fui forçado a me retirar para o município do interior, onde disponho de representação eleitoral, deixando os originaes na casa tipográfica em que foi impresso. Encarregado das provas deixei um brilhante poeta, que, ao mesmo tempo, fazia nas ruas discursos arrojados de propaganda, dando em resultado o seguinte: — o Sr. Dr. Lauro Sodré ir para o governo de sua boa terra e o meu livro ficar absolutamente sem revisão. Foi grande o meu desapontamento, e quase resolvo não lançar o livro em circulação.

Dando êste pequeno "cavoco"

com o qual não quero, entanto, me desculpar dos defeitos reais que nêle descobriram alguns críticos, passo a refutar uma injustiça, não feita ao meu trabalho, mas à sua heroína.

O secretário do Instituto Arqueológico de Pernambuco, Sr. Mário Melo, escreveu para um jornal diário de Belém, entre outras coisas, as seguintes:

"—O Sr. José Carvalho, trisneto de D. Bárbara, acaba de publicar um drama em verso, tendo tomado para título o nome de sua ascendente.

"Acabo de o ler. Fico em dificuldades para dizer com franqueza o que penso, pois diante de mim está a opinião do velho João Brígido — um dos maiores cronistas do Ceará — considerando o livro do Sr. José Carvalho de alto valor.

"Irei por partes. O Sr. José Carvalho baseia sua peça no fato histórico, na lenda, na tradição e na fantasia

"O tipo que êle descreve é, inquestionavelmente, maior do que teria sido o original. D. Bárbara aparece no drama como admirável modelo de virtudes. Era, no entanto, a amásia do vigário Miguel Carlos, de quem José Martiniano teria sido filho, não obstante o português José Gonçalves dos Santos lhe fingir de marido para efeitos de direito antigo: pai é quem demonstra o legítimo casamento...

"Aliás quase todos os padres daquêle tempo tinham a sua "camarada".

"João Ribeiro andava a secular. Roma deixou o general Abreu e Lima; Frei Caneca fez versos às filhas na véspera do sacrificio.

"Monsenhor Muniz Tavares, o cronista da Revolução, diz claramente, que Martiniano fêz tudo para converter o vigário Miguel "seu bom pai". Mas êste, não indo além do breviário e

"pensando unicamente na salvação do "filho", o supliçou de desistir da empresa.

Escrevendo a biografia de José Martiniano diz o barão de Studart no dicionário bio-bibliográfico cearense: "Nasceu no povoado de Barbalha, então pertencente ao Crato, a 19 de Outubro de 1794 e "teve por mãe" uma heroína D. Bárbara de Alencar, "mulher que era do negociante português José Gonçalves dos Santos".

"Não se pode falar mais claro".

E o senhor Mário Melo prossegue na sua crítica a encarar o valor literário do livro.

Entendi não deixar passar sem resposta este artigo e o fiz pela "Fôlha do Norte", jornal de 5 de Outubro de 1917, nos seguintes termos:

— Incerto no jornal "Estado do Pará", de 29 de Agosto, datado de Pernambuco e assinado por M., lê-se um artigo sobre D. Bárbara de Alencar e sobre o livro que, com o nome dessa heroína, publiquei em Belém, ao tempo recente da comemoração do primeiro centenário da revolução de 1817, e da qual foi ela no Ceará a "figura primeira" no dizer de João Brígido, e coisa que se nega no aludido artigo. O Sr. Mário Melo, secretário do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, tendo me escrito manifestando desejos de ler este livro, depois de o haver recebido, escreveu-me ainda, em postal aberto, dizendo-me, com edificação dos empregados fiscaes, que, por ventura, o leram, que tal livro não lhe tinha agradado e que dêle se occuparia na imprensa paraense e pelo jornal acima referido. O artigo, pois, pertence ao Sr. Mário Melo.

E como, sem dúvida, nem todos leitores da "Fôlha" o tenham lido, torna-se necessário transcrever aqui os tópicos que vão ler e devida resposta.

Entre outras coisas das quais se deduz que nenhuma importância histórica merecia a heroína cearense, dis-

se o secretário do Instituto:

"O tipo que elle descreve é, inquestionavelmente, maior do que teria sido o original. D. Bárbara aparece no drama como admirável modelo de virtudes. Era, entretanto, a amásia do vigário Miguel Carlos de quem José Martiniano teria sido filho, não obstante o português José Gonçalves dos Santos lhe fingir de marido para efeitos de direito antigo: pai é quem demonstra o legitimo casamento..."

Isto que aqui se lê foi escrito, publicado e se acha textualmente transcrito.

Quem o escreveu, tendo, sem dúvida, pejo de assinalar carimbando-o apenas com uma inicial esconsa, é um moço que se diz patriota, secretário de um Instituto que, há pouco tempo, promoveu estrondosas festas civicas com o fim de relembrar os nomes, os trabalhos, os sofrimentos, os ideais dos patriotas e mártires brasileiros de 1817.

O fato de se ter escoado já um século sobre uma tal personagem não autorisa e nem desculpa a quem quer que seja atirar-se contra a sua memória com tanta desenvoltura e insânia.

Que idéia deve formar o Sr. Mário Melo da reputação, da honra e da memória de uma mulher cujo nome está, desde tanto tempo, incorporado à nossa história e às nossas glórias, com tanto direito a elas como todos os heróis daquelle memorável jornada?

Que intuitos, que resultados práticos visava o secretário do Instituto de Pernambuco, quando, concorrendo com o seu esforço e com as suas luzes, festejava com tanta pompa, em Março d'este ano, os heróis de 17?

Será, por ventura, tão apoucado o seu espírito, que quisesse ou pretendesse glorificar somente os heróis de Pernambuco, amesquinhando, nulificando, denegando, ou desonrando os demais que pernambucanos não sejam?

Será, por outra forma, tão vaidoso ou egoísta, que, procurando glorificar

os mártires daquele tempo só pretendesse, em verdade, chamar glórias e reclamos para o seu próprio nome? Tôdas essas conjecturas me sugeriu a leitura daquêlê trecho, que, custa acreditar, tenha sido escrito por um moço ilustrado e patriota, e, demais, bacharel, que vem afirmar em público — “Que para efeitos de direito antigo, pai é quem demonstra o legítimo casamento; — como se o direito nôvo tivesse derrocado uma tal presunção.

A teoria enunciada pelo Sr. Mário Melo é de um efeito perigosíssimo, porque êle próprio não estará livre de que um caluniador qualquer lhe venha macular a memória, atirando sôbre sua paternidade uma aleivosia igual a de que foram vítimas dona Bárbara e o senhor Alencar, pai do nosso imortal romancista.

Essa mulher digna sômente de nossa admiração, foi acerbamente caluniada pelos inimigos realistas daquêla época que a martirizaram.

Uma tal calúnia foi registrada por cronistas pouco escrupulosos e vai agora repetida, tão desassombadamente, pelo secretário do Instituto Geográfico de Pernambuco.

Querendo, ainda, corroborar o seu asserto sôbre a desonra da heroína cearense, continua o mesmo noticiador do meu livro:

“Escrevendo a biografia de José Martiniano diz o Barão de Studart no “Dicionário Bio-bibliográfico Cearense”: Nasceu no povoado de Barbalha, então pertencente ao Crato, a 18 de Outubro de 1794, e “teve por mãe” uma heroína D. Bárbara de Alencar, “mulher que era do negociante português José Gonçalves dos Santos”.

Não vejo que nessa forma de se expressar quisesse o ilustre cronista (Barão de Studart) ser “tão claro” reproduzindo a calúnia sôbre a paternidade de José Martiniano.

Não quisera êle, apenas, frisar que o seu biografado era filho da he-

roína, cujo marido ficara sem importância na história, era, ademais, português? A conclusão do Sr. Mário é, pois, forçadíssima.

Passemos agora à verdade dos fatos: há poucos dias escrevi e remeti para o “Unitário” do Ceará um pequeno artigo sôbre êste mesmo assunto.

Êste artigo foi provocado por uma longa carta que me escreveu o velho e ilustre cronista cearense, João Brígido, sôbre coisas controvertidas e duvidosas da história de 17.

— “Pinto Madeira, me dizia o cronista, não logrou prender D. Bárbara; ela foi capturada na sua fazenda de criar denominada Cipó, onde se achava, também, o vigário Miguel Carlos, que lhe conspirou a memória, tornando fixa a idéia entre os sobreviventes de ser filho de Miguel Carlos o senador padre Alencar e disso porvir a sucessão que coube a esta na furtuna dêsse avarento”.

Tive que refutar, em carta particular, a opinião de João Brígido sôbre a prisão de dona Bárbara, e apresentei-lhe as razões, tôdas baseadas nas tradições da família, pelas quais se pode crer que tal prisão se deu como a descrevi no meu livro (a cena do sítio e casa de dona Matilde Teles).

Escrevi-lhe, também, sôbre o dinheiro do padre.

Em outro trecho da aludida carta dizia-me ainda o proveto historiador— “Mulher branca, rica e afamiliada com figuras poderosas no sertão do Ceará e Pernambuco, pessoa de primeira estima do vigário do Crato que, como seus colegas da localidade, primava no Cariri, dona Bárbara não deixava de incorrer na aversão da mestiçagem do Cariri pela soberba e fidalguia dos seus modos.

“Muito inteligente, lida e corrida era a primeira senhora daquela região.

“Arruda Câmara a tinha apontado, já no tempo como futuro chefe dos patriotas do Crato, quando chegasse a

vez de erguerem o tolo em Pernambuco "ergo" no Cariri, centro de grande população rude e supersticiosa".

No entanto o secretário do Instituto de Pernambuco nega a essa mulher qualquer importância nos acontecimentos, e só lhe confere, como verdadeiro, o labéu da desonra.

Inda mesmo que o fato fôsse verdadeiro e provado — o que está muito longe de ser — que interesse, que intuito, que fim, moveram o Sr. Mário Melo a trazê-lo para a imprensa, depois de um século e quando se trata de comemorar os feitos gloriosos daquêles de cuja elite ela faz parte, inquestionavelmente?

Dona Bárbara não teve só um filho—José Martiniano; era mãe também de Tristão, um famoso tipo de homem, belo como um Apolo e ousado como um Titã, do qual João Brígido ainda na mesma carta diz: — "O irmão no entanto (Tristão) era praticamente um homem bem preparado para o tempo. Tinha convivido largamente nas prisões da Bahia, com muitas ilustrações contemporâneas que foram ter a elas. Era violento, imprudente e precipitado, não trepidando ante odioso nenhum; valente como as armas, tinha nascido para comandar e onde se achava impunha-se como chefe".

Não nos querêr dizer, a nós contemporâneos, o Sr. Mário Melo quem era o "pai" dêsse herói, uma vez que só fez menção de José Martiniano?

Dona Bárbara teve ainda outro filho illustre que foi assassinado ou martirizado por amor da mesma causa:— o padre Carlos de Alencar. — Quem foi, ainda, o "pai" dêsse que o português, no dizer do Sr. Mário Melo "fingia de marido para efeitos do direito antigo"?

Por que foi somente José Martiniano o filho adúltero?

Ele fôra, de fato, afilhado do vigário aludido que o queria e o tratava com os extremos de um pai.

Este fato, porém, implicaria necessariamente na desonra de sua progenitora?

Foi êle, porventura, até hoje, o único afilhado protegido ou preferido por um vigário da aldeia?

Dona Bárbara foi sempre uma mulher de costumes rigorosamente austeros; foi esta a notícia conservada no seio da família, através das três gerações, de que faça parte.

Poderia citar aqui exemplos conservados pela tradição, e como não quero me tornar mais extenso, emproso os leitores da "Fôlha" para a leitura do artigo que mandei ao "Unitário" sôbre o assunto em questão e que terei de transcrever neste mesmo jornal.

Nêle tratei da "fortuna do avarento", de que fala João Brígido.

Quanto ao merecimento literário do meu livro, o Sr. Mário Melo lhe fez concessões que me cumpre agradecer, apesar de o achar contraditório em certas afirmativas. Êle diz, por exemplo: — Há entretanto muito prosaísmo nos seus alexandrinos. E mais adiante acrescenta: — "Quem escreveu Dona Bárbara tem evidentemente grande força no colorido".

Mesmo em alexandrinos prosaicos?

"O cenário é pintado com traços fortes. O Sr. Carvalho reproduz bem os costumes sertanejos. Ter-nos-ia dado um panegírico admirável se, em vez de drama, tivesse escrito um poema ou um romance".

São concessões que, como já disse, me cumpre agradecer, apesar de ficar muito em dúvida sôbre a integridade do critério do meu crítico.

Portanto em outra passagem do seu artigo êle já tinha afirmado: — "Acabo de o ler (o livro). Fico em dificuldades para dizer com franqueza o que penso, pois diante de mim está a opinião do velho João Brígido — um dos maiores cronistas do Ceará — considerando o livro do Sr. Carvalho de alto valor.

Ainda bem!

Até aqui o artigo do "Folha". Consta-me que o Sr. Mário Melo voltou com uma resposta procurando se justificar; não o li, porém, por não me chegar às mãos o jornal em que escreveu.



Sob o título — "Os Alencares do Crato", — no "Unitário" de 4 de Outubro de 1917 foi publicado o artigo a que acima aludí, e que aqui se transcreve, tendo o sôbre-título de — Trecho de uma carta a João Brígido". Ei-lo:

... — É bem verdade que no meu drama "D. Bárbara", se diz que esta, na jarra que entregou ao escravo para enterrar, depositara grandes pés-de-meias cheios de moedas e, depois, as "arrecadas de ouro": cordões, brincos, pulseiras e anéis em grande quantidade, e mais tôda a baixela de prata.

Não foi tanto: há exagero proposital e penso que desculpável num poema que, muitas vêzes, é preciso enfeitar o prosaísmo sêco das coisas rudes da vida.

A tradição que ficou na família diz, sômente, da baixela de prata (1), depositada no pote enterrado pelo escravo, pote que ficou perdido até hoje.

O dinheiro de D. Bárbara teve destino: — foi todo para as mãos do padre José Martiniano de Alencar, havendo nisso uma flagrante injustiça para com os outros herdeiros. Este fato, como verá adiante, é que deu origem à afirmação propalada pelos inimigos de que tal dinheiro era deixado pelo Miguel Carlos ao filho — José Martiniano — conspurcando-lhe assim a honra de uma mulher tão ilustre, e, posso afirmar com desassombro, tão honesta e honrada como a que mais o for.

(1)—D. Luisa, que ajudara a levantar a jarra ao ombro do escravo, dizia, sempre, que não sabia se nela ia também dinheiro.

Minha bisavó D. Luisa, que sempre conviveu com D. Bárbara, foi tôda vida, no seio da família, uma calorosa defensora das austeras virtudes de sua sogra.

Tão escrupulosa era ela em motivos de honra e de moralidade que não admitia um só escravo amasiado; e, um dia, refugou receber, indignada, uma criança recém-nascida que uma parenta desviada lhe mandara apresentar.

Quando, em 32, rebentou a revolução de Joaquim Pinto, ela viu-se forçada a fugir para sua fazenda "Touro", então na província de Piauí (não estavam ainda terminadas as suas provações políticas), e, à meia-noite, chamando sua irmã D. Inácia — que era afilhada e filha de criação — lhe dissera ao ouvido: Quero te confiar um segredo: — "manda avisar ao padre José que o dinheiro está guardado no mesmo lugar em que escapou em 17 e 24.

Ora, um tal dinheiro, já occulto em 17, não podia ser a herança de Miguel Carlos, como propalaram os seus maldizentes inimigos políticos.

Onde estaria tal dinheiro?

Vai sabê-lo com o leitor: — estava por detrás e debaixo do altar-mor da igreja matriz do Crato.

Depois de 32, e, depois seguramente da morte de D. Bárbara, José Martiniano, em companhia do seu filho José — o grande romancista, ainda bem criança — foi ao Crato, e, retirou do esconderijo sagrado todo dinheiro de sua genitora, sem que se saiba se partilhou com os demais herdeiros, que, naturalmente, estavam ainda na ignorância do fato.

Esses herdeiros seriam assim, entre outros, a viúva e filhos de Tristão e João Gonçalves, senhor do engenho Pau-Sêco.

José Martiniano e o filho, que se tornou, depois, tão célebre, estiveram em visita ao irmão e tio, no referido

sítio. João Gonçalves presenteou-os com uma porção de açúcar — o fino, cristalino e delicioso açúcar que dão certos trechos de terreno daquêlre brejo — e, precisando secá-lo ao sol, foi o mesmo estendido em um couro de gado, no terreiro, como era de costume.

Então, para botar sentido mandaram o pequeno José, que ficou todo o dia, sentadinho em uma cadeira, a enxotar os porcos e demais criações.

O regresso de ambos foi feito pelos sertões do Rio S. Francisco. Não sei se os leitores todos leram e se recordam de que José de Alencar, no seu livro — Como e Porque Sou Romancista — afirma que a idéia do Guarani lhe germinou no cérebro quando bem criança, regressara de uma viagem ao Crato, pelo S. Francisco (2).

Com que saudades não teria escrito o nosso imortal patricio aquelas linhas, lembrando-se do dia em que no terreiro da casa do Pau-Sêco botara sentido ao couro de açúcar, enquanto seu pai, sem dúvida, com o resto da família, falava das grandes coisas do glorioso passado?

Mas fundo sentimento hoje me punge o coração, ao traçar estas linhas, rememorando a mesma casa onde nasci, o mesmo terreiro onde em criança brinquei, onde também botei sentido aos couros de açúcar, e de legumes; e cujas sombras, quase desaparecidas, de gloriosos avós que ali viveram, sofreram, foram caluniados pelo amor da Pátria, eu tento aqui ressaltar da infâmia, e mais ainda, noutra parte, contar os seus feitos na arena rude dos meus versos sem arte.

Mas esta humilde casa do sítio Pau Sêco não teve só a glória de hospedar o insigne autor de Iracema; hospedou também, um dia, um dos mais illustres sábios do passado século.

George Gardner, o célebre naturalista inglês, ali também esteve e foi segundo a sua própria confissão um amigo afetuoso da família.

Esta visita ocorreu ao mesmo tempo que a de José de Alencar, segundo se deduz do que vai ler adiante.

E também (há de escutar o Sr. Mário Melo) o mesmo e sábio amigo afetuoso reproduziu, ingênuamente, como se verâ, a mesma história da infidelidade conjugal de D. Bárbara. A calúnia havia tomado foros de cidade; e o bom inglês a repetiu, com a agravante, ainda a atribuir ao vigário todos os filhos da Heroína.

A revista trimestral do Instituto do Ceará, de 1912, sob a direção do Barão de Studart, traduzido "pelo malogrado e illustre homem de letras Alfredo Carvalho", publica um trecho do relatório ou notas de viagem, que Gardner escreveu e que lhe deu tão grande nomeada no mundo científico, relativamente à sua passagem pelo Ceará, em 1835.

São, portanto, dêste trabalho os trechos seguintes, aos quais tenho de aduzir comentários:

"No continente da América do Norte até hoje nada foi achado que se parecesse com greda, com as suas respectivas pederneiras, mas em New Jersey o Dr. Morton descreveu um depósito que êle considera equivalente às jazidas de areia, inferiores ou verdes, dessa formação e ao qual deu o nome de "formação de areia ferruginosa dos Estados Unidos". Os restos fósseis que contém provam o asserto desta opinião. Com relação ao continente da AMÉRICA MERIDIONAL Humbolt afirma que não contém colite nem greda pelo fato de ainda nenhum dos viajantes que têm escrito a geologia dêste imenso continente, os ter encontrado; foi, pois, para mim, motivo de não pequena satisfação ser eu o primeiro a descobrir no Novo Mundo a série inteira das rochas que constituem esta formação,

(2)—Aliás verifiquei, que êle fala somente da volta no Ceará. Mas, com certeza, foi na mesma data.

de tôdas as quais colecionei amostras".

E o sábio continúa a descrever os fenômenos geológicos observados não só no planalto do Araripe, como nas suas adjacências e demais terras do Ceará, concluindo pela teoria do elevamento do solo neste continente, depois de duas sucessivas inundações gerais.

Quanto à sua coleção de peixes fósseis do Jardim (inda hoje são ali encontrados), êle termina assim:

"Parte da minha coleção de peixes fósseis foi enviada aos cuidados do meu pranteado amigo J. E. Bawman, de Manchester, pouco depois de os ter encontrado, foram depois expostos em sessão na Associação Britânica de Glasgow onde foram vistos pelo Snr. Agassis, e, se bem que não os acompanhassem amostras de rochas, êle, mercê somente do seu caráter zoológico, imediatamente os considerou como pertencentes às séries cretáceas. É bem sabido que êste notável naturalista divide todos os peixes em quatro grandes classes, segundo a natureza de suas escamas; duas daquelas, as Ctnoid e as Cycloid, jamais ocorrerem em rochas abaixo das cretáceas, e foi, o conhecimento dêste fato que o induziu a considerar como pertencentes àquela formação os meus espécimens, porquanto consistem principalmente em indivíduos das classes Ctnoid e Cycloid. Êstes peixes achavam-se em perfeito estado de conservação, e, como já disse, são encontrados dentro de um calcáreo impuro, de côr pará; os blocos porém, que os contém, são apenas nodolos embebidos no arenito de côr amarela. Têm, em geral, um formato aproximado ao do peixe contêdo e a matéria carbonácea agregou-se-lhes aparentemente em volta por atração química do arenito quando ainda em estado zero? Êstes nodolos, sendo mais duros do que o arenito, acumularam-se, com a decomposição gradual do mesmo, em vários pontos ao longo dos aclives da cadeia de montanhas, e possui amostras

tanto do lado de leste como do de oeste.

Excedi-me, talvez, nas transcrições de Gardner, mas não pode deixar de ser justa a satisfação que experimenta quem, como eu, é descendente de uma família tal e filho de tal região.

Nesta história da paternidade de José Martiniano e, portanto, da infidelidade conjugal de D. Bárbara, há uma coisa a notar — a indiferença com que os Alencares deixaram essa versão ganhar foros de verdade.

Há, nesta família, aparecido tantos vultos ilustres e nenhum, que me conste, tratou de limpar a nódoa atirada à honra da grande heroína: o próprio Senador Alencar, parece nunca ter ligado importância ao fato, concorrendo, talvez, com tal indiferença, para que mais se acentuasse na tradição.

Orgulho desdenhoso? nojo de tocar a lama? medo de que a verdade pudesse aparecer e com ela a vergonha?

Que ignora-se o labéio não se pode admitir.

Assim, é, realmente, de estranhar que José Martiniano, pelo menos, não deixasse escrito uma memória em que, por um meio ao menos indireto, puzesse a salvo a honra de sua mãe. Êle poderia, por exemplo, dizer a razão de ser da grande afeição que lhe dedicava o vigário Miguel Carlos: — era parente próximo de D. Bárbara; era seu amigo afetuoso; seu compadre; padrinho; pai de criação, educador de seu primeiro filho! Se lhe fez algum legado poderia desassombadamente dizê-lo. Que mal havia nisto?

João Brígido faz, sempre, notar que os Alencares eram sobremodo orgulhosos. Achar-se-á implicitamente explicado neste sentimento de altivez ou de orgulho êsse desprezo pela calúnia que também fazia parte do seu martirológico?

D. Bárbara que fôra prêsã, processada, espoliada civilmente, injuriada,

desprezada, podia ser, também, caluniada, por amor da Pátria!

Era mais um espinho à coroa de martírio! Teria o filho, teria os netos, os cearenses ou brasileiros ilustres daquela geração o direito de assim pensar? Julgo que não! Era e é preciso que se faça luz sobre o caso, porque estou certo que o nome da heroína sairá imaculado do labéu que lhe atirou uma geração atrasada, desregrada de costumes e mais que tudo virulada de paixões políticas.

Que têm feito, até hoje, os ódios políticos no Ceará?

Posso eu, nestas linhas, defender

cabalmente a heroína cearense da revolução de 17.

Em assunto de tanta relevância, tão melindroso, depois de decorrido mais de um século sobre tais personagens, só se poderá argumentar ou discutir com presunções. Mas eu tenho mais que presunções: sou depositário do depoimento dos meus avós, que, sempre, calorosamente, neste ponto defenderam aquela que foi vítima de tantas injúrias.

Como pude, em meu livro, em versos coloquei nos seu lábios a sua própria justificação.

Peço licença para reproduzi-los aqui:

E' um suplício sem têrmo: a fôrça prolongada,
a tortura sem fim! Há outra inda pior,
que de mistura vem — outra injúria maior
— é a da honra — me cabe, entre tantos defeitos.
Sou amásia de padre e tive tantos leitos
de amantes quantos são os filhos que criei!
Esta injúria mortal vem de longe, bem sei;
passa como verdade! Ai de mim! que não posso
provar minha inocência! E nem tentar esforço
para a lama do meu nome de espôsa,
e de mãe, que entre os seus, de tal conceito goza!
— Ète que é bom Juiz — e bem sabe que os meus
filhos não têm porque se enojarem de mim!
Não se adora tal mãe senão ela tão ruim!
E meus filhos, bem sabe, honrados e briosos
são desta velha mãe, altivos, orgulhosos!
Eu os olho de frente, acolho-os no meu seio
sem corar, confiada e sem nenhum receio
que duvidem de mim! A mancha não os toca.
E como recompensa ou dessa dor, em troca,
que, sabem, me pungir, tão generosos são
que unidos a inda a mim, como crianças, estão.
Sou eu que nêles mando, em tudo me obedecem; —
pois que até contra o Rei se atrevem a revoltar.
A tão culpada mãe, tais filhos respeitar,
assim, jamais se viu A confiança eu tenho
de meus filhos, e basta!

BRASILINA admirada.

Assim, saber eu venho que ela de tudo sabe!

D. BÁRBARA

Eu, sim, de tudo sei!

Pela primeira vez de tal coisa falei
bem constrangida, embora, a tão humilde amiga.
Posso amanhã morrer, mas quero que alguém diga
que da calúnia vil, sou vítima! E sequer
nem dela me poupou a inveja e a negra intriga
de um inimigo tal, a quem seu ódio obriga
a nada respeitar, nem mesmo a honra alheia!
Ser liberal é tôda a minha mancha feia
e pela qual respondo, assim caluniada,
porque sucumbirei na fôrça ou fusilada!
Em paga dêsse amor à terra em que nasci
recebo um prêmio tal! Dir-se-á que padeci
mas não dirão jamais que a Pátria reneguei!
Arrancaram-me tudo: a família que amei.
a honra de mulher; escravos que eu criei
como filhos também — a fazenda ou riqueza —
mas, do meu coração. não podem com certeza
arrancar êste amôr ao meu Brasil querido!
Morrerei satisfeita! Um dia êsse Partido
há de cantar vitória; e o meu País, enfim
há de ser livre, um dia!

(Da "GAZETA DO CARIRI" — 10 de Janeiro de 1932 e de outros jornais de Belém e de Fortaleza).

Nota da redação. A calúnia atirada contra Bárbara Pereira de Alencar, heroína de 1817, em Crato, recebeu o tiro de misericórdia, pelas investigações, em arquivos, do eminente historiador — Padre Antônio Gomes de Araújo. Com os documentos que aquêlê pesquisador desvendou, daí por diante, todos os veiculadores de tal mentira, são forçados a calar-se definitivamente. Veja-mos o caso á luz da verdade:

"Ora, Bárbara de Alencar casara-se em 1782. O Citado Capitão (João), seu primogenito, veio á luz em 1783, no sertão de Pernambuco, berço da mãe e do filho.

Nascido em 1764, o Padre Miguel ultrapassava os desenove anos em 1783. Vivía em casa de seus pais no Jaguaribe-Mirim, a cincoenta léguas de Crato, e não ingressara ainda no currículo dos estudos eclesiásticos.

Na verdade a malícia humana atribuiu ao Senador Alencar e a seu irmão João Pereira de Alencar, uma paternidade só explicável por processo de estranho telegênese.

Felizmente para os caluniadores, resta a esperança do pronunciamento implacável da verdade.

O tribunal já na História, pela pena de Fernando Gregorévius, em HISTÓRIA DE ROMA — reabilitou plenamente a memória de Lucrecia Bórgia, até então reputada, adúltera, incestuosa, assassina, etc. . .

A verdade não morre, embora a calúnia tenha fôlego de sete gatos.

Em 1817, Bárbara Pereira de Alencar contava a idade avançada de 57 anos. Naquele tempo, sem os recursos da época atual já estava fisicamente acabada e não poderia manter romance amoroso.

A amizade que mantinha com o vigário, além de vizinhos, nasceu de duas irmãs da heroína serem casadas com dois irmãos do Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha. Este era padrinho de crisma, não de batismo, de José Martiniano de Alencar.

O historiador João Brígido dos Santos, citado como acusador de Bárbara de Alencar mostra em "APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO CARIRI", em edição da "GAZETA DO NORTE", de Fortaleza, 1868, que foram tremendas as calúnias lançadas sobre a heroína de Crato e principal ascendente da família Alencar. Convém citar seu testemunho:

"Só a 23 de Junho (1821) soube-se no Crato que, desde 24 de Abril D. João tinha deixado as plagas do Brasil, e foram conhecidas as instruções, que, partindo, deixara ao seu filho.

Éstes acontecimentos, de que, sem compreender, era testemunha a população bruta, acostumada a tôda sorte de violências, tinham-lhe escaldado a imaginação. Ela tinha mais o torpe sentimento do que pertenciam os reformistas, e sofria de extravagantes apreensões que iam estimulando o seu fanatismo, à medida que a palavra constituição chegava às cabanas.

O que ela era, ignorava o vulgo; mas em sua perigosa curiosidade uris divulgavam uma inovação de forma de govêrno em prejuizo do rei, e portanto uma impiedade, um atentado contra a religião, segundo a afinidade que descobriam entre Deus e o rei; outros reputavam-na uma tentativa contra a liberdade dos pobres, que diziam se meditava cativar; outros finalmente a tomavam por uma entidade palpável, a quem atribuíam uma perversidade de horripilar!

O povo, no seu furor, em contínua agitação, taxando de ímpios, de sacrilegos, maçons, e endemoniados reformistas, renovava contra éstes as calúnias com que já oprimira a D. Bárbara,

a quem até acusava de pretender a corôa, ter caixões de fusos e bacalhãos, para quando tivesse reduzido o povo ao cativoiro"!

Convém frizar que o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha chegou, em Crato, em 1800, nomeado vigário colado, substituindo o interino Padre Antônio Leite de Oliveira. Como diz o Padre Antônio Gomes de Araújo, "nenhum documento testemunha a presença aqui daquêlo quinto vigário colado da freguesia, antes de 1800. José Martiniano de Alencar, conforme o batistério, nasceu em 1792, data que consta também nos seus papeis para o Senado, e comprovada, em Fortaleza, pelo pesquisador da história cearense — Ismael Pordeus.

O inventor e veiculador da calúnia contra Bárbara Pereira de Alencar foi o inimigo da família Alencar e da independência do Brasil, Pe. Francisco G. Martins. Foi êle preso, em Recife, acusado por Tristão de Alencar Araripe. Apelou para o Tribunal de Justiça de Pernambuco.

"O agravo do Padre Francisco Gonçalves Martins, escrito de seu cárcere, constituiu, ao mesmo tempo, um libelo contra os seus inimigos políticos e pessoais de Crato, os quais o haviam levado à prisão e condenação.

Citou nominalmente, entre outros: Francisco Pereira Maia, o juiz que presidiu o processo; José Pedro Nolasco de Carvalho, o escrivão; o vigário Miguel Carlos da Silva Saldanha e Bárbara Pereira de Alencar. Para justificar-se da inimizade que êsse sacerdote lhe devotava, o réu acusou-o de manter relações ilícitas e públicas com aquela encanecida e digna matrona, casada em 1782, com o austero português, o capitão José Gonçalves Pereira dos Santos e inimiga do réu, como se viu". (Padre Antônio Gomes de Araújo).

A calúnia foi se repetindo, até chegar a Gardner, hóspede em Crato em casa de inimigo dos Alencares e não de ascendente do escritor José Carvalho (Notas de J. F. F.).

Uma linha completa de utilidades para o seu lar

Geladeiras — Rádios — Radiofones —

Televisores — Grupos de sala e copa

— Liquidificadores — Enceradeiras —

Faqueiros — Batedeiras de bolo

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

MATRIZ: Rua Dr. João Pessoa, 113/19 — fone 583

FILIAL: Rua Bárbara de Alencar, 54/56 — fone 505

Motores elétricos, a gasolina e óleo

Moto-bombas — Picadeiras de forragem

Micro-Tratores Iseki

Material Elétrico

a preços e condições de pagamentos excepcionais !

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO

(Trabalho de J. de FIGUEIREDO FILHO para ocupar a cadeira no " Instituto Cultural do Cariri", tendo por patrono o escritor-jornalista e poeta — JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO)

Há pouco tempo, ao conversar com a Profa. Edméia Arraes de Alencar sobre os patronos de nossas respectivas cadeiras, na secção de letras do Instituto Cultural do Cariri, confessou ela que ficaria embaraçada, ao falar em torno de seu genitor. Minha opinião é que ninguém é mais capacitado a tecer a biografia de uma pessoa de vida pública, do que o próprio filho. A convivência, presume-se, foi mais íntima e prolongada, entre os dois.

Aqui estou a desempenhar idêntica tarefa: defender tese a respeito de meu pai — José Alves de Figueiredo, a fim de ocupar a cadeira que tem o seu nome.

Recordo-me, muito nitidamente, do período de minha infância, quando o via em contacto permanente com os livros, revistas ou jornais. Tinha o hábito arraigado de ler, deitado numa rede, até altas horas da noite. Não havia luz elétrica no tempo. Candieiro de manga ficava ao lado, numa cadeira, e assim saboreava livros e mais livros, ou decifrava charadas no AIMANAQUE LUSO BRASILEIRO ou DAS SENHORAS, editados no outro lado do Atlântico, em Portugal. Naquela época o charadismo se constituía a coqueluche de então. Herdei-lhe aquêl costume de ler deitado, antes de dormir, pouca atenção prestando ao brado de alerta dos sanitaristas que desaconselham tal prática ofensiva ao sentido da visão.

Admirava-lhe a memória extraordinária, entusiasmo êste que igualmente contaminava meu irmão mais novo — Mário Viana, que faleceu em plena adolescência. Mandava-nos que escolhêssemos trechos de algum livro ao redor de si. Abriamos o volume e lhe indicávamos a parte que deveria ler êle, com a devida atenção. Após a leitura nos repetia de cor, sem a perda de uma única palavra. Nós o acompanhávamos, mentalmente, no trecho escolhido de antemão.

Adquiriu meu pai terrível insônia que desafiava os hipnóticos da época, creio que, pelo esforço mental de decifrar, à noite, charadas novíssimas, logogrifos, enigmas, charadas sincopadas, ou figuradas, com o auxílio de calepinos e dicionários de sinônimos. Por várias vêzes, foi premiado em con-

curso daqueles almanaques lusitanos, aos quais enviava, habitualmente, suas colaborações charadísticas e poéticas. Tornou-se conhecido de seus leitores, espalhados no Brasil, Portugal e colônias, com o pseudônimo de Gastão de Lorena.

Tinha êle apenas o curso elementar, feito alinhavadamente, na vila de Brejo Sêco, hoje Araripe, em 1889, onde residia, por pouco tempo, com o tio materno — João Batista de Figueiredo e, em escola primária do Crato. Seus maiores mestres, de conhecimentos gerais e de letras, foram a sua cachaça pelo charadismo e o interior da Farmácia Central, onde manuseava livros de medicina, lia jornais, revistas e tinha contacto permanente com doutores e a gente mais letrada da terra.

Cêdo perdeu a mãe e passou a ser criado pelo tio José Antônio de Figueiredo, figura de prol e da política. de então. Isso marcou-lhe o destino nesta terra. Abandonou os campos, nos pés-de-serras de S. Pedro, em contacto com a natureza, quase primitiva, para morar no maior aglomerado humano do Vale Caririense, com meio social mais ou menos evoluído e possuidor de gloriosas tradições históricas.

José Antônio de Figueiredo que possuía filho, prestes a formar-se em medicina, na Bahia, montou uma farmácia aqui à espera do mesmo. Um namôro de estudante no último ano de férias, sem a aprovação do velho, mudou o roteiro do jovem formado. Recebeu ordens do genitor de ir clinicar no Rio Grande do Sul, no meio de parentes bem colocados. A botica, porém, não se fechou. Foi entregue ao gerente Dario Guerra, tendo como empregado o menor, sobrinho do proprietário.

O caixeirinho esperto e inteligente foi tomando pé no negócio e mais tarde, adquiriu a farmácia para si. Integrou-se de tal forma ao ramo, que passou a chamar-se, na boca do povo, de ZUZA DA BOTICA. Cresceu, naquele ambiente, porta escancarada para a vida cotidiana de Crato e adjacências.

A farmácia, no sentido material, se constituía numa prisão contínua. Não se fechava, nem aos domingos, nem em dias santos e feriados. Talvez unicamente na Sexta-Feira Santa. O trabalho começava às seis da manhã e terminava, quer chovesse quer fizesse sol, às nove da noite. Mas, quando a roda noturna da calçada se prolongava, ia até 10 ou 11 horas da noite, no tempo em que a cidade dormia, a sono solto. A botica tomava parte em todos os acontecimentos importantes de uma localidade. E conspirava quando se fazia necessário. Assim, a Farmácia Cenrl preparou, em sua roda, a revolta con-

tra a prepotência do intendente de Crato — José Belém de Figueiredo. A princípio, meu pai foi amigo de Belém e fez parte até da direção de seu periódico — “Sul do Ceará”. No momento em que o Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno, encabeçando os homens livres da terra, começou sua luta cívica, formou a seu lado, no jornalismo e de armas na mão, no cangaço, até que a situação insustentável caiu, a 29 de Junho de 1904.

Zuza da Botica, confinado entre quatro paredes, não passava o tempo todo a vender especialidades, fazer mercados de vintém ou tostão, ou a manipular remédios. Vencia o tempo, fazendo o espírito expandir-se pela vastidão do mundo, em livros que comprava a preços baratos, ou tomava de empréstimo a outros. A farmácia, de centro político, passou a ser roda literária, onde se discutiam os poetas mais recentes, o romance mais em voga, ou se fazia torneio de charadismo. Matava-se o tempo vago no jôgo de gamão, ou no habitual MÃO-NO-SACO, modalidade de víspera, muito em voga, a fim de compensar a inatividade do meio.

José Alves de Figueirêdo, moço, cheio de idéias, bebidas em livros, revistas e diários fortalezenses, meteu-se na imprensa local. A princípio no “Sul do Ceará” e logo depois no semanário do Cel. Antônio Luís — “CORREIO DO CARIRI”.

No comêço do século, veio a engrajar-se de uma das moças mais gentis do seu tempo, Emília, filha do ourives Constantino Viana. Casou-se, em 1902, dando assim o passo mais acertado de sua vida. Foi ela a estrela tutelar a guiar-lhe os passos, com segurança, nessa existência, cheia de vitórias efêmeras, dôres e vicissitudes. Possuíam gênios quase diametralmente opostos. Ele exaltado, entusiasta, independente ao extremo e muitas vêzes, violento. Ela, a mansidão em pessoa, a criatura mais compreensível do mundo, pronta sempre a amenizar tôda a procela. Era animada de Fé inquebrantável em Deus e na Religião. Meu pai, sempre em negócios, a escrever, a ler tudo que aparecia, na época, em nossa terra, era por natureza temperamental. Não levava insultos para casa, no conceito do sertanejo antigo. Entretanto, não era intransigente em política e em religião, tendo o culto natural da caridade. Nenhum pobre chegava em sua farmácia, sem que não fôsse prontamente atendido. Confiante ao extremo, não sabia dizer não a quem lhe quisesse comprar a crédito.

Nos momentos de angústia, no entanto, minha mãe se revelava mais forte do que êle, diante do sofrimento, dada a sua sólida formação cristã inabalável. Aconteceu isso, quan-

do injustamente foi preso no tempo da ditadura Vargas em frente a outras decepções muito peculiares à vida humana.

Minha mãe nunca o acusou, sempre lhe dispensando as faltas, tão comuns a todos nós mortais. Meu pai não sabia mentir. Tinha seus erros, mas eram públicos. Nunca soube escondê-los nessa hipocrisia natural deste século de conveniências. Chegou ela ao ponto de criar-lhe alguns filhos extramatrimoniais e com desvêlo inteiramente materno. Se eu que estou a biografá-lo, escondesse suas faltas, de forma alguma estaria a fazer trabalho completo. Tódos os seus erros, acrescento, foram do conhecimento geral, sem cortinas, nem fumaças a escondê-los.

Foi homem sincero, pronto a defender suas convicções enquanto achava que palmilhava o caminho certo. Entretanto, não vacilava em recuar no momento exato que reconhecia ter errado. Nas horas amargas achava-se com minha mãe em tudo e por tudo. Entregou-lhe quase totalmente a educação dos filhos. Maçon e desligado, por muito tempo, da Igreja, fazia questão que os filhos seguissem o roteiro traçado pela Religião Católica. Nunca houve o mais ligeiro atrito com a esposa, em tôrno dessa questão.

Ela desapareceu da terra primeiro do que êle. Posso confessar, com segurança, foi êle quem deu mostras de mais sentir essa perda irreparável para todos nós. Apesar da solicitude de sua filha Letícia, que o abrigou carinhosamente junto a si, com a perda da esposa, não escondia o pesar. Consciente, chegou-se de pouco a pouco, à Religião que lhe foi apontada cotidianamente, com o exemplo, pela companheira dedicada.

Consegui, com a Imprensa Universitária, por intermédio do Reitor Martins Filho, o criador da Universidade, a publicação do livro de meu pai — "ANA MULATA". São contos e crônicas regionais, retratando coisas e fatos, em linguagem simples e atraente. Sua neta Eleonora, quase uma criança, filha do casal Jefferson e Letícia, foi quem o leu pacientemente para êle ouvir. Estava alquebrado de fôrças, mas com a mente bem sadia. Ainda repetia, de cor, trechos e mais trechos do livro, para estarrecimento de sua neta.

Poucos meses depois, após insulto hemiplégico, sua mestre anuviou-se. Aquêlo cérebro de um auto-didata, transformou-se. Voltou a ter atitudes infantis. Não somente o cérebro parou no tempo, como regrediu. Para êle tôda criança de dez para onze anos, passou a ser Caubi, se do sexo masculino, ou Eneida, se do feminino. Eram seus netos já casados e meus filhos, que êle fixou naquelas idades.

Ao vê-lo assim, tive pena dele. Aquela morte do espírito comoveu-me mais do que quando seu corpo foi sepultado no Cemitério de Crato. Senti que Deus fôra misericordioso em levar minha mãe, antes dêle. Dificilmente, suportaria ela aquela triste fase do espôso Zuza, privado de sua inteligência, privado de sua razão, por fôrça de esclerose cerebral.

José Alves de Figueirêdo, mercê de suas primorosas qualidades, galgou posição de relêvo, na sociedade e política de Crato. De sua farmácia, conseguiu irradiar-se pelo município inteiro e adjacências. Vereador, presidente da Câmara Municipal e, mais tarde, prefeito, êle realizou muito, dentro das possibilidades orçamentárias.

Foi das penas mais brilhantes e destemerosas de nossa terra, escrevendo em jornais locais e na imprensa de Fortaleza, afora as publicações características de além e aquem Atlântico. Tinha o dom de transformar causas ingratas em causas populares. Fiel às facções que abraçava, lutou armado ao lado do Cel. Antônio Luís e sofreu perseguições, em 1914, por ser aciolino e ter ficado ao lado de seu parente e correligionário de então — Padre Cícero Romão Batista. Antes fizera campanha contra aquêlê sacerdote, chefe de Juazeiro do Norte, quando os interesses do mesmo colidiram com os do Cel. Antônio Luís Alves Pequeno.

Pai de família consciente dos deveres, aliou-se à sua espôsa na educação dos filhos e deu-lhes o gôsto acentuado pelo estudo. Encaminhou-os todos aos melhores estabelecimentos de ensino e só não diplomou uma única filha — Lili porque preferiu ela casar-se cêdo. Mãe de família como é, ainda hoje faz cursos diversos no Rio, onde reside.

Nascido e crescido em zona rural caririense, nunca esqueceu a vida dos campos. Logo que a farmácia pôde lhe render alguma sobra, adquiriu propriedade nos pés-de-serras do Crato. Paulatinamente deixou que os sítios o roubassem do convívio habitual da farmácia que ficou entregue a mim. Não se limitava à rotina agrícola. Transplantava para aqui muitas variedades desconhecidas na região, provando assim espírito bastante evoluído na época.

Para os seus dados biográficos, prefiro transcrever o "REGISTRO BIBLIOGRÁFICO CEARENSE", do escritor—José Bonifácio de Souza :

"JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO, poeta e jornalista, nasceu em Crato, a 28 de abril de 1878, filho legítimo de Pedro Alves de Lima e Dona Ana Alves de Figueiredo.

Mal terminara o curso primário, na terra de seu ber-

co, teve de enfrentar as durezas da vida prática, reservando, todavia, aos estudos, as poucas horas que lhe sobravam do trabalho, num verdadeiro esforço bem sucedido de autodidaxia.

Foi, a princípio, empregado de uma farmácia, na qual adquiriu sólido tirocínio profissional, tornando-se, mais tarde, proprietário do estabelecimento similar, devidamente licenciado perante os poderes competentes para exercer essa atividade.

Por longos anos desempenhou papel de relêvo na vida política e cultural do Crato, onde exerceu o mandato de vereador, em mais de um período, e o de prefeito municipal (1925 — 1956).

Na arena jornalística, foi fundador do "SUL DO CEARÁ", redatoriu o "CORREIO DO CARIRI" (1904), fundou e dirigiu, com Antônio Nogueira Pinheiro, o "CRATO JOURNAL", restaurou, em 1924, "O ARARIPE", e colaborou ativamente na "GAZETA DO CARIRI" e noutros jornais de sua zona e de Fortaleza.

Cultiva também a poesia, e suas melhores produções no gênero vão buscar inspiração na natureza portentosa de sua terra e nos costumes simples de sua gente, por cujos problemas sempre revelou grande dedicação.

Casou-se, em 25 de janeiro de 1902, com Dona Emília Viana de Figueiredo e dêsse consórcio nasceram os seguintes filhos: José Alves de Figueiredo Filho, farmacêutico e escritor de mérito; Letícia de Figueiredo Albuquerque, casada com o Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa; Anibal Viana de Figueiredo, cirurgião-dentista, e Lili Figueiredo de Aguiar, casada com o Dr. Iikens Almeida de Aguiar".

BIBLIOGRAFIA: — "O BEATO JOSÉ LOURENÇO (folheto) Tip. GAZETA DO CARIRI, Crato, 1935. A Publicar "CRÔNICAS SERTANEJAS" (DE "O NORDESTE" — Fort.

José Alves de Figueiredo Filho é casado com Zuleika Pequeno de Figueiredo e Anibal Viana de Figueiredo, com Maria Eneida Ribeiro da Silva de Figueiredo. Além disso nasceram três filhas que morreram em tenra idade — Letícia (primeira), Irene e Joseta.

O filho adolescente Mario que estudara no Colégio Militar, de Fortaleza, faleceu, ocasionando imensa dor aos genitores e motivando crônica e poesia sentidas de meu pai. Muito amoroso com os filhos, estendia essa amizade aos parentes e contra-parentes, que os auxiliava nos momentos mais difíceis da vida. Alguns foram por êle sustentados, ou moraram em sua casa, por muitos anos.

Chegou o momento oportuno de tomarmos conheci-

mento com seu trabalho literário. Foi escritor, poeta e jornalista, como já sabemos. Só nunca se deu bem na oratória. Tornava-se inibido, perante o público, êle que sabia manter conversação segura com qualquer homem de valor.

Fundador, no comêço do século, do CLUBE ROMEIROS DO PORVIR, perdeu-se, certa feita, no meio de um discurso, só porque moças elegantes e metidas a letradas, olharam-no fixamente. Ao comentar-lhe a oração oficial que fêz na inauguração da estrada carroçável entre Crato e Exu, em Pernambuco, o jornalista Dr. Otacílio Macêdo, teceu o comentário que se segue.

— Ouvi o discurso de Zuza na ladeira do Exu, decepcionei-me. Vi-o depois na GAZETA DO CARIRI, entusiasmei-me.

Falemos de poesia que foi sempre a sua inclinação natural. Fazer versos não é rimar, nem metrificar. Há prosas mais cheias de sentido poético, de que muitos sonetos, metrificadas, rimados, mas sem qualquer espontaneidade. Há modernistas, sem métrica, sem rima, só com o ritmo, que nos prendem de corpo e alma, pela sua arte. Meu pai tinha a harmonia natural nos versos. Brotavam-lhe espontâneos, musicados. Alexandre Arrais de Alencar não se cansava de ler sua poesia sôbre a serra do Araripe. "ITAYTERA" é um primor. Bem diz o povo em sua sabedoria — O POETA JÁ NASCE FEITO. Vejamos amostras das duas poesias que acabamos de citar :

Velo-a sempre desde quando
Abri meus olhos à luz!
Sempre, sempre fascinando
Com seu nevado capuz!
Como eu gostava de vê-la
Tão forte, fecunda e bela
No seu verdor opulento!
Com mil ipês seculares
Beijando-se além nos ares,
Em bamboleios, ao vento!

Maçarandubas gigantes,
Formosas jequitibás,
Mindiribas tão possantes
Quais hercúleos baobás,
— Tudo, tudo bem unido
E de cipós tão tecido
Que nem mesmo os passarinhos
Penetravam na urdidura
Daquela densa espessura
Que acompanhava os caminhos.

A Criança nunca esquece
A impressão recebida
— Fica-lhe como uma prece
Que vai sendo repetida :
— Trago a serra na lembrança
Quando a vi, quando em criança
No seu dorso excursionava,
Guardando na forte trama,
No mistério da paulama,
Lendas que eu tanto evocava !

Tudo nêsse poema é harmonia, do comêço ao fim, de acôrdo com o trecho que citei.

Seus versos, embora reunidos em miscelânea, estão esparsos em várias publicações — jornais, revistas, especialmente em "ITAYTERA". O Prof. José Newton Alves de Souza que reúne os poetas locais, em sua conhecida "REVISTA DE POESIA", editou punhado de bonitas produções de meu pai, em artístico opúsculo, sob o título "O UNIVERSAL E O LOCAL NA POESIA DE JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO".

Tomemos outro contacto com os versos do poeta cratense. Vejamos alguma coisa de seu poema ITAYTERA, decantando o serpenteante e belo riacho do BATATEIRA :

A fonte ficou jorrando,
Fluindo assim rumorosa,
Da cavidade granítica
Secreta, misteriosa !
Há quantos anos? Há séculos,
Mesmo há milênios, talvez !
Às vêzes carpindo mágoas,
Rindo, cantando outra vez !

Êsses sons se eternizaram
Em dulçorosa harmonia
Vindo encher os meus ouvidos
Da mais tocante poesia !
Como eu ficava enleado
Ouvindo a sonoridade
Que vem do ventre da serra
Nessas horas de saudade !

Como se fôsse num sonho
Bem cheio de encantamento,
Remonto-me aos dias idos
Nas asas do pensamento,
E vejo essas águas livres
Aprofundando em coleios,
Ou retas abrindo aos saltos,
Por sua conta os seus veios !

Tudo aqui eram visões
Deslumbrando minha vista !
Beijava, ao leve a corrente
Bentevi paraquedista :
Descia o jorro em vertigem
Formando bela grinalda
Zumbiam enxames de insetos
Na folhagem de esmeralda.

O tempo, no entanto, não me permite prosseguir na continuação dessa descrição, ao vivo, de uma das maiores belezas naturais desta inimitável paisagem cariense — a do riacho, disseminador de riquezas, a que pomposamente chamamos de rio Batateira.

Ainda há o soneto, “O TREM” que meu pai compôs ao viajar, certa vez, na estrada de Baturité, o qual publicou, em primeira mão, se não me falha a memória, no “ALMA-NAQUE LUSO BRASILEIRO”, com o pseudônimo — Gastão de Lorena. Dedicou-o a seu amigo e, igualmente, charadista — Virgílio Correia, residente na cidade de Iguatu. Tal produção, sem desmerecer, poderia ser assinada por qualquer dos grandes poetas da língua portuguesa e tem sido reproduzida em muitas publicações de aquém e além mar :

Do correr no fantástico bailado
Bufa o centauro no seu leito de aço,
Nossa espiral de fumo pelo espaço
Soprando qual sinistro monstro irado.

E avança, avança ! Audaz, desesperado
Galga da serra o tímido espinhaço,
Mergulha após dos vales no regaço,
Vence a floresta, vence o descampado !

No entanto, às vèzes, do vagão olhando
Supomos que rios, píncaros e ramos
Vão ao contrário rápidos voando...

Embalados também não raro andamos
No vão pensar que o tempo vai marchando
Quando êle é que se fica e nós nos vamos...

O Dr. José Bonifácio de Sousa, do Instituto do Ceará, dos vultos de destaque da cultura do Nordeste, em seu "Registro Bibliográfico", citado nêsse trabalho, talvez por deficiência de informação, diz que meu pai adquiriu outra farmácia, quando deixou o estabelecimento de seu tio José Antônio. Na realidade, êle comprou a própria farmácia de onde foi simples caixeiro. "AS CRÔNICAS SERTANEJAS", anunciadas, foram depois mudadas por mim, pela inclusão de contos no livro, em ANA MULATA, já citado. Faz parte do COLEÇÃO "ITAYTERA", primeiro volume.

São crônicas e contos regionais, em estilo leve, com a clareza de linguagem, que caracteriza o escritor cratense. Vejamos uma de suas crônicas, das menos extensas:

O VELHO BEMBEM

"Joaquim Pedroso Bembém, tronco de uma das mais numerosas e distintas famílias dêste município, senhor de latifúndios ganhos com honestidade, escolheu para sua residência de inverno o sítio LOPES, que se desdobra para o Araripe, galgando os contrafortes da famosa serra na extensão do Valverde ao Cabeço.

No vértice do talhado de cuja base borbulha a nascente que rega as citadas propriedades, tinha o rico fazendeiro a vivenda de verão e os currais, em que recolhia os seus rebanhos, nos anos prósperos, da segunda metade do século passado.

Ainda hoje alguns torrões amontoados marcam o lugar dessa vivenda e, resistindo admiravelmente à ação do tempo, algumas estacas de "amarelo" assinalam a localização dos currais.

Instalado em altitude considerável, dominando o vale do Cariri que se esbate ligeiramente ao longe numa bizarra sucessão de colinas, e gozando o ameníssimo clima do Araripe, passava o velho Bembém os meses calmosos do fim do ano, ouvindo o gado nédio e sadio.

A uns quinze quilômetros para o centro da serra, que se alargava para o Sul, rasa, sem um relêvo, sem um acidente, à maneira de campo holandês, o abastado agricultor havia situado os seus mandiocais, que cobriam alguns hectares de terra, constituindo um dos elementos construtores da sólida

fortuna que esse nosso illustre antepassado conseguiu amontoar. Tudo corria às mil maravilhas para o velho Bembém, quando apareceu a pavorosa sêca de 1877, matando-lhe as criações e causando-lhe outros prejuizos.

Os ladrões começaram a destruir seus mandiocais e êle, na sua filosófica resignação, assistia à REVANCHE da fortuna, sem quebrar a calma que tomara por hábito.

Mas a devastação do feculento tubérculo, ia em crescendo assustador e o velho Bembém resolveu botar sentinelas, com o fim de sustar a ação dos gatunos.

Algum tempo depois de tomar essa medida extrema para o seu coração de homem boníssimo, resolveu um dia ir visitar as suas lavouras e, lá chegando, notou o velho agricultor que fêz "pior a emenda do que o sonêto", porque o estrago aumentara.

Havia lugares em que a terra revolvida, esburacada, dava a impressão de ter andado alguém numa ARRANCA meticulosa, cuidadosa, sem o mais ligeiro receio de surpresa.

Diante da inutilidade da ação dos encarregados, o velho Bembém decidiu-se ir, em pessoa, se pôr de atalaia, para evitar o completo arrasamento das suas cuidadas lavouras.

Com esse intuito, em noite de plenilúnio e de frio cortante, colocou-se em uma moita de "carrasco" e esperou pelos larápios.

Por volta da meia-noite, já quando estava resolvido a abandonar a emboscada, foi o velho Bembém surpreendido por dois tipos hercúleos, os quais, descobrido-o de longe, vieram sorrateiramente, agarraram-no e o subjugaram fácilmente.

Os dois gatunos, em atitude ameaçadora, punhais erguidos, perguntaram-lhe :

— Que andas fazendo? Vieste com o fim de nos impedir de matar a fome de nossos filhos?

— Não, camaradas vim aqui também, como vocês, roubar um pouco de mandioca, respondeu o velho Bembém, sem um leve tremor, com a maior naturalidade.

Pois bem, disse-lhe um dos agressores, entregando-lhe uma enxada, se se trata de um COLEGA, arranque para nós três, que ficaremos de sentinela para evitarmos surpresa do proprietário...

E o velho Bembém teve de passar duas horas arrancando mandioca, para os improvisados companheiros e, ao despedir-se dêles, utilizou-se das calças para conduzir a parte que lhe coube na divisão das raízes, nunca mais voltando àquêles roçados".

É pequena crônica que se lê com agrado e cheia de humorismo sadio. Sem estudo acurado de gramática, com a prática de ler, escrevia corretamente.

Gostava de assuntos históricos e se alguma vez pecou em dados, foram estes originários da falta de conhecimentos da época. Só agora a história regional começa a ser conhecida, após as pesquisas do Pe. Antônio Gomes de Araújo, de Irineu Pinheiro e de instituições, a exemplo do Instituto Cultural do Cariri e da Faculdade de Filosofia do Crato.

Meu pai que faleceu em casa de Jefferson, a 6 de Fevereiro de 1961, deixou um opúsculo editado aqui—O BEATO JOSÉ LOURENÇO e o livro ANA MULATA, com meu prefácio.

O fanatismo no Nordeste é produto natural do subdesenvolvimento e da ignorância de suas populações. Quando o homem sofre continuamente, apega-se demasiado ao misticismo. Foi o caso do Beato José Lourenço que se localizou em Caldeirão, no Município do Crato. Era romeiro do Padre Cícero e após o caso do “boi santo”, que o Dr. Floro Bartolomeu mandou matar a fim de extirpar o fanatismo totemico que se criara, entre pobres ignorantes, fugira para aquêle recanto. Constituiu uma comunidade á maneira do antigo cristianismo, disciplinada por regras drásticas religiosas. Cultivava a agricultura e distribuia-lhe o produto mais ou menos, equitativamente, entre os habitantes de Caldeirão. O Beato não alimentava qualquer luta de classe. Tratava bem os proprietários vizinhos e, de vez em quando, organizava ADJUNTO para apanha, limpa ou plantio de roçado de seus amigos. Possuía, na dispensa, bons vinhos e biscoitos finos para as visitas de gente graúda.

Meu pai possuía propriedade nas visinhanças de Caldeirão. Vivia bem com o velho José Lourenço e visitava-o, de quando quando, também recebendo alguma ajuda em homens, quando escasseava os braços de aluguel.

Quando no tempo da ditadura Vargas, antes do Estado Novo, apareceu certo zum-zum de que Caldeirão seria tomado pelo governo, acrescida de mil calúnias contra o Beato, meu pai o defendeu, com veemência, em artigo em “O POVO”, em 7 de Junho de 1934, enfeixado depois em folheto e sob o título O BEATO JOSÉ LOURENÇO. Foi vibrante na defesa do

pobre homem, vítima exclusiva do meio, em que vivia. Diz êle, em certo ponto do opúsculo, transcrito depois em "ITAYTERA", 1961: "O beato José Lourenço sustentou durante os 23 meses da sêca última (32), além do pessoal que com êle vive de ordinário e a que já me referi, mais de 500 pessoas que recorreram à sua munificente ação.

Para levar ao cabo essa tarefa de um filantropismo tão fora do comum, de uma tão invulgar benemerência, êle gastou grande depósito de cereais que tinha em Caldeirão e tôda a farinha produzida em 600 tarefas de mandioca de sua cultura na serra do Araripe, a qual, vendida ao preço que logrou, daria uma bela fortuna".

No despontar do Estado Novo, em 1937, Caldeirão foi disperso pela Polícia e o Beato Lourenço fugiu. Meu pai, então com pequena farmácia em Santana do Cariri, foi preso pelo simples fato de anos antes, ter escrito aquêle folheto. Foi libertado em Crato, mas o Dr. Antônio de Alencar Araripe, depois de nossos melhores representantes na Câmara Federal, seguiu preso de trem até Fortaleza, unicamente por ser amigo do Beato José Lourenço. Constituiu isso injustiça clamorosa que cometeram contra os vultos de destaque da sociedade e da política de Crato, que o tempo por si só, se encarregou de comprovar.

José Alves de Figueiredo, ao morrer, foi homenageado pela Câmara Municipal do Crato e Assembléia Legislativa do Ceará, com moções de pesar.

A municipalidade deu-lhe o nome de uma das avenidas da cidade, aquela que margina o canal do riacho Granjeiro. Em 1966, por intermédio do então Secretário da Educação e Cultura — Dr. Jader de Figueiredo Correia, seu sobrinho, o grupo escolar da Vilalta, nesta cidade, recebeu a denominação de José Alves de Figueiredo. O Instituto Cultural do Cariri criou a cadeira que o tem como patrono, agora defendida por um de seus filhos.

A obra literária de meu pai não é perecível. Seu nome, pelo trabalho inteligente que realizou, ventilando e defendendo êste Cariri e o Ceará, avultará pelos tempos afora, se Deus o permitir.

Síntese da

Vida e Obra de Alexandre Arraes de Alencar

O momento, que hora vivo, é de profunda emoção. Obedecendo ao imperativo de um convite honroso, aqui estou para mostrar, em breves palavras, o que foi a vida e a obra de Alexandre Arraes de Alencar; para justificar a insigne homenagem que lhe prestou o Instituto Cultural do Cariri, tornando-o um ser imortal. Desvaneça-nos, embora, a tarefa e nos conforte, várias vezes encontrou em nosso espírito profundas resistências. É que, sendo filha que nutre veneração tôda especial pelo pai, ao lado de uma admiração incontida, poderíamos retratá-lo com os excessos que o amor filial ditasse e impuzesse. Acudiram-nos, todavia, as palavras do Dr. José de Figueiredo, pondo têrmo as nossas hesitações "quem mais conhece o pai é o filho". Seguindo o seu conselho, vasado na experiência e no bom senso, procuraremos conciliar o amor com a justiça e munida de sentimentos tão nobres, cremos poder desincumbir-nos bem da missão honrosa, que nos foi confiada, invocando para segurança nossa o testemunho de uma geração que acompanhou o evoluir de uma existência simples, mas de intensas irradiações no cenário cariense.

* * *

Quem visita a cidade de Araripe observa-lhe a natureza exuberante e o clima ameno que, no entanto, não influenciaram na história, do seu destino, sejam embora fatores essenciais de progresso. Araripe, no entanto, de vida modesta, tem uma prerrogativa que lhe enche de justificado orgulho: Ser berço de personalidades que elevaram, bem alto, seu nome, no cenário da política e das letras. Alexandre Arraes de Alencar; pertence a esta vigorosa linha de valôres e, como todo araripense autêntico, teve arraigado amor à terra que o viu nascer.

Ali, em ambiente acolhedor e amigo, decorreram-lhe os dias da infância, cujas impressões ficaram gravadas em sua mente, como relíquias preciosas do passado. Sabemos que, no bucolismo de Araripe, cimentou as bases de sua estrutura moral, a pureza de sua ética cristã e a nobreza do seu caráter.

A meninice viveu-a Alexandre sem quase divertimento e com restritas atrações, representados por danças regionais, ao som de modesta banda de música, e pelos folguedos em

moda, na época, desfrutados na companhia de seus numerosos parentes. Araripe, n'aquele tempo, apenas alfabetizava seus filhos.

Bem cedo iniciou Alexandre sua vida escolar e sua inteligência arguta, sua vocação latente para as letras não tardaram em atrair a atenção de seus mestres. Estava, com efeito, destinado a grandes triunfos intelectuais, não sofresse a desventura, de, quando mal saído da segunda infância, vêr sucumbir o austero autor dos seus dias, fatalidade brutal que, de maneira inopinada, mudou o curso de sua vida. Morto o pai e terminado o currículo primário, ingressou o menino Alexandre no Seminário de Fortaleza, com o sacrifício, por parte de sua veneranda mãe, do minguado patrimônio que lhe ficou para, n'uma atitude de longo alcance, transformar dinheiro em conhecimentos, nos cérebros de seus filhos adolescentes. Só o abrigou, todavia, o vestuto educandário, durante um ano, após o qual teve início o capítulo mais comovente de sua existência. Sentiu êle ainda quase criança, que o destino lhe colocara aos ombros a imensa responsabilidade de, como primogênito, arcar com os encargos de uma família numerosa, necessitada de ajuda material e espiritual. Revela-se verdade indiscutível que o desempenho de tão ardua missão requeria maturidade, fôrça de ânimo, persistência e, sobretudo, destemor, virtudes que lhe sobejaram nas horas de provações. E, amparando sua família malferida pela adversidade, conseguiu tornar-se telegrafista em Araripe. Impávido e altaneiro, prudente e enérgico entrou na arena do trabalho, inaugurando uma vida laboriosa, cheia dos mais sazonados frutos.

Portador de invejáveis atributos morais, herdados de seus progenitores, tornou-se aos vinte anos, chefe da família por êle constituída. No lar, teve a conduta que lhe ditou sua formação. Revelou-se espôso dedicado, pai amorosíssimo e exemplar. A atmosfera de carinho, nêle reinante, impregnada de sua presença, amena e generosa, fêz com que os filhos tivessem no pai o amigo, o mestre e o conselheiro. Tão forte impressão deixou que, morto, ha 24 anos, permanece vivo em nosso pensamento e nosso afeto, por mais perdulários que tenhamos sido nós seus filhos, em evocar sua lembrança, em esbanjar os tesouros espirituais que nos legou.

* * *

ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR E A VIDA PÚBLICA

Já maduro de corpo e de espírito, compreendeu o te-

legrafista Alexandre que o ambiente de Araripe estrangulava suas aspirações, transferindo-se em consequência, para Crato, onde viveu a etapa mais intensa de sua vida. De visão percuente, perseverante em seus propósitos, soube vencer, com facilidade, os óbices que lhe surgiram no caminho e afirmou-se no setor econômico, inclusive concorrendo decididamente, para dotar a cidade de dois importantes melhoramentos: A construção do Matadouro Modêlo, que depois passou para o domínio municipal, e a Fábrica Aliança, indústria pioneira na Região.

Antes de militar na política, o industrial Alexandre se entrosou na vida administrativa do município e tornou-se um de seus devotados colaboradores, através de efetivo assessoramento aos chefes da comuna e como membro das associações de classe. "A desprevenção com que agia, o ardor com que lutava pela prosperidade do município, acabaram por ligá-lo a homens de tôdas as classes, desde as humildes às mais qualificadas.

Foi por tal forma que, decorrido apenas um quinquênio do seu ingresso na vida cratense êle apoiando-se em correligionários e adversários, nos fortes e nos fracos, nas famílias tradicionais ou nos elementos adventícios argamassou o bloco monolítico que, n'uma jornada de quase dois decênios conformou a superestrutura de sua obra monumental" (Monte Arraes na Polianteia Alexandre Arraes Cidadão Exemplar).

Em decorrência de sua integração no meio caririense mostrou-se o prefeito Alexandre Arraes de Alencar de todo identificado com os problemas mais urgentes da nossa urbe, cuja vida intelectual, social e política como poucos conhecia, ao substituir o Cel. Filemon Fernandes Teles, por escôlha do então Interventor Francisco de Menezes Pimentel. Havendo colaborado com o Sr. Filemon Teles, no sentido de conseguir empréstimo junto a Caixa Econômica Federal, para transformar em hidroelétrica, o serviço termo-elétrico de iluminação e força de nossa Crato e dotá-la de rêde d'agua. Por uma coincidência, foi êle mesmo quem promoveu os trabalhos de sua implantação, a que não faltou o concurso do seu amigo Raimundo de Monte Arraes, de saudosa memória. Iniciando, de maneira auspiciosa, sua gestão tornou a cidade alegre, atraente e confortável. Mostrou-lhe, ainda o estado sanitário, com água canalizada abundante, diminuindo o número de casos e vítimas de paratifo e outras febres de caráter maligno.

A municipalidade experimentou, na administração de Alexandre Arraes de Alencar, grande aumento na receita, sem a majoração de impostos, conseguida através do apôio constante às classes produtoras e da honesta aplicação da receita.

Bem cedo compreendeu Alexandre que uma obra administrativa, para ser bem estruturada, necessitava de organização e planejamento. Sentiu que o bom administrador é aquele que planeja e organiza e, no afã de acertar, dotou a Prefeitura de uma contabilidade eficiente e traçou normas para todos os setores das atividades executivas.

Porque sabia que uma reforma só é autêntica quando atinge a inteligência, produzindo mudança de hábitos e atitudes individuais, transformou as escolas de mera alfabetização em núcleos de trabalho, com o fito de estimular em nossos jovens, o gosto pelas artes populares e pelas práticas agrícolas. O ideal ruralista o empolgou, materializando-se no primeiro Grupo Rural do Ceará e em mais de trinta Centros de Ensino que fundou. Não negou o estímulo à professora no cumprimento de seu dever, e frequentando assiduamente o meio escolar, muitas vezes dando aula, n'uma evidência de seu profundo amor à educação e à cultura.

Logo se apercebeu o Prefeito Alexandre, que, sem circulação de suas riquezas, o município não poderia progredir e cedo se preocupou em dotá-lo de um sistema rodoviário que assegurasse o constante intercâmbio com os estados vizinhos. Conseguiu-o com recursos municipais e ajuda do governo do Estado.

O Pôsto Anti-Rábico e o Hôrto Florestal representam melhoramentos concebidos e realizados pelo seu dinamismo e constituíram obras de grande alcance social, ao lado da divisão, por meio de cêrca, tapumes e valados, da vasta chapada do Araripe em áreas destinadas, uma à pecuária e outra à agricultura.

Amante da arte e da natureza revelou esta tendência de seu espírito no gosto pela estética da cidade; no culto à arvores, que semeou a mancheias. Frondosos oitis, flanboyants, muitos dêles localizados de acôrdo com as plantas dos logradouros conhecidos como praça da Sé e Parque Infantil, erguem-se, ainda hoje majestosos nos pontos mais pitorescos da Princesa do Cariri, cujas praças lhe mereceram especial carinho. A seu mando, gramados surgiram com seu verde agressivo, canteiros exibiram as mais sugestivas combinações de côres, num quadro que encantava a vista e deleitava a mente. Sob sua atenção a praça Francisco Sá se viu mimoseada com uma belíssima fonte luminosa, uma de suas principais atrações, concebida e construída pela sensibilidade artística de Júlio Saraiva, e tornou-se profusamente iluminada dotada de coluna da hora, pedestal de Cristo Redentor que recebe de braços abertos a "todos os homens de boa vontade". Não permaneceu aí no

entanto, a ação construtiva do Prefeito Alexandre Arraes de Alencar.

Não foi sua obra planejada, apenas para seu presente mas concebida com as vistas voltadas para o futuro. Permanece ainda como sonho dos cratenses a construção do elevador, que ligará a cidade ao bairro do Seminário.

Dando lições de democracia, Alexandre fez questão de governar com o povo, ouvindo-lhes as queixas e sugestões, de ensinar-lhe patriotismo e brasilidade, através da comemoração das grandes datas nacionais e regionais; da valorização da raça brasileira representada por nossas crianças, singularmente submetidas aqui, em Crato, a concurso de robustês infantil. Liderando um desfile a cavalo, reunia anualmente cidadãos e camponeses para festejar o "DIA DA FARINHA", em churrasco apetitoso, sem visar só o deleite, mas unir classes e fomentar a plantação da mandioca, em combate à monocultura da cana por êle considerada um dos grandes males da economia caririense.

Côncio da importância do município nos setores social econômico e político instituiu o "DIA DO MUNICÍPIO" que, de então, passou a ser condignamente comemorado e conservou seu patrimônio artístico também despertando, o interesse pelo folclorismo regional. Não se preocupou o prefeito Alexandre Arraes de Alencar em unicamente dotar Crato de realizações materiais. A união que procurou manter entre os seus municípios, não conhecendo adversário; o respeito que soube inspirar à autoridade constituída; o culto às nossas tradições regionais e nacionais, constituem hoje ainda seu legado às gerações de administradores que o sucederam e haverão de suceder à frente dos destinos de nossa municipalidade.

"ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR E O ESPÍRITO"

No mundo do espírito, Alexandre Arraes de Alencar, conciliou a ação com a reflexão e pôde como auto-didata, adquirir sólidos conhecimentos diversificados, através de muita leitura. Mesmo vivendo em Araripe, não se descuidou do cultivo do espírito e, num gesto de fina sensibilidade intelectual, ali fundou a primeira biblioteca dotando-a com obras do mais refinado gôsto. Tornando-se profundo conhecedor dos clássicos portugueses, dentre muitos dos quais podia repetir de có páginas inteiras, organizou com os moços araripenses pioneiramente, os serões e tertúlias literárias.

Amante dos bons livros repetiu o episódio da funda-

ção da biblioteca, legando a Crato já como prefeito, a Biblioteca Municipal, uma das poucas existentes no interior nordestino.

Dotado de extrema facilidade de expressão, de imaginação vivíssima e de observação acurada publicou, antes dos dezoito anos, seus primeiros artigos, nos jornais de Fortaleza, sob o pseudônimo de Aluizio do Amaral. Não ocultou por muito tempo, a verdadeira autoria pela curiosidade que a excelência dos escritores vindos de lugar tão distante despertou em A. C. Mendes, um dos então diretores do Correio do Ceará. Era seu primeiro triunfo literário e constituiu incentivo para já em Crato, continuar a escrever artigos ora de cunho regionalista, ora de interesse nacional. E tal amor tinha pelo jornalismo que houve época em que, quase sozinho manteve o jornal "O Crato" que gozava de tanta simpatia. Segundo o testemunho do senhor Antônio Teodorico Barbosa, que trabalhava em suas oficinas escreveu o jornalista Alexandre num dia só vários artigos, garantindo a edição.

De sua pena, também saíram trabalhos do mais refinado estilo e da maior sensibilidade artística. "O Natal" de publicação póstuma, encontrado no verso de uma prova de sua filha Eldenôra, a revelar a despreocupação de que foi composto, encerra um hino comovente de fé, sob a forma de poesia em prosa. A tese sobre A Família, lida por ocasião do Congresso Eucarístico em 1940 evidencia-lhe os conhecimentos dos mais graves problemas sociais e dá bem a medida do seu reconhecido talento. N'uma homenagem ao seu espírito, guardamos, como herança de incomparável valor, muitas de suas produções, com projeto de editá-las, em futuro não muito remoto.

Conhecedor profundo da Região do Cariri, editou e divulgou a primeira monografia do Município do Crato, e tornou-se o arauto da terra acolhedora e amiga, tema de sua predileção na imprensa e nas conferências que pronunciou em centros mais adiantados.

Teve Alexandre Arraes de Alencar, em vida o conforto de saber que as repercussões de sua obra não se confinaram no âmbito local e estadual. Soube que ela se projetou no Sul do País, como prova o aplauso, de inúmeros cratenses, residentes no Rio de Janeiro materializado em pergaminho. Tomou conhecimento que Austregésilo de Ataíde, no Diário da Noite, o qualificou de administrador extraordinário e disse que ele estava fazendo um dos empreendimentos mais notáveis de administração no Brasil, pela ousadia dos planos realizados e a beleza de suas concepções.

O povo do Crto por sua vèz, justo em reconhecer-lhe os mèritos de administrador, deu em várias oportunidades a seu prefeito Alexandre Arraes de Alencar, provas de reconhecimento, pelos serviços por êle prestados. E tentou diminuir sua dívida de gratidão, em espontâneas consagrações públicas, dentre as quais duas deixaram memória: UMA, quando do seu regresso do Rio de Janeiro como representante do Ceará no Congresso dos Municípios; a outra na hora infausta do seu sepultamento, quando quase uma população inteira, o levou à última morada.

Desaparecido ha 24 anos, a cidade ainda lhe reverencia o nome, como um dos seus grandes benfeitores e, hoje, o Instituto Cultural do Cariri num gesto delicado de reconhecimento dos seus mèritos torna-o IMORTAL, num atestado inequívoco de que o homem não morre, quando dissemina o bem e cultiva a virtude.

Trabalho apresentado pela sócia do I. C. C. Profa. Edmeia Arraes de Alencar para ocupar a cadeira de Secção de Letras, que tem como patrono Alexandre Arraes de Alencar.

ANIVERSÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

Brilhantes festividades assinalaram a passagem do sétimo aniversário da Faculdade de Filosofia do Crato, no corrente ano. Demonstraram, ao vivo a soma de benefícios que essa escola de ensino superior tem desenvolvido no meio. Dirigida pelo Prof. José Newton Alves de Sousa, com a cooperação franca e decidida de magistério à altura, conseguiu se impôr ao Brasil inteiro. É hoje foco luminoso de irradiação de cultura em tôda a zona. Para assinalar a grance data de 15 de Maio, houve série de comemorações anteriores e depois. Realizou-se a Semana de Cultura Cearense, com palestras, números de arte, representações folclóricas, lançamento de livros, jornais, exposição de pintura, contando sempre com a presença do Exmo. Snr. Prefeito Municipal Dr. Humberto Macário de Brito que está dando o apoio decisivo a todos os movimentos de inteligência de Crato e do Comendador — escritor Luís Sucupira, vindo ao Crato especialmente para êsse fim.

Estudantes e professores deram sua cooperação a tôdas as festividades. O ponto máximo foi a sessão solene do dia 15 na qual falaram o prof. Edesio Batista por parte do corpo docente e universitário Alzir Oliveira em nome dos alunos e o Diretor Prof. José Newton Alves de Sousa.

Todos os festejos, incluindo as competições esportivas universitárias obtiveram a cobertura total da população cratense, que vê na Faculdade de Filosofia de Crato uma das alavancas principais de seu desenvolvimento, em todas modalidades do progresso.

Foi também acontecimento de arte, de importância a exposição de pintura e escultura, de artistas regionais, na área coberta da Rádio Educadora do Cariri.

A Pernambucana

Fundada em Crato em 20/9/1913

TELEFONE - 479

RUA DR. JOÃO PESSOA, 73

Cooperativa Banco Caixeiral do Crato Ltda.

(Registros N° 335-(S. E. R.)-e 9-(D. A. C.)

CAPITAL SUBSCRITO E REALIZADO NCR \$ 30.285.11

RESERVAS: NCR \$ 17.890.27

Rua Bárbara de Alencar esquina com João Pessoa - CRATO - CEARÁ

Discurso do Dr. Raimundo de Oliveira Borges para ocupar a cadeira, como patrono de Bruno de Menezes

Exmo. Sr. Presidente do Instituto Cultural do Cariri
Ilustres Confrades

Esta é para mim uma hora de consagração.

O sonho, que se realiza na sua plenitude, do menino que nasce na cidade pequena e quer ser alguém na cidade grande.

O Crato, desde os seus primórdios, exerce marcante influência sôbre as demais localidades do Cariri, e, até mais longe, em tôda a vasta hinterlândia nordestina.

É, por isso, uma cidade grande. Não em extensão. Tamanho só não é grandeza; grandeza é conteúdo, e Crato tem conteúdo.

Eu via, lá dos alcantás da Serra de São Pedro, onde nasci, o casario branco do Crato derramado ao sópe da chapada do Araripe, então, como ainda hoje, sulcada pelas ladeiras vermelhas que lhe contornam os flancos e foram, provavelmente, os primeiros caminhos dos povoadores baianos; contemplava, à noite, o extenso Vale iluminado pelo fôgo de palhão dos engenhos de rapaduras; ouvia dos contrterrâneos que semanalmente se abasteciam as histórias das feiras famosas, das brigas dos cabras valentes que Fran Martins bem descreve em "Dois de Ouros"; assistia, com inveja, a partida dos que vinham de lá a cavalo para a festa de Nossa Senhora da Penha e contavam, de volta, com os requintes da imaginação e a bizarria da linguagem matuta, os esplendores da Procissão, a que os seminaristas, as irmandades Religiosas e a figura austera de D. Quintino emprestavam a maior imponência; sabia que a êsse tempo o Colégio Diocesano funcionava na metade do lado norte do velho Seminário, e, ansioso por frequentá-lo, volvia, constantemente, para a colina distante os olhos compridos, fascinados mais pela farda azul marinho, de botões doirados, que os alunos envergavam, do que propriamente pelo estudo; deixava-me assim invadir tôdas essas solicitações; sentia crescer na minha alma dia a dia êsse elo de amor pelo Crato, hoje mais profundo ainda porque é já a terra dos meus filhos, e, com o espírito assim sacudido por tantos sentimentos de afeição, deixava eu transparecer, de contínuo, nas conversas ínti-

mas de família, a vontade de continuar aqui os estudos que já não podia fazer nas escolas primárias únicas ao tempo existentes na minha terra natal.

Rendo, a esta altura, um comovido preito de gratidão ao meu velho, bondoso e inesquecido pai, sertanejo de mingua-das letras mas de inteligência clara e realizadora, que, contrariando os hábitos dominantes na terra atrasada em que morava, entendeu de sacrificar um pouco do pequeno patrimônio que possuía com a instrução, primeiramente, do José Borges, que tão cêdo se foi desta para melhor, e em seguida comigo, por considerá-la, com acerto, a melhor herança que devem os pais legar aos filhos.

No dia 11 de Abril de 1923 penetrava eu, matutinho desconfiado, os umbrais do velho educandário, que sobranceia a cidade e assinala o marco primordial da cultura humanística em terras do Cariri.

Monsenhor Juviniانو Barrêto era o Reitor, austero e digno, que, depois das iniciais, breves e indispensáveis admoestações aos que ali ingressavam, firmou o recibo do primeiro trimestre no internato, — cento e cinquenta mil réis bem contados — minha primeira contribuição para a formação intelectual que se concretisaria, com a colação de gráu de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, dali a 14 anos.

O Padre Azarias Sobreira era o Prefeito de Disciplina, o Padre Mestre, como o chamavamos, e cuja maneira de inspecionar os alunos na mesa de refeições, como professor de civilidade, e de adverti-los à noite, à hora do recolhimento, pelas faltas cometidas durante o dia, nunca mais pude esquecer, pela brandura, pelos gestos paternais com que tratava os pequenos delinquentes. . .

Inculca embora, já então sentia atraída a inteligência para os valôres espirituais da terra. Ouvia, embevecido, os discursos do Dr. Elísio de Figueirêdo, jovem médico em pleno apogeu da sua privilegiada inteligência, e do Dr. Irineu Pinheiro, que iria consagrar-se depois, ao lado do Padre Antônio Gomes de Araújo e de José de Figueirêdo Filho, notável pesquisador da história regional. Deliciavam-me os magníficos sermões de Monsenhor Juviniانو Barrêto, aos domingos, e a voz cheia, harmoniosa e comovente do Padre Emídio Lemos, no côro da querida capelinha de São José, inebriava-me a alma de tamanho encantamento que inda hoje, quando assisto a cerimônias semelhantes, todo aquêlo quadro se estampa na memória, nos longes de uma saudade que não se apaga. . . Com que prazer intelectual lia as apreciadas colaborações de Zuza Figueirêdo na imprensa da terra !

Ao crepúsculo, da janela do salão, onde estudava, quantas vezes não cismei, pensando em um dia poder participar como aquêles homens privilegiados da vida cultural do Crato!

Foi com a cabeça povoada dêsses sonhos que o moço serrano em 1924 seguiu para Fortaleza com destino aos cursos do velho Liceu do Ceará, ali conquistando, até 1926, nove dos doze preparatórios indispensáveis, na legislação do ensino então vigente, à habilitação aos exames vestibulares, transferindo-se, no ano seguinte de 1927 para Salvador, onde concluiu, no mesmo ano no Ginásio da Bahia, o curso secundário, ingressando, em Março de 1928, depois de duras provas, na tradicional Faculdade de Medicina da Boa Terra.

Motivos de saúde impossibilitaram-me de prosseguir no curso médico, e já no terceiro ano abandonava, definitivamente, com desgosto e com saudade, a Escola Médica do Terreiro de Jesus, onde vira passar junto à bôa gente bahiana dois dos melhores anos de minha atribulada existência.

Retornando, agora, o corpo e o espírito abatidos pela desdita, ao torrão natal, de onde partira afagando as mais doces esperanças de triunfo, eu via desfeitos por terra todos os ideais do moço que, há sete anos, em Crato, iniciava os seus primeiros passos na carreira das letras. Obstruia-se assim aos golpes do destino adverso tôda aquela trajectória de conquistas que o adolescente arquitetara nos doces momentos de acalentados entusiasmos.

Mas, recuperando pouco a pouco as energias físicas abaladas, surgia-me outro mundo, sedutor e prático. Estabelecia-me em 1931 com farmácia na praça principal da vilazinha serrana e já em 1932, sentindo os pés firmes no chão de uma illusória economia, casava-me com a senhorita que desde então até hoje é dileta companhia das minhas vitórias e de meus revezes, e a quem, nesta hora grata das minhas recordações, testemunho o meu agradecimento pela parte grande que teve, pela renúncia e pela abnegação, na luta que logo depois travei para a obtenção do meu anhelado canudo de Bacharel em Direito.

Na verdade, no ano seguinte de 1933, abandonando o aconchego de um lar há pouco constituido, enfrentando todos os percalços de uma situação financeira precária, que a dedicação de uma família compreensiva e bôa atenuava com ajudas consoladores, eu segui para Fortaleza, submetia-me e obtinha aprovação no vestibular da Faculdade de Direito, ao tempo funcionando, pobrememente, nos baixos da Assembléia Legislativa do Estado, à Praça General Tibúrcio.

Cinco anos de sacrifícios, de avanços e recuos, de quase novo fracasso em face às conjunturas inarredáveis que envolvem os que, perante Deus e os homens, assumem a responsabilidade do casamento.

Mas, resistindo e morrendo, morrendo e resistindo, como o Ceará que Demócrito Rocha immortalizou num verso inimitável, eu cheguei ao cabo da longa estrada reconfortado pela honra que me conferiram os colegas de turma, aclamando-me, por unanimidade, orador no ato da colação de grau, naquela hora que é um fulvo sol doirando de fagueiras esperanças os ardentes sonhos da mocidade irrequieta.

Promotor de Justiça de Tauá, Promotor de Justiça de Missão Velha, afinal Promotor de Justiça do Crato em 1942, onde fixei residência e em cuja vida me integrei até hoje e onde espero, como uma graça de Deus, ver decorrer tranquilamente a velhice que se aproxima.

Estava quasi realizado o desejo do menino que, aluno do Colégio Diocesano, afagava a esperança de vir a ser, de futuro, um dos elementos de prol nas atividades intelectuais do Crato.

Secretário da Prefeitura Municipal, Prefeito da cidade por um dia, com a deposição do Presidente Vargas e com a renúncia do então gestor da comuna, que por motivo de ordem política não quis transmitir o cargo ao juiz de direito da Comarca; Vereador à Câmara Municipal quando da reconstitucionalização do País, após o triunfo das Democracias no segundo grande conflito mundial; advogado militante no fóro local e da região, cumulando, presentemente, as funções de advogado de ofício da Comarca; modesto professor das Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas do Crato; Presidente da Ordem dos Advogados, Sub-Secção do Cariri; Presidente, por duas vezes, do Rotary Club desta cidade, eu tenho, durante êsse longo lapso de tempo e no desempenho de tais funções proferido discursos e publicado trabalhos que, confesso, não se recomendam pelo valor literário, mas se definem pela sincera intenção de servir à terra que elegi, reconhecidamente, o meu segundo torrão natal.

Acolhendo-me agora, ilustres e generosos confrades, neste gremio, como titular da Cadeira de BRUNO DE MENEZES, tenho sobejas razões para considerar esta hora, como de início frisei, para mim de consagração e de plena realização daquele sonho que em menino alimentei.

Sou o primeiro a reconhecer o meu desmerecimento a essa alta distinção, que me conferis mais como um rasgo da amizade do que como premio a um mérito que não possuo.

Perdão se, devendo falar daquêlê cuja memória cultuamos nêste momento, me tenha ocupado até agora de mim próprio. É que precisava antes abrir o meu coração e dar-vos a ler uma das páginas do livro da minha vida, sem lances de certo interessantes para os estranhos ao pequeno mundo das letras em que vivemos, aqui no Cariri mas grata, ou pelo menos necessária, como exemplo, a vós outros que enfrentamos a indiferença, o desestímulo que encontram os que se devotam, nêste vasto, longinquo e despresado interior nordestino, aos complexos posto que fascinantes problemas do espírito e da inteligência.

Foi por ocasião em que o Crato celebrava, entre festas e entusiasmos cívicos, o seu centenário, que conheci Bruno de Menezes, o velho Bruno da Gazetinha e da Gazeta do Cariri, órgãos, para os dias atuais, de formato e de conteúdo modestos, não para o tempo em que circularam na cidade pequena, isolada dos centros adiantados do País, sem ferrovia, sem rodovias, sem campo de pouso, sem estação de rádio, distante cem léguas do litoral, quando as malas do correio aqui chegavam em costa de burro e eram aguardadas ansiosamente pela população ávida de notícias e de novidades.

Bruno de Menezes foi a encarnação perfeita, a figura típica do jornalista de raça.

O seu mundo, o mundo de sua preferência e do seu encanto era a tipografia, o jornal, a letra de forma.

Imaginemos o Crato de 1915, egresso de uma revolução política de alta envergadura, em que o Governo Federal, pela mão de um caudilho, depôs o Chefe do Estado e esmagou esta cidade, e por cima a braços com uma crise climática que assolou o Ceará inteiro, e teremos o cenário, algo desalentador, em que o intrépido jornalista iria desenvolver as suas atividades, aqui fundando, no dia 24 de Dezembro daquêlê ano, a Gazetinha, que iria se converter, um ano depois, na Gazeta do Cariri, que tão assinalados serviços prestou a esta terra.

Abro, ao acaso, o primeiro número da Gazetinha, que traz no frontispício, ao alto, Bruno Menezes como seu Diretor e único responsável por ela. Sem embargo da sua dimensão, parecendo mais um jornalzinho de Colégio, lá está a vida do Crato e do Cariri focalizada em todos os seus aspectos.

No artigo de fundo convoca os homens de bem para a luta em prol das boas instituições e dos bons costumes, estampa ainda comovente mensagem de Natal, anuncia os filmes do dia no Cinema Paraiso e na parte propriamente social registra aniversários e a presença na cidade de pessoas gradas de localidades vizinhas, viajantes comerciais, etc.

A crônica social, ou café society, como se diz hoje, ocupava na Gazetinha uma página delicadamente escrita, em que a gente bem da terra, notadamente o belo sexo, aparecia em gracioso estilo, com referência especial ao traje, à elegância e até ao perfume com que as senhoras e senhoritas encantavam o ambiente, em que se reuniam, com o mimo de sua graça e de sua beleza.

A Gazeta do Cariri surge mais alentada e além de vasto noticiário sobre a grande guerra, a política e vários outros problemas de interesse local, mantém uma coluna literária, com a colaboração permanente de escritores e poetas então em evidência.

Bruno de Menezes era filho de José Ferreira de Menezes e de Dona Julia Alves de Lima e nasceu no Crato no dia 6 de Outubro de 1890. Jornalista registrado sob número 11 pelo Serviço de Identificação (M. T. I. C.). Ausentou-se desta cidade em 1921, fixando, inicialmente, sua residência, em Corumbá, Estado de Mato Grosso, fronteira com a Bolívia, mudando-se, depois para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até sua morte, o ano passado.

Afastado da terra natal mais de 40 anos, espiritualmente êle nunca se afastou daqui. Trouxe sempre o Crato na sua lembrança e nos seus cuidados, mantendo com os conterrâneos de sua estima assídua correspondência, em que, além de preciosas sugestões para a solução de problemas que sabia nos afligindo, enviava recortes de jornais do Rio, livros para as bibliotecas locais, trabalhos para as Revistas e jornais, enriquecendo, ainda, as nossas letras com pequenas, mas importantes monografias de vultos eminentes da região, que imprimia nas suas próprias oficinas, à rua Ana Teles n.º 631, bairro de Cascadura, da Cidade Maravilhosa. Entre êsses trabalhos destacam-se as biografias do Dr. Leandro Bezerra de Menezes (1958), de José Alves de Figueirêdo (Zuza da Botica) 1956, de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, 1.º Bispo do Crato (1959), Irineu Pinheiro e muitos outros.

Colaborou na Revista Itaytera, dêste Instituto, em que destaque, na de n.º IV, de 1957, apreciado estudo que intitulou "Crenças e Mitos dos Aborígenes Sulamericanos". Interessava-se, vivamente, pelo destino de nossa terra em todos os setores, notadamente o da instrução e das letras.

Quando foi da criação da Faculdade de Direito do Crato, pelo Instituto de Ensino Superior do Cariri, recebi dêle uma carta alusiva ao assunto em que frisava: "Receba minhas afetuosas congratulações, extensivas ao Egrégio Professorado que compõe a Congregação, a que você pertence, pela feliz ini-

ciativa da fundação da Faculdade de Direito do Crato, cidade que passou de Princesa para Rainha do Cariri. Entusiasmado, como é natural, creio não estar muito distante nossa cidade abrigará a Universidade do Cariri, pois o caminho aberto como vemos continuará graças à tenacidade e altruísmo de uma geração de personalidades, que se projetarão indefinidamente no futuro, no cenário cultural de nosso amado rincão". Enviava constantemente livros para o Instituto Cultural do Cariri, de que era sócio correspondente, não se esquecendo, como já acentuei, de outras entidades, como a União dos Trabalhadores do Cariri, cuja biblioteca tem o seu nome em expressiva homenagem aos seus incontestáveis méritos, fato que Irineu Pinheiro registra em "Efemérides do Cariri", à página 538.

Para mais confirmar a assertiva de que era irresistível, em Bruno, a vocação jornalística, basta saber que, chegando em Corumbá, como funcionário do Ministério da Agricultura, uma das suas primeiras iniciativas foi fundar um jornal, que batisou de "Gazeta Rural", e onde saciava a sua sede de publicidade, naquêlo trato longínquo da Pátria.

E encorajava, com palavras de incentivo, os que se iniciavam nas lides da imprensa. Acusando, em carta datada de 1963, o recebimento de um número do "Ideal", jornal pequeno que circulava, que lhe enviei juntamente com o meu modesto trabalho "A Presença de Euclides da Cunha na Nossa História", dizia êle: "Considero "O Ideal" uma publicação inicial de futuros jornalistas cratenses, digna de ser protegida material e economicamente, para mais tarde fazer-se um grande jornal, como eu aí fiz com "Gazetinha" transformando-a na "Gazeta do Cariri".

Anoto ainda, entre as suas produções em opúsculos, "Ligeiras Notas Biográficas de São Bruno" — 1953; "Bívio Comento" — 1953; "O Cariri e o Crato em Particular" — 1954; "Biografia de Vicente Leite" — 1955 e "Biografia de Dr. Geraldo Bezerra Monteiro" — 1957.

O traço predominante em quasi todos êles, como se vê dos títulos, são os valores humanos do Crato, como denomina, e o próprio Crato, que ardorosamente amava.

Quisera poder analisar, mais acurada e formalmente, a profusa e interessante produção de Bruno de Menezes, que sem ser um erudito, tão inestimáveis serviços prestou ao desenvolvimento cultural de nossa terra. Abre-se agora, como patrono que é de uma Cadeira do Instituto, nova perspectiva ao exame e ao estudo de suas atividades como homem de letras.

O Crato já começa a tributar-lhe as homenagens a que fez jus como um dos seus mais diletos e ilustres filhos.

Aplausos, pois, e calorosos, merece o Instituto Cultural do Cariri, que lhe perpetua o nome com a glorificação de patrono desta Cadeira cujo destino me confia como primeiro ocupante e que receio não chegue a dignificá-la como merece o nome que a identifica.

Ilustres confrades :

Traçando, em pinceladas incolores, o retrato intelectual de um estrenuo filho desta terra, o que se me impõe agora, como fecho a esta oração de louvor e de agradecimento, é ressaltar, por amor à verdade, a obra magnífica que o Instituto, sob a segura diretriz dêsse arauto das nossas letras que é Figueirêdo Filho, vem realizando entre nós, irmanando em pensamento e ação os intelectuais conterrâneos, de modo a assegurar aquela tradição e aquêles fóros de cultura de que é ela, incontestavelmente, detentora, além dos imarcessíveis feitos com que ilustra e engrandece o patrimônio histórico de nossa Pátria.

(Discurso proferido pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges ao tomar posse na Cadeira de Bruno de Menezes do INSTITU CULTURAL DO CARIRI).

A PROPÓSITO DA ORGANIZAÇÃO DE NOSSA REVISTA

Por mais de uma vez, temos merecido censuras, em fronteiras do Ceará, por que não seguimos o método convencional na confecção de "ITAYTERA". Não temos um lugar para cada coisa, que nos aconselham, deveria ser bem arrumadinha. Disseminamos poesias e notas em todos os recantos. Não separamos os discursos, nem tão pouco a parte bibliográfica. Também nos querem restringir a assuntos inteiramente literários, ou históricos, etc.

Esta falta que nos atiram, por não seguirmos uma rigidez total na distribuição dos trabalhos, nunca foi considerada pecado, entre eminentes intelectuais do sul do país. O que êles admiram em "ITAYTERA", é ela ser editada, em cidade do interior, com colaboradores regionais e gráfica da própria terra. Muitos deles chegaram até a elogiar essa espécie de anarquia na distribuição dos assuntos e no aproveitamento dos espaços. Acham originalidade e quebra da monotonia das pesadas publicações de cultura, de maneira geral. Não há razão, portanto, para sairmos do caminho que traçamos, na confecção de "ITAYTERA". Usamos também a fruta silvestre, de casa, com a ajuda espontânea de muitos nomes ilustres de fora, que muito nos têm auxiliado, com sua espontânea e valiosa contribuição. O número de admiradores de nossa revista cresce, de dia a dia, assim mesmo como ela tem se apresentado, um tanto ou quanto selvagem, como autóctone é o seu nome de batismo.

LANÇAMENTO DE "ROZA GUEDE" NO RESTAURANTE ALGO MAIS

O movimento de edições de livros, em Crato, cresce de dia para dia. Já faz parte da vida corriqueira cidadina e conta com o apoio da população em geral. Das festividades mais brilhantes do mês de abril, do corrente ano, foi a noite de autógrafos do poeta craterano José Helder França, às 20 horas no moderno restaurante ALGO MAIS, ótimo e atrativo ponto de reunião da sociedade cratense — propriedade do Snr. Antônio Primo de Brito. Os luxuosos salões estavam a cunha do elemento principal da região. Foi presidida pelo Exmo. Prefeito Municipal — Dr. Humberto Macário de Brito. O poeta e o livro foram apresentados ao público pelo prefaciador J. de Figueiredo Filho e o Prof. José Newton Alves de Sousa, autor dos dizeres da orelha da obra que é também esmerado trabalho da EMPRESA GRÁFICA LTDA., da "Fundação Padre Ibiapina", de nossa terra.

As poesias de José Helder França são espontâneas e por isso merecem os c-

plausos de todos. O seu recitativo, ao microfone das duas emissoras locais — Rádio Educadora do Cariri e Rádio Araripe, foi recebido com o máximo de entusiasmo pela numerosa assistência. Teve êle de autografar centenas de volumes para os presentes, ansiosos para conhecer as joias de "ROSA GUEDE".

Após o lançamento houve HORA DE ARTE a cargo do compositor local Correinha, de uma dupla de cantores humoristas: Silvio Peixoto e Carlos Lima Verde Vilar e dos jovens jograis desta cidade Pasargada. Todos êles poderiam figurar em qualquer parte culta do Brasil, sem desmerecê-los. Tudo isso comprova que Crato, no terreno da arte e das letras, marcha aceleradamente para ocupar lugar de proeminência nos meios mais cultos do Nordeste.

A festa do dia 30 de Abril de 1967, no ALGO MAIS foi verdadeiramente impressionante e figura nos principais acontecimentos litero-artísticos do ano.

"SANTA" — ROMANCE DE PEDRO FERREIRA

"SANTA" é romance cearense de uma vida de moça singela, que morava na Ibiapaba. Suas virtudes foram tamanhas que ao morrer, foi aclamada santa pela boca do povo. O romance de Pedro Ferreira, mistura de jornalista e de escritor da Serra Grande, bem conhecido pela sua pena a serviço contínuo de sua região, é vivido naquelas paragens. Descreve amores de jovens diferenciados pelo comportamento oposto de cada um, na sociedade onde viviam. Há episódios de seca, imigração, fuga do homem para meios longínquos e tuac quanto é peculiar à vida trepidante do cearense sertanejo.

Pedro Ferreira fez enredo atrativo e emprega variados termos regionais, a fim de dar sabor de fruta do mato ao seu livro. No fim, dá a significação dos termos e expressões populares, para assim melhor elucidar os leitores. "SANTA" focaliza exatidão, pedaço do Ceará bem característico — a IBIAPABA.

"ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA"

É impossível se fazer HISTÓRIA sem esses beneditinos que se entregam de corpo e alma, à pesquisa minuciosa de nossos arquivos ou noutras fontes, à caça de documentos. É o caso, entre nós, do Padre Antônio Gomes de Araújo, o homem que reconstituiu, sob bases científicas, os fatos principais da complicada história da região do Cariri. Isso ninguém pode apagar, de forma alguma.

Lí, há pouco, célebre polêmica do historiador cratense, residente então, em Belém do Pará, em torno da heroína Bárbara de Alencar, acusada, em jornais pernambucanos pelo escritor Mário Melo. José Carvalho, a fim de defender sua ascendente e figura principal da Revolução de 1817, em Crato, empregou argumentos seguros, baseados na tradição da família e em certos documentos onde se abeberou. Mas tudo aquilo que empregou, baseado mesmo na verdade pura, não foi capaz de destruir, por completo, as calúnias do jornalista Mário Melo, colhidas, igualmente em crônicas daquela época. Pe. Gomes deu o tiro de misericórdia na questão, fulminando-a para sempre, com a descoberta de que quando nasceram os filhos da heroína, tidos como fruto do leito conjugal, conforme a deturpação dos fatos, Bárbara vivia em Caiçara em Exu-Pernambuco e o Padre Miguel Carlos, 5.º vigário da freguesia de Crato, ainda não entrara no Seminário e residia no Jaguaribe, anonimamente.

O Padre Gomes foi também quem melhor investigou os promórdios da Missão do Miranda e ainda hoje, por intermédio de amigos Capuchinhos de Recife e de Lisboa, se preocupa com o assunto.

Na revista da Faculdade de Filosofia do Crato — "HYHYTÉ", com respectiva separata, publicou "ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA" tra-

zendo novas luzes sobre as origens de Crato.

Nesse trabalho, o Padre Gomes faz pesquisa de documentos e estuda o tesouro arqueológico que tem sido encontrado em vários locais de Crato e sua vizinhança.

No início de seu artigo, resume a formação de Crato, em seu limiar, com dados seguros, sorvidos em documentos **exatos** :

"A cidade do Crato nasceu de uma redução ou aldeamento de índios Cariri. Foi **fixamente** erigido nesta margem direita do rio Grangeiro, 1740, (depois de os índios estacionarem, em caráter de aglomerado e provisoriamente à margem direita do vizinho rio do Miranda, em transito para aldear-se regularmente) com saldos dos Jucá, Cariú, Quixeréu, Icosinho (o grupo étnico-linguístico-cultural dos Cariri chegou a contar até 28 tribos) então situados fora do Vale do Cariri, inclusive os Calabaças provavelmente associados no tempo aos INXU da Missão do Senhor Santo Cristo do Brejo do Exu, encosta pernambucana da serra do Araripe. Chegaram eles (1740) ao Vale e a este recôncavo, sucessivamente, desde o saldo dos Cariú, o pioneiro e mais numeroso, o lastro fundador, vindo naquele ano (em 1749 estavam incorporados 5 (cinco) saldos, menos o dos Jucá), até inclusive dos Jucá, em 1760, o último a chegar. O aldeamento legou à nossa cidade, de que foi embrião vigoroso, a Praça da Sé (antes Quadro da Matriz sucessivamente), que em sua configuração quadrada e quase dimensão, era a ocara do mesmo Aldeamento, cujos índios, ainda em 1838 (a quinze anos apenas para a elevação do aglomerado vilarengo à categoria de cidade), constituíam, através de seus descendentes, puros ou mestiços, "a quase totalidade dos habitantes da então vila e hoje a cidade metrópole do Cariri".

MORRE O CONSÓCIO JORNALISTA CELSO GOMES DE MATOS. SEU ÚLTIMO ARTIGO

No dia 12 de Dezembro, no Hospital de S. Francisco de Assis, desta cidade, veio a falecer, o nosso bom companheiro de jornadas, e ótimo colaborador desta revista — Celso Gomes de Matos. Sua morte foi bastante sentida pela roda de amigos, parentes e admiradores. Deixa viúva Dona Lindonora com duas filhas.

Bom jornalista, orador, foi homenageado no Instituto Cultural do Cariri, na Associação de Jornalistas do Interior e na Assembléa Legislativa do Ceará, conforme o ofício abaixo, dirigido ao Presidente do Instituto C. do Cariri:

"Fortaleza, 2 de janeiro de 1967

Exmo. Sr. Presidente do Instituto Cultural do Cariri — Crato.

Levo ao conhecimento de V. S. que a Assembléa Legislativa do Estado, atendendo a requerimento de autoria do Sr. deputado Cincinato Furtado Leite, consignou na ata dos seus trabalhos um voto de pesar pelo falecimento do jornalista Celso Gomes de Matos, digno membro desse Instituto.

Apresento-lhe, no ensejo, cordiais saudações

Deputado Manuel Castro Filho,
Primeiro Secretário".

Antes de partir, de volta para esta cidade, onde morreu poucos dias depois, escreveu Celso, êste último artigo brotado de sua pena, comprovando o seu acendrado amor à terra natal e sob o título—"REGRESSO AO CRATO"

Sirvô-me hoje desta apreciada secção dos municípios para me dirigir a todos vocês, amigos meus do Crato. Aqui estou demorando e não morando como já me perguntaram. A doença que me levou ao hospital daí me tem também levado a espirito alguma preocupação.

Vim a Fortaleza para saber, através de vários exames que já fiz, se um coração velho que ainda me bate no peito ainda conserva o seu ritmo normal.

Mas, amigos, os dias passam, tudo passa e só o meu tratamento não passa. Um dia, dois, três, e hoje, um ano. Agora tudo está esclarecido, posso viver, mas sem trabalhar. Viver de agora por diante vida ociosa, esta nova vida me traz inconformado. Antes desejava ser convocado hoje para servir as hostes eternas do Padre Eterno.

Não sendo um Deus resignado a carregar a sua cruz mas um homem como os outros, estabeleceu-se então no meu espírito uma outra preocupação, uma tragédia, a tragédia Shakespeareana da dúvida, isto é, se já estando aqui devia ficar aqui mesmo ou se devia voltar para o Crato.

Finalmente decidi — vou voltar. Alguém já me perguntou por que tendo eu filhos aqui e quase tãda a família aqui achava que só podia viver no Crato, sendo o mundo tão grande. Sim, concordo. O mundo é grande mas o mundo sem o Crato, não existe.

Quero viver no Crato, no meu sítio, ver o sol nascer ao gorgoio dos pássaros, armando uma rede debaixo das mangueiras, comendo leite das minhas vacas e saboreando a minha quahada, que é a melhor do mundo.

Depois, odeio o bulício das grandes cidades. Não suporto mais viver correndo de uma calçada para outra, um olho cá e outro lá, para não ser esmagado pelos carros.

Está decidido volto sábado.

E tenho pena é que sábado não seja amanhã. Tão logo chegue, irei ocupar o meu modesto lugar de correspondente dos "Associados" no interior.

Volto para a terra onde está enterrado meu pai, bom e honrado sertanejo, do qual vindo do seu sangue, herdei a maior das heranças, esta que a ferrugem do tempo não come nem os ladrões me roubam: um pouco de vergonha na cara.

Comemorações da Revolução de 1817, em Crato

Crato executou programa de comemorações que bem demonstraram nosso acentuado grau de civismo no cultuamento dos heróis e de suas datas históricas. O dia três de Maio do presente ano, sesqui-centenário da adesão da VILA REAL DO CRATO ao movimento independente e de caráter republicano foi relembrado de modo muito significativo. Sacudiu todo o entusiasmo do cratense e, pela primeira vez, houve festividades à altura do grande acontecimento que tanto projetou a nossa terra no futuro.

Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, Instituto Cultural do Cariri Faculdade de Filosofia irmanaram-se para dar brilho àquelas festas que tiveram o condão de despertar o civismo geral da população. Naquêle dia Crato sentiu que seus heróicos antepassados foram os autênticos construtores da grandeza presente de nossa terra. O programa constou do seguinte :

Preparo amplo do dia, através de conferências, palestras, aulas coletivas, propaganda contínua nas emissoras — Rádio Educadora do Cariri e Rádio Araripe. Equipe de sócios do Instituto Cultural ficara encarregada da difusão histórica do acontecimento, nos estabelecimentos de ensino e outras instituições. O convite especial a todos os educandários estêve a cargo do presidente do I. C. C. e do vereador José Valdivino de Brito.

O dia 3 de Maio foi feriado municipal decretado pelo Prefeito Dr. Humberto Macário de Brito. Quarta-feira amanheceu festiva com salva de bombas à praça da Sé, local outrora, quando se chamava QUADRO DA MATRIZ, onde se deram os principais eventos de 1817.

Às oito horas, com a presença de escolares e autoridades, deu-se o hasteamento do Pavilhão Nacional e da Bandeira bi-color de 1817, no Edifício da Prefeitura, ao som do hino nacional, executado pela Banda de Música do Município. Falou logo após, o presidente do I. C. C. — J. de Figueiredo Filho expressando, em linguagem simples para a juventude, o alto significado do dia. No salão da Câmara Municipal foi apostado o retrato ampliado de José Martiniano de Alencar, o proclamador, em Crato, da independência e república a três de Maio, em frente da Matriz. Por determinação do Dr. Humberto Macário de Brito foi o presidente da Câmara de Vereadores quem descerrou a fotografia do herói de 17, mais tarde, estadista do Império. O jornalista João Lindemberg de Aquino pronunciou o discurso de enaltecimento de José Martiniano de Alencar. Às 9 horas, na Rádio Educadora do Cariri, houve concorrida sessão solene dos alunos do Colégio São João Bosco, dirigido pelo seu diretor Prof. José Newton Alves de Sousa e presidida pelo digno Prefeito Municipal.

O solene TE-DEUM, na Sé Catedral, ocorreu, às 18,30, ao encargo do Reverendo Cura da Sé — Monsenhor Rubens Lóssio e cooperação do Padre Manuel Feitosa. A catedral estava solenemente adornada, iluminada e superlotada de fiéis, entre os quais as principais autoridades cidadanas e promotores das festividades. Monsenhor Rubens pronunciou incisivas palavras sobre a data histórica, de tanta repercussão para o futuro de Crato.

A Magna Sessão foi iniciada às 20 horas, no Palácio do Comércio, gentilmente ofertado pelo seu presidente —

Tomás Osterne de Alencar, descendente da família que dirigiu o movimento de 1817, em Crato. Nunca houve festividade cívica mais solenemente comemorada e que tivesse despertado maior entusiasmo. Iniciou-se com palavras do presidente do Instituto Cultural do Cariri, que exigiu por parte da população, administradores, representantes do povo, homenagens mais duradouras para os heróis de 1817, traduzidas em monumento público, conservação da antiga CASA DO SENADO DA CÂMARA de Crato, na esquina da Praça da Sé, com a rua D. Quintino e denominação alusiva à data, de praça central citadina. Logo em seguida, convidou e presidiu o Exmo. Prefeito Dr. Humberto Macário de Brito. Este compôs a mesa, com elementos principais da terra. Com rápidas palavras, abriu os trabalhos convidando o orador oficial da Magna Sessão—Prof. Antônio Levi Epitácio Pereira, do I. C. C. a pronunciar o discurso sobre a data. Foi magnífica a oração cívica daquele intelectual. Será publicada em páginas de "ITAYTERA". Seguiu-se HORA DE ARTE de empolgar a toda a numerosa assistência que não cessou de aplaudir, constantemente. Teve início com exibição dos JOGRAIS do Colégio D. Bosco, com recitativo de poesia patriótica de autoria do Prof. José Newton Alves de Sousa.

O MADRIGAL INTER-COLEGIAL dirigido competentemente pela Profa. Bernadete Esmeraldo Cabral ocupou então

o palco do salão. Já é conhecido, pela sua arte, em capitais adiantadas, o exemplo de Recife e Fortaleza. É uma honra para a cultura artística de nossa terra. Apresentou cinco números ótимальmente executados, entre os quais os hinos do Crato e da Independência. Seguiu-se a leitura da ata escrita pelo jornalista João Lindemberg de Aquino e executada pelo Vice-Prefeito José de Paula Bantim. Encerrou-se aquela reunião, de caráter cívico, com o cantar coletivo do HINO NACIONAL, tendo à frente o excelente conjunto do MADRIGAL. O locutor e animador foi o jornalista Huberto Cabral.

Durante toda a sessão, houve exposição, a cargo de colegas, de bandeiras antigas, presenteadas ao I. C. C. pelo saudoso jornalista Bruno de Menezes, entre as quais, a da Revolução Pernambucana de 1817, ao lado da bandeira atual do Crato, que relembra, em seu escudo, idêntica revolução.

Devemos chamar a atenção para o papel importante da propaganda das Rádio Educadora do Cariri e da Rádio Araripe. O Sr. José Correia, dinâmico gerente da Educadora foi de solicitude enorme, em oferecer aquela potente emissora para transmitir todas as solenidades do dia 3 de Maio, do corrente ano. Salientamos também os trabalhos do secretário da Prefeitura — jornalista Osvaldo Alves de Sousa, do Sr. Ziberto Teles. Todas as solenidades foram inscritas em ATA da Câmara Municipal de Crato.

Tipografia do CARIRI

a única no interior do Estado, que atende na hora.

Rua João Pessoa, 112 — Crato-Ceará

SEMANA DE CULTURA CEARENSE NA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

Comemorando seu sétimo aniversário, a Faculdade de Filosofia do Crato, de grande atuação no meio, organizou programa de comemorações, conforme convite abaixo, apenas com algumas alterações de ordem cronológicas, as quais demonstram a sua benéfica influência cultural e educacional em tôda essa região:

"A direção da Faculdade de Filosofia do Crato tem a honra de convidar-vos para assistir à Semana de Cultura Cearense que se realizará de 8 a 11 do corrente, de acordo com o programa abaixo e como parte integrante dos festejos comemorativos do 7.º aniversário de instalação.

D I A 8

- a) **Planos e metas da Secretaria de Cultura do Ceará** — Professor Raimundo Girão, DD. Secretário de Cultura do Estado.
- b) Lançamento da 3.ª edição de "O CEARÁ", dos Professores Girão e Martins Filho.
- c) Exibição do Madrigal Inter-colegial.

D I A 9

- a) **Panorama da Literatura Cearense** — Escritor Braga Montenegro
- b) Concêrto pela Banda de Música Municipal.

D I A 10

- a) **O papel na Universidade na evolução da Cultura Cearense** — Prof. Luiz Sucupira.
- b) Exposição fotográfica da vida Universitária Cearense.

D I A 11

- a) **O Cariri na Cultura Cearense** — Prof. de Figueiredo Filho
- b) Lançamento de publicações
- c) Festa Folclórica.

N O T A S :

- I — Todos os atos da Semana de Cultura Cearense serão realizadas na Faculdade de Filosofia, iniciando-se, cada noite, às 20,30 horas, pontualmente.
- II — São os seguintes os patrocinadores da Semana da Cultura Cearense :

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO CEARÁ
ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Crato, 5 de maio de 1967

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA
Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato

Oeiras do Piauí

Para o Dr. Petrarca Rocha de Sá

ARTUR PASSOS

— FREGUESIA, VILA, CIDADE
SEDE DO
GOVÊRNO DA PROVINCIA —

Ao zêlo apostólico de D. Frei Francisco de Lima, investido em 1694 no govêrno de uma diocese sem limites, devemos a criação do primeiro distrito espiritual do Piauí.

Este bispo, realmente illustre por muitos títulos e, sem tomar conhecimento da idade e dos achaques, andou mais de trezentas léguas, chegando até ao Brejo da Môcha, pertencente oficialmente ao bispado de Olinda.

Nestas viagens fatigantes ressentiu-se o antístite benemérito do abandono espiritual de seu disperso rebanho, espalhado, aos magotes, num território da extensão desconhecida.

Ao regressar, delegou poderes ao padre Miguel do Couto, veterano de entradas pelo sertão a dentro, de escrever roteiro minucioso dos tugúrios espalhados pelos êrmos e das necessidades mínimas da diocese, especialmente na parte do território do Piauí, trabalho divulgado muito tempo depois pelo historiógrafo Ernesto Ennes e, segundo Barbosa Lima Sobrinho, julgado valioso.

Justificando a lisura do roteiro desenvolvido a seu talante, ponderou o padre cronista: "... pois há quatro anos que ando sempre de viagens, em contínua lide, visitando êstes moradores sem me ficar rio, riacho, fazenda ou parte nomeada neste papel que não tenha visto e andado".

Na época, a fundação de uma paróquia, que era, no momento, a aspiração precípua dos sertanejos, não dependia apenas do poder episcopal. Havia, na Europa, o Conselho Ultramariano e, para o caso, e em última instância, a chancela real.

Enfrentando obstáculos, o prelado escreve ao secretário de estado Roque Monteiro Pain acêrca da paróquia que erigira inicialmente nos confins do sertão, descrevendo o distrito e concluindo a súplica — "pela parte que lhe toca consulte a Sua Majestade, o que lhe parecesse".

Com o voto favorável do procurador da Corôa, o Conselho Ultra Mariano baixou a Resolução que dara por definitiva

a fundação da freguesia na parte do Piauí ligada a diocese de Olinda, em Pernambuco.

“Esta freguesia se cria de novo”, disse o príncipe reinante, “visto o termo feito pelos fregueses de pagarem cóngrua ao pároco e fabricarem a igreja do necessário, e havendo adeante dízimo pelo crescimento dos fregueses e cultura dessas terras, será pago pela Fazenda Real como eles pedem”, trazendo a missiva régia a data de 4 de Fevereiro de 1696.

A capela, segundo o combinado, seria constituída sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória.

Teve assim confirmação a instituição da primeira célula de religião católica entre nós, desmembrada do curato da Senhora da Conceição, à margem do rio São Francisco, ficando incumbido das demais providências o vigário da vara.

Nesta altura surge a preferência do local, prevalecendo, como era do desejo da maioria, certo ponto à beira do riacho da Môcha, farto d'água potável e conveniente aos moradores circunvisinhos, pois ficara em igual distância para as demais aguadas e partes apossadas.

Fixado o local decidiu-se, em documento escrito, que os moradores obrigados a construir, conservar e paramentar a capela de todo o necessário. Comprometeram-se ainda de manter com a igreja da Môcha as mesmas contribuições que até então pagaram à matriz do Rodela, a saber: cada morador dois mil réis e os senhores de fazendas, pela parte de seus negros e fábricas, dez tostões. Mas, como sempre sucede, a contribuição só deveria pesar ou recair sobre o morador, o pequeno sitiante e o agregado, não prevalecendo deste modo a cláusula final — “os donos de fazendas, por seus escravos e empregados de varanda, dez tostões”, o que jamais pagaram.

Realizou-se por fim, com grande assistência e alegria nos corações a cerimônia litúrgica de sagração da Capela, que envolvem a da posse do respectivo cura, o padre Tomé Carvalho da Silva, exatamente no dia 2 de março do ano da graça de 1697, “aqui neste lugar”, diz a parte escrita.

Não tinha o prédio, em miniatura, projetado e construído a expensas dos fieis, mais que 24 palmos de comprimento por 12 de largura; era de taipa e coberto de pindoba.

É um detalhe apenas este das dimensões registradas, porque antes de tudo a ermida solitária era, em sua pequenez e pobreza material, um envolvente simbolo do cristianismo, um ponto distinto de convergência e de preces, despertando dia a dia o sentimento religioso, o amor de Deus e do próximo no

homem rústico e primitivo daquêles tempos, compelindo-o a tirar o chapéu, dobrar o joelho e fazer o sinal da cruz.

* * *

Colhida e festejada a vitória de uma auspiciosa e estável orientação religiosa, congregando os dispersos moradores ligados à nova paróquia, desde logo pensou-se muito a sério na elevação do povoado à categoria de vila. E desde o primeiro instante predominou, com o anseio da elevação, a idéia firme de se não abrir mão da direção oficial do núcleo ambicionado, que por força deveria caber, em caso de êxito, ao homem do meio, com apêgo à terra. O que não seria mais possível era continuar o Piauí, no todo ou em parte, na dependência da Bahia, de Pernambuco, do Maranhão ou do Pará.

Pedia-se apenas um outro símbolo, o do poder temporal — um corpo de tropas para a repressão dos delitos, e a justiça, que então ficara longe demais para ouvir e atender os que por aqui gritavam por garantias e socorro. As alegações tinham o mesmo som, o mesmo número de vibrações — eram uníssonas.

De longe, como ficava, a justiça, era pèssimamente administrada, e da mesma forma os dinheiros públicos.

Os ricos e poderosos eram outros tantos régulos, diziam com fundamento, pois tratavam seus rendeiros e colonos como se fôsem escravos.

Decidiam ter de todos os pleitos e intervinham em todos os negócios, estranhos embora ao seus julgamentos.

Havia ainda e sempre os malsinados casos das questões de terras, de par com o cobiçado impôsto de dízimo, que era arrecadado pelos arrematantes. E como era negócio vantajoso, tendo rendido em 1730 setenta e dois mil cruzados, os candidatos pululavam nos conciliábulos governamentais ora na Bahia, ora em Pernambuco ora, por fim, no Maranhão.

Grita-se a bom gritar pela criação da vila, pela comarca, por oficiais do Conselho; e já pediam, com vibração patriótica, um govêrno provincial independente, o que só foi possível meio século depois, e isso mesmo em parte, apenas com autonomia administrativa.

O pior era que as autoridades de cúpula, os auxiliares graduados, todo o mecanismo burocrático, tudo por força viria de fora, sem apelação ou agravo. Na bruteza dos êrmos os homens dos descobrimentos perdiam o hábito das letras, se as tinham, e até o de falar o vernáculo.

O bispo D. Francisco de Lima, como é notório, para trocar idéias ou dialogar com o sertanista Domingos Jorge Velho necessitou de intérprete!

No caso da súplica do povo da Môcha o interesse, afinal, era recíproco: o faminto ministério do reino via no caso a melhor nutrição do erário; o povo o seu natural anseio de liberdade.

Deram-se as mãos. Instalou-se a vila criando-se, de fato e de direito, o primeiro município do Piauí, sem delimitação de território ou de patrimônio territorial, o que só se concretizou muito mais tarde com a doação à Câmara, em 1736, de três léguas de frente por uma de fundo.

A solenidade de instalação teve lugar a 26 de Dezembro de 1717, na forma e segundo o cerimonial em voga.

Este, para os municipalistas, o acontecimento por excelência — a implantação de uma célula democrática num ambiente social mal delineado, confuso e impreciso, porém com sede e categoria, com senado da Câmara, com todas as características, em teoria, pelo menos, de uma entidade jurídica, de força moral à altura do momento histórico em que se firmou na consciência cívica do povo, que a solicitou e obteve.

Não tendo limites prestabelecidos, podia a nova entidade abrir os braços à vontade entre o sopé de Tabatinga e as alvas dumas do Atlântico. Era um mal, talvez, para o poder nascente, não controlar, num golpe de vista e de mão, um patrimônio ideal, um mundo desconhecido e infestado de mil perigos, onde os assassínios avultavam e rareavam as mortes naturais.

Todavia, para o desenvolvimento da agricultura vieram do Itapirucu e de São Luís algumas famílias, gente honesta e dada ao cultivo da terra, mas vieram também, por mal de nossos pecados, criminosos de além-mar, uma seleção negativa envolvendo trezentos degredados para o impulsionamento, o acréscimo da população, mesmo sem lei e sem Deus.

Avançando em desejos e aspirações, o que é natural e humano, desde então avaliou a Câmara, com os seus conselheiros, a fragilidade dos poderes de que dispunham para a manutenção da ordem, para a garantia da propriedade e o desenvolvimento do progresso em tão vasto território entregue à jurisdição de bisonhas autoridades carecedoras ou carecentes de tudo. Sentiram as necessidades de perto e o vácuo circundante.

O Piauí de 1717, não obstante o aumento progressivo da população, dispondo na sede da vila de serviço religioso regular, de Câmara, de ouvidor com serventuários de justiça, era ainda

um sertão isolado e dominado por índios indômitos. Entre o Gurguéia, que corre por cem léguas quilométricas, e o Parnaíba não havia então nenhum núcleo de povoamento assim ao longo do segundo rio citado, que o gentio dominava até a foz do Canindé, circundando os donos naturais da terra, ao poente, o assustado arraial de Julião Serra.

Vinte e seis anos depois da instalação da vila com luminárias e fogos de vista a Câmara, entre a guerra ininterrupta contra o gentio de corso, o aumento assustador da criminalidade e os litígios amofinantes de sesmeiros e agregados, verificou que o único caminho era representar ao rei, pedindo socorro urgente, como aliás já haviam feito outras entidades.

A mensagem do Conselho ao monarca, a respeito, é digna de louvores: foi escrita em têrmos categóricos, pondo os pontos nos is, como sabiam e podiam fazer os vereadores da época colonial, muito mais fortes e seguros do que os do Império e da República.

Atende el-rei, tardiamente embora, mas atende na medida do solicitado em Provisão de outubro de 1753, fazendo florir nos corações aflitos a fagueira esperança de um breve govêrno autônomo para o Piauí.

Sucessos imprevistos e calamitosos —, o terremoto de novembro de 1755, que destruiu dois têrços da capital portuguesa, matando, em instantes, cêrca de 60 mil pessoas, e, logo depois, a chamada conspiração dos Távoras contra D. José II, em setembro de 1758, envolvendo os Jesuítas —, retardaram a cristalização dos ideais políticos dos piauienses, pois só depois mandou a corte executar o Alvará de 1718, que criou a Capitania do Piauí, separando-a definitivamente da do Maranhão.

Havendo cuidadoso zêlo político na prisão dos Jesuítas e no seqüestro dos vultosos bens de mafrense que geriam e administravam, com real proveito, desde 1711, de logo, por isso mesmo, foi escolhido para o empreendimento, que era a direção da nova Capitania, o jovem sargento-mór João Pereira Caldas, que então servia em Belem do Pará, e isto às pessoas, para atender ao imediatismo da política drástica de Pombal, subindo a vila da Mõcha, com um largo sorriso, ao honroso predicamento da cidade-sede do govêrno provincial, dando-se-lhe, em honra do primeiro ministro de D. José, o sugestivo nome de Oeiras do Piauí.

Pereira Caldas, com o pôsto de coronel de cavalaria, tomar posse e entra nas funções do cargo a 20 de setembro de 1759, precisamente há duzentos e oito anos, nêle permanecendo até 3 de agosto de 1769 (Odilon Nunes — Pesquisas — pag.

164), dando provas abundantes de operosidade e honradez, conseguindo mesmo levantar o espírito cívico do povo alheio, até então, a princípios associativos; revigorou o ânimo dos habitantes dos mais afastados e dispersos núcleos, percorrendo o território da Capitania. Para descentralizar o govêrno criou, e pessoalmente instalou, seis municípios. Fundou um regimento com 600 figuras, fortificando a autoridade constituída com elementos disciplindos e retidão de caráter.

Por cêrca de dez anos preparou João Pereira Caldas o sentimento do povo piauiense para o exato desempenho de seus deveres de patriotismo, pois só assim, anos depois, desarmado, mas consciente, deixar-se-ia massacrar nas margens do Garimpo, fazendo com isso recuar e fugir o inimigo aparentemente vitorioso; que de ânimo firme expulsou o invasor balaio por tôda a linha divisória com o Maranhão e que nos pantanais do Paraguai e as caatingas de Canudos soube honrar os nomes dos nossos lares e a altivez da terra Natal.

João Pereira Caldas, que se destacou à frente do govêrno de outras capitánias e nos quadro do próprio exercito peninsular, entre nós, ao comprido de sua frutuosa gestão teve ensejo de prestar, além dos numerados, muitos outros serviços de pura benemerência deixando, por isso mesmo, honrosa reputação em tôrno do seu nome e de sua gestão.

* * *

Em razão de sua posição topográfica, ocupando área limitada, cercada de morros e serrotes, então sem meios de transporte, sem vias de comunicação, a 180 quilômetros, pelas estradas torcicolosas da época, do pôrto fluvial de São Gonçalo do Amarante, a 360 do local aonde em 1852 instalaram Teresina e a 900 do pôrto marítimo de Amarração, local obtido por permuta, assim insulada, mesmo que detivesse o pináculo do poder tinha fracas possibilidades de desenvolvimento e de progresso.

Desempenhando, todavia, funções meritórias por uma centúria a fio — religiosas, políticas e sociais —, a antiga capital, cérebro e coração da Provincia irradiava, naturalmente, grande influência, tornando-se mesmo um envolvente dever cívico de seus jurisdicionados visitar e reverenciar a povoação lendária ao menos uma vez na vida.

Falando de Oeiras, da velha vila do brejo da Môcha, de larga penetração psicológica na alma simples e coletiva dos de sua alçada; falando da embriagante Meca política do povo pi-

CLUBE DE AMIGOS DO FOLCLORE (CRATO) FESTIVAL FOLCLÓRICO EM BATATEIRA (ITAYTERA)

Na noite de 7 de Maio, realizou-se animado festival folclórico, promoção do Instituto Cultural do Cariri e a cargo do CONJUNTO FOLCLÓRICO DO BATATEIRA, futuro ITAYTERA, com a coadjuvação do REISADO DE SÃO JOSÉ. O festival juntou, naquele próspero bairro cratense, população incalculável. Naquela ocasião no salão da amplificadora A VOZ DO POVO se deu a cerimônia da entrega do trofeu da T. V. do Ceará, ganho pela ótima atuação do CONJUNTO ITAYTERA no Festival de Folclore Cearense. Usou da palavra o presidente do I. C. C. — J. de Figueiredo Filho, portador do trofeu, tecendo hino de exaltação daquele grupo, já conhecido e elogiado em todo o Brasil. Foi o Prefeito Municipal Dr Humberto Macário de Brito quem fez entrega, com palavras de elogio, a JANGADINHA ao vitorioso conjunto cratense, que cada vez mais, em sintonia com outros grupos caririenses, tanto tem sabido elevar o nome do Cariri, no folclore nacional.

Devido a numerosa assistência não pode continuar no recinto da VOZ DO POVO, o festival teve de transferir-se para a praça local, tendo a amplificadora de som da empresa COCA-COLA e FANTA, transmitido todo o programa, no qual se exibiu também trio de amadores do folclore, composto de escritor José Helder França, musicista Correinha, cantor — Carlos Lima Verde Vilar. As cerimônias foram presididas pelo Snr. Prefeito Municipal — Dr. Humberto Macário de Brito. A "jangada" ficou em mãos do Maestro João Bernardo.

Naquela mesma ocasião, deu-se a posse simbólica do recém-fundado CLUBE DE AMIOS DO FOLCLORE (CRATO), constando a sua diretoria dos seguintes elementos :

J. DE FIGUEIREDO FILHO — Presidente
JURANDY TEMOTEO DE SOUSA — Secretário
JOSÉ HELDER FRANÇA — Diretor de Relações Públicas
PROFESSOR EDMILSON FELIX — Tesoureiro
RADIALISTA ELÓI TELES DE MORAIS — Diretor de Divulgação
PEDRO ESMERADO — Coordenador de Conjunto Folclóricos.

auense num larga periodo de sua história, da terra memorável de nossos maiores cinzo-me, neste tecido de reminiscências, à dominadora esfera afetiva, pois êle é, o rincão evocativo, além do mais, o ponto de partida, o capítulo substancial, a página refulgente e pioneira da história do Piauí.

Ê terra, por isso mesmo, para ser amada sem sobrosso; que lutou sem socorro e venceu por si mesma as sombras cerradas e temerosas de 52, em combate obstinado de decênios seguidos, na adversidade, no abandono e na adversidade, no abandono e na tristeza para, afinal, reafirmar-se, rediviva à luz do sol, envolta no respeito eternecido da comunidade dos piauienses.

“A CRIANÇA DO RECIFE E SEUS PROBLEMAS”

A escritora Dulce Chacon é apreciada cronista do JORNAL DO COMÉRCIO, dos mais completos diários do Nordeste Brasileiro. É ela, a única representante feminina na ACADEMIA PERNAMBUCA DE LETRAS, sendo também educadora emérita. Há cerca de três anos, esteve em Crato, onde a Faculdade de Filosofia e o Instituto Cultural do Cariri prestaram-lhe justa e significativa homenagem. Ligada também, por amizade pessoal, à família de Juazeiro do Norte, é agora, em Recife, dos grandes entusiastas do Recife.

Dona Dulce, após sua chegada de proveitosa excursão à Europa, no ano passado, teve a oportunidade de lançar o livro de observação, no mundo infantil de Pernambuco — “A CRIANÇA DO RECIFE E OS SEUS PROBLEMAS”. Contou para isso com a colaboração de boas educadoras recifenses. É trabalho oportuno onde estuda, através da psicologia, problemas importantes do comportamento infantil, no meio escolar.

A educadora recifense analisou, com minúcias, os defeitos adquiridos pela crianças que estudam nos vários educandários da capital pernambucana, sobressaindo-se: Tiques, Momicas, Caretas, Chupas Dedos, Onocofagia, Enurese Noturna. Tudo é baseado na psicologia moderna. A origem de tais e generalizados males têm raízes do desajustamento do lares, desorientados, pela má educação e pela pobreza.

O livro da escritora Dulce Chacon é indispensável tanto às professoras primárias, como às mães de família.

“ DOIS MÚSICOS DE OUTRORA ”

A escritora alagoana Guiomar Alcides de Castro é bastante conhecida, em Crato, onde veio em visita a pessoa de sua família e a lançar livro de Viagens a Europa. É autora de vários e apreciados livros, sendo componente dos quadros efetivos da Academia Alagoana de Letras. Estudiosa, pesquisadora emérita, no ano p. passado, publicou bem feito estudo com o título “DOIS MÚSICOS DE OUTRORA”. Foi editado pelo “ARQUIVO PÚBLICO DE ALAGOAS”, em Maceió. Na nota explicativa, diz o diretor do Arquivo Público — Moacir Medeiros de Santana, entre outras coisas, o seguinte:

“O presente trabalho — “DOIS MÚSICOS DE OUTRORA” — de autoria da escritora Guiomar Alcides de Castro, enfoca em primeiro plano as figuras de dois grandes musicistas que militaram no cenário musical maceioense: Mestre TÔRRES e VALÉRIO DE FARIAS PINHEIRO, constituindo-se uma importante contribuição à história da música em Maceió.

Não é esta, vale adiantar, a primeira vez que a sua autora desincumbe-se, a contento, da difil tarefa de pesquisar e escrever um estudo de caráter histórico, já que no gênero possui publicado, em uma das coleções de nosso Departamento Estadual de Cultura, o livro SÃO MIGUEL DOS CAMPOS (Maceió, 1964).

A escritora Guiomar Alcides de Castro é elemento de prol da intelectualidade feminina do Nordeste.

“NORDESTE - DESOLAÇÃO E DOR”

Francisco Pedro da Silva Neto, sertanejo, ainda moço, inteligente, amante de sua gleba como mais ninguém, publicou pelas Oficinas Mousinho Artefatos de Papel Limitada, Recife o veemente livro “NORDESTE - DESOLAÇÃO E DOR”. Tem o prefácio de J. de Figueiredo Filho. Francisco Neto é Natural de Ouriciri, onde reside a sua preocupação máxima, através de colaboração nos jornais de Pernambuco, é a redenção da terra calcinada do Nordeste. Não pode êle se conformar com o estado atual de coisas no sertão, com as promessas falsas dos políticos, dos legisladores da administração e os problemas vitais a serem adiados. Vejamos trechos do livro:

“Temos tido mais mestres na feitura das leis, do que mesmo em executá-las, contribuindo isso, para que sejamos um povo de eternas crises. Preocupamo-nos mais com as fórmulas, do que com o valor da essência e o conteúdo. A Monarquia passou 67 anos com uma só constituição, enquanto a República ao completar 69 anos de existência, já nos ofereceu, entre as de fato e as de direito, para mais de meia dúzia delas, e, ainda nos pesando novas ameaças.

Devíamos buscar os belos exemplos do povo inglês, preocupado mais em praticar, do que em formular. E o menosprezo de tais princípios, é que estamos, afundando em terreno movediço...”

GRANDE INSTITUIÇÃO DE CRATO — HOSPITAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

A Sociedade Beneficente do Hospital de São Francisco de Assis do Crato, se constitui das mais úteis instituições que funcionam em terras do Cariri. Seu âmbito de benefícios estende-se a ampla zona compreendendo até alguns municípios de estados vizinhos. Em seu vasto edifício funcionam: Hospital Geral, Ambulatório, Serviço de Ampliação, Banco de Sangue, Hospital Infantil Posto de Puericultura, Lactário, Caixa Mortuária, Serviço Religiosos. Todos êsses departamentos dispõem de ótimos médicos e pessoal de enfermagem de primeira, incluindo Irmãs de Caridade. Tem o Hospital de São Francisco como provedor — Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, Diretor Dr. Fábio P. Esmeraldo e vice-diretor Dr. Maurício Monteiro Teles.

Ali funciona igualmente a ASSOCIAÇÃO DAS COOPERADORAS DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E PROTEÇÃO À INFÂNCIA, com a Maternidade de Crato e o Berçário do Menino Deus.

Para se ter idéia real do que se passa dentro daquele edifício monumental, em grande parte modernizado, podendo se considerar dos mais completos hospitais do Nordeste, basta lermos seu relatório de 1966, de autoria do dinâmico e inteligente Provedor — Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira. É escrito com dados seguros e em linguagem acessível. Apenas registraremos, como amostra rápida de seus benefícios alguns dados do movimento do Hospital Geral, colhidos no Relatório:

“Durante o ano de 1966, internaram-se no Hospital São Francisco, 2.142 clientes, sendo 1.017 homens e 1.125 mulheres, distribuídos nas seguintes categorias: Indigentes, 1.016, pequenos contribuintes, 492 e pensionistas, 634. A clínica dominante foi a de cirurgia com 2.168 operações.

O número de óbito atingiu 77 pessoas falecidas, sendo 40 do sexo masculino e 37 do sexo feminino.

AMBULATÓRIO DE SÃO FRANCISCO

Em pavilhão próprio, com salas de pronto socorro, curativos, consultórios médicos e de serviço odontológico, funciona o serviço de atendimento externo. É setor de constante demanda de serviço mormente na classe pobre. O atendimento inclui receita, remédio, curativos e pronto socorro.

S E R V I Ç O S P R E S T A D O S

Atendidos, sem internamento, 14.666, sendo 6.704 homens e 7.962, mulheres. Receitas aviadas, 23.129; curativos, 25.847; Injeções praticadas, 23.317; pequenas intervenções cirúrgicas, 2.949 e serviço de pronto socorro, 1.649.

Serviço Psiquiátrico : — Nos casos de doentes mentais, foram atendidos 312 clientes com aplicação 629 eletro-choques, quase todos em pessoas vindos de municípios vizinhos.

Clínica Odontológica : — Diariamente, há dentistas, de 7 às 11 horas, para atendimento ao público tendo havido, no ano, 2.592 extrações com aplicação de 2.987 anestésias.

Medicamentos : — O serviço hospitalar consumiu importância superior a vinte e cinco milhões de cruzeiros com medicamentos aplicados exclusivamente na indigência, seja em ambulatório, seja com hospitalizados.

M O V I M E N T O F I N A N C E I R O

No ano de 1966, tanto a RECEITA, como a DESPESA do Hospital São Francisco, incluindo-se somente gastos de hospitalização e serviços de ambulatório, importaram respectivamente em Cr- 101.364.187 e Cr- 74.043.025, havendo um superavit de Cr\$ 27.321.162, no encerramento do ano social. O superavit verificado serve de escudo a contas a pagar.

“ L E T R A S D O S E R T ã O ”

Incontestavelmente o interior nordestino começa a despertar. Já não pode viver exclusivamente sob a tutela dos opulentos centros litorâneos, que chamam para si, todo o progresso, em lamentável esquecimento do resto do país.

No Instituto Cultural do Cariri, pugnamos, acima de tudo, pelo soerguimento da mentalidade interiorana. Não nos conformamos em viver eternamente relegados a segundo plano, neste imenso Brasil. Por isso nos sentimos bem em registrar o aparecimento de publicações a exemplo de “LETRAS DO SERTÃO” em Sousa, próspera cidade sertaneja do vizinho Estado da Paraíba. Demonstra a bem feita revista que Sousa é bastante evoluída no terreno cultural, pelas suas variadas e oportunas colaborações. É dirigida por Ana Lúcia Barreto e dispõe de boa equipe de auxiliares, tendo como redação a CASA PAROQUIAL DE BOM JESUS, daquela importante urbe paraibana.

A PROPÓSITO DE UM DOS MAIS EMÉRITOS JURÍSTAS DO PAÍS

(POR JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI)

Dois particulares amigos daqui, nascidos no querido Ceará, mas aqui extremamente radicados, onde desfrutam do melhor conceito, disseram-me que, sem suspeição, poderia discorrer a respeito da vida de Dr. ELIAS DE SIQUEIRA CAVALCANTI, o extraordinário cratense, que aqui fulgurou por oito lustros consecutivos, como um dos mais eméritos advogados e políticos de S. PAULO.

Meus conselheiros foram o Dr. RAYMUNDO PASCOAL BARBOSA e o farmacêutico HAMILTON RIBEIRO, ambos dos verdes mares bravios, onde canta a jandaia.

Já descrito suficientemente por Dr. JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO, primo e amigo querido, ELIAS foi, sem contestação, um homem talhado a grandes realizações.

Evoco meu primeiro contacto com êle, um mês após meu nascimento, quando me levou, na Nave Central da Sé Catedral de CRATO, á pia batismal, em companhia de Sinhara, a saudosa MADRINHA.

Dêsde então, êsse ser que veio à vida para me fazer o bem, estêve em todas as oportunidades de minha existência.

Assumi todos os encargos de minha educação, quando eu ainda era aluno de VICÊNCIA GARRIDO, em CRATO. Forneceu-me tudo de que necessitasse, desde a época de primeiras lêtras, até quando coleí gráu de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Consegui-me a melhor Promotoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, ITAPERUNA, onde iniciei o lado prático da vida forense.

Meu amigo. Meu inolvidável amigo.

Viveu como um grande portento da inteligência, possuindo prodigiosa memória e raro valor.

Lia fluentemente idiomas diversos, que citava, com rara precisão e fidelidade, do que é mostra, cabal, o inextotável manancial de seus arrazoados forenses.

Orador de inigualáveis qualidades, dizia tudo, com absoluta brevidade, sem a mínima preocupação de aparecer.

E nisto, exátamente, residia a sua influência de talismã raro.

Encantava, por sua simplicidade, pela sedução espontânea em que mantinha a quantos dêle se acercavam, buscando-o como jurista-filósofo, como pesquisador profundo, portador de dialética fulgurante.

ELIAS SIQUEIRA, em CRATO, ou Dr. CAVALCANTI, em S. Paulo, êsse o mais amante dos filhos daquêle rincão sagrado, a esboçar um sorriso largo e feliz, por qualquer notícia de sua terra natal, indicando progresso ou felicidade.

Viveu de glória em glória, de ascensão em ascensão, de progresso a progresso, sem uma nódoa, sem um traço duvidoso.

Como JUIZ, PROMOTOR DE JUSTIÇA, ADVOGADO PARTICULAR, ADVOGADO DO ESTADO DE S. PAULO, SECRETÁRIO GERAL DO SENAN, SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, DE S. PAULO, ou SECRETÁRIO MUNICIPAL DA JUSTIÇA, DIRETOR DE UM DOS MAIS CONCEITUADOS ESCRITÓRIOS DE ADVOCACIA, COMO PAI, IRMÃO, ESPÓSO, CUNHADO, PARENTE, AMIGO, sempre foi UM BOM, UM JUSTO, UM DESPRENDIDO, uma estrela de primeira grandeza do CEARÁ, DE PERNAMBUCO, DE BRASÍLIA e do BRASIL.

A facilidade com que redigia coisas diversas, para dois ou três datilógrafos, assombrava a quantos dêle se acercassem.

E o Dr. CLEMENTINO DE SOUSA E CASTRO JÚNIOR, proverbial amigo de ELIAS, dizia, expressando íntima convicção: "Nunca ví coisa igual. Êsse homem cita leis, códigos, doutrina e jurisprudência, de cór"!

Conheci do espasmódico prestígio dêle no interior de S. PAULO, notadamente em MARÍLIA, GARÇA, GALIA ou TUPÁ, até onde se estendia sua extraordinária advocacia, sem falar em cidades próximas, quais SANTOS, CAMPINAS, JUNDIAÍ e S. ROQUE.

ADEMAR DE BARROS sempre se prevaleceu das excelsas qualidades políticas do ELIAS, para altas realizações, em ESTADOS do NORTE, NORDESTE e LESTE, do BRASIL.

Ouví-o até os últimos momentos de vida, com aquela voz nítida, compreensiva, erudita, expondo têmeas editando conceitos, definido atitudes.

Faleceu em 28 de DEZEMBRO de 1966, ás 10,35 da manhã, em seu lar, cercado do confôrto de todos os seus, de sua extraordinária espôsa, DONINHA, das filhas, NIDIA e NEISE, do genro, Dr. RUI, dos irmãos, eu, TEÓFILO, GERALDO, dos cunhados, MANUELITO, ADELINA (minha espôsa) e LUZINETE, viuva de JOSÉ DE CASTRO PAIVA, dos sobrinhos, MARLENE, MARIA LUIZA, JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI FILHO, BELKISS e de uma multidão incalculável de amigos.

Seu sepultamento, no Cemitério de VILA MARIANA, e as missas de 7.º e 30.º dia, foram uma consagração verdadeira, a seus incontestáveis méritos.

O telefône, de RECIFE, chamava a todo instante, com o irmão SIQUEIRINHA pedindo notícias, e os sobrinhos MARCÉLO, MARLENE e MARLÊTE.

Também a querida irmã CILINHA e o SAMPSON, sobrinho, foram incansáveis em confortá-lo.

Eu, TEÓFILO e GERALDO, abraçados, ao lado de EDITH (espôsa do TEÓFILO), ADELINA e ROSA ALBA (espôsa de GERALDO), chorámos copiosamente, ao lado de seu caixão, lamentando, do fundo d'alma, a ausência, naquela hora, dos irmãos SIQUEIRINHA e CILINHA.

Êle comparecia, como o Prof. JOSÉ DE FIGUEIRÊDO já disse, todos os DOMINGOS, inváriavelmente, aqui em casa.

Mal chegava ao portão, éra recebido por todos nós, que o amávamos extremamente.

Almoçava conosco, sempre com normal apetite, apreciando os pratos de nossa terra, feitos, cuidadosamente, por Bia (empregada que viveu, largos anos, em JUÁZEIRO DO NORTE).

Apreciava, sobremaneira, meu filho ZITO e minha filha MARIA LUIZA. Todos em casa, por minha causa, o chamavam de PADRINHO. E isso se deu, sempre, com TEÓFILO e GERALDO, os quais, como irmãos mais novos, seguiram meu exemplo.

ELIAS é insubstituível como diplomata, como amigo, como advogado e parente.

Ninguém o pode esquecer. No FÓRO, onde êle éra conhecido de todos, dos quais foi amigo exemplar, todos indagam de detalhes e minúcias.

Na ORDEM DOS ADVOGADOS, na ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS, na FACULDADE DE DIREITO DO LARGO DE S. FRANCISCO, na CÂMARA DE VEREADORES, na PREFEITURA, no TRIBUNAL DE JUSTIÇA, no TRIBUNAL DE ALÇADA, no TRIBUNAL DE ÉTICA PROFISSIONAL, no TRIBUNAL DE CONTAS, no TRIBUNAL ELEITORAL, sua morte repercutiu, intensamente, sendo ilimitadamente sentida.

ELIAS — caberia mais a outro dizê-lo — foi uma verdadeira glória para CRATO, para o ESTADO DO CEARÁ, e, porque não dizê-lo? — para o próprio BRASIL.

Que DEUS lhe dê o lugar reservado aos justos e bons, aos que aqui, na terra, adimpliram, integralmente, com seu dever.

SÃO PAULO, 27 DE FEVEREIRO DE 1967.

NO DIA 3 DE MAIO DE 1967

Uma revolução será ou não frustrada, não na medida em que tiver conseguido estabelecer um sistema de coisas diverso, mas na medida em que tiver criado no povo a confiança nos ideais por ela defendidos e ensinados. Porque a revolução não é a destruição da ordem constituída, mas a procura da justiça e da igualdade entre os homens numa sociedade determinada. A revolução não tem o sentido de retornos sucessivos que a raiz latina nos sugere, como se fosse uma simples tentativa de transtornar o quadro atual sem planos concebidos para uma situação duradoura. Este sentido poderá ajustar-se aos fenômenos da geometria, da física, da astronomia, da mecânica. Quando visamos a História, porém uma verdadeira revolução consiste numa confissão de fé num programa de restabelecimento da ordem, através de atitudes de coragem que definem os cidadãos no seu ambiente. É uma tomada de consciência dos verdadeiros destinos nacionais, uma defesa violenta mas justa dos mais puros interesses populares, onde o raciocínio freqüentemente decai em benefício do romantismo heróico das criaturas jovens e arrojadas.

A maturidade e a senectude entendem-se melhor com o conformismo, porque a tendência pessimista da humanidade leva os mais velhos a um certo acôrdo com as circunstâncias atuais, porque de certo modo lhes parece que não vale a pena lutar se é muito alto o preço do sacrifício. Daí porque quase sempre é pouco elevada a medida de idade dos que participam com uma presença de luta nos movimentos de rebelião. Igualmente, a revolução exige de seus fiéis uma força de vontade máscula e viril, marcando, pelo menos no passado, a ausência de

mulheres nos movimentos revolucionários, com algumas exceções gloriosas que redimem essa ausência feminina na luta revolucionária com uma ou outra participação decisiva de heroínas e de santas.

A Revolução cujos cento e cinquenta anos o Crato comemora nesta noite de recordações históricas, é um desses movimentos de plena vitalidade cívica em que avulta a personalidade de uma mulher que mesmo numa família caracterizada pelo arrôjo, pela autonomia e pela inteligência, ainda se distingue pela afirmação altaneira de suas decisões e pela inflexibilidade de seus propósitos, arrastando com máscula arrogância a sanha dos dominadores e a prepotência de seus mandatários. Bárbara de Alencar carrega nas rendas dos seus vestidos os destinos de sua raça e na luz de seus olhos esconde os caminhos de sua fortuna. Ela não esmorece o ânimo dos filhos que vão enfrentar de armas na mão os soldados do rei. O amor materno é vencido pelo amor à pátria que pulsa nas suas veias como uma herança. Os Alencar são todos portadores, de um legado para o futuro da terra que começa a nascer para o encontro da liberdade. Pais, filhos, tios, sobrinhos, todos se congregam sob a mesma bandeira, desafiando a polícia lusitana sem medir o tamanho de seus passos nem a altura de suas forças. Há uma identidade de pensamentos e de desejos a comandar a marcha dos revoltosos pelas veredas do Cariri. Do Recife, capital econômica e espiritual destas bandas da Colônia, vêm diretivas e sugestões para o desdobramento do feito. O seminarista José Martiniano de Alencar, formado na escola nacionalista do seminário de Olinda, era o porta-voz autorizado da rebelião pernambucana, afoito e altivo,

ainda na vivência de uma juventude acostumada aos horizontes largos e libertários dos nossos brejos e fazendas, vacilando entre a cruz e a espada, ou chegando a conciliá-las no mistério de seu nativismo, sacrificando no altar da pátria a brandura cristã e a caridade evangélica. A religião viria a seu tempo. Agora era a hora das reivindicações nacionalistas. O Ceará representava-se na hora da libertação através deste pedaço verde onde as fontes e os riachos saúdam no marulho de suas águas a independência esperada.

Nas trilhas enlameadas onde se ouve a melodia triste e monótona dos carreiros, descem agora estranhos personagens de um drama que encheu de lágrimas e de sangue a nossa história, fortalecendo o idealismo nacional e criando o sentimento do nosso valor. Reunem-se cabras, feitores e fazendeiros para ouvir a pregação revolucionária trazida pelos arautos da liberdade. O futuro senador do Império é um orador fluente e sobretudo um feroso idealista que acredita naquilo que prega. Na calma comprometedora dos conciliábulos preliminares ou na violência da linguagem da libertação, vence pela fé depositada nas suas próprias palavras, convence pelo destemor de seus ataques ao domínio estrangeiro e pelas invectivas vibrantes e irresistíveis. Escutam-no. Uns, receosos. Outros, confiantes. Há por todas as gerações os heróis, os covardes e os indecisos. Nem mesmo é fácil distinguir entre a indecisão e o bom senso. Entre a covardia e a moderação. O que fez dizer Voltaire que a pior desgraça dos homens de bem é serem covardes.

Que iria pela cabeça do moço seminarista naquela manhã distante de 3 de maio de 1817? Que sobressaltos e dúvidas teriam entretido os seus sonhos da noite anterior? Que pesadelos teriam levado uma angústia desconhecida e secreta ao seu coração na véspera do dia definitivo? Teria êle

tido pressentimentos lúgubres dos resultados do feito, ou o seu idealismo teria triunfado em todos os instantes até à fronteira amarga da derrota? Ninguém conhece os demônios que se aninham no peito dos heróis. A fortuna dos grandes homens está muitas vezes no segrêdo de suas fraquezas que não foram traídas pela sua palavra. Mas o jovem mensageiro da liberdade é de uma estirpe onde a fortaleza de ânimo é uma constante e a coragem um lugar comum. Sua proclamação do governo revolucionário, feita na claridade solar da manhã de missa — roquete nos ombros e faca presa ao cinto —, ressoa para a posteridade como uma afirmação de bravura e uma confissão de fé nos ideais de liberdade. A coroa portuguesa tinha ouvidos por toda parte. Aquela proclamação significava uma séria opção implicaria numa vitória decisiva ou numa derrota sem remédio. Martiniano de Alencar aceita o repto do destino e assume o grave compromisso de levantar o povo contra o dominador lusitano. Não desdionhcia o desfecho trágico dos movimentos anteriores, de Felipe dos Santos a Tiradentes. A imagem dos inconfindentes, isto é, dos mártires das Minas Gerais, ainda estava bem viva na memória de todos. As prisões, o degredo, a ignôminia, a força onde os poetas da liberdade mineira haviam purificado o sentimento nacional, todo esse quadro hediondo da recente e lastimada tragédia tingia de negro ainda os céus da pátria e constituía o objeto das cogitações de quantos pretendessem seguir-lhes o exemplo glorioso e sofrido. O movimento revolucionário agora desencadeado no cariri cearense, sob a égide do governo provisório do Pernambuco, também poderia ter os seus Silvérios dos Reis. E isso era tanto mais fácil quanto a palavra do religioso rebelde ecoava nas paredes do templo de Nossa Senhora da Penha, e se transmitia pelo valz

afora, do sopé azul da serra do Araripe até os confins dos sítios e brejos. Não havia mais segrêdo e reserva sobre os nomes dos principais representantes da sedição, pois tudo se mostrava às claras como se contassem com uma vitória tranqüila dos seus ideais. E isto quando a coroa portuguesa tinha assento na própria cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e não mais na longínqua Lisboa. Quando a côrte expedia seu ordenamento e seus decretos no próprio território brasileiro, cercado o indeciso D. João VI por uma equipe de áulicos intransigentemente monarquistas e imperialistas. A adesão ao movimento revolucionário do Recife, que ainda não contava dois meses, pois eclodira no dia 6 de março, significava uma opção altamente comprometedora em que se jogava não apenas os bens de fortuna, mas com a própria vida. Classes inteiras, populações em seu conjunto podem sacrificar sua vida pelo seu estômago. Poucos homens porém sacrificam a sua vida por um ideal. Na Revolução Francesa, na Revolução Inglesa, na Revolução Russa, nós vimos a grande massa jogar-se desordenadamente contra os canhões e os mosquetes, conduzidos pela loucura coletiva fabricada pelos últimos degraus da miséria. Era a procura da morte violenta e rápida que os pouparia da morte lenta da fome generalizada. Não foi isso o que se verificou na Revolução de 1817. Aqui nós vemos a aristocracia rural a que nada faltava para o gôzo da vida senão o direito de determinar-se a si própria. Eram famílias inteiras que desfrutavam de fortuna e de posição que arriscavam tudo para rete: um princípio, para realizar a aspiração máxima do homem, esta belíssima ficção que se chama o IDEAL. E nem se diga que se repetiu aqui a crise romântica de Vila Rica, onde poetas suspirosos iluminaram com o seu gênio a mais bela tragédia nacional. No Cariri, como ocorreu no Recife, foi uma

elite de homens práticos, ciosos de suas terras, de suas fazendas, de seus sítios e de seus dobrões, que se congregou conscientemente numa assembléia de notáveis da região, procurando libertar-se do jugo da metrópole. Foram homens práticos, afeitos aos trabalhos do campo, à direção férrea de agregados e feitores, acostumados a missões trabalhosas e sacrifícios, retemperados numa luta diária selecionadora de chefes e líderes. Idealistas de pés fincados no chão áspero e exigente, tinham os nossos uma tradição de pioneirismo sertanejo que explica o idealismo másculo que animou o movimento insurgente e preparou a província para ações posteriores até a Independência definitiva. E esta foi a grande vitória dos vencidos: preparar as populações para a libertação. Fazer da palavra liberdade um refrão constante. Criar não apenas um desejo persistente de liberdade, mas uma confiança segura de que ela estava próxima. Acreditar na própria força, conhecer o próprio valor, medir o próprio tamanho. A Revolução de 1817 foi uma preparação, uma tomada de consciência. Não foi um movimento abortado ou solitário. Foi um episódio no extenso drama da autonomia e da emancipação. E em que pese as defecções supervenientes ao fracasso material dos rebeldes, o medo, a apostasia e a abjuração, comuns em toda parte nessas horas de afirmação, saíram da revolução carirriense de 1817, na inteireza de seu caráter e de seu heroísmo, nomes como os de Bárbara Pereira de Alencar, José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves Pereira de Alencar — mãe e filhos — que engrandecem a panteão nacional.

Ao revivermos nesta noite tranqüila os dias tumultuosos de 1817, devemos alegrar-nos de poder situar esta pequena ilha verde do Ceará entre os rincões brasileiros que melhor lutaram pela liberdade, exaltando a tradição de uma família

que se sobrepôs pela inteligência e pela coragem à multidão dos indiferentes e dos espectadores.

A história tem sido um drama em que cada espectador procura o melhor camarote para o espetáculo da vida, julgando sempre estreito o ângulo que consegue dominar para sua visão e esmagando sem piedade aqueles que são seus próximos e que deveria reconhecer como irmãos. Realçar nessa luta a figura daqueles que tiveram a coragem de sacrificar-se por um ideal comum é um dever dos que conseguiram um assento para o espetáculo sem pagar o preço da entrada. Em que pese a opinião de Oscar Wilde nos seus aforismos e paradoxos, ainda é mais difícil fazer História do que escrevê-la. O que fazemos agora é justamente realçar a figura daqueles que continuaram a história caririense começada pelos descobridores, pioneiros da nossa liberdade. Figuras que avultam na perspectiva do tempo, eternizadas nos nomes que se multiplicam pelas gerações seguintes, celebradas na memória da posteridade que engrandeceram e enriqueceram com um patrimônio moral e cívico que poucos souberam construir e conservar.

A liberdade não é um luxo, como ensinava Bismarck. É antes a própria marca divina da humanidade, a linha divisória que determina a presença do homem a fitar o resto da natureza.

Nada nos separa tanto dos brutos como a consciência de que é possível traçar o próprio caminho, desafiar todos os poderes da terra e dos céus por um simples ato interior da vontade, revoltar-se contra a própria ordem constituída e investir contra os designios dos próprios deuses.

Nada se pode comparar a esta força interior que nos ilumina nas fronteiras do Bem e do Mal, enlarguendo as nossas perspectivas para a eternidade e iluminando os nossos caminhos para o Criador.

Cervantes, o mestre das letras de Espanha, com longo e penoso aprendizado nos cárceres da Argélia mourisca, põe na boca de seu personagem estas palavras que preferimos copiar na doçura castelhana de sua linguagem:

"La libertad, Sancho, es uno de los más preciosos dones que a los hombres dieron los cielos; con ella no pueden igualarse los tesoros que encierra la tierra, ni el mar encubre; por la libertad, así como por la honra, se puede aventurar la vida; y por el contrario el cautiverio es el mayor mal que puede venir a los hombres".

Este o sentimento que animava os mártires da revolução de 1817, aqueles que se deixaram arrastar pelos ergástulos da Colônia, presos, chicoteados e fuzilados pelos prepostos da coroa. Todos eles acreditavam também que o cativo era o maior mal que poderia destruir a felicidade dos homens.

Já havia dez anos que os sentimentos nacionais agitavam os espíritos mais lúcidos e destemidos do Cariri. Assim é que em 1810, documento de última vontade firmado pelo separatista Manoel de Arruda Câmara designava Bárbara de Alencar como heróina, porque, conhecendo-a e aos filhos, sabia-os devotados à causa nobre da libertação. Havia sem dúvida um trabalho de doutrinação e preparação de idéias a serem executadas quando se anunciasse um movimento do porte do que se verificou em 1817. E tão profundo era o sentimento nativista dos revolucionários, que vamos encontrar mais tarde no juramento dos chefes da "República do Equador", tristemente fracassada, expressões como estas: "Juro fazer crua guerra ao despotismo imperial, que tende usurpar os nossos direitos, escravizar-nos e obrigar-nos a fazer união com Portugal, a qual jamais admitiremos por nenhum título que seja". Isto não era apenas parte

de um ato a ser repetido oficialmente pelos representantes da insurreição contra os últimos resquícios do domínio português. Significava muito mais, porque era a expressão de um sentimento interior purificado no sacrifício de toda uma vida de devotamento à liberdade, como a de Tristão Gonçalves de Alencar e seus companheiros mais íntimos "pro Patria et veritate". Não eram palavras calcadas na frieza de um raciocínio calculado, mas um grito que ecoava nas mais recônditas paredes de sua alma revolucionária.

Bárbara de Alencar e seus dois filhos José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, revolucionários da primeira hora, mereceram da posteridade bem mais do que

lhes foi oferecido nestes cento e cinquenta anos de quase silêncio e esquecimento. Nesta cidade, pobre de monumentos públicos, ainda não lhes foi elevada no bronze a perpetuação consagrada de sua memória. Esperemos mais meio século. Talvez ao ensejo do segundo centenário da Revolução de 1817 descubra o Crato o véu anunciador do monumento que eternize na mais bela de suas praças, como símbolo de uma tradição de lutas pelo autodomínio, aqueles que dinamizaram o processo de nossa libertação.

Por ora, temos, pelo menos em manifestações como esta, a garantia de que nossa lembrança será constante na revivescência de uma tradição de fidelidade ao passado dos nossos maiores.

Memorável Discurso pronunciado pelo sócio fundador do I. C. C. — Prof. Antônio Levi Epitácio Pereira na sessão magna em comemoração ao sesqui-centenário da REVOLUÇÃO DE 1817, em Crato, no Palácio do Comércio desta cidade.

NOVO REITOR DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ

Desde o dia 25 de Fevereiro que se encontra à frente da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, outro ilustre cariense — o Magnífico Reitor Fernando Leite. É vulto de valor no magistério, das letras e da medicina no Ceará. Fêz seu curso secundário no antigo Colégio Diocesano do Crato, quando funcionava no edifício do Seminário de São José. Foi honra merecida para a nossa região que deu também o primeiro reitor e fundador — o dinâmico Antônio Martins Filho.

Crato esteve presente na posse do Magnífico Reitor Fernando Leite, na pessoa do Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia, desta cidade.

"O MUNDO ENSINA MELHOR"

A editora "A FORTALEZA", publicou, em 1966, o livro de crônicas leves do escritor cearense MÁRIO LANDIM. É muito conhecido na imprensa do Ceará, pelas suas produções atualíssimas, sempre lidas por todos. É professor da Congregação Religiosa dos Maristas e ora reside em Recife, no magistério daquela Congregação que se dedica, de corpo e alma, à educação da juventude. O prefácio do livro é do deputado Padre Antônio Vieira que o termina assim:

"Mário Landim é hoje um dos bons quituteiros da imprensa cearense. Seus pratos são bem gostosos e apreciados. Ao seu restaurante aportam constantemente muitos comensais. E quem prova dos seus pratos, fica repetindo.

— Alô garção!... me traz aí "O MUNDO ENSINA MELHOR".

CARIRI

O

GRANDE

CENTRO

DE

FOLCLORE

DO

NORDESTE

Em janeiro de 1964, saía eu do Rio com destino ao Cariri Cearense. Viajava de ônibus e tinha como finalidade estudar na terra alencarina, alguns aspectos de sua etnografia e de seu folclore. Ao cabo de quatro dias de uma viagem, que por si só, valeu como pesquisa, chegava a Crato, o grande coração da terra caririense.

Levara comigo a indicação de um nome: o do professor José de Figueiredo Filho, profundo conhecedor da cultura popular da região.

Imediatamente pus-me à sua procura para assim iniciar os meus trabalhos. Achei-o com facilidade e sua solicitude e simpatia, manifestados logo ao primeiro contato, marcaram o princípio de sólida e estreita amizade, que conserve até hoje.

Graças aos seus esforços, foram proveitosíssimos os resultados de minhas pesquisas, e assim, posso trazer à luz nesta oportunidade, o apanhado geral do que estudei no dadioso Cariri.

A título de esclarecimento, vale aqui dizer que o material inserido nestas páginas, foi focalizado pelo professor Figueirêdo Filho e por mim, numa conferência que fizemos na Casa do Ceará, no Rio de Janeiro, em agosto de 1964.

A Rádio Ministério da Educação, através de Estampas Brasileiras, dirigido pelo musicólogo Aluizio de Alencar Pinto, interessou-se por este mesmo acervo e chegou a preparar um programa onde fosse exibida toda esta riqueza folclórica caririense. Entretanto, por motivos alheios à minha vontade, o programa nunca foi levado ao ar e já vão três anos.

Para que todo este trabalho não se perdesse, resolvi então dedicá-lo à Itaytera, este dinâmico órgão do Instituto Cultural do Cariri.

O Cariri Cearense, também chamado Vale dos Cariris Novos, é a região situada ao sul do Estado do Ceará, região esta, que por suas condições de

solô e clima, diferentes de tôdo o resto do Estado, transformou-se no verdadeiro oasis cearense, onde a cultura da cana de açúcar e o conseqüente fabrico de rapadura e aguardente, as culturas da mandioca, do algodão, do milho, do piqui, do buriti, e muitas outras, fizeram daquelas plagas, o autêntico coração do Ceará. Ali estão as mais vivas tradições alencarinhas. Dalí partiram os grandes movimentos e as grandes figuras históricas da terra de Iracema. Sua capital é o Crato, e mais desseis importantes Municípios, compõe o seu quadro administrativo.

De há muito ouvia falar naqueles rincões e em seu potencial etnográfico. Porém somente em 1963, quando tomei conhecimento da brilhante atuação dos representantes do Cariri no V Congresso de Folclore, realizado em Fortaleza, e posteriormente quando travei contato direto com a Banda Cabaçal do Crato que esteve aqui no Rio durante a semana do folclore em agosto de 1963, é que passei a considerar com especial carinho a possibilidade de um giro por aquêles vales e pés de serra.

Uma vêz lá, procurei concentrar as minhas pesquisas nos pontos nevrálgicos da região para onde convergem os tipos característicos daquela zona sertaneja e onde estão radicados os melhores e mais variados folguedos populares. Êstes pontos foram justamente Crato e Juazeiro.

Passo agora a palavra ao coração, que aproveita esta oportunidade para agradecer a simpatia e a amizade sincera do professor José de Figueirêdo Filho sem o qual dificilmente teria penetrado nos segrêdos da cultura popular local.

José de Figueirêdo Filho ou melhor seu Zé Figueirêdo, para os mais íntimos, é um cratense autêntico, apaixonado por sua terra, sensível ás suas tradições históricas e populares. Professor, historiador, jornalista, etnólogo, fol-

clorista, é o Figueirêdo um patrimônio da terra. Fundou há treze anos o Instituto Cultural do Cariri, que preside até hoje, mantendo rigorosamente em dia a sua Revista, a já internacional Itayera.

Foi justamente êste homem incansável, apesar dos anos, que tomou-me pelo braço desde a primeira hora e não obstante as prescrições médicas, que o cerceiam deveras, levou-me ao Sítio de São José do Pau Sêco para assistir a reisado, ao Alto do Seminário para as funções do maneiro pau, do côco e do zabumba, às casas das rendeiras e das famosas senhoras que fazem milagres na arte do papel recortado. Quando não podia me acompanhar, não falhava nos indicações sempre felizes e objetivas.

É com razão, que o povo local já o imortalizou na seguinte quadrinha bastante espirituosa :

**"Seu Zé Figueiredo
É home de valô
Só num foi eleito
Porque não se candidatô".**

Sem mais delongas, passo agora a apresentação de alguns aspectos da versatil cultura popular caririense.

BANDA CABAÇAL

Banda Cabaçal, também conhecida por Banda de Couro, é um conjunto musical composto de caixas e zabumbas rústicos e pífaros, chamados vulgamente de pifes, que são sempre dois, por isto que determinados pelo povo de casal de pifes. São flautas primitivas, feitas de taboca, espécie de bambú, bastante encontrada naquêles brejos. Estas bandas, que existem em grande quantidade por aquêles sertões, são as animadoras não só dos bailes populares, mas também das festas de Igreja e das funções do reisado,

acompanhando principalmente as lutas de espada.

É fato bastante curioso que tem intrigado os pesquisadores do assunto, o porquê do nome cabaçal dado a estes conjuntos musicais. Na verdade, dêles não participam cabaças, não havendo razão pois para esta denominação. Ocorre entretanto, que um estudioso da matéria, deu uma interpretação até certo ponto aceitável. Diz êle que o nome talvez tenha advindo do habito dos instrumentistas ao cabo de suas apresentações, usarem para recolher o dinheiro da assistência, não o clássico pires mas cabaças. De qualquer forma, neste caso, não teríamos cabaças e sim cuias.

A B O I O

O aboio, classificado como um canto de trabalho, é o meio pelo qual o vaqueiro reúne e tange o gado, nas vastas pastagens nordestinas e mesmo brasileiras. É um cantar plangente, triste, verdadeiro canticão. Uma toada onomatopaica, em que o boeiro procura via de regra imitar o mugido do gado. E, é de se notar, a influência de tais cânticos no ânimo de touros, vacas, novilhos e bezerras, que se aproximam cabisbaixos, submissos, com olhar lânguido e doce, como a reconhecer no homem, um semelhante seu.

Êste, é o abôio no seu sentido estrito, considerado pelos velhos estudiosos do assunto no seu sentido monossilábico. Ocorre, entretanto, que o vaqueiro costuma entremear tais solfas, com versos rimados e cantados, nos quais louva e recorda seus amôres, sua terra, as belezas naturais, o próprio gado enfim. Êste característico, que demonstra a verve e o espírito criador do vaqueiro, de mistura com o canto onomatopaico, é que leva os modernos pesquisadores a tomar essas duas partes aparentemente distintas, em sentido global. Temos então o aboio *latuensu*.

Quem primeiro chamou a atenção para êste aspecto, foi o professor José de Figueirêdo Filho, que através de sua monumental obra, *O Folclore no Cariri*, rompeu com as velhas teorias e provou sobejamente a existência do aboio em versos no Ceará e em parte da Paraíba. Em Crato, fêz êle excelente pesquisa quando travou conhecimento com o cego Birrão, talvez um dos maiores aboiadores que o sertão já conheceu.

Birrão, é realmente uma curiosidade caririense. Morador num sítio algumas léguas afastado do Crato, completamente cego, Birrão trabalha em couro, com uma perfeição extraordinária, fazendo arreios, gibões, botas, embornais, etc. Monta a cavalo, aparta gado, laça boi e até caça. Mas a arte suprema deste prodígio, é o aboio puro e simples e o aboio em versos, que faz com uma arte e um sentimento tôdo especiais. Os seus improvisos, entremeados com perfeitos mugidos, catalizam a atenção dos feirantes do Crato.

Por ocasião da Décima Primeira Feira Centro Nordestina de Gado e Produtos Derivados, realizada em Crato, no período dos festejos de seu bi-centenário, tive oportunidade de gravar aboios de vaqueiros de seis Estados do Nordeste e tôdos êles usaram e abusaram de sua verve poética. Percebi então que o mestre Figueiredo tinha sobejamente comprovada a sua pesquisa e em dimensões muito maiores. Verifiquei que o aboio em versos não era um privilégio do Ceará e de parte da Paraíba, mas um fenômeno comum a tôdo o Nordeste Brasileiro.

É de se frisar ainda, que os grandes aboiadores quando se reúnem nas exposições de gado, costumam fazer desafios. Mas dêles não participam qualquer tipo de instrumento.

O aboio é ainda usado no Cariri, dentro das funções do reisado, ou para reunir os brincantes, ou dentro do auto do bumba meu boi, quando os vaqueiros vão buscar o boi, para trazê-lo ao palco.

REISADO

O reisado, é folguêdo da época natalina e é bastante encontrado em todo o nordeste com pequenas variantes de região para região. Tomado em seu conteúdo, trata-se de uma brincadeira de características quasi uniformes, pois que gerada pela mistura de culturas que as tradições dos elementos étnicos que povoaram aquelas paragens, legaram. No reisado, encontramos partes de outros religiosos dos quais se serviam os padres catequistas, para educar e divertir o elemento autoctone. A par disto, é de se notar a frequência das rezas, das louvações dos santos, das menções aos Reis Magos, à Virgem Maria e a Jesus Cristo. Vêz que outra surgem trechos de livros, que ficaram marcados na mente nordestina, tais como Carlos Magno e os Dez Pares de França, História da Imperatriz Porcina, etc. Seguem-se as louvações aos presentes, às pessoas gradas, aos políticos, à natureza e aos amôres. E não falemos do auto do bumba meu boi, onde desfilam os bichos, os fantasmas, as criações até certo ponto estranhas e sempre inteligentes e oportunas, da alma cabocla. Nêste ponto, desenvolve-se a sátira, a verve, a graça do homem nordestino.

O reisado no Cariri, é sem dúvida imensamente rico da fragmentada cultura popular da região e oferece aspectos interessantes para os estudiosos do assunto. Estive com o meu cicerone, na tarde de 7 de janeiro de 1964, no grande reduto do folguêdo no Crato, que é o Sítio São José do Pau Sêco, onde há vários anos, Mestre Dedé Luna agricultor e negociante de farinha na feira, vem reunindo elementos das circunvisinhanças para apresentar o reisado em tôdo o seu esplendor. Os partícipes chamados na localidade de figurins, são pois homens do campo, agricultores tôdos, completamente despidos de qualquer interesse capaz de

adulterar a manifestação folclórica, ou mesmo lhe roubar a autenticidade. Brincam por prazer e por tradição, não se juntam a palcos nem a tempo marcado, não dispensam a cachacinha e felizmente nunca ouviram falar em turismo.

Conta o reisado de São José com aproximadamente dezenove figuras centrais, assim distribuídas: dois mateus, que são os palhaços, uma lica, que representa a megera, um tocador de viola, um mestre que comanda a brincadeira, um contra mestre, o rei, às vêzes uma rainha, dois embaixadores e dez figurantes, elementos que fazem parte do côro e de várias danças.

A indumentária de um modo geral, consta de saiotos e blusas vermelhas, capas azuis cobertas de várias côres e espelhos. Na cabeça, usam capacêtes de papelão em côres vivas, onde rebrilha bôa quantidade de espelhos. O rei, traz uma corôa de papelão dourado e os mateus, usam um traje preto, com máscaras, óculos escuros, rosários e objetos os mais estranhos.

É o baião, o tipo de música mais tocado e dançado no folguêdo em estudo. Seguem-lhe a marcha e a valsa. A música do baião tem bastante influência portuguesa tendo chegado até o Cariri, através da Bahia. A dança, é tipicamente indígena. A viola e a sanfona, são os instrumentos típicos do reisado caririense. Acompanhando as lutas de espadas, travadas pelo Mestre, Contra Mestre, Mateus e Embaixadores, lutas que têm sua origem na crônica medieval, surge a Banda Cabaçal, de que já falei. As brigas de facas, são acompanhados pelos fabulosos solos de pife. Na oportunidade registei o baião da tesoura, num precioso solo do tosco instrumento.

A apresentação do reisado, obedece a um roteiro, que é mais ou menos o seguinte:

- 1.º Reunião dos brincantes, feita através de aboios.

- 2.º Pedido de abertura da porta da casa, onde terá lugar a representação.

Uma vez reunidos, dirigem-se os figurins à porta da casa escolhida para a representação daquela noite e ali o Mestre pede aos Mateus que façam uma reza forte, para que a porta se abra. Os Mateus, procuram fugir com este encargo, mas o Mestre os fustiga com a espada e eles embora fazendo orações erradas, grotescas e irreverentes acabam por acertar. Tive a felicidade de gravar uma dessas rezas, que aqui transcrevo :

Antônio tava um dia na quinta
Ouvindo uma discussão
Arroxô o cinturão
Butô a faca na cinta
Gritô pela veia Jacinta
Que lá vinha no caminho
Passô pelo veio Agostinho
Que vinha trocando o bigode
Arreda que tú num pode
Eu abro a porta sozinho

A porta acaba então por ser aberta pelo dono da casa, previamente avisado da visita dos brincantes e com a entrada dos figurins na sala do altar, tem início a terceira parte.

- 3.º Auto religioso deante da lapinha ou presépio, rezando e cantando recitativos rimados.
- 4.º Improvisos de caráter profano sobre assuntos gerais, ou sejam, política, safras, gado, personalidades presentes.
- 5.º Entrada dos vários bichos e figuras, que compõem o auto do Bumba meu Boi. Talvez seja este o ponto central do folguedo. Os próprios figurins, tomam as vestimentas, as formas e as características dos bichos e figuras em questão e, ao som da viola e do comendo rimado do Mestre fazem as mais perfeitas caracterizações daquilo que representam. É sem

dúvida um dos espetáculos mais completos e ricos do teatro popular, onde os excepcionais artistas anônimos chegam a minúcias e detalhes espantosos.

Entram pela ordem : o Jaraguá, o Boi, a Burrinha, o Cangaceiro e o Soldado, o Cão e a Alma, São Miguel, a Doida, as Sereias, Anastácio, Pai Tomé, Guriabá e o Sapo.

6.º Despedida.

A título de ilustração, transcrevo aqui uma passagem da apresentação do boi que merece ser vista com especial carinho pelo que seguirá adiante :

Pastorinha ô mana
Pastorinha ô mana
Que andais fazendo
Que andais fazendo
Pastorando o gado
Pastorando o gado
Que andais comendo
Que andais comendo

Silvio Romero, á pag. 26 de seu livro Cantos Populares do Brasil, edição de 1897,, faz referência à Pastorinha, que recolheu em Sergipe, cujos versos até certo ponto lembram os supra transcritos, numa autêntica demonstração da interpretação dos folguedos populares do Nordeste. São estes os versos :

Bela Pastorinha
Que fazeis aqui
Pastorando o gado
Que eu aqui perdi.

MANEIRO PAU

O Maneiro Pau, impropriamente denominado Mineiro Pau, é folguedo encontrado em várias regiões do país, não sendo um privilégio do Nordeste. Aqui mesmo no Estado do Rio e na Guanabara, existem alguns grupos espontâneos, que se reúnem para pôr em exercício suas habilidades no manejo do Jucá.

No Crato, João Bernardo, natural do lugar e morador no Alto do Seminário, à rua Dr. Manoel n.º 5, é o Mestre do Maneiro Pau. Mantém dez discípulos, como êle chama os seus parceiros, que se apresentam em trajes comuns à classe social a que pertencem, usando apenas de especial, alpercatas, chapéus de palha quebrados à moda cangaceiro, onde são pintadas estrêlas, as iniciais dos brincantes e o número da ordem. No pescoço, trazem um lenço vermelho.

Na mão leva cada brincante um bastão de pau ferro, que se chama jucá. Tem mais ou menos cinquenta centímetros de comprimento. Os discipu-

los formam uma roda, ficando o mestre no centro da mesma comandando o brinquedo, através de seus improvisos, que são entremeados com o estribilho cantado pela roda.

Enquanto cantam, vão as figuras fazendo voltas sôbre sí mesmas e nestas evoluções, batem os jucás uns nos outros, marcando com os mesmos, o ritmo das toadas. Os jucás, são seguros ou numa das extremidades ou pelas duas e são geralmente conduzidos e manejados à altura das cabeças dos brincantes.

Não há instrumentos musicais no folguedo.

Agora algumas rimas :

- MESTRE : — PAU PEREIRA, PAU PEREIRA
PAU DA MINHA OPINIÃO
C Ô R O : — TÔDO PAU FLORA E CAI
SÓ O PAU PEREIRA NÃO
MESTRE : — NAS AGUA DO CARIRI
ENCONTRA TUDO QUE CAÇÁ
C Ô R O : — TÔDO PAU FLORA E CAI
SÓ O PAU PEREIRA NÃO
MESTRE : — EU ME LEMBREI DA FORTALEZA
AQUELA NOSSA CAPITÁ
C Ô R O : — TÔDO PAU FLORA E CAI
SÓ O PAU PEREIRA NÃO

Outra modalidade :

- MESTRE : — TA TA TA MINEIRO CHINA
AI EU NASCI DE SETE MÊSES
C Ô R O : — TA TA TA MINEIRO CHINA
MESTRE : — EU FUI CRIADO SEM MAMÁ
C Ô R O : — TA TA TA MINEIRO CHINA
MESTRE : — EU BEBI LEITE DE BOM GADO
C Ô R O : — TA TA TA MINEIRO CHINA
MESTRE : — NA PORTERA DO CURRÁ
C Ô R O : — TA TA TA MINEIRO CHINA
MESTRE : — AI O MEU NOME É JOÃO BERNARDO
C Ô R O : — TA TA TA MINEIRO CHINA
MESTRE : — AI NASCI PARA BRINCÁ
C Ô R O : — TA TA TA MINEIRO CHINA
MESTRE : — AI JÔGO DE MANEIRO PAU
C Ô R O : — TA TA TA MINEIRO CHINA

Interessante notar, que os próprios participante do folguedo, em seus versos misturam mineiro com maneiro.

Os brincantes, além da batida normal de um pau no outro, fazem extravagantes exibições, tais como : batem

com o cacêto no chão entre uma batida e outra nos jucás dos companheiros; jogam o pau para o alto, entre as batidas normais. Procuram com isto demonstrar destreza e agilidade.

Um incidente anormal, não me passou desaparecido. Disse, que do folgado não constam instrumentos musicais. Entretanto, em dado momento da apresentação, mestre João Bernardo, passou a marcar as toadas, no centro da roda, valendo-se de um pandeiro. Nesta altura, um dos brincantes começou a improvisar, enquanto que o mestre e os demais companheiros ficaram apenas no estribilho. Verdaderamente não sei se o fato é autêntico e se já se tornou corriqueiro na região. Também não consegui averiguar se na continuidade da brincadeira, a improvisação por parte de cada brincante se torna obrigatória.

C Ô C O S

Ainda no terreiro da casa de João Bernardo, tive a oportunidade de registrar algumas variedades de Côco, que eles, exímio tirador de emboladas apresentou, contando com a participação de seus companheiros de Maneiro Pau. Na

ocasião foram exibidos números de Travessão ou Mourão, Roda de Pisada, Roda de Palma e Roda Valsada.

T R A V E S S Ã O

O Côco Travessão, também conhecido por Côco Mourão, é dançado não em roda, mas obedecendo à filas paralelas que invertem suas posições durante a execução da dança. Daí o nome travessão. Em verdade as filas se atravessam, se cruzam, ao passarem os figurantes de uma para o lugar da outra e vice versa. O Mestre, fica de parte, marcando o ritmo no pandeiro enquanto improvisam emboladas, que são palavras de sons idênticos ou semelhantes ditas com rapidez. A boa qualidade do coquista embolador, está justamente na arte de pronunciar êsses vocábulos sem tropeços ou êrros. O primeiro verso da embolada é usado pelo mestre para dar entrada à função. A última palavra desta primeira linha, é o estribilho repetido com frequência pelos brincantes. Êste estribilho, costuma dar nome ao côco. O ritmo, não só é marcado pelo pandeiro do Mestre como também pelo sapateado das filas em movimento e evolução.

Vejam algumas emboladas :

DOLOF DOF DOLICUM DOLI DOLOF Ô MULHÉ

As duas últimas palavras são ditas pelo côco, vale pois como estribilho. O resto corre por conta do mestre. Outro exemplo :

MESTRE : — ENGOLE GANGA GIG LING LING LING
 ENGOLE GANG GIG LING LING LÔ
C Ô R O : — PAPAGAIO

R O D A D E P I S A D A

É um tipo de côco dançado m rodas, girando em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Os brincantes se apresentam aos pares ou de homens e mulheres ou de homens e homens, quando há falta de damas. De mãos dadas, batem inicialmente de leve com

os pés no chão, ao tempo em que o Mestre sem tocar no pandeiro, puxa toadas lentas acompanhadas do estribilho cantado pelos demais. De repente o Mestre mete a embolada, ao som do pandeiro e os pares sapateiam com fôixa fazendo movimentos coreográficos onde entram, a espontaneidade e a arte de cada um.

MESTRE : — MANGABEIRA PARA O PIRE PIA O PINTO E MIA O GATO
E RODA O PIRE E PINGA A BICA PARA O PRATO

MESTRE : — VOU DE FORNAIA A DENTRO
ACENDÊ O MEU CIGARRO
DO FÔGO SARTO NA BRAZA
DA BRAZA SARTO NO FÔGO
DO FÔGO SARTO NA PIPA
DA PIPA SARTO NA BICA
DA BICA SARTO NA PONGA (pássaro)
DA PONGA VORTO PRA PIPA
E É PIPA, CARACA E PONGA

MESTRE : — Ô MUIÉ, BUCHECHA E BUCHA
BUCHO E BUCHECHA EMBUCHADA
TIRE SÊBO DA BUCHECHA, TEMPERE A PANELADA

RODA DE PALMA

É um tipo de côco mais lento, onde não há a embolada do Mestre, sendo esta substituída por improvisos dolentes.

Os pares brincam em roda nas mesmas condições do tipo anteriormente descrito, sendo que os movimentos não têm maior riqueza coreográfica. Limitam-se os brincantes a repetir o seguinte estribilho:

PALMA, PALMA, PALMA, (batem com as mãos)
PE', PE', PE', (batem com os pés)
CAVALHEIRO RODA O OUTRO
GARANGUEIJO PEIXE É

RODA VALSADA

Nesta modalidade, os pares dançam abraçados, batendo com os pés ao som das rimas improvisadas pelo tirador de côco. É um dançar lento e arrastado. Os brincantes limitam-se a repetir o estribilho: "Chorando, chorando".

NOTA: Somente o Travessão é dançado apenas por homens. Os demais são pelos dois sexos. Quando não há mulheres os pares são formados por homens.

MILINDÔ E VEADINHO

No Crato, ainda registei duas variedades de côco: o Milindô e o Veadinho, também chamado Veadinho da Meia Noite. São folguêdos, que infelizmente ameaçam desaparecer do cenário folclórico cratense. Júlia, Maria da Conceição, Chico e José Pereira da Silva, todos irmãos, naturais de Missão

Velha e residentes no Crato, à rua Cel. Antônio Luiz, 133, são os poucos que ainda sabem alguma coisa sobre o assunto em tela. Hoje, não brincam mais. Há quinze anos e meio, precisamente a 11 de julho de 1951, folgaram pela última vez. A 6 de agosto do mesmo ano, morria a mãe da família, e os brincantes, unidos tanto na folia como na dor, não mais tiveram ânimo de promover as noitadas de Milindô e de Veadinho. Foram entretanto muito atenciosos, e prestaram-me amplas informações sobre os folguêdos em questão.

Segundo d. Júlia, aliaz a mais conversada, o Veadinho e o Milindô são apresentados em qualquer época do ano. Basta haver animação. No Natal, em São João ou São Pedro, a festança é sempre maior. O número de participantes e indeterminado e o vestuário é comum à classe social a que pertencem os coquistas.

MILINDÔ

Forma-se uma roda de homens, mulheres e meninos. Esta roda vai girando e fazendo variada coreografia, enquanto que os elementos que a compõe vão de per si, improvisando versos pitorescos musicados por toadas características. Não há pandeiro nem qualquer outro instrumento. No Milindô, portanto, qualquer um pode improvisar, enquanto a roda canta o estribilho:

Olê Milindô

Olê Milindô

Olê Milindô

Minha nêga

Tin tan tô

Nos demais côcos estudados, observamos que existe um improvisador apenas, que é o Mestre. Há também a presença do pandeiro. Detalhe também interessante é o fato de se ter que tirar licença na Prefeitura local, para se fazer roda de côco, ao passo que o Milindô escapa à essa exigência.

Agora alguns improvisos do Milindô:

Vem cá meu toquinho preto

Tostadinho do só

Ó preto não te injeito

Quanto mais preto mió

Olê Milindô, etc.

Mau benzinho não vá hoje

Que amanhã também tem dia

Leva o corpo e deixa os braços

Para minha companhia

Olê Milindô, etc.

VEADINHO DA MEIA NOITE

O Veadinho da Meia Noite, não deixa de ser uma variante do Milindô. No Veadinho, há um revezamento de brincantes no centro da roda. Há sempre um elemento que vai para o meio, ficando numa espécie de berlinda e em dado momento, marcado naturalmente por um verso característico, êste dan-

çarino solitário puxa um companheiro da roda, que virá então tomar o seu lugar. E assim segue a brincadeira.

Registei na oportunidade o seguinte estribilho:

Veadinho da meia noite

Foi cumê fulô de orora

Menina sustenta o tiro

Que o veado vai embora

A estas rimas, seguem-se improvisos diversos. Outros estribilhos, poderão ser inventados.

Segundo d. Júlia, os Saraivas no Belmonte, lugarejo que fica a uma légua do Crato, também são Mestres no Milindô e no Veadinho, além de conhecerem outros tipos de côco. Afirmou a informante que êstes dançam até hoje.

TOEIRA TORÉ, BINGOLÊ E SIRIRI

Paulo Ribeiro de Alencar, mais conhecido por Paulo Gernol, nasceu no Exú, Estado de Pernambuco e residiu muito tempo nos Inhamuns, no Ceará. Hoje, com setenta e seis anos, mora no Crato, no Alto do Seminário, à Rua São José, 67. Conhece vários folguêdos, que aprendeu na sua região de origem e nos lugares por onde passou anteriormente. É mestre em Toeira, Toré, Bingolê, Siriri, que aliaz já se incorporaram ao folclore local, além de saber de côr, velhas e pitorescas poesias.

TOEIRA E TORÉ

Segundo Paulo Gernol, a Toeira é a música que acompanha o Toré, dança eminentemente indígena. O folguêdo, tem as seguintes características: formam-se duas filas vis a vis, com pares de caboclos. As caboclas se apoiam no braço de seus companheiros, com uma das mãos e com a outra, seguram a barra de suas saias. Dançam tôdas quase acocorados, meio curvos. Não há intru-

mental, apenas canto. Há um puxador de rimas, que também dança. Os demais repetem o estribilho. As filas se aproximam e se afastam de costas, ao tempo em que o mestre diz os improvisos. No momento do estribilho, os cordões se encontram e os pares de uma fila rodam em torno do seu visa. E assim segue a dança.

Vejamos os trajes: as cabôclas, usam saiate curto encarnado, blusa encarnada e um pano da mesma cor, amarrado na cabeça. Apresentam-se descalças. Os cabôclas, vestem-se com calças vermelhas, ficando nus da cintura para cima, tendo os braços pintados de tinta vermelha. Usam cocares de penas de pássaros.

Segundo mestre Figueiredo Filho, os índios Funiôs, de Aguas Belas, município de Arcoverde, em Pernambuco, ainda mantém esta tradicional dança, que caminha para um rápido desaparecimento.

B I N G O L Ê

É dança de roda acompanhada por uma viola. Há um tirador de versos e os demais cantam o estribilho. Não há trajes característicos.

S I R I R I

O Siriri, no seu sentido estrito, é um par que dança no centro de uma roda de brincantes, ao som de toadas e improvisos. Não há instrumentos musicais, apenas corno vocal. Os componentes da roda apenas repetem um estribilho. O Sirirí vai se renovando a cada passo pois todos integrantes do folguedo terão que ir ao meio.

O Improvisador canta:

Dança, dança, Siriri

A roda responde:

As caboclas me chamam

E eu lá não quero ir

Em dado momento o tirador canta:

Sai da roda Sirirí

Sai da roda Sirirí

Neste ponto sai o cavalheiro e sua dama tira outro para com ela dançar ao centro da roda. Com o próximo "Sai da roda Sirirí", sai a dama e o seu par tira outra e assim sucessivamente, vão saindo cavalheiros e damas alternados.

DANÇA DO PAU DE FITA OU TRANCELIN

Este é um folguedo encontrado, em várias regiões do Brasil, porém com nomes diferentes. No Rio Grande do Sul, é bastante famoso e divulgado. No Espírito Santo, aparece com o nome de contradança (São Mateus, Vila Velha) e na localidade de Araçatiba, Município de Viana, no mesmo Estado. Emiliana Coutinho, excelente informante das tradições locais, contou-me que Maria da Penha Falcão, antiga moradora da localidade, costumava organizar na época junina, a chamada contradança, formada por uma roda de moças que girava em torno de um mastro, do alto do qual pendiam fitas coloridas. Ao som da música iam as brincantes tecendo as fitas até cobrir todo o mastro. A este mastro coberto dava-se o nome de tapiti de fitas.

Vejamos alguns versos que acompanhavam a evolução das moças:

**Rompe Aurora, o claro dia
Nesta noite, escuridão
Aqui também nós rompemos
No terreiro esta função
Glorioso Santo Antônio
Padroeiro do lugar
Hoje é vossa véspera
Que viemos festejar**

No Crato, onde há de tudo em matéria de folclore, tal brincadeira não poderia estar ausente. Lá, registei um

grupo de moças, filhas de Maria, ca-
tequistas da Sé local, chefiadas por D.
Antônia Carmélia Simões, natural de
Barbalha. Estes elementos, há cinco
anos se reúnem, principalmente no pe-
ríodo junino e apresentam com muita
graça e arte o folguedo em apreço. É
sem dúvida um divertimento das moças
da sociedade local.

Contou-me Dona Toinha, que sua
mãe de criação, velha cratense falecida
em 1962, aos noventa e seis anos de
idade, deu-lhe os primeiros ensinamen-
tos sôbre o assunto, o que prova a an-
tiguidade de tal folguedo na região. O
grupo é composto unicamente de moças.
Algumas, apresentam-se vestidas de ho-
mem, para que se formem pares. As
roupas usadas são de preferência a-
quelas dos matutos regionais. Dona
Toinha marca com o apito ou com a
própria voz os movimentos da dança.
O instrumental consta de uma sanfona.
As músicas das quadrilhas são aprovei-
tadas na função. Não há canto, unica-
mente dança.

Um mastro de cêrca de dois metros
de altura é colocado no centro do ter-
reiro, onde se vai brincar. Na ponta
do mastro, são penduradas fitas de cô-
res variadas. Tais fitas serão tantas
quantas forem as moças. Os pares,
formam roda em tórno do cêpo. Fa-
zem inicialmente o passeio, que consta
de rodar de mãos dadas em volta do
mastro. Depois, cada cavalheiro (moça
travestida), oferece uma fita a sua
dama e toma em seguida a sua. Gira
então a roda, com os cavalheiros indo
em direção a esquerda e os seus pares
em direção oposta. Nesta marcha, vão
os figurantes passando uns pelos outros
em zig zag, ao tempo em que vão tran-
çando a fita de modo que cada uma
passa por baixo da que lhe segue e
por cima da que vem logo após, e as-
sim por diante. Em dado momento a
chefe trila o apito e os brincantes pas-
sam a dançar em sentido contrário, fa-
zendo também com as fitas o movimen-
to inverso de modo a desfazer a trança.

A verdadeira arte está justamente em
trançar e destrançar sem erro.

LITERATURA POPULAR NO CARIRI

É sem dúvida alguma, o Cariri, um
dos principais centros nordestinos da
chamada Literatura de Cordel e da
Cantorria.

As feiras do Crato e do Juazeiro,
para citar as mais importantes, são
pródigas em cantadores de emboladas,
de pelejas, de poemas sertanejos e de
motes e glosas. Também surgem a ca-
da instante, os vendedores de folhetos,
que anunciam as novidades cantando
os seus primeiros versos. Alguns des-
tes ambulantes já usam, para facilitar
as vendas, microfones e auto falantes.
As emissôras de rádio, mantêm pro-
gramas diários, onde se exibem famo-
sos cantadores locais e dos Estados vi-
zinhos.

Nos sítios e fazendas, multiplicam-
se as festas, onde as pelejas ainda
constituem a grande atração das noi-
tadas.

É também no Cariri, mais especial-
mente no Juazeiro, que estão localiza-
dos os mais tradicionais e renomados
editores de folhetos da literatura po-
pular em versos, sendo muitos deles
também, excelentes autores de roman-
ces e pelejas. Manoel Caboclo, Olegá-
rio e J. B. Silva, são apenas alguns
exemplos.

Gostaria de me deter um pouco nesta
figura de J. B. Silva, o nosso José Ber-
nardo da Silva,, estabelecido à rua Sta.
Luzia, 263 / 269, no Juazeiro, onde
funcionam sua residência e as conheci-
díssimas Tipografia e Livraria S. Fran-
cisco. O editor e autor que tódo o
Brasil admira e sua toca de trabalho,
formar um tódo homogêneo que não
se compreende um sem o outro. Falar
da loja de folhetos é falar no velho
Bernardo e vice versa.

José Bernardo da Silva, é o tipo do
homem do sertão, misto de agricultor

e literato. É editor desde 1936. Não se considera poeta, embora tenha alguns trabalhos no gênero. Sua loja é das mais típicas de quantas existem pelo Nordeste. O recente progresso chegado ao Cariri, por força da energia elétrica e da consequente industrialização da região, ainda não desfigurou aquele ambiente tradicional, aquele patrimônio da cultura popular caririense. Vale aqui uma descrição do conjunto loja-tipografia.

Dois balcões de madeira, ambos em forma de um L ao contrário, e separam o pequeno saguão onde se espalha a freguesia, do restante da loja, onde o velho Bernardo mantém os folhetos para venda. Os balcões pelo lado de dentro, são compostos de gavetas, onde são guardados os romances e pelejas. O interessante é que em cada gaveta, é arrumado um determinado folheto, que tem um clichê de sua capa colado pelo lado de fora, isto para que se encontre com mais facilidade o exemplar solicitado pelo freguês. Assim, ao chegar uma pessoa pedindo a Peleja do Cego Aderaldo com o Zé Pretinho do Tucum, é só correr os olhos pelas gavetas e naquela onde estiver afixada a capa da célebre peleja, basta puxar o botão ou alça, que lá está o exemplar pedido.

Também ao longo das paredes, existem móveis, com as mesmas gavetas e idêntica organização. Ao fundo da loja, algumas vitrines com material variado. São missais, lunários, orações, rezas, livros diversos e até santos e objetos relativos ao Padre Cícero.

D. Ana, mulher do editor, é mais uma nota pitoresca, naquêlê ambiente típico. Pertencente àquêlê grupo de beatas do Juazeiro, fanáticas pelo Padre Cícero, guardiãs de seus milagres e de sua santidade, leva horas a contar fatos da vida do Padre e a relembrar as graças obtidas pelos fiéis eromeiros, que viviam em adoração permanente àquêlê Deus pequeno. Dona

Ana, conserva ainda o espírito desprendido da gente do sertão, apresentando alguns freguêses com folhetos e rezas.

Depois da loja, propriamente dita, existe um cômodo, onde são estocados pacotes de livros e fardos de papel. Vem em seguida outra sala para guardados diversos, verdadeira dispensa para verduras e legumes, provenientes de um sítio de propriedade do editor. Finalmente desemboca-se na sala das máquinas, onde estão a cortadeira de papel, a impressora "Expressa", com dez anos de uso e as montagens de tipos.

O movimento de vendedores de folhetos nas feiras, como já frisei, é bastante razoável. Como de costume, espalham pelo chão, sobre folhas de jornais, os romances e pelejas e vêz que outra anunciam uma novidade o cantam em folheto. Há também os que vendem seus livretos pendurados em cordões, esticados entre dois esteiros, armados nas ruas ou calçadas e os que vendem os trabalhos, amontoados dentro de malas, que servem para transportá-los. Entretanto, foi no Juazeiro, que encontrei uma forma inteiramente nova de vender literatura popular. Trata-se da venda em banquetas de madeira, muito parecidas com as bancas locais, de jornais e revistas. É sem dúvida uma inovação e bastante ousada, pois que um veterano vendedor da Feira de São Cristóvão, aqui no Rio, informou-me, que o povo está tão acostumado, através de gerações, a comprar folheto, ou no chão ou em cordel, que não admite a hipótese de adquiri-los de outra forma. Ao esbarrar numa banqueteta, pensa logo o nordestino em jornal e não em folheto, passando c-deante sem se deter em maiores considerações.

Outro aspecto interessante, que convém focalizar aqui, é o trabalho de clichéria usado no Cariri, e que se en-

contra em fase de desaparecimento. Antigamente, os clichês das capas dos folhetos, eram feitos a canivete em cajá, emburana ou cumarú. Verdadeiros artistas anônimos, dedicavam-se ao mister de esculpir cuidadosamente as figuras que seriam estampadas no frontispício dos vários trabalhos da Literatura Popular. Hoje entretanto, vai desaparecendo esta tradição, pois que os clichês de chumbo começam a invadir o Cariri. A própria Universidade do Ceará, no intuito de conservar no seu acervo o maior número possível de clichês de madeira, vem fazendo uma troca com velhos possuidores daquele material, e mesmo com veteranos artistas daquela especialidade. No Juazeiro, ainda vivem alguns velhos fazedores de clichês de emburana e cajá. São eles: Mestre Noza, residente à rua Santo Antônio; Manoel Caboclo, à rua Todos os Santos, 263; Valderedo à rua Todos os Santos; Antônio Lino, à rua São Luiz; João Pereira, à rua do Cruzeiro; José Diniz à rua São Sebastião 37, este, natural de Pajeú de Flores, Pernambuco.

De poetas populares e cantadores, trouxe nomes dignos de nota, alguns, até provenientes de Estados vizinhos. Expedito Sebastião, João Quinto Sobrinho, vulgo Cristo Rei, o Cego Zuquilha, João Alexandre Sobrinho, natural de Santana de Ipanema, Alagôas autor de Vaquejada do Sertão, editada por Manoel Caboclo em 1960 e de O Bárbaro Assassinato na Cidade de Orós, lançado pelo mesmo editor em 1961.

Além desses, merece destaque especial aqui, a figura de Pedro Bandeira, natural de São José de Piranhas, no Estado da Paraíba. É poeta e cantador atuante nas festas das fazendas caririenses e mesmo do Piauí. Reside em Juazeiro, à rua São Jorge, 152, e aí, conserva inéditos poemas de grande motivação sertaneja. São eles para ci-

tar alguns: Martírio do Fazendeiro, Retalhos de Saudade, Às Margens de um grande rio e Corrida de Mourão, que na oportunidade de minha visita a um programa seu na Rádio Educadora de Crato, recitou ao som da viola, possibilitando-me excelente gravação.

Assim, para fechar este rápido esboço da intensa vida da cultura popular caririense, trago à estas páginas a Corrida de Mourão, de Pedro Bandeira, em toda a sua grandeza e expressão poética:

No sertão tem futebol
Tem samba e tem farinhada
Leilão, reisado e novena
Mas nada disso me agrada
Meu fraco é cavalo e gado
Cantoria e vaquejada.

Eh

Para mim o maior cinema
É quando eu vou chegando
Investiguei bem a pista
E ouço o gado berrando
Os vaqueiros no beiralto
E a difusora bradando

Eh

De toda parte chegando
Rural, Jeep e caminhão
Muitas moças namorando
E gado na exposição
E um cabra soltando aboios
De doer no coração.

Eh

Declamando sem viola:
Eta festa animada
Festa do sertanejo.

E aqui e acolá se ouve
O aboio do vaqueiro
Dizendo este meu cavalo
É bom, bonito e ligeiro
Dou pega em garrote magro
Que não deixo um osso inteiro

Eh

Bicho ligeiro na pista
É maneiro no carrasco
Quem tiver boi mandigueiro
Solte que eu desenrasco
Dou um quebra que êle conta
As estrelas com o casco.

Eh

Dois camaradas de fama
Nem um nem outro acredita
Corre os dois emparelhados
E mesmo pra fazer fita
Quem pega passa por outro
Pra queda ser mais bonita.

Eh

Outro diz o meu cavalo
E' forte, gordo e zelado
Come feijão, milho e óvos
E todo dia é banhado
Mas só passa a perna nele
Cabra que derruba gado.

Eh

Fecha a nuvem de poeira
E os vaqueiros correndo
O gado rolando no chão
Se levantando e gemendo
E' cada salva de palma
Do mundo ficar tremendo

Eh

Cada vaqueiro e um homem
Cada garrote e um nome
Se namora farra e bebe

E não se tem sede nem fome
E enquanto existe corrida
O gado preso não come.

Eh

Declamando sem viola:
Oh que brincadeira boa
A da festa da vaqueijada
Os cabras já ressecados,
Enfadados os cavalo cansado
Tomam uma bicada de cachaça do Cariri
E se despede

Adéus quem vê vaqueijada
E adeus quem vestiu gibão
E quem fica e difusora
Vou selar meu alazão
E aguardar para o ano
Outra corrida e mourão

A B O I O

Eh eh eh eh vaca mansa
Eh luar eh boi duro
Eh Eh Eh Ehei

Boa tarde rapaziada.

“ H Y H Y T É ’ — VOLUME 2

“HYHYTÉ”, revista da Faculdade de Filosofia do Crato, que já circulou em seu segundo número, é a expressão exata do atual desenvolvimento cultural e educacional da terra caririense, tendo por foco principal esta cidade. É repleta de trabalhos bem fundamentados, sobre ciência, artes e letras, bem demonstrando que nossa região, através de seus mestres e classe estudantil, já pensa maduramente e pretende liberar o interior de seu antigo marasmo. É dirigida pelo Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato — Prof. José Newton Alves de Sousa, nome que já foi escolhido por aclamação pública, tendo também as vozes experientes o Deputado Wilson Roriz, Magnífico Reitor Fernando Leite e Vice-Governador General Ellery, a secundá-la, para o futuro Reitor da Universidade do Cariri. Conta com esmerada colaboração, podendo figurar, merecidamente, entre as publicações culturais, melhores do Nordeste, ou mesmo no país.

CORRIGENDA NO PRIMO-EDITORIAL DO DÉCIMO NÚMERO DE "ITAYTERA"

Por um lapso, no último número desta revista, logo na primeira frase do artigo de início, saiu a seguinte frase: "ITAYTERA" circula, na presente edição, pela décima terceira vez". O título do artigo é — "NO DÉCIMO NÚMERO... Não há mais flagrante contradição. O fato que aconteceu realmente foi que o décimo número de nossa revista circulou no décimo terceiro ano de existência do INSTITUTO CULTUAL DO CARIRI que a mantém.

O SIGNIFICADO DO TÊRMO "ITAYTERA"

O Marechal Fernando Távora, vulto de destaque de nossas forças armadas, escritor e eminente colaborador de "ITAYTERA", já residiu, por algum tempo na República do Paraguai. Teve ali muito contacto com o elemento Guarani. Mandou-nos êle o significado do étimo ITAYTERA, que muito se aproxima da versão do Dr. Marcos Macêdo, já publicado em nossa REVISTA:

"BATATEIRA parece uma corruptela (em português) do termo indígena ITAYTERA — nome dado pelos autóctones àquêle riacho, — oriundo da mais bela fonte da Chapada do Araripe. De fato, a composição do vocábulo diz expressivamente: ITA: pedra; — I — água e ERA — que foi, que era, que vem. Isto é — água que vem da pedra — pois os índios a viam sair (sem chuva, perenemente) de entre as pedras da "boca da fonte".

"CARTA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO"

A Biblioteca do Instituto Cultural do Cariri recebeu régio presente do funcionário do IBGE — Snr. Moacir Lóssio. Trata-se da "CARTA DO BRASIL", confeccionada por aquêle Instituto no ano de 1960. Foi trabalho publicado em comemoração da SÉTIMA ASSEMBLÉIA GERAL DO INSTITUTO PAN-AMERICANO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA e organizada pelo CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA, sob a direção de Jurandy Pires Ferreira, Speredião Faisol e Clovis de Magalhães. Esta CARTA, trabalho com esmero, está totalmente atualizada e é indispensável a todo o estudioso de GEOGRAFIA. Tomemos conhecimento de trecho da Introdução, de Speredião Faisol, Secretário Geral do C. N. G.:

"Lançamos agora um álbum com as 46 fôlhas da CARTA DO BRASIL na escala de 1:1000.000: 24 novas, 4 reformadas totalmente e 18 reeditadas com atualização da divisão administrativa correspondente.

Este lançamento representa, também, um esforço enorme, fruto da capacidade e da boa vontade de um grupo de cartógrafos do Conselho, que por isso merecem especial louvor.

Este álbum marcará o início de uma nova etapa da cartografia do Conselho, pois ultrapassa a fase da escala do milionésimo, abrindo as perspectivas de escalas menores, no programa de mapear o território brasileiro".

A CARTA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO, oferta do Snr. Moacir Lóssio, está na Biblioteca do Instituto Cultural do Cariri, franqueada à leitura pública, no próprio local, sem direito a empréstimo.

CAFÉ CRATO

É muito mais sabor!

É muito mais purêza!

Muito mais qualidade!

CRATO: O MELHOR CAFÉ DO CEARÁ

TORREFAÇÃO:

Rua Senador Pompeu — Crato - Ceará

CLUBE RECREATIVO GRANGEIRO

Local aprazível

Piscina

Esportes

Venda de
Títulos



imobiliária
SANTA MARTA

TELEFONE, 353

A SEGUNDA VIDA DO Dr. HENRIQUE

Diogo Figueiredo A. Araripe

— 1 —

O enorme quarto da casa de campo, muito antiga, pertencente ao sr. Julião de Oliveira S. Chaves, estava ocupado por nove pessoas. Uma delas, justamente a causadora da reunião das outras, achava-se gravemente enfêrma, já às portas da morte. Era a sra. Leonora Bastos, filha do dono da mansão e espôsa de um rico médico que estava em viagem de negócios. A face da moribunda tinha perdido tôda a beleza que outrora possuía; estava pálida e cadavérica. Aquêlê corpo alquebrado e mirrado estava coberto por um lençol muito alvo, que combinava muito bem com a palidez da doente. Os frascos e tubos de remédios, colocados ao lado, em uma mesinha, eram uma amostra clara da derrota de ciência em luta contra a morte, e a velha ali se encontrava, de foice ao ombro, aguardando o seu momento de agir com um sorriso sinistro no rosto comido.

Os outros presentes eram: o médico, o padre, a pai e o irmão da moribunda, o já idoso sr. Medeiros, amigo íntimo da família, e também uma irmã do espôso da sra. Leonora, o criado e a cozinheira da casa. Alguns choravam. Todos muito tristes. O médico já havia desesperançado os presentes e o padre já ministrara os últimos sacramentos à pobre enfêrma. Restava a espera que não seria longa. A único esperança e desejo que os presentes tinham, era o de que o espôso da vítima, que já deveria ter recebido o telegrama que dizia, em poucas palavras, o ocorrido, chegasse a tempo para então a sra. Leonora poder morrer em paz.

O ambiente era fúnebre. Aliás nenhuma cena de morte, em que se ame o moribundo, é agradável. E todos amavam a sra. Leonora por causa do largo coração que ela possuía, que abrangia a todos, com a sua bondade e simpatia capazes de conquistar, em poucos minutos, qualquer espírito humano. Ela era ótima espôsa, dedicada ao seu marido como nenhuma outra e que, certamente seria uma excelente mãe. Infelizmente não cogitara em possuir filhos, depois que o pequeno Cornélio, de apenas mês e meio de vida, morrera, há muitos anos atrás.

A porta abriu-se e um homem ofegante entrou no aposento. Os presentes depararam-se com a fisionomia assustada do dr. Henrique Bastos. Êste dirigiu-se sem falar com ninguém, ao leito onde a espôsa jazia ainda com um sôpro de vida. Trocaram palavras baixas, que ninguém ouviu. Foram as últimas palavras entre o casal. A cabeça da sra. Leonora agitou-se, todo o corpo estremeceu e por fim, quedou-se sôbre o leito. E aquêlê homem abatido soluçou com a cabeça apoiada sôbre a defunta, sua amada. O momento triste, de lágrimas, de dor, de despêro. Todos choravam. Até o médico que fôra chamado para prestar os últimos socorros à morta e que era um homem já acostumado àquelas cenas, embora não sendo nada da família, sentiu um nó na garganta e, depois de dar os pêsames, retirou-se. O padre também saiu. Todos saíram. Ficou apenas um homem: o espôso infeliz, chorando ainda a lastimável perda. A perda da mulher a quem dedicou a vida, a quem amou muito, logo quando

a viu, pela primeira vez, e mais agora depois de tê-la ali, morta, fria. Quem amara com todo ardor, durante todo o período da vida, estava sem vida... Triste e dura experiência das séries de desgraças que ocorrem na Existência cruel... maldita!

— 11 —

A noite foi insuportável, repleta de pesadêlos. O dr. Henrique custava a acreditar que morrera sua espôsa. E a cada instante em que acordava, pensava em tê-la ainda viva, em seus braços. E a noite foi uma sucessão de despertares, de frustrações. O travesseiro amanheceu molhado pelas lágrimas do médico. Ainda não podia conceber que a sua companheira de vida, das alegrias, das dôres, falecera.

Falecer! Ir para o nada... Sua espôsa tinha ido para o nada! Êle era muito materialista. Não acreditava em céu, em inferno, fogo eterno... Tolices, era o que pensava.

Sua Leonora estava no nada, isto sim. O vazio... Como deveria estar solitária!...

Desceu as escadas sem sentir. Estava como um pesadêlo. No pesadêlo horrível, do qual não se desperta jamais!

Sentou-se à mesa, onde estavam sua irmã, seu sôgro e o seu cunhado, Edmundo. Durante a pequena refeição matinal, na qual êle nada comeu, não se ouviu uma palavra. Todos tinham as cabeças baixas. O dr. Henrique olhava para a fisionomia de cada um, com o ar perplexo de quem desacredita da realidade.

Que dura é a realidade!

O sr. Julião retirou-se da mesa chorando. Leonora era a filha de quem mais gostava. Só ela morava ali, na mesma cidade que êle. E Edmundo era o último filho homem. Residia ali também. Já estava noivo e em breve casaria. Quanto ao resto eram duas filhas, moravam distante. Ambas eram casadas. A primogênita com um engenheiro quimico e a outra com um rico industrial, apenas há um ano atrás. O sr. Julião possuía duas netas, filhas da primogênita. A primeira tinha um ano e poucos menses; a outra nascera há pouco, êle ainda não conhecia.

Leonora era a filha caçula do sr. Julião. A simples e bondosa Leonora! Por que morrera? Ainda tão nova... Tão meiga...

Injustiça da vida! pensava o dr. Henrique.

— Vontade de Deus... afirmava o sr. Julião.

— Se Deus existisse não permitiria essas coisas; que mal ela fazia o alguém? O dr. Henrique pensava isso. Acreditava pouquíssimo em Deus. A morte da espôsa tirara o resto de crença que ainda possuía.

À tarde a irmã do dr. Henrique bateu à porta do quarto dêste, que passara a manhã tôda trancada no seu quarto.

— Entre...

— O seu almôço, Henrique.

— Coloque-o sôbre a mesinha.

O dr. Henrique falava como se olhasse o nada.

— Você não deve ficar assim. Sabemos que foi um golpe muito duro mas você deve procurar esquecer. Ficar dêsse jeito é pior.

Êle ficou calado, olhando como que através da irmã. Súbito falou:

— Não posso, compreendeu? Ela era tudo para mim na vida; tudo! Agora está no nada, só. Está me esperando.

Sua voz estava distante, perdida.

— Ela está no céu!

— Isso é apenas crença. Mas esteja onde estiver não mais a verei.

— Console-se, Henrique. Não posso vê-lo triste assim sem também me preocupar.

— Por que? Não vou morrer. Ou vou? Querem que eu morra?

Seu tom de brusquidão surpreendeu Alice.

— Por favor. Não fique assim. Sei que você tem motivos para ficar triste. Mas pelo menos se alimente. Já pela manhã não comeu. Você mesmo quer morrer. Não somos nós que queremos sua morte.

— Você está me aborrecendo. Saia daqui! Sei se devo ou não comer. E caiu em pranto convulsivo.

— III —

Passou-se o tempo. O restante da família já havia vindo e o entêrro se realizara. As filhas do sr. Julião vinham com seus espôsos e trouxeram as duas netas da primeira filha. Havia ficado um bocadinho com o alquebrado pai, e já haviam partido. Metade da dor havia passado.

Henrique já voltara ao trabalho. A êste a dor parecia nunca ceder. A falta da espôsa manifestava-se em tudo. Mas tentava esquecer, apegando-se mais ao trabalho. Não esquecia nunca. Suas visitas ao túmulo da sua Leonora eram diárias, sempre que voltava do escritório. E as noites eram sempre vazias.

Mas o tempo vence a dor, por maior que seja.

Assim já visitava mais raramente o dr. Henrique o túmulo da espôsa, seguindo o conselho de parentes e amigos.

O cantinho de dor que ainda restava era por causa dos seus pensamentos. Pensava sempre em Leonora lá, no nada, cercada pelo que é vago. Havia outro médico, como êle, amigão, materialista também. Gostavam de ser confidentes um do outro. E assim saía todo gênero de conversa. Saiu, naturalmente o diálogo sôbre a morte.

O que é a morte?

— Nada, dissera o amigo dêle. Estar morto é como antes de nascer: nada. Não se sente coisa alguma; apenas desaparece e pronto. Morre, se acaba, fica como antes. É como dormir sem sonhar. Não se sente nada e o tempo se passa ligeiro. Só, que para um morto o tempo passa sempre, até a eternidade. Mas não se sente. E se é assim como penso não é má coisa, a morte.

Mas êle não pensava como o amigo. Morrer era ir para o nada. E o que era o nada? Um lugar sem luz, sem coisa alguma. Só gente imaterial. Já morta. Só que ninguém voltara para contar como era lá. Nem um dos dois tinha a certeza. E êsse pensamento o unia à imagem de Leonora lá, no nada, só, entediada.

Tristeza e monotonia ocupavam o espírito do dr. Henrique nas horas vagas. Como por exemplo, quando voltava ao seu apartamento pela tarde. Ficava muito só. Mas a hora que mais detestava era a de deitar-se. Ficava acordado, pensando, pensando no dia também em que êle deveria se acabar. Ir para junto da sua Leonora. E tomava drogas para acabar com a insônia. Ia se

tornando um homem doente. Seus olhos já estavam fundos, a face de uma estranha palidez. Também não era uma pessoa muito comunicável. Preferia ficar só. Cuidar dos seus doentes e pronto. Até mesmo não visitava mais a casa do sr. Julião. Este estranhava muito isso. E o dr. Henrique criava fama de pessoa antipática. Só dentro de si havia simpatia para o médico. Êle às vêzes estava alegre; mas sempre no seu exterior a marca, o vinco profundo de tristeza. E também demonstrava antipatia porque, embora estando muito bem humorado, dava à voz uma entonação brusca. E isto êle não sabia porque. Talvez porque fôsse mesmo assim o seu gênio. Assim era o dr. Henrique. Um homem estranho e de pensamentos profundos.

— IV —

— Graças ao sr., Dr. Henrique, estou completamente curada. A operação à qual fui submetida logrou pleno êxito.

A mulherzinha falava apressada. Vestia-se mal; era uma pobre coitada mãe de família, com quatro bôcas a alimentar. A operação salvara o quarto filho dela, que por um milagre não falecera.

— Cumpri o meu dever. Salvando vidas vou fazendo a vida minha. Sou apenas honesto e nada. Não pense a senhora que faço essas coisas morrendo de pena dos meus pacientes. Interesse-me pelo dinheiro, e só.

A mulher ficou atropalhada.

— Eis a conta da operação, dona. Numa vida como esta o dinheiro e tudo. Não podemos nos sacrificar, sabe?

Ela olhou o pedaço de papel que lhe foi apresentado.

— Que horror! Isso tudo? Sou pobre, doutor. Não tenho mais marido. Tenha pena...

— Salvei a sua vida, não salvei? Isso é gratidão? A senhora devia envergonhar-se. Se tivesse morrido, seus filhos estariam passando fome e morreriam, até. Quanto a essa historinha de não ter o dinheiro, é tolice. Ora, o preço já foi baixado. Êsse aqui é o mínimo que posso fazer.

— Eu o julgava bom, doutor... eu o julgava bom...

— Deixe de choradeiras, mulher. Isso adianta? Venda seu terreno, sua casa. Dá para me pagar e ainda sobra dinheiro. Depois... Bem, dizem que Deus ajuda quem é pobre...

A mulher saiu do consultório com o rosto molhado de lágrimas.

O dr. Henrique ficou só, com um nó a subir-lhe pela garganta, sufocando-o.

— Pobre mulher, pensou. Como é infeliz! Mas uma prova de que no mundo somente a injustiça existe. Domina tudo. Mundo cruel, vida difícil.

E aquêle homem antes rude, chorava com pena da humanidade.

— Podia dar-lhe alegria, infundir-lhe respeito, fazê-la uma admiradora de mim. Não o fiz. Quem sou senão um homem como os demais, sem alma, sem coração? O que é êsse mundo, senão dor, sofrimento, desgraça? Não devia ter nascido. Não tolero ver essas coisas, senti-las, vivê-las. Mas enquanto durar, meus olhos verão sempre guerras, fome, misérias... Êsse tempo... Por que passa tão lento? Por que tem tanto tédio? Já quero morrer, sair da vida. Juntar-me a Leonora. Oh, Leonora, como será êste outro mundo?

Quisera estar aí, no teu lugar... Não aguento ficar nesta maldita espera.

— Quanto àquela mulher que estava aqui há pouco... Terá o que todos os infelizes deviam ter: o seu pequeno quinhão de alegria.

E, no dia seguinte, a pobre mulherzinha recebeu, anônimamente um pacote. Abriu-o com a chama viva da esperança nos olhos e quase caiu para trás com a enorme quantia que ali estava cuidadosamente embrulhada. Diria para pagar a conta do médico e sobrava o mesmo tanto para alimentar seus filhos.

Agradeceu a Deus e ficou feliz, feliz, feliz...

— V —

Viver... é coisa para os despreocupados, para os alegres, felizes. Para os infelizes a morte é até um alívio. Um doce alívio. Assim pensava o dr. Henrique e sua mente era povoada de sombras.

Mas a vida não se resume em apenas amargura.

E o dr. Henrique sentiu-se imensamente feliz quando notou que amava outra vez. O amor, que ele pensava jamais existir, chegava novamente para o seu sêr. Seu coração era uma taça transbordante, repleta de um doce vinho sem nacionalidade: o amor.

Assim as noites eram deliciosas, com sonhos maravilhosos. Sonhava com a mulher que amava: uma cliente, loura, nova, bela.

A idéia de morrer apagou-se, por completo, da sua mente. Quería agora viver eternamente.

O casamento uniu o dr. Henrique Bastos à sra. Eulália.

No princípio foram felizes. A vida era só beleza, harmonia. Mas... A beleza não é tudo em uma mulher. E sim o espírito, o coração. O dr. Henrique começava a notar que nada havia de bondade na mulher que amava. Seu coração não era puro e largo como o de Leonora. E notava também a falta de amor que a espôsa tinha por êle, como também o interêsse pelo seu dinheiro.

Às vêzes, o médico sentia-se frustrado, enganado. Que imprudência aquêlê casamento! Sem preparação, sem reflexão.

Desconfiava até de outro na vida da espôsa. Quería vê-los juntos, uma vez apenas. Vingiar-se-ia da espôsa. Era só em que pensava, era só para que vivia.

Aquela interesseira barata! Qual seria a cara dela ao saber que tôda a sua fortuna estava, no testamento, doada a orfanatos e asilos. Quando morresse a espôsa teria uma decepção. Quanto ao testamento estava em boas mãos. Quem o guardava era o advogado, um ótimo amigo seu, dêsde a infância. Lembra-va-se dos tempos em que brincavam juntos... O tempo passara com rapidez. O amigo era agora um bom advogado, enquanto que êle escolhera como carreira a medicina.

O amigo continuava solteiro; êle casava-se pela segunda vez. Mas preferiria não haver se casado nunca: a primeira espôsa morrerá e a segunda era-lhe infiel, cobiçava-lhe a fortuna.

Se Eulália se collocasse em uma balança, ao lado de Leonora, ficaria lá em cima. Era ôca de valores; só possuía a capa de beleza, a esconder-lhe a feiura interior.

Viviam sempre discutindo. De bom só houvera os dez primeiros meses de casados. Depois estava um inferno.

— Querido, disse ela um dia. Acabemos com essas brigas. Isso ao invés de nos parecer o que realmente é: um casal de pessoas civilizadas, nos assemelha a feras enjauladas.' Ora, amor... Sejamos como dantes...

Ele segurou o cálice que ela lhe apresentava.' Aquela serpente venenosa... Que queria ela? Amor?' Seria realmente amor? Sua voz estava doce, como antes. Mas nos seus olhos havia um brilho estranho...

— Brindemos a um amor forte, de agora por diante.

Tiniram as taças. Sorveram ambos os conteúdos.

De um dado momento para outro, Henrique sentiu-se tonto, atordoado. Sentiu vontade de deitar-se, sentiu dor dentro de si, queimando-lhe as entranhas.

— Eulália, espere... Eu...

Tentou dizer algo. Eulália retirara-se.

O dr. Henrique caiu na cama, sob violentas dores. A esposa envenenara o seu velho. Ah, traidora! Ele agora debatia-se contra a morte.

— VI —

— Não posso morrer. E não quero. Morre quem quer.' Eu não quero!

O dr. Henrique pensava depressa. Sua vida fugia como fumaça.

Parou o coração, as pulsações cessaram. O médico fez um esforço sobre-humano para não morrer, conservar ainda nos olhos o brilho de sempre.

— Não vou morrer... N-Não vou... mor... rer... N-Não...

Uma forte onda de dor passou pelo seu corpo. Mas parou tudo repentinamente. O corpo do médico sentiu alívio. Um pouco de inconsciência e o dr. Henrique acordou atordoado. Levantou-se da cama com facilidade. Seu corpo parecia bem mais leve. Dir-se-ia está flutuando.

— Não disse? morre quem quer! Não morri. Ah, ah, ah.' O homem que enganou a morte! Mas a maldita Eulália pagará caro, muito caro. Já estou a ver-lhe o rosto ao me ver. Que susto levará! Cachorra! Vou mata-la aos poucos...

Henrique nunca se sentira tão estranho. Assim como que vazio por dentro. Deu uma olhada ao seu redor.

Que? um homem deitado na cama? Precisava ver de quem se tratava. Não!!! Era o seu corpo! Então ele havia morrido. Estava morto? Que coisa estranha estar morto, Via as coisas ao seu redor como se estivesse vivo. Mas era de um modo vago... E onde estavam as pessoas? E onde estava Leonora? Não parecia estar morto.

Saiu a vagar por aí. Adiante ouviu uma conversa de um homem com uma mulher. Quem seriam? provavelmente Eulália e o seu amante. Estrangularia os dois... Acercou-se.

" — Ele está morto! Toda a sua fortuna será nossa agora. Pobre Henrique... ah, ah, ah".

Era Eulália. Viu-a. Estava diabólica. E quem estava com ela? Não, não podia jamais acreditar. Não era outro senão o advogado, seu amigo de infância. Por que o mundo tinha que ser tão cruel? Por que a vida tinha que ser tão enganadora? Mas não tinha importância. Estava vendo tudo e estrangulando os dois.

— Não cantem vitória antes do tempo. Aqui estou.

Os dois continuavam a conversar.

— Vou esganá-los, malditos!

Suas mãos dirigiram-se para a garganta de Eulália. Atravessaram o vazio.

— Estou morto... Havia-me esquecido. Eu estou realmente morto.

Os dois amantes beijavam-se. O espírito do dr. Henrique retirou-se da sala, sem suportar a cena de traição.

Agora havia muitas pessoas, andando por aí. Eram mortos como êle. Os que haviam morrido na casa. E onde estava Leonora? Não a via ali.

Passava por êle um ancião.

— O sr. viu a minha espôsa?

O ancião olhou calmamente para êle e prosseguiu no seu caminho. O espírito do dr. Henrique ficou confuso, perdido.

Passavam muitas pessoas, conhecidas e não. Não se entendiam, não se falavam.

— Papai, sou eu, seu filho Henrique!

Seus lábios nem se moveram. Viu o pai passar, curvado, indiferente.

Lá na frente uma cena o atrapalhou bastante: uma mulher arrancava os olhos de um homem com as unhas. O homem gritava surdamente, contorcendo-se, mas não podia fugir da mulher. Continuava inerte, parado, sem defender-se.

Henrique (um morto não tem profissão) viu horrorizado muitas cenas daquêle gênero. Não compreendia. Tentava... em vão.

Onde estaria Leonora?

Que horrível estar assim, vago. Ah... não suportava mais. E as cenas sangrentas entre pessoas (espíritos). Um horror! Um massacrava, o outro não esboçava gesto de defêsa.

O mundo dos mortos! Lugar misterioso, sem som.

Porque Eulália o matara? Queria se vingar! Queria, queria... Enganaria os dois. Mataria os dois lentamente. Mas não podia. Que sofrimento, que espera! E o tédio? Os dias alí não tinham fim.

— Aiiii... não aguento! É horrível!

— VII —

— Hoje é seu dia! Prepare-se Henrique... Sofrerás cão! Sofrerás como nunca! Ah, ah, ah...

— Quem é? Quem?... o som não saiu. Henrique desesperou-se. Fôra o único som que ouvira desde que morrera.

Henrique vagava incerto. De momentos em momentos via o advogado Estêvão com Eulália, rindo, abraçados... Cachorros!

Passava por êle agora o espírito de uma mulher.

— Conheço esta. É uma moça que já noivei com ela, abandonando-a depois. Suicidou-se.

A mulher dirigiu-se para Henrique e enfiou-lhe as unhas nos olhos. O ex-homem sentiu uma dor lacinante. O sangue escorreu por seu rosto. Quis fugir, uma força oculta impedia seus movimentos. Com as enormes unhas a mulher arrancou os lábios de Henrique, transformados em dois pedaços sangrentos. Foram arrancados também as orelhas, o nariz, os olhos. Muitas pessoas

agora judiavam com o seu corpo. Pessoas antes prejudicadas por êle. Traspassaram o corpo dêle com comprimidos estelites, nos locais mais dolorosos. O bloco de sangue ambulante continuou a vagar, sendo abandonado pelos carrascos.

Henrique sentiu dores horríveis. Balançava dentro da bôca, o côto de língua que lhe arrancavam, engulindo muito sangue. A angústia que sentia era enorme, capaz de levar qualquer vivo à loucura.' E Henrique não podia mais morrer, e as dores pavorosas invalidam todo o seu corpo.

Fôra torturadíssimo. De momentos em momentos dava golfadas de sangue.

— Meu Deus, por que soffro tanto?

E as carnes putrefátas de Henrique se esfacelavam. Os blocos de sangue estagnados fediam a carniça.

Mas depois de muitos sofrimentos cresciam os orgãos decepados, e ia passando a podridão.

Outro martírio era o negrume, o escuro de não ter olhos. Era nos olhos que sentia as mais cruciantes dores. Eram dois blocos de sangue. A escuridão era uma tortura horrível demais. Seus urros de dor ficavam perdidos naquele ar sem som, sem som...

— VIII —

A polícia engoliu a história do colapso. Já faziam dez dias que haviam enterrado o corpo de Henrique. Não compareceu quase ninguém ao enterro. O médico não soubera ser querido, durante a sua existência. Só quem o havia compreendido bem era Alice, sua irmã. Foi a que chorou mais a morte do irmão.

Quanto a Estêvão e Eulália mantinham encontros secretos, com a esperança de casarem-se logo que passasse um certo tempo da morte do médico.

Tolo Henrique! Não desconfiara de nada. Dos olhares entre sua espôsa e o amigo, quando o convidava para almoçar ou jantar com êle. Vil traição lotada de êxito. Henrique fôra uma prêsã fácil demais. Fôra tarefa de criança eliminá-lo.

E êle, no mundo dos mortos, esperava o dia da vingança.

Os pedaços já haviam crescidos novamente e Henrique recuperava com lentidão a vista.

Maldito lugar de sofrimentos. Leonora estaria ali? Por que razão? Era uma santa! Não podia estar ali.

— Êsse lugar é pior que o inferno que pintavam os vivos. É o próprio inferno. Sim. Por que não pensei nisto antes? Tudo explicado, agora. Morri e estou no inferno. Um inferno diferente, onde se sofre mais. Leonora está no céu. Por que fui tão ateu? Quero sair daqui! Quero juntar-me a Leonora! Se pelo menos minha espera pelo dia da vingança não se prolongasse tanto! Aquêles canalhas sofrerão dez vêzes mais o que soffri. Matarei um e depois outro, aos pedacinhos, arrancando unha por unha, dente por dente, Matarei... Que tolice! Êles já chegarão aqui mortos. Terão bem grande o seu quinhão de sofrimento. Umas pestes daquelas merecem sofrer o máximo. Ah, ah, ch, ah!

— Onde estarão agora? Quero observá-los um pouco. Ah! aqui estão!

Henrique viu-os em um carro esporte, último modelo. Estêvão dirigia para Eulália, no automóvel desta. De momentos em momentos Estêvão tirava os olhos da estrada para receber os carinhos de Eulália.

— Querida, estou ansioso que se passe logo o dia, para que amanhã, conforme combinamos com o Padre Amadeu, efetuar-se o nosso casamento.

— Estêvão, como estou feliz...

O advogado parou o carro e beijaram-se.

Subiu uma onda de raiva à cabeça de Henrique. Êle sentiu-se humilhado, pequeno. Deixou de pensar e apreciou o panorama cadavérico dos espíritos castigados. Faces deformadas, sangue, muito sangue. Henrique sentiu-se só. E desejou morrer outra vez.

— IX —

Chegara a hora do casamento. Henrique tinha que admitir que a sua ex-segunda espôsa estava linda, tôda de branco. Frustração, insolente frustração. Henrique sentia-se frustrado, como na hora em que percebera estar sendo traído por Eulália. E sentiu raiva da humanidade por dar tanta beleza a tão cruel víbora.

Depois chegou o noivo, elegante, com a capa falsa de simpatia, a distribuir sorrisos. Canalha! Como um indivíduo pode ser tão falso?

A hora do "eu vos declaro marido e mulher" chegou. Henrique sentiu um frio subir-lhe pela espinha. E teve vontade de matar. Os miseráveis estavam casados.

E as felicitações, abraços, previsões de futuro feliz... Henrique não aguentou mais. Não quis mais ver nada. Preferiu mesmo a cena de tortura que um espírito estava sofrendo, castigado por um homem e duas mulheres. Estremeceu, pensando também que eternamente haveria sempre alguém para furar-lhe os olhos, maltratá-lo, como já haviam feito. Eternamente viveria em sofrimento.

E com o vazio dentro de si andou, andou, de uma cena para outra, cenas sem fim, cruéis, frias...

— X —

O automóvel derrapou no asfalto. A curva fôra demasiadamente fechada. O veículo espatifou-se. Os recém-casados foram reduzidos a montes de carnes carbonizadas. Do automóvel restou apenas escombros e ferros retorcidos.

O grande momento! Esperado, aguardado com ansiedade, por uma pessoa que já não tinha mais onde armazenar o seu ódio.

Henrique viu a transformação dos corpos em espíritos. Viu a atitude atônita dos dois. A cara de Eulália estava retorcida de pavor quando êle avançou. Ficaram parados, impossibilitados de qualquer movimento.

Então as mãos de Henrique se dirigiram à bela face daquela pérfida mulher. Os dois corpos foram destroçados. Henrique ria surdamente. Um riso alegre e gutural. E as mãos pálidas tingiram-se de rubro. O desejo de vingança foi satisfeito; um homem estava feliz no inferno. Estava feliz, feliz, feliz...

O ESCRITOR CAVALCANTI PROENÇA

J. F. F.

Conheci pessoalmente o escritor Cavalcanti Proença, em Crato, na Faculdade de Filosofia, quando veio a pronunciar série de belíssimas palestras, em torno de "IRACEMA", de José de Alencar. Comemorava-se então o centenário do grande romance do filho de herói cratense de 1817 — José Martiniano de Alencar. Dada à simplicidade no modo de tratar, afeiçoei-me logo a êle e fui seu ciceroni nos poucos dias que passou aqui.

Em dias de Outubro de 1966, telefonei para sua residência, à rua Senador Vergueiro, 79, no Flamengo. Respondeu-me Dona Esmeralda sua senhora, dizendo que não se encontrava êle em casa, naquele momento. Dias depois, repeti o telefonema e tive a satisfação de encontrá-lo. Pedi-lhe que me indicasse um local facil para um encontro. Sua resposta foi convite para eu e minha senhora irmos almoçar em seu apartamento, no Flamengo.

No dia aprazado, bati lá acompanhado de Zuleika. Nunca vi ambiente mais acolhedor. Dona Esmeralda parecia que nos conhecia, de há muito, enquanto o escritor Cavalcanti Proença deixou-nos à vontade. O almoço, além de convidativo ao paladar, foi temperado externamente com a mais agradável das palestras. A própria sobremesa, saborosa, estava a doçada com o açúcar de minha dieta. O bate-papo foi dividido depois no grupo feminino e masculino. Fomos eu e êle, a rica biblioteca, onde me disse logo, com a sua natural cordialidade:

— Reservei a tarde para você. Tocamos a conversar. Falou-me de seus planos relativamente à próxima viagem que pretendia fazer ao Cariri a fim de passar um mês em estudos na região. Em certo ponto do bate-papo, acrescentou-me:

— Só agora conheci mesmo o Ceará para amá-lo ainda mais. Fui ao Cariri.

Disse-me que queria ficar em Crato, em pensão familiar, que tratasse bem, sem luxo. Também para melhor dedicar-se ao estudo, não pretendia ficar em casa particular. Seria uma viagem de pesquisas e de repouso, preferindo hospedar-se em Crato que o encantara. Seu plano de estudos abrangeria a colheita de literatura de cordel, de Juazeiro do Norte e preparo da biografia de José Martiniano de Alencar, obra que seria a complementação da biografia e da crítica que fêz do romancista José de Alencar. Tudo assim ficou delineado para a sua demorada visita ao Crato e ao Cariri.

Mas o homem põe e Deus dispõe. Dias depois, de volta ao Rio, antes de ver o noticiário dos jornais, recebi recorte do Dr. Antônio de Alencar Araripe, dando a infausta notícia do falecimento do escritor Cavalcanti Proença, vítima de ataque cardíaco. Fiquei atônito. Lembrei-me daquele dia, cheio de esperanças, em que planificou, com tanta confiança, a sua estada futura em Crato. E quanto o Cariri não perdeu com desaparecimento daquele homem de talento multi-forme e cultura vastíssima! Que sólida e belíssima apresentação não faria êle dos versejadores matutos dos livrinhos de cordel das feiras caririenses!

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 11 DE AGOSTO DE 1966 (POSSE DOS PRIMEIROS SÓCIOS DAS CADEIRAS COM PATRONO, DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI)

Aos 11 dias do mês de Agosto de 1966, às 19 horas, no salão da residência do Presidente do Instituto Cultural do Cariri, à rua Lima Verde, 2, realizou-se a sessão de posse das duas primeiras cadeiras, com patrono, da secção de Letras do I. C. C.

O recinto estava repleto de consócios e convidados. Foram os trabalhos abertos pelo presidente, que após lançar o décimo número da revista ITAYTERA e explicar os fins daquela reunião extraordinária, convidou para presidí-la — o Prefeito Snr. Pedro Felício Cavalcanti, e para ladeá-lo — o escritor, residente em Fortaleza — Comendador Luís Sucupira e o Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato — Comendador José Newton Alves de Sousa. O Exmo. Snr. Prefeito Municipal, em deferência especial ao ilustre visitante fortalezense, cedeu o seu lugar ao Dr. Luís Sucupira, descendente de tradicional família cratense. Este, em rápidas e incisivas palavras, agradeceu aquêlê convite e iniciou os trabalhos pela ordem.

Convidou o primeiro orador inscrito a ocupar a tribuna. Desenvolveu João Lindemberg de Aquino, brilhante e minucioso estudo sôbre a personalidade do Padre Ibiapina, o invulgar apóstolo do Nordeste, que também foi juriconsulto, professor e orador. Sua tese, defendida, com vigor, foi publicada, na íntegra, no 10.º número da revista "Itaytera", com a tiragem de artística separata, distribuída depois a todos os presentes.

Encerrando seu substancioso estudo, foi o orador profundamente aplaudido. O locutor da Rádio Educadora do Cariri, jornalista e sócio do I. C. C. — Huberto Cabral teceu elogiosos comentários em tórno daquela tese, ao microfone do gravador, que acompanhou tôda aquela movimentada sessão, reproduzida naquela possante emissora.

Em seguida, o presidente da mesa convidou o segundo orador — Dr. Raimundo de Oliveira Borges a falar. Êste escolheu para seu patrono o jornalista cratense, pioneiro do desenvolvimento da imprensa, em nosso meio, recentemente falecido, no Rio, Bruno de Menezes.

Começou seu trabalho, fazendo a história de sua própria vida, desde o início das primeiras letras, em S. Pedro do Cariri, hoje Caririassu, até sua

E José Martiniano de Alencar, cuja memória, desde há muito, precisa de um biógrafo à altura de Cavalcanti Proença, para o enfileirá, em seu lugar verdadeiro, ao lado dos GRANDES ESTADISTAS DO IMPÉRIO?

Relí trecho de sua crítica, das mais completas sôbre "IRACEMA", a mim ofertada. Aquelas passagens tristes que Cavalcanti Proença soube analisar, com tanta argúcia, comoveram-me. Não derramei lágrimas porque faz algum tempo que me vacinei contra o mal da saudade, com o fim também de conservar êste motorsinho orgânico, que me bate ao peito, adubado, cuidadosamente, com algumas gôtas diárias de Digtaline, ou derivados.

SEMANA DE CULTURA CEARENSE, EM RIBEIRÃO PRÊTO

Promovida pela CASA DO CEARENSE, realizou-se, na próspera cidade da mogiana paulista de Ribeirão Prêto, em meados de Setembro de 1966, movimentada SEMANA DE CULTURA CEARENSE. Teve como sede o imponente salão de honra da Associação Comercial da capital do café. Francisco Newton Suassuna, cearense dinâmico, que já residiu em Crato e aqui se educou, foi quem promoveu aquele certame que se constituiu na propaganda mais eficiente que o Ceará já teve, naquelas opulentas regiões de S. Paulo. Durante uma semana inteira, conferências, jornais, rádios emissoras preocuparam-se quase exclusivamente com as coisas cearenses. Houve exposições de pinturas, horas de arte, inauguração de biblioteca, tudo com motivos exclusivo de nosso caro Estado.

Crato teve seu lugar privilegiado naquele momento. Ali estão, em diversas instituições, as FILHAS DE SANTA TERESA, sediadas nesta cidade, que deram o maximo de seu esforço para o êxito da SEMANA. Vinte e cinco recortes de jornais, com notas, primo-editoriais, reportagens, além de intensa propaganda das rádios emissoras, mostram a importância que assumiu o movimento encabeçado pela Casa do Cearense. Um dos diários chegou a dizer, que "Na Semana da Cultura Cearense, Crato foi a Vedete". O Instituto Cultural do Cariri, a Faculdade de Filosofia do Crato, a Universidade do Ceará tomaram parte integrante no certame, através de seus representantes — J. de Figueiredo Filho e esposa — Zuleika Pequeno de Figueiredo.

permanência em Crato, onde teve seus primeiros contactos com os homens de letras locais e com o jornalista e escritor que estava a homenagear. Exaltou, em oração monumental, a influência de Bruno de Menezes nesta região, com a fundação da "GAZETINA" e mais tarde da "GAZETA DO CARIRI". Traçou o perfil do patrono magistralmente. Sua tese, pronunciada, com eloquência, sairá no 11.º número de "ITAYTERA", conforme proposta do I. C. C. aprovada pelos presentes.

Em seguida o presidente da mesa empossou os sócios em suas respectivas cadeiras com patrono.

Não havendo mais orador a falar, o presidente da mesa escritor Luís Sucupira tomou a palavra e entoou verdadeiro hino de exaltação à cultura de Crato, terra de ancestrais. Enalteceu os oradores que o antecederam, congratulando-se com o intenso movimento intelectual que presenciou nesta terra, a extravasar-se por toda a circunvizinhança.

Suas palavras finais foram abafadas com palmas.

Essa reunião solene marcou o inicio da iniciativa do I. C. C., em preencher cadeira com patrono, com direito de sucessão, aos moldes das academias de letras. Oportunamente como frizou o presidente do I. C. C., serão igualmente desdobradas as secções de Ciências e Artes.

Nada mais havendo a tratar e para o devido consta, eu, Zuleika Pequeno de Figueiredo, lavrei a presente que será assinada por quem de direito.

RECORDANDO

UMA VIDA

Zuleika Pequeno de Figueirêdo

As pessoas boas não morrem. Mudam-se para o céu. Os de agora não a conheceram, mas anos atrás era tão estimada que muitos, não só os da família, a chamavam de Madrinha Ritinha.

Quando criança, impressionava-me aquêles ar de santa, mesmo quando nos repreendia, pois ela, prima-irmã de meu pai, Pedro Augusto Pequeno, quase que ajudou a nos criar.

Era a ela que minha mãe, muito cuidadosa e desvelada com suas duas filhas, confiava para ficar em casa, quando os deveres sociais a reclamavam.

Contáva-nos histórias de santos, de meninas boas e obedientes, que me comoviam, mas nem sempre as imitava.

Religiosa, pura e santa, sem os preconceitos exagerados da época, como artista que era, apreciava o vestir bem, com elegância, sem ferir a moral. Compreendia a mocidade e até muitas vês nos servia de intérprete, para quebrar um pouco a disciplina da educação austérea que tínhamos.

Relembrando sua própria história, em poucas linhas direi quem foi em vida Ritinha

Teixeira, assinando Rita Augusta Pequeno, talvez por afinidade com seu primo-irmão de quem era muito amiga, pois quase o ajudou a criar.

O tio de papai, Joaquim Jácome Pequeno, casou-se no Icó, com uma moça de rara beleza. Lá pelo meio do século passado, veio para o Cariri, onde já havia irmãos casados. Possuía propriedade em um dos municípios do Vale, talvez porque, seu irmão era pároco na sede da freguesia. No sexto filho, a espôsa que êle adorava, Deus a levou. Ficou tresloucado, sem mesmo olhar pelos filhos.

Estranhos penetraram no lar roubaram-lhe tudo, até as joias da espôsa.

Os irmãos do Crato, que eram o velho Antônio Luis Alves Pequeno e minha avó Ana Rita Pequeno, trouxeram as crianças e o infeliz pai faleceu pouco depois. Separaram-se os irmãos ficando, Gustavo com o vigário, os dois mais velhos com tio Antônio Luis e os dois menores com minha avó que lhes serviu de mãe. Eram êles Horácio e Ritinha. A mais velha, Naninha acabou os dias como Irmã de Caridade no Co-

légio da Imaculada Conceição de Fortaleza, recém-fundado. O segundo foi o General Epifânio Alves Pequeno, falecido no Rio.

Ritinha, aos 22 anos, passava pela moça mais bonita do Crato. Frequentava festas suntuosas do sobrado de seu tio, Cel. Antônio Luís Alves Pequeno Júnior, nesse tempo chefe político de prestígio, senhor de grande fortuna.

Festas aquelas descritas no "O Araripe" do século passado, pelo jornalista João Brígido dos Santos. Por sua beleza e prendas naturais, recebeu boas propostas de casamento, mas tudo deixou e, nessa idade mesma, meteu-se no hábito prêto das religiosas do Padre Ibiapina.

Minha avó não queria se conformar, quando viu-lhe as tranças longas e castanhas de cepadas e sua linda cabeça envolta no veuzinho branco.

Essas religiosas podiam permanecer em casa própria com domésticas em sua companhia. Ela preferiu êsse modo de vida.

Além da pessoa que lhe servia, encontrou outra santa criatura, ajudante de costura, pois, com a habilidade de suas mãos de fada foi o trabalho que escolheu para o seu viver modesto. Sua ajudante Bubú como a chamavamos, que permaneceu com ela mais de 50 anos, acompanhou-a até o

fim como amiga e enfermeira.

Anos depois, veio aqui, em missão militar, seu irmão Epifânio, nesse tempo coronel do Exército.

Como deve ter ficado constrangido ao ver-lhe a situação! Já lhe mandava mensalidade para auxiliar-lhe na subsistência. Ficou certo que ela iria morar no Rio em sua companhia. Mês depois, êle veio até Fortaleza, onde pessoa de confiança a levaria. Ritinha, que já havia tomado sua decisão, desistiu de acompanhá-lo, preferindo a vida humilde que escolhera. Parece que com isso, o irmão zangou-se, deixou de escrever-lhe e cortou-lhe a mesada.

Nunca alguém lhe ouviu uma queixa, uma recriminação. Todo sofrimento recebia como provações que Deus lhe mandava.

Mas, a pior talvez, foi a morte de seu irmão Horácio Jácome Pequeno, pai de José Horácio Pequeno, que foi bárbaramente assassinado, em plena rua do Fogo, hoje Senador Pompeu, pelos asseclas do chefe Belém, quando já havia conspiração para tirá-lo do tirânico poder.

Contava-me tôdas essas cousas que eu gostava de ouvir. O escritor Irineu Pinheiro, primo de meu pai e dela também, ia sempre visitá-la, como parente, amigo e seu médico até

o fim. Indagava muita coisa do passado que ela lhe respondia naquêlo modo claro e inteligente, em plena lucidez, aos oitenta e tantos anos de idade.

Quando menina, um dia lhe perguntei :

— Madrinha Ritinha, porque foi que a senhora tão bonita, não se casou ?

Ela respondeu-me, com seu belo sorriso :

— Minha filha, sinto-me feliz na vida que escolhi.

Não me conformava com isso, como se Deus escolhesse só as pessoas feias para seu serviço.

Soube conservar a amizade de todos.

Servia de conselheira e confidente de muitas máguas. Sua casinha pobre era frequentada por ricos e humildes.

Quando Deus a chamou, ela que gostava tanto de flores, especialmente de jarmins, recebeu muitos ramalhetes de parentes e amigos que a acompanharam à última morada.

O aroma exalava na sala, acho que misturdo ao perfume de suas virtudes.

Da vês que fui à Campinas, em São Paulo, a cidade toda cheirava a jasmims, pois era o tempo da floração.

Ainda recordei-me com saudade da santa e querida Madrinha Ritinha.

Coleção Mossoroense

Temos recebido, com regularidade, livros e folhetos da COLEÇÃO MOSSOROENSE, editada em Mossoró, próspera cidade do Rio Grande do Norte, onde se processa movimento cultural digno de admiração. É centro de cultura impressionante, representando naquela região o mesmo papel de Crato, no Ceará. Possui também o Instituto do Oeste Potiguar, aos moldes do Instituto Cultural do Cariri.

A última remessa da COLEÇÃO MOSSOROENSE foi a plaqueta "ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O PETRÓLEO MOSSOROENSE", de autoria VINT-UM ROSADO, dos pioneiros principais do movimento intelectual daquela adiantada cidade potiguar. É o estudo pormenorizado e seguro, em bases científicas, comprovando a existência de petróleo em Mossoró. Termina com a seguinte conclusão :

"Tudo leva a crer que aí temos petróleo como em Sergipe ou mesmo como na Bahia mas ainda em quantidades pequenas para as necessidades do País".

Entretanto temos água para matar a sede do Nordeste. "É grande coisa, concluímos, pois a água ainda é a principal riqueza do Nordeste, embora, no presente ano, haja muita sobra do líquido precioso".

Despedida do Exército Ativo

RECONSTITUIÇÃO DE ALOCUÇÃO FROFERIDA
NO GABINETE DO 1.º SUBCHEFE DO ESTADO
MAIOR DO EXÉRCITO, EM 16 / 6 / 1966

Às 15.00 horas do dia 16 de junho de 1966, no Gabinete do Chefe da 5.ª Seção do Estado-Maior do Exército, presentes todos os oficiais e praças, fêz o Chefe da mesma uma encomiástica alocução de despedida, encerrando-a com o oferecimento de uma lembrança que guardarei com carinho e saudades. Em seguida, respondi emocionado e abracei a todos, embora pretenda permanecer em fraterno convívio com êsses muito prezados e distintos camaradas até o fim do corrente ano; a saudade foi afogada em guaraná, biscoitos e prolongada e agradável palestra.

Não terminou aí, porém, o quadro de chocantes emoções e sentimentalismo. Às 17.00 horas, no Gabinete do Gen. 1.º Subchefe do Estado-Maior do Exército, presentes o Gen. JOÃO ARMINDO, todos os oficiais da 5.ª Seção e os Chefes de Seção e Subseção das demais, foi feita a minha despedida do Exército, em virtude do meu desligamento nesta data.

Falou rapidamente o Subchefe Gen. JOÃO ARMINDO, "assinalando as minhas qualidades positivas e destacados méritos, que conhecia de muito tempo, em virtude de ter sido meu mestre, além de amigo de longa data"; em seguida determinou a leitura, pelo seu Assistente-Secretário, do elogio publicado por determinação do General Chefe do Estado-Maior do Exército.

Após a leitura dêsse confortador documento, falei mais ou menos como se segue, respeitadas as naturais falhas de memória, no tempo decorrido:

Exmo. Sr. Gen. 1.º Subchefe e prezado amigo JOÃO ARMINDO, distintos e prezados camaradas dêste E M E. Considerando as carinhosas e altamente confortantes expressões do Gen. JOÃO ARMINDO e as referências dignificadamente elogiosas consignadas pelo Emo. Sr. Gen. DÉCIO PALMEIRO ESCOBAR, digno Chefe do E M E, não posso e não me permito deixar a ativa do Exército sem manifestar sincera e carinhosamente o meu reconhecimento, após 36 anos e quatro meses de serviço honesto, de cabeça sempre erguida, sem a prática de qualquer ato menos digno, com a constante e mesma serena altivez, a par de sincera humildade sem subserviência, como nêle ingressei muito jovem, preliminarmente, no saudoso Colégio Militar do Ceará no ano de 1922.

Com a idade de 12 anos, fui corfialo à companhia de um tio, que me conduziria à cidade de Fortaleza para tentar matrícula no Colégio Militar, pelo meu compreensivo genitor — fazendeiro cratense pobre de letras, mas ricamente dotado de impressionante bom senso e rígido e inquebrantável caráter — que se despediu na manhã de 6 de janeiro (recordo-me perfeitamente) com a simplória e categórica recomendação: "Você vai para muito longe, distante 100 léguas de mim, devendo orientar-se e dirigir-se por si. Confiei sempre em seu equilíbrio e apenas recomendo que, a qualquer preço, nunca minta, cultive permanentemente a verdade, a franqueza e a lealdade, tendo sempre em mente que

a prática da justiça deve ser tão importante como a da nossa religião. Respeite incondicionalmente os mais velhos e as mulheres, ao mesmo tempo que já mais deixe de cumprir as suas obrigações, mesmo à custa de sacrifícios. Não permita que pessoa alguma se aproprie do que lhe pertence, sem o seu prévio consentimento, mas dê, sempre que puder, aos que precisam mais do que você. Deus o acompanhe, abençoe e proteja. Sela feliz; minha única ambição é vê-lo oficial do Exército, e Deus há de permitir que o veja". E viu, inclusive até o posto de Major, com o curso de Estado-Maior...

Habitado à ampla liberdade dos ilimitados horizontes das fazendas sertanejas, frejada apenas pelas sempre respeitadas determinações do meu verdadeiro genitor, ambientei-me rapidamente, porém, com os dispositivos regulamentares em vigor no CM e aprendi facilmente a cumprir consciente e rigorosamente os deveres impostos e a amar ao Exército e ao Brasil com mais civismo, sobretudo com a enérgica orientação e construtivos exemplos do encanecido mas vibrátil e querido educador General EDUARDO CORREIA, Chefe eminente e invulgar, que eu teria a feliz oportunidade de exaltar diariamente, 39 anos depois, já como Coronel e, pela Graça de Deus, Comandante do mesmo educandário militar por mim reinstalado em memorável solenidade. Depois, na vetusta e saudosa Escola Militar do Relengo, a partir de 15 de fevereiro de 1930 — onde verifiquei praça e iniciei de fato a vida militar — tive a grande e feliz ventura de aprimorar e consolidar esse amor ao Brasil, ao Exército, às leis, à ordem, ao dever, em síntese, instruído rigorosamente e, por vezes, à custa de pesados ônus, pelos honestos, excessivamente enérgicos e eficientes Capitães HENRIQUE BATISTA DUFLES TEIXEIRA LOTT,

ALEXANDRE JOSÉ GOMES DA SILVA CHAVES, AURÉLIO ALVES DE SOUZA FERREIRA, RODOLFO AUGUSTO JOURDAN, HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, Major MÁRIO TRAVASSOS, Tenentes FRANKLIN RODRIGUES DE MORAIS, JOAQUIM VICENTE RONDON, SAIÃO, PIRES, ALCIR D'ÁVILA MELO e outros a quem sou eternamente grato, pela honesta e sã maneira como temperaram o aço dos nossos sentimentos, pelo muito que objetivamente de nós exigiram, por forma a permitir, que pudéssemos transformar em suportáveis os ásperos, sinuosos e, fartas vezes, traiçoeiros caminhos da vida.

Declarado Aspirante-a-Oficial em 22 de 'dezembro 'de' 1932, 'surpreendido com excelente, inesperada e estimulante classificação na turma de infantaria, empenhei todo o meu vigor e entusiasmo na instrução da tropa, em cujo seio, apesar do temperamento explosivo — porém totalmente desprovido de ódio e do rigor excessivo, às vezes, empregado no cumprimento dos dispositivos regulamentares e ordens emanadas do comando, agindo quase sempre e invariavelmente com inusitada intransigência, conquistei excelentes amizades e pratiquei exuberantemente a sã camaradagem. É que persegui sempre e permanentemente até hoje, a verdade, a franqueza, a lealdade e a justiça, virtudes aconselhadas pelo meu pai remotamente, naquele janeiro de 1922, mas sempre lembradas. E convenci-me de que colhia bons frutos, não como desejava e mesmo ambicionava, no cumprimento das missões atinentes ao meu posto e situação, pelo e para o Exército e o Brasil.

Na devida oportunidade, cursei com extrema dificuldade a nobre e magnífica Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, atribulado com o estado de saúde da querida esposa — companheira de 18 anos de convivência

conjugal de elevada compreensão e invejável felicidade — que dois anos após Deus haveria de por bem arrebatá-me, depois de quase 5 anos de estóicas provações. Foi o único e doloroso período de infortúnio da minha vida militar, suportado pela graça de Deus e o apoio da grande solidariedade do meu Chefe de então, Gen. ODÍLIO DENYS, e dos meus diletos companheiros — particularmente de um casal amigo — que permanecem no meu coração como testemunho da minha eterna, sincera e indestrutível gratidão.

Depois graças a bondade Divina, contraí novo matrimônio e reencontrei a felicidade perdida, o ânimo e o anterior entusiasmo para trabalhar; recebi com humildade, mas pleno de satisfação, as promoções de oficial superior pelo princípio de merecimento, sem nada ter a quem agradecer, de vez que nada a ninguém solicitara; exerci várias funções de Estado-Maior e ambicionados comandos, sem jamais tê-los pleiteado e sim designado, ora à minha revelia, por surpresa, como ocorreu com o do CPOR de Fortaleza, ou a convite, como o da Escola Preparatória de Fortaleza, ou ainda por imposição, como aconteceu o do Colégio Militar de Fortaleza, em que fora transformado a quella Escola e prazerosamente por mim reinstalado. (Os dois últimos por indicação do então General HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, Diretor Geral do Ensino do Exército). Nos três comandos referidos, em particular, recebi estímulos impressionantes, seja dos Chefes, como se acham indelevelmente registrados na minha dignificante fé-de-ofício, e me pareceram, às vezes, exagerados; seja dos pais e mães que sempre me proporcionaram ânimo para prosseguir na difícil, delicada e espinhosa tarefa, e sobretudo a minha dedicada esposa e dos meus queridos comandados — professores, oficiais e funcionários. E daí, no fim

de tôdas as pesadas e enfadonhas jornadas, após severo e metucioso exame de consciência e prestação de contas a Deus e a ela própria — na convicção do dever cumprido com energia, carinho e justiça — poder dormir, invariavelmente, sonos tranquilos e reparadores. Aproveitei a oportunidade para confessar-vos que me sinto plenamente realizado: galguei, com meu próprio esforço, um posto muito elevado para um filho humilde do sertão cearense, sem padrinhos jamais procurados, agindo sempre com dignidade e altivez assistido por não pequenas limitações físicas e intelectuais, mas cultuando caráter e honradez inatacáveis, sem jamais ter insensado ou cortejado pessoas, desprovido de qualquer ambição, aceitando e recebendo obséquios honestos e salutar cooperação quase sempre de Deus, do meu pai, dos mestres, dos companheiros e até mesmo de humildes subordinados; e distribuindo-os a mãos cheias, quando possíveis e justos, com imensa satisfação e grande euforia.

Muito embora o francamente já citado gênio explosivo, cumprindo ou procurando cumprir rigorosamente os meus deveres e fazendo os subordinados cumprirem os seus, coerente com os meus inalienáveis princípios, voluntária e espontaneamente deixo a ativa do Exército plenamente feliz, porque a êle dei tudo o que honestamente me foi possível dar, em ininterruptos 36 anos e 4 meses de labor proficuo, durante os quais venturosamente conquistei inestimáveis, preciosas e sinceras amizades de distintos superiores e camaradas sobretudo de subordinados, particularmente dos mais humildes.

Prezados companheiros. Ao despedir-me saudoso, no justo momento em que me afasto, a pedido, da ativa do querido Exército, posso afirmar-vos sem contestação que empreguei tôdas as minhas qualidades positivas — na su-

posição de possuir algumas — no cumprimento sacrossanto do dever, da melhor maneira permissível, impregnado por rigorosa e permanente franqueza, firme lealdade e incomensurável espírito de justiça. Conduzi-me sempre e invariavelmente com absoluta clareza de atitudes, desprovido de complexos, sem subterfúgios, respeitada a necessária discrição; segredos, guardei os constantes dos documentos sigilosos que manuseei e os das confidências das camaradas de todos os escalões hierárquicos a mim confiados. E, nesta espontânea e franca prestação de contas, olhando para cima, para a montanha e fitando as gigantescas, impercíveis e cultuadas imagens dos insígnies dos insígnies Caxias, Osório, Sampaio, Tibúrcio, Mallet, Vilagra, Cabrita, Machado Bitencourt, Gomes Carneiro e Rondon, sinto-me em débito para com o Exército e a Pátria, ao mesmo tempo que me reconheço e me

considero insignificante pigmeu; mas observando e analisando os fatos na planície, no nível médio do meio a que pertencço, encontro, plenamente satisfeito — senão o que está notado na minha dignificante e encomiástica fé-de-ofício — a realização de algo positivo e concreto pelo Exército que muito amei e amo, e pelo Brasil, que sonho completa e brevemente grandioso, ombreando-se com as grandes potências, rico e ultra desenvolvido, pontificando com elas no cenário mundial do próximo anelado futuro.

A todos vós desejo que produzam muito mais; é o meu apêlo nesse momento de grande emoção e imperecível saude.

Meu sincero, cordial e muito sentido adeus.

Rui, 19 de junho de 1966

Gen. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

LANÇADO NA LIVRARIA RENASCENÇA — FORTALEZA, O DÉCIMO LIVRO DO ESCRITOR J. DE FIGUEIREDO FILHO

No dia primeiro de Março, às 17 horas, perante numerosa assistência. realizou-se a tarde de autógrafos do décimo livro de J. de Figueiredo Filho — "FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES", editado pela IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ.

O autor foi saudado pelo intelectual José Denizard Macedo de Alcântara que pronunciou belas palavras, recordando Crato, sua passagem e a velha amizade que o ligava a J. de Figueiredo Filho. Êste respondeu-lhe também de coração a coração. Na orelha do livro, o Autor foi apresentado pelo jornalista Francisco S. Nascimento, diretor da Divisão de Intercâmbio Cultural da Universidade Federal do Ceará. Os principais escritores do Ceará compareceram à movimentadíssima reunião da Livraria Renascença, proprietadae de Luís de Carvalho Maia.

Afora os opúsculos, J. de Figueiredo Filho já publicou os seguintes livros: "RENOVAÇÃO", "MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA", "ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI", "CIDADE DO CRATO", "O FOLCLORE NO CARIRI", três volumes de "HISTÓRIA DO CARIRI", "NO ASFALTO E NA PIÇARRA" e "FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES".

CIA. SUL CEARENSE DE PAPEIS

Sulcepa

Papeis de Várias Qualidades

FÁBRICA:

BAIRRO INDUSTRIAL DE MURITY

ESCRITÓRIO:

RUA DR. MIGUEL LIMA VERDE, 20 - CRATO

Uma Indústria que Honra o CARIRI

José de Alencar, Notas de Família

Antônio de Alencar Araripe

1. Do casamento de Martinho do Rêgo com Dorotéa Alencar, natural de Viana do Castelo, Província de Minho, Arcebispado de Braga, Portugal, provém Joaquim Pereira de Alencar, casado com Teodora Rodrigues da Conceição, que são os pais de: a) Bárbara; b) Leonel e c) Inácia (Pereira de Alencar) e outros filhos.

Bárbara, nascida na fazenda Caiçara, outrora Freguesia de Cabrobó, Pernambuco, casou-se com o português José Gouçalves dos Santos, oriundo de Aroma, do Bispado de Lamego (filho de João Gonçalves e Maria Manoela), e conta, entre seus filhos, os de nomes: a) José (Martiniano de Alencar), e b) Tristão Gonçalves, que, por sentimento nativista substituiu o sobrenome "Pereira de Alencar" por "Alencar Araripe".

2. José Martiniano, estudante de Retórica do Seminário de Olinda e associado da organização política Academia do Paraíso, que promoveu a Revolução de 1817, a 3 de maio desse ano arvorou, em Crato, a bandeira do movimento subversivo, sendo, afinal, prêso, submetido a processo, confisco de bens e torturas, com sua mãe e irmãos.

Esses membros da família Alencar foram conduzidos, algemados e de corrente ao pescoço, para o cárcere da Bahia, onde tiveram por companheiros de prisão Antônio Carlos, Andrade Machado e outras vítimas do despotismo reinante.

Relacionando os brasileiros que integraram as Côrtes de Lisboa, salienta Otávio Tarquínio de Sousa que o representante do Ceará, José Martiniano, "sofreu mais do que ninguém, porque, não fôra prêso, como vira sua mãe encarcerada por mais de três anos". (Artigo "Um Homem de 1817", inserto em O POVO, de 10/11/950).

Representante do Ceará nas Côrtes de Lisboa e na Assembléia Constituinte de 1824, o mesmo só esteve fóra do parlamento nacional, daí em diante, quando se deixou de eleger em virtude da participação no movimento revolucionário da República do Equador, após o qual, em 1829, foi sufragado, como deputado, pelo Ceará e por Minas Gerais, optando pela cadeira conferida por seus conterrâneos.

Presidiu a Câmara dos Deputados em 1831 e empossou-se Senador a 1.º de maio do ano seguinte. Sobre as destacadas atividades de José Martiniano nas duas casas do parlamento nacional, afirmou o deputado Joaquim Bento: "Na Câmara dos Deputados assumiu e conservou uma posição de imensa preponderancia, constituindo-se o chefe da deputação de quase tôdas as Províncias do Norte, e, como tal, influiu poderosamente em todos os grandes acontecimentos políticos, que se operaram no país até 1848. Senador desde 1832, êle não fizera de sua cadeira vitalícia o assento do ódio e da indiferença; foi sempre o mesmo liberal de 17, 24, 31 e 40, sendo o primeiro que levantou neste último ano a idéia da maioridade, cujo projeto saiu de sua casa para ser apresentado nas Câmaras".

Pedro Calmon, em seu livro "Rei Filósofo" assegura, como o fizeram outros historiadores, que foi o "rijo presbítero-revolucionário do Ceará, Fouché do Nordeste bronzado pelo sol atroz de sua terra, o executor do plano de suprimimento de idade do Imperador" (pág. 57).

Otávio Tarquínio classifica-o como "uma das grandes figuras das campanhas contra o chamado absolutismo do Primeiro Reinado" e registra que na Câmara de 1830, José Martiniano figurava entre os que "já tinham assento anteriormente nos Córtes de Lisboa ou na Constituinte e despertavam atenção e curiosidade". (Diogo Antônio Feijó, .ps. 98/269).

José Martiniano foi chefe do Partido Liberal do Império e governou o Ceará por duas vezes: sua primeira administração decorreu entre 16 de outubro de 1834 a 23 de novembro de 1837, quando regressou ao Rio, conforme o testemunho de seu sobrinho, o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, por terra passando pelo Crato, em visita a parentes e com o fim de providenciar sobre propriedades que ali possuía, e tomando, na Bahia, o vapor São Salvador.

Seu segundo período de governo prolongou-se de 1840 a 1841.

Assinala João Brígido, de quem, nesse tocante, nenhum historiador cearense discorda, haver "lançado os fundamentos do processo moral e material do Ceará, ensaiando com grande intuição do futuro quantos melhoramentos a Província mais tarde veio a reclamar indispensáveis à sua civilização".

Apontam-no Raimundo Girão, J. E. Tôres Câmara, Hugo Vitor e tantos outros estudiosos dos fatos da cronologia desse setor do Nordeste, como "o governante que, pela previsão, pelo espírito de progresso e pelo dinamismo de ação, não teve símile como administrador" do mesmo.

O "Ano Biográfico", de Macedo citado pelo des. Paulino Nogueira, em seu trabalho "Presidentes do Ceará", inserto na "Revista do Ceará", depois de registrar o fato de o Senador Alencar haver promovido as revoltas liberais de São Paulo e Minas Gerais, e de ter sofrido processo, que no Senado ficou sem consequências, com Vergueiro, Feijó e padre José Bento, afirma que o mesmo exerceu a função de Secretário do Senado e foi "um dos principais diretores da maioria liberal do parlamento, mantendo-se, até 1853, nas primeiras linhas da oposição".

A propósito de seus títulos à benemerência da então Província do Ceará e do país, sustenta Macêdo:

"Influência política pujante, desde 1830 até seus últimos anos, o mais alentado e prestigioso chefe do Partido Liberal no norte do Império, centro e diretor de falange parlamentar de três ou quatro Províncias autoridade sempre ouvida nos conselhos de seu partido, por vezes consultado sobre organização de ministérios, uma das alavancas da regência permanente, amigo íntimo do regente padre Feijó. José Martiniano nunca aspirou, nem quis ser ministro, nunca ambicionou e menos pediu grandezas sociais, que o governo podia dar; elevou a muitos, e só quis e teve para si a cadeira de deputado e, depois, o de senador, que lhe deram os votos e a confiança dos seus comprovincianos, dos quais foi o mais legítimo representante. Os liberais mais adiantados, os republicanos, o saudarão mártir em sua mocidade; a Constituinte, a Câmara temporária e o Senado o respeitarão em seu caráter de liberal moderado e de elemento de ordem".

A "Enciclopédia e Dicionário Internacional", de Jackson, refere que, malgrado a revolução, foi prêso com seus dois irmãos e sua mãe, dona Bárbara, algemados todos e de corrente ao pescoço, seguiram para a capital do Ceará e depois para a capital de Pernambuco e da Bahia.

Acrescenta: "Todos os dias que durou a prisão eles foram de martírio e heroísmo, nos quais sobressai a atitude de dona Bárbara, varonil e a um tempo de absoluta abnegação maternal. Salvou-os a própria demora do julgamento, porventura propositada para agravação do castigo. Arrefecidas as paixões, modificado já o sentimento político em todo o país, em 1821 foi lavrada a ordem de soltura dos presos.

No tocante à carreira política de José Martiniano consigna a obra em aprêço:

"Adotado o sistema constitucional, foi Alencar eleito deputado pelo Ceará ao Congresso Constituinte de Lisboa; distinguiu-se com os mais distintos e com eles emigrou para a Inglaterra subtraindo-se ao ato do Congresso que os retinha, em represália ao ato da independência da colônia. Chegado ao Brasil, tomou assento na Constituinte Política liberal, foi o orador mais vigoroso e decisivo contra o projeto do banimento dos portugueses. Arrastaram-no os acontecimentos a tomar parte na revolução de 1824; foi prêso conduzido a Minas, e ao Rio, e ficou detido até 1829. Eleito então deputado pelo Ceará e por Minas, notabilizou-se, ainda, pela sua atitude enérgica e pelo seu sentimento de moderação e justiça. Eleito senador em 1831, votou contra a vitaliciedade dos senadores. Em 1834 foi nomeado Presidente do Ceará; serviu até 1837 e estabeleceu a ordem moral e política em tôda a Província, iniciou e concluiu muitas obras, pôs têrmo a "deficit" antigo e deixou um saldo de duzentos contos. No Senado, novamente, foi benéfica a sua ação inteligente e prudente; como um dos autores da idéia da maioria de Dom Pedro II, concertou em sua casa o plano dessa revolução pacífica. Redigiu e escreveu o Projeto apresentado no Senado. Proclamada a maioria voltou à presidência do Ceará, mas o seu cuidado e tempo foram absorvidos em debater a sedição generalizada. Lutou, êle próprio e, vencedor, foi tolerante. Tornando à oposição, viu-se envolvido, como suposto cúmplice, no movimento político de 1842; defendeu-se bem e com a habitual energia.

Em 1858, fazendo-lhe o perfil biográfico, escrevia o filho, já ilustre, José de Alencar:

"Poucas existências há no Brasil tão cheias de vicissitudes como a sua; poucos homens passaram por tão duras provanças e acompanharam a revolução da independência do seu país, desde o primeiro baibuciar dêstepovo, ainda menino, é já respirando a liberdade, até o momento em que o arrefecimento da luta e a calma dos espíritos extinguiram os antigos Partidos".

("Galeria dos Brasileiros Ilustres" — I — Os contemporâneos — S. A. Sisson).

3. Observa Joaquim Nabuco caracterizar o estadista, até certo ponto, o fato de assumir no presente uma atitude, das mais elevadas que o homem público pode ter, que será aprovada no futuro.

José Martiniano, com sua insuperável atuação à frente dos destinos do Ceará, pode ter sido objeto de invectivas grosseiras por parte de seus adversários, mas o certo é que, à luz dos comentários emitidos por observadores desapassionados, a essa altura goza do conceito do mais capaz administrador de que já dispomos.

Dêsse homem de Estado de tão elevado quilate que, vencendo a ética dogmática pertinente à sua condição de sacerdote, fêz vida marital com sua prima Ana Josefina de Alencar, é filho o escritor, jurista e parlamentar, cujo nome ora vem à baila em todo o país, ao festejar o centenário de sua obra-prima, o "Iracema".

Em escritura pública de "reconhecimento e perfilhação de filhos espúrios", lavrada a 3 de outubro de 1853, em notas do Tabelião Francisco José Fialho (Cartório Penafiel, livro 211, fls. 136 / 137; José Martiniano, qualificado de "Senador do Império, Presidente da Ordem de São Pedro, residente nesta Côrte, em São Cristóvão, rua do Maruí n.º 7" perante as testemunhas José de Sousa Neves e Frederico Augusto Pamplona, declarou "em abono da verdade e descargo de consciência":

"que no ano de 1826, sendo Clérigo de Ordens, Sacras, contraiu amizade ilícita com dona Ana Josefina de Alencar, sua prima no primeiro grau, e dela tem tido desde aquêlo tempo até hoje doze (12) filhos, dos quais existem oito (8), de nomes José Martiniano de Alencar, Leonel Martiniano de Alencar, Tristão Martiniano de Alencar, Bárbara Augusta de Alencar, Joaquina Carolina de Alencar, Argemira Adelaide de Alencar e Carlos Martiniano de Alencar, os quais sempre reconheceu por seus filhos, e os teve em sua companhia e tratou e alimentou como tais. E como não tem herdeiros necessários ascendentes ou descendentes declara que por esta escritura e na melhor forma de direito reconhece publicamente por seus filhos os ditos José Martiniano de Alencar, Leonel (seguem-se os nomes citados acima), para que como tais sejam tidos e havidos como dele legal e público matrimônio, ficando assim habilitados para lhe sucederem "ab intestado" como seus legítimos herdeiros em todos os seus bens, direitos, privilégios, honras e tudo o mais que competir".

Em testamento público, que veio a falecer, o chamado Senador Alencar confirma que "por fragilidade humana" teve com sua prima Ana Josefina de Alencar os seguintes filhos, que "legítima e reconhece": 1.º José Martiniano de Alencar Júnior, nascido a 1.º de maio de 1829; 2.º Leonel... (seguem-se os mesmos nomes da escritura de perfilhação).

O grande tema por que sempre se bateu o padre Diogo Antônio Feijó, foi a abolição do celibato.

Refere-se que "nada o enchia mais de horror do que o espetáculo, presenciado por todo o Brasil, da vida escandalosa de numerosíssimos padres, dissimulando ou exibindo amantes e filhos", como era o caso de seus companheiros na Câmara, padre José Bento Ferreira de Melo, cuja filha fazia as honras da casa, e padre José Martiniano de Alencar, que tão ilustre descendência deixou".

Mesmo em Fortaleza, tínhamos, então, entre outros "danados coitos", de que nos fala o quarto livro das Ordenações do Reino, o de seu primo padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, Vigário Geral, Diretor da Instrução Pública do Estado e Deputado em algumas legislaturas, que deixou numerosa prole.

4. Se o pai do escritor José de Alencar é filho da heroína Bárbara, de um irmão desta. Leonel, descende a mãe do mesmo, a citada Ana Josefina, em família tratada por Senhorinha.

Dáí resulta serem, o Senador Alencar e sua companheira, como acusa a escritura de perfilhação, lavrada para assegurar o direito à sucessão da descendência, "primos em primeiro gráu".

Leonel, casado com Maria Xavier Pereira de Carvalho, filha do Capitão José Pereira de Carvalho, de Geremoabo (Ba.) era Capitão de ordenança da Vila de Jardim, onde figura, em notas públicas, com a qualificação de "Capitão Comandante".

Tomou parte saliente nas revoluções de 1817, quando escapou à sanha dos inimigos, refugiando-se nos sertões baianos, e na de 1824, quando afinal foi assassinado, com o filho Raimundo e o cunhado Antônio Geraldo.

Sua mulher, d. Maria Xavier, que aos 11 anos de idade perdera pai e irmão, imolados por sicários perversos, passou pelo rude golpe do assassinio do marido e outro irmão a 26/9/24 quando ferida à bala na mão direita se evadiu para o chapadão do Araripe, onde nasceu sua filha Clôdes, que depois veio a ser a Viscondessa de Jaguaribe.

5. Entre os irmãos do escritor José de Alencar, cumpre referir :

- a) Leonel Martiniano, formado em direito, com o título de Barão de Alencar, diplomata, Ministro em Montividéu, Buenos Aires e Madrid,
- b) Joaquina, casada com o dr. Joaquim Bento de Sousa Andrade, que representou o Ceará no parlamento nacional;
- c) Bárbara, casada com Manoel Antônio Guimarães Filho, descendente do Visconde de Nacar, e de quem procede o Deputado e Senador Manoel de Alencar Guimarães, que por muitos anos, na República velha, representou o Estado do Paraná.

São filhos de José de Alencar e sua mulher Georgina Cochrane de Alencar, além de outros :

- a) Ceci, casada com Álvaro Pinto Alves, do alto comércio pernambucano, e sogra de Fernando Pessoa de Queiroz;
- b) Amélia, casada com o General Samuel Oliveira, militar e publicista de valor;
- c) Mário, nascido a 30/1/872 e falecido a 8/12/1925, homem de letras que atinguiu o cimo da sua carreira, elegendo-se, na vaga de José do Patrocínio, para uma das cadeiras da Academia de Letras, onde o substituiu Olegário Mariano. O Suplemento Literário de 'A Manhã', de 18/1/1942, consagra-lhe a edição que, a seu respeito, insere trabalhos encomiásticos de Tristão da Cunha Graça Aranha, Tristão de Ataíde, Eugênio de Castro, Jockson de Figueiredo, Goulart de Andrade Antônio Austragésilo, Plínio Barreto e Olavo Bilac, que o considerava "poeta como poucos". Dêle se disse, então, "ser mestre do dizer" e que "seu estilo o situa no pequeno grupo dos nossos grandes escritores: entre estes, se tem igual, não tem superior";
- d) Augusto Cochrane de Alencar, Subsecretário de Estado, Embaixador em Washington.

6. Do avô materno de José de Alencar (Leonel) procedem entre diversos filhos :

- a) Clodes, que se casou com o Visconde de Jaguaribe (dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, magistrado, deputado, senador, Ministro do Império, deixando numerosa e importante descendência residente, principalmente na Guanabara e em São Paulo, vinculada, em Minas, às famílias Maldonado e Canabrava. É seu bisneto o escritor Hélio Jaguaribe;
- b) Maria Brasilina de Alencar, casada com João Franklin de Lima, de quem descendem entre outros a escritora Rachel de Queiroz, o professor da Escola de Engenharia, de Belo Horizonte, engenheiro Mário Werneck de Alencar, e a espôsa do General Francisco Benévolo;
- c) Florinda Cândida, casada com o cirurgião Francisco José de Matos, cujas filhas Maria, Amélia e Clotildes foram casadas com os drs. Francisco de Faria Lemos, Domingos Saboia e Cordolino Barbosa Cordeiro. Alinham-se como descendentes do casal acima : Otto de Alencar, professor da Escola Politécnica, engenheiro aos 19 anos, falecido ao atingir aos 38, já com a fama do mais competente e autorizado matemático do país. Talentogenial, superior a quantos têm aparecido na família — classifica-o o engenheiro João Franklin de Alencar Nogueira. Pertence à mesma linhagem Genserico Vasconcelos, militar de enorme talento e preparo, cujo nome ainda hoje é reverenciado no seio das fôrças armadas. É sua filha a embaixadora Dora Vasconcelos, que faz anos se consagrou à diplomacia;
- d) Praxedes, casada com Antônio da Franca Alencar, ascendentes dos três (3) médicos de nome : Meton, o primeiro dos quais representou o Ceará na Câmara dos Deputados;
- e) Manoel Pereira de Alencar, militar, que se casou, na cidade de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, com d. Flora de Faria, tia do advogado dr. Zeferino Faria e do dr. Antônio de Faria, Ministro da Aviação, no Govêrno Campos Sales. Do casal em aprêço, nasceram filhos que se casaram nas famílias gaúchas : Coelho Borges, Fontoura e Leão.

7. No número dos rebentos de Tristão Gonçalves, filho de Bárbara, mártir republicano, morto pelos imperialistas, tio de José de Alencar, contam-se : Xilderico, Neutel, Aderaldo, Carolina, casada com Antônio Ferreira Lima Sucupira e pais do bravo major Carolino Bolivar de Araripe Sucupira, Maria Dorgival, casada com Joaquim de Macedo Pimentel, de onde vêm os Araripe de Queiroz; Tristão, magistrado, parlamentar, Presidente das Províncias do R. G. do Sul e do Pará, e Ministro da Fazenda no govêrno Deodoro, Pedro Jaime, com descendência numerosa no Cariri e em Mombaça e Delencarliense, militar reformado, residente no Espírito Santo, onde faleceu.

A êsse ramo da família, que adotou, por sobrenome, a denominação do Chapadão fronteiro do Ceará e Pernambuco, pertencem, ou se vinculam, por casamento, o dr. Antônio Augusto Cardoso de Castro, que, com o Conselheiro

Tristão, integrou o Supremo Tribunal Federal; os Ministros do Superior Tribunal Militar, Marechal Tristão de Alencar Araripe e dr. Mário Cardoso de Castro, os professores de direito dr. João Thomé da Silva e Adolfo Alencar, e o professor de medicina Ernesto do Nascimento Silva; os desembargadores Arnaldo de Alencar Araripe (atual Presidente do Tribunal de Minas), Percival de Oliveira (Tribunal de São Paulo) e Aderson Antão de Carvalho (Tribunal de Pernambuco); o crítico literário e jurista T. Alencar Araripe Júnior; os deputados federais Ossian de Alencar Araripe e José Rui Lino da Silveira (Acre), e o autor desta resenha, que por mais de doze anos, a contar da Constituinte de 1946, também representou o Ceará na Câmara dos Deputados; Dr. Josio de Alencar Araripe; os Marechais Cláudio da Rocha Lima e Carlos Campos, os Generais Manoel de A. Faria, Tristão Araripe, Alvaro Pratti de Aguiar, José Joaquim Pires Carvalho, Thomé Cordeiro e Mário Vilasco; o cel. Celso Freire de Alencar Araripe; os Tenentes Coronéis Tristão Sucupira e Luiz Alencar Araripe aquele morto em Cocorobó, na campanha de Canudos; os Almirantes Zilmar Campos de Araripe Macêdo, ora Comandante de Esquadra, e Alfredo Pinto de Vasconcelos; os Brigadeiros Joelmir C. Araripe Macêdo e Ângelo Gondinho dos Santos dos Santos; os Capitães-de-mar-e-Guerra Marcos Fioravanti da Silva Bittencourt e Antônio Augusto Cardoso de Castro, os Capitães-Tenentes Mauro Viana de Araripe Macêdo, Ricardo Ramos Barbosa de Amorim, Mario Augusto de Camargo Osorio e Augusto Sergio Osorio.

8. Inácia, irmã de Bárbara, casada, em primeiras núpcias com João Pereira de Carvalho e, em segunda com Antônio de Leão Faria de Alencar, constituiu o tronco comum, de onde promanam o Almirante Alexandrino de Alencar (Ministro da Marinha e Senador pelo Amazonas) e o Presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

Arcanja, filha de Inácia, casou-se com Pedro Alves de Melo Labatut (descendente do General francês desse nome); de um filho desse casal, Alexandrino de Melo Alencar, que se casou em Rio Pardo (R. G. do Sul) com Ana Ubaldina de Faria Alencar, nasceu o Almirante Alexandrino, de cujo filho Armando, ministro do Supremo Tribunal Federal, descendem o embaixador Fernando Ramos Alencar, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Alexandrino Ramos de Alencar, Chefe do Estado Maior do 2.º Distrito Naval, em Salvador, e os oficiais do Exército Carlos e José Ramos de Alencar.

Ana Amélia, outro rebento de Pedro Labatut, casou-se com Tristão Antunes de Alencar, daí provindo Adelaide, casada com Augusto Gurgel, de quem é filha Antônia, mãe do Marechal Humberto.

Por sua vez, Tristão Antunes procede de Pedro Antunes de Alencar Rodovalho, primo do senador Alencar e filho de Inácio Caetano Pimentel Rodovalho e Francisca Joana do Céu, êle natural da Ilha de São Michel (Portugal) e ela do Exu (Pe.), conforme consta o assento de batizado ocorrido em Cococi em agosto de 1789.

A essa linhagem dos Alencares também pertencem os padres Antônio e Joaquim Pereira de Alencar, Joaquim e Vicente Soter, o cel. Nelson da Franca Alencar, de imperecível memória, em Crato, e os descendentes de Felton Bomilcar da Cunha.

O REDIMIDO

ALVES DE OLIVEIRA

Foi num lar de aceso amor
Que, por uma peraltica,
Ao primogênito disse
Serenado genitor :

"Cometeste uma maldade,
Foste aos pais certo impecilho,
Mas não te castigo, filho,
Porque falaste verdade.

Erro confesso — perdão.
Depois, o que não alcança
A lágrima de uma criança
Do paterno coração ?

É idéia muita ilusória
A segundo a qual, petiz,
A verdade abre ao que a diz
As portas da palmatória.

Ouve, filho esperançoso,
Meu conselho, depois vai,
Que faz venturoso um pai
Um menino otencioso :

Mas preste se tem seguro
Um mentiroso que um côxo :
Topa aquêlo, em tal acôcho,
Daqui para ali um muro.

Sê leal no vaivém da lida :
Quem mente apaga um farol,
E a verdade, como o sol,
É a claridade da vida.

Não há amoralidade,
Nem feiúras, podes crer,
Se olhas, com olhos de ver,
A sã nudez da verdade.

Enrica, ou muito me iludo,
Quem, dentro de si, na jornada,
Troca a mentira, que é nada,
Pela verdade, que é tudo.

Doloroso é sofrer a esmo,
O remorso andando à frente.
O maior bem do vivente
É a paz consigo mesmo".

E o primogênito, imagem
De um outro descobridor,
Fêz-se ao pomar, com valor,
A ouvir do pai : — "Boa viagem !"

Em trabalho escrito sôbre os que lhe estavam presos, através da descendência de Leonel, por laços de sangue, tempos idos, escreveu João Nogueira Jaguaribe :

"Em futuro que não poderá ser determinado, os Alencar, com as tradições que têm, hão de representar ainda papel de importância no Brasil; dos rebentos que existem e vivem a vida ativa dos sertões surgirão tipos com as energias antigas da família".

Os Alencares, sem dúvida, constituem no país uma das famílias que, malgrado os martírios sofridos nos movimentos de rebeldia de 17 e 24, maior contribuição têm dado à causa do desenvolvimento da sua vida cultural e política.

Dêles já dizia João Brígido, em artigo constante do "Unitário", de 26-4-1906 : "são materialmente valentes, quase sempre e cívicamente algumas vêzes; vigorosos, inteligentes e prestadios".

REVOLUÇÃO DE 1817

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Comemora-se no corrente ano, a 3 de Maio, nesta nobre cidade do Crato, os 150 anos da Revolução de 1817. Foi uma saga gloriosa nos nossos anais históricos, a mais gloriosa, talvez, das páginas da história cratense.

Iniciada em Pernambuco, cêdo-se irradiou no Cariri cearense. Foi a mesma no seu ideal e nos seus objetivos. Denominada por Múcio Leão como "um dos momentos mais gloriosos da história do Brasil", foi classificada por Oliveira Lima como a "única revolução brasileira digna dêsse nome", pois "foi instrutiva pelas correntes de opinião que no seu seio se desenharam, atraente pelas peripécias, simpática pelos caracteres e tocante pelo desenlace. Foi um movimento a um tempo demolidor e construtor, como nenhuma outra, em grau superior, na América Espanhola".

O Barão de Studart afirmou que "O movimento de 17 no Ceará foi obra de uma família", no seu artigo comemorativo do centenário da mesma, em 1917, na "Revista do Instituto do Ceará".

Já o nosso Pe. Antônio Gomes de Araújo informa que "Exceção feita da forma republicana de govêrno, os homens da Revolução Pernambucana de 1817 desejaram o mesmo que aspiraram os responsáveis pelo Sete de Setembro de 1822: Independência do Brasil com o regime democrático. Foi assim, a Revolução de 17 em rigor uma antecipação fracassada do episódio do Ipiranga, decorridos 5 anos".

Relatada pelos cronistas históricos Francisco Muniz Tavares, Joaquim Dias Martins, Guilherme Studart, Herculano Teixeira, Hélio Viana, Jônatas Serrano, João Ribeiro, João Brígido, Livino de Alencar, Luís Teixeira de Barros, Oliveira Lima, Pedro Calmon, Pandiá Calógeras, Vernhagen, Pereira da Costa, Rocha Pombo, Barão do Rio Branco, e muitos outros, inclusive a guapa turma de historiadores, cronistas e jornalistas cearenses contemporâneos, tendo à frente o Pe. Antônio Gomes de Araújo, foi cantada em prosa e verso, dissecada, discutida, polemizada, incompreendida, exaltada e narrada sob todas as formas. Nenhum, porém, dêside o poeta ao sociólogo, lhe negou a beleza histórica e a consciência libertária.

Que foi, enfim, êsse movimento que suscitou tantos escritos?

Costa Porta, citado pelo Pe. Gomes, que o chama "Um revisionista consciente", reduziu a quatro as suas Causas: Prosperidade econômica com fundamento no açúcar recuperado e a situação lisonjeira do algodão, bem estar que, no geral, numa colônia, constitui convite sedutor a experiência de rebeldia á base do auto-domínio; por cima, o liberalismo decorrente da Revolução Francesa.

O estimulante da indisposição contra o reino e o do ocasional arrôcho".

Pernambuco, centro geográfico e mental do Nordeste, lider na região, teria, naturalmente, de ter seguidôres nêsse movimento histórico. E os houve, na Paraíba, no Rio Grande do Norte e no Ceará, onde clarearam os relâmpagos patrióticos dos espíritos bravos da gente pernambucana.

No nosso Estado, entretanto, não chegou a ser luta armada. A atuação do Ouvidor Carvalho, "que teria conspirado de Dezembro de 1812 a Março de 1817" sem ressonância suficiente, embora o Governador Sampaio tenha querido dar-lhe maior realce, já foi devidamente colocada na sua posição obscura, pelo Pe. Gomes, que concluiu fulminante: "Feitas as contas, tudo esgrimido, atuação subversiva do Ouvidor Carvalho no Ceará perde os contornos que se lhe pretende dar, e esfuma-se"..

Têve, portanto, no Ceará, o Cariri, e o Crato em particular, como seu centro geográfico e de irradiação histórica.

E se, como afirmamos acima, citando Studart, foi obra de uma família, ela está inegavelmente, irremediavelmente, ligada à atuação da família Alencar, o clã Alencar, que "se constituía um escol mental incomum para o tempo e o espaço em que se confiava". Irineu Pinheiro, todavia, discordava de que fosse obra só dos Alencares.

Coube ao Cariri, portanto, a iniciativa, bem frisa o Vice Presidente do Instituto Cultural do Cariri, dos movimentos políticos que, de 1817 a 1824, ocorreram no Ceará.

Jasé Martiniano de Alencar, mço, patriota, cheio de vida e de inteligência, foi o elemento escolhido para vir de Pernambuco rebelar o Ceará.

Nascido em 16 de Outubro de 1794, no sítio Lambedor, próximo do povoado de Barbalha, então pertencente ao Município do Crato, José Martiniano de Alencar era filho do casal José Gonçalves dos Santos, êle, português, da Freguesia de S. Marinha do Tropejo, Cidade de Aroma, Bispado de Lamego, ela, Bárbara, a heroína, nascida na Fazenda Caiçara, Freguesia de Cabrobó, Pernambuco.

Foi no comço de 1817 que Alencar, seminarista, aluno do Seminário de Olinda, veio para o Cariri cearense pregar as ideias revolucionárias, com o apóio de sua mãe, Bárbara de Alencar, de grande e extraordinária atuação na vida comunitária do Crato daquêle tempo, do seu irmão Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, e de outros parentes. Nessa caminhada pelos ínvios sertões do nordeste, Alencar se fêz acompanhar de "dois moços de renome", no dizer de Irineu Pinheiro — foram Miguél Joaquim César e Antônio José Ribeiro, êste último, seminarista.

Seguindo as instruções do Padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro e Domingos José Martins, César e Alencar deveriam entender-se com outros líderes do movimento. Miguél César, entretanto, chegado à Paraíba, "naõ fêz" na frase de Muniz Tavares. Irineu Pinheiro, em estudo sôbre a missão, afirmou que César "naõ estava à altura da missão delicadíssima e perigosa que lhe confiaram". Nem êle nem Antônio José Ribeiro, "o qual naõ mereceu a honra de ser prêso" (I. Pinheiro).

Alencar, foi, portanto, a alma forte e a têmpera de aço que prosseguiu na tarefa.

Feita a propagação no Crato e no Jardim, a 3 de Maio de 1817, após a Missa, Alencar, de batina e roquete, leu, na nossa velha Matriz, a Proclamação ao Povo, sobre o movimento, ao mesmo tempo que proclamava a independência e a república.

Ato heróico e varonil, recebido entre vivas e aplausos, e o espoucar de fogos na vila calma e pachorrenca que era o Crato de 1817. Despostas as autoridades, rasgados símbolos e bandeiras portuguesas, marcharam todos para a Casa da Câmara, onde houve sessão histórica de instalação do movimento, e, depois, banquete na residência de D. Bárbara, a brava matrona que sempre ao lado dos filhos, e que foi a primeira mulher republicana do Brasil.

Por seu espírito lúcido e forte, por sua atuação intemerata, por sua dedicação às causas da Liberdade, D. Bárbara iria amargar campanha enorme contra si, iniciada pelos legalistas. E sua pessoa iria ser vítima de calúnias de toda a espécie, pelo resto da vida, calúnia que suportaria com firmeza, coragem e convicção, calúnias que atravessaram os tempos em forma de boatos infamantes.

Sua reputação, entretanto, foi reabilitada publicamente pelo Padre Antônio Gomes, com provas indestrutíveis e argumentos indesmentíveis de sua bravura, heroísmo e inteirêza moral e cívica.

Durou, apenas 8 dias essa malograda experiência revolucionária no Crato. A proclamação de Jardim fôra feita pelo mesmo Alencar e seu tio, Leonel Pereira de Alencar e teve o mesmo destino efêmero.

No dia 11 de Maio de 1817, foram presos no Crato, pelo capitão-mor José Pereira Filgueiras, José Martiniano, Pe. Carlos José dos Santos e Tristão Gonçalves, e outros, da família e fora dela, todos aderentes da malograda Revolução.

Escoltados para Fortaleza, via Icó. D. Bárbara foi presa no Rio do Peixe, e também conduzida a Fortaleza. De lá foram para as prisões da Bahia, onde foram pronunciados em 13 de Setembro de 1818 e ficaram detidos até 1820.

Triste sina os aguardava nas prisões por onde passaram. Sofreram amargamente, e as duras penas mantiveram o espírito inquebrantável que cimentou seus ideais revolucionários, que mais tarde dariam páginas gloriosas, como a Revolução de 1824, em que Tristão teve papel destacado, morrendo como mártir.

Já está desmentida, a esta altura, a prisão de Bárbara de Alencar no minúsculo cubículo debaixo da fortaleza de Nossa Senhora de Assunção.

No seu artigo "A falsa prisão de Dona Bárbara de Alencar" ("A Margem da História do Ceará", pág. 307) Gustavo Barroso informa:

"Baseado na lenda corrente,, sem a menor prova histórica, o capitão Beltrão Castelo Branco, quando comandou o 46.º Batalhão de Caçadores do Ceará, teve a idéia de colocar na boca da pseudo-masmorra uma placa comemorativa. Inaugurou-a solenemente a 21 de Abril de 1928 o cel. Luís Sombra, então comandante do 23.º de Caçadores.

A lápide diz o seguinte: Aqui gemeu longos dias D. Bárbara de Alencar, vítima em 1817 da tirania do Governador Sampaio. "Não há maior mentira histórica gravada na pedra do que essa", diz Barroso, e acrescenta: O saudoso

historiador cearense, desembargador Paulino Nogueira destruíra havia muito tempo a afirmação inconsiderada de Théberge, mostrando claramente que aqueles revolucionários de 1817 estiveram prêsoes em "estreitíssimo e imundo calabouço no antigo quartel do 1.º linha, entre a cadeia do crime e a fortaleza" até seguirem para a Bahia, o que não permite justificação ao erro cometido. Foram os prêsoes antes devidamente revistados, agrilhoados e postos em rigorosa incomunicabilidade. É tradição oral na família Alencar que o comandante da guarda remexia com a baioneta os alimentos que lhes mandavam, para ver se não continham bilhetes, venenos, limas ou pequenas armas. Dona Bárbara ocupou uma prisão separada da de José Martiniano e Tristão Gonçalves, que ficaram juntos. A história das salvas continuadas, que se davam por acinte e tortura, não passa de mera fantasia".

Mais adiante Gustavo Barroso afirma :

"Dona Bárbara e os Alencares nunca poderiam ter sido metidos naquêlê covil que a lápide mentirosa assinala, porquanto aquilo não era prisão, mas simples paiol para guardar as munições da salva, do serviço comum da fortaleza e a palamenta de sua artilharia : lanadas, soquetes, murrões, bota-fogos.

Conclui Gustavo Barroso : "a Glória da heroína de 1817 não precisava dessas mentiras douradas pela imaginação ou pela parcialidade dos pósteros..."

Da cadeia da capital cearense para o Recife e dali para a Bahia, os Alencares seriam levados a cumprir o seu destino, até 1820. Curtiram a duros penas o castigo de querer um destino melhor para o Ceará e o Brasil.

Nunca lhes foi quebrada a altivêz, jamais os seus ânimos esmoreceram, mantiveram-se sempre firmes e impávidos ante os sofrimentos. E se redimiram para a posteridade, alçando lugares mais proeminentes, depois, na vida pública da Província.

Alencar, que tivera Antônio Carlos, irmão de José Bonifácio, como companheiro de prisão nos cárceres da Bahia, figurou entre os Deputados à Constituinte de Fevereiro de 1824, tomou parte na Confederação do Equador. Entre 1830 e 1833 foi Deputado Geral pelo Ceará, ao mesmo tempo que Minas o elegia também, optando pela Cadeira que lhe deram os seus conterrâneos.

Presidiu a Câmara dos Deputados de Julho a Dezembro de 1831. Depois foi eleito Senador, ocupando o cargo de 1.º Secretário do Senado. Estêve à frente do movimento pro-maioridade de Dom Pedro. Presidiu o Ceará duas vêzes, a primeira de 16.10.34 a 23.11.37 e a segunda, de 1840 a 1841.

Tristão Gonçalves ainda foi o herói da Confederação do Equador no Ceará, antes governara a Província no Governo temporário do Icó. Foi sacrificado no combate em Santa Rosa, próximo de Jaguaribe, herói varonil que o Ceará muito amou e jamais esqueceu.

D. Bárbara, preconizada heroína, foi a célula mater do movimento de 1817 em Crato. Se não fôra o seu apôio — ela, de grande ascendência social, política e familiar em nosso meio, nada teríamos hoje para contar dessa epopeia.

Ao nosso vêr — e aderindo à sugestão do Pe. Antônio Gomes de Araújo — o governo municipal do Crato deveria mandar formular uma pequena história da revolução de 1817 para as escolas municipais do Crato. Devemos render o culto ao nosso passado histórico, despertando nas novas gerações o

DANDINHA VILAR

MARTINS FILHO E

RAIMUNDO GIRÃO

Saudade, restos de sonhos
 Vividos no coração
 Perfume de amor extinto
 E éco de uma ilusão.

Saudade, palavra triste
 Que lembra um beijo e um olhar
 De quem nos olhou mentindo
 E nos beijou a enganar.

Saudade, doce queixume
 Meiguice que faz sofrer
 Que embriaga com doçura
 E enfeitiça sem saber.

Saudade, página solta
 Do livro da consciência;
 Saudade, folha caída
 Da árvore de uma existência.

Saudade! Uma cruz, um túmulo
 Flôres dispersas no chão.
 Saudade! Fonte dos olhos
 Jorrando do coração.

Saudade, drama da vida
 Que ao surgir nos baixa o pano;
 Saudade, triste caminho
 Que nos leva ao desengano.

Saudade, deserto d'alma
 Que ao abandono ainda implora
 Um sorriso de quem ama
 Um olhar de quem adora.

Já está circulando a terceira edição, atualizada, de "O CEARÁ", orientada pelos brilhantes intelectuais conterrâneos — Martins Filho e Raimundo Girão. É completa miscelânea de assuntos cearenses, cheia de dados, estudos firmados pelas melhores penas e descrição minuciosa de todos os municípios d'este Estado. No frontispício traz frase expressiva do gaúcho que residiu, durante vários anos, em Fortaleza — Sílvio Júlio — O CEARÁ NÃO É SALÃO DE BAILE. É ESCOLA.

Realmente, hoje está provando isso. É um lugar que se estuda, de norte a sul do Estado, após que a clarividência de Martins Filho esforçou-se junto às autoridades federais, para nos doar a Universidade do Ceará.

"O CEARÁ" constitui dos melhores repositórios de assuntos ligados à nossa terra e é dos mais belos presentes que se pode ofertar a pessoas de fora, ou conterrâneos que residem fora.

sentimento nativista de entranhado amor à terra e às nossas tradições.

Ainda está em tempo de também pensarmos no Monumento aos Heróis de 1817, num dos recantos da Cidade. É uma dívida que o Crato do presente deverá àquêles que, no pasado, cimentaram sua grandêza histórica e souberam escrever, com heroísmo e bravura, as páginas mais eloquentes e mais comovedoras da nossa terra.

SANTÍSSIMA TRINDADE

G. LOBO

*Deus Pai! Supremo Deus Onipotente,
Deus da guerra, da paz, Deus Poderoso,
Supremo Criador, Deus Dádivo,so,
Sem princípio, sem fim, o Verbo Ardente!*

*Deus Filho! Deus Amor, Deus Penitente,
Sacrossanta humildade, Deus Bondoso,
Deus Caridade, Deus Miraculoso,
Supremo Redentor da humana gente!*

*Deus Espírito Santo-Oniciência
Maravilhosa Luz-Clarividência!
Oh! sublime Santíssima Trindade*

*O vosso povo impenitente, louco,
Afastou-se de Vós, precisa um pouco
De fé, de amor, compreensão, bondade.*

JUVENTUDE — EXPERIÊNCIA DE SERVIÇO SOCIAL COM JOVENS

A jovem cratense Mary Menezes Barbosa, filha de nosso consócio — Prof. Antônio Teodorico Barbosa e Exma. Espôsa, concluiu, no ano passado, o curso da ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL, agregada à Universidade do Ceará. E o fez com brilhantismo, como nos revela sua bem feita tese, sob o título "JUVENTUDE — EXPERIÊNCIA DE SERVIÇO SOCIAL COM JOVENS". É livro de quase cem páginas, demonstrando, sólidos conhecimentos, baseados em experiência própria, ou em equipe,

e escolhidos igualmente nas melhores fontes bibliográficas universais do assunto.

Para o desenvolvimento das populações brasileiras é imprescindível o conhecimento e a aplicação imediata de tal experiência que se impõe ao mundo civilizado de hoje. O trabalho de Mary Menezes Barbosa é bem fundamentado, bem escrito, augurando-lhe assim promissor futuro, na empolgante e útil carreira que abraçou.

QUADROS DA VIDA

DJANIRA FILGUEIRAS

Lá fora a chuva cai...

Zune o vento nas folhas dos coqueiros

E no silêncio da noite sem estrélas

Nuvens negras envolvem o infinito!

A música das gotas nos telhados

Enche de tédio o coração da gente...

E longe, a guerra desumana.

Ceifando vidas, destruindo lares

A miséria, o horror, o desespero,

Lábios em busca de pão,

Crianças na orfandade

O luto, a dor, a amargura,

De corações despedaçados

Ao verem partir entes queridos

Que jamais hão-de-voltar!

Não se conhece o riso

E só a mágua tem guarida

Nesse turbilhão imenso e desvairado

Onde o troar dos canhões

E o espancar dos bombardeios

Deixam a terra fria, humedecida

Do sangue de bravos e heróis desconhecidos

Senhor! Senhor! suspende o teu castigo

Ouve o fervor de nossas preces

E não deixes que se extinga a luz da fé.

Recife, agosto de 1966

RECIFE, em 12 de Outubro de 1966

Prezado Confrade Pe. Antônio Gomes de Araújo :

PAX

Aprecei o seu belo trabalho : ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA.

Parabéns pela boa e bem fundada exposição do assunto, que constitui a colaboração mais preciosa de HYHYTÉ. Graças a Deus que há filhos da terra que se interessam pelo longinquo passado do Cariri remontando a recursos da arqueologia onde a história se cala.

In caritate Christi

Fr. Venâncio Willeke, OFM.

(Trecho de uma carta do historiador Fr. Venâncio Willeke, OFM ao Pe. Antônio Gomes de Araújo).

O HISTORIADOR PADRE SERAFIM LEITE E "ITAYTERA"

O ilustre jesuíta P. Serafim Leite, autor da HISTÓRIA DOS JESUITAS NO BRASIL obra que veio a completar a História de Nossa patria, como preconizava Capistrano de Abreu endereçou a expressiva carta, que se segue, ao presidente do Instituto Cultural do Cariri :

"ROMA, em 20 de Março de 1967

Recebi "ITAYTERA", revista que é honra e glória do Cariri — e me veio avivar saudades do Ceará, das vezes que aí estive.

Muito grato o admirador

(a) Serafim Leite S. J."

MARANGUAPE, em 26 de Agosto de 1966

J. de Figueiredo Filho :

Muito obrigado pelo décimo número da revista ITAYTERA, plenamente vitoriosa. "No asfalto e na piçarra", trabalho de D. Zuleika Pequeno de Figueiredo, sua estremecida Espôsa, é colaboração das melhores, não apenas pelo sentido histórico e valor informativo como, sobretudo, pelo roteiro que oferece aos que visitam os grandes centros do País : Rio, S. Paulo e Minas.

Cordialmente, e com vera admiração e estima,

PEDRO GOMES DE MATOS

A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO CRATO VERSUS CABRAPRETA

FLORIVAL MATOS

Foi de acentuado progresso cultural e comercial para o Crato, o ano de 1919. Emergindo de quadra histórica de funestos acontecimentos, vivendo os derradeiros meses de 1918, à mercê de epidemia virulenta que zombava dos recursos da medicina da época, a cidade era campo aberto à propagação da terrível **bailarina**.

Nas cabeceiras dos doentes, os médicos, desprovidos de medicação adequada, recorriam à tóda sorte de ingredientes para manipulação de poções e cápsulas, embora, reconhecessem intimamente a invalidade dos medicamentos, ante a célere marcha da doença.

Enquanto essa luta desigual ganhava alento, e, os médicos trespobravam os seus esforços, o sino da Catedral, sem descontinuar, dobrava a finados...

Corria então, de boca em boca, o ditado — nem água, logo, os supersticiosos descobriram no adágio, um preságio agourento: — Nem água — queria dizer, não ficar em cada casa, uma pessoa sadia para dar água aos doentes.

A ronda sinistra de sepultamento continuava!

De ordem superior, o sino da Catedral emudeceu, para não enervar, com a tristeza plangente da sua vibração, os doentes com esperança de restabelecimento.

Foi triste o natal de 1918.

* * *

A história do futebol no Crato, embora o trivial do assunto — adquire certo encantamento, máxime, por dis-

tanciado no espaço e no tempo de quasi meio século.

A cidade não dispunha de clubes recreativos.

O Cinema Paraizo — no prédio da Coop. do B. do Brasil — dava-se ao luxo de exhibir dois filmes por semana.

Os aficionados ao jogo de bilhar, deixavam-se ficar, horas seguidas, no Bar Ideal, disputando intermináveis partidas, refrescando, vez por outra, a garganta com uma **loura gelada** á moda da casa, isto é, conservada em recipiente de barro repleto de areia molhada...

O Bar Ideal, então, ostentava ares de nobreza.

Não permitindo ingresso aos seus salões, a quem não estivesse decentemente vestido, ostentando laço de gravata.

* * *

Aos domingos, grupo de rapazes montando árdegos corcéis perlustrava pelas ruas da cidade, rumo ao sítio Lameiro residência do coronel Nelson da Franca Alencar, onde após fechado o corpo com algumas doses da aguardente, seguia-se a prática ritualística do banho na água mais limpa do Cariri.

Na época carnavalesca formavam-se blocos, ricamente fantasiados, e, à noite, a festa dançante em residência familiar, além do grande gasto de lança-perfumes, obrigava o dono da casa suprir a adega com o conhaque Macieira, o vinho quinado Ramos Pinto e a popular cerveja...

A orquestra malhava Zépereira e cutros números do seu repertório até altas horas da noite.

O seu comércio era próspero e desenvolvido.

Duas casas bancárias: Casa Teixeira e Antônio Fernandes Lopes. Vários estabelecimentos de grande porte: — A Pernambucana, A Casa Dumar, Fernandes Marques & Cia., Manoel Simões Loiro, Levi Bezerra, Matos & Irmão, Godofredo Arraes, José Holanda Bastos, Siqueira Campos, Joaquim Alves Pereira, Antônio A. Matos, Juvino Ferreira, João Ranulfo A. Pequeno, Raimundo Felício e J. Ribeiro & Cia., essa vulgarmente conhecida pela denominação de loja da "Cabra Preta".

(Linhas adiante, declinaremos a proviniência da designação de "Cabra Preta").

Resguardavam a saúde da população, as farmácias: Rolim, Siqueira, Teles, Central do Cariri e Soares.

Era, como se vê, célula afeita ao labôr da multiplicação da riqueza, nos vários setores da vida.

* * *

O Campeonato Sul Americano de Futebol que se disputava no Rio de Janeiro, no stadium do Fluminense, fazia chegar ao Cariri pelas revistas e jornais, o noticiário dos embates esportivos que arrebatavam as multidões.

O Tiro de Guerra 118, anteriormente organizado pelo Tenente Camargo, recebera novo instrutor, o sargento Mário Melo, que além de exemplar conduta, portava essa predisposição encontrada em algumas pessoas, de integrarem-se naturalmente na comunidade. Jogando bem o futebol, conhecedor das regras básicas do jôgo era o elemento de que careciam os rapazes para a articulação do esporte.

"1919. 19 de janeiro. Fundação

do Crato-Foot-Ball-Club, primeira sociedade desse gênero criada no Cariri. Seu primeiro presidente foi Jorge Dmitri Dummar".

Efemérides do Cariri — Irineu Píneiro.

O Araripe, jornal sob a direção de José Alves de Figueirêdo, edição de 12.6.1919, noticiava:

"Foot-Ball — este útil e interessante sport inglez está afinal implantado no Cariri, cabendo ao Crato a glória da ideia. Na praça da Sé reúnem-se diariamente os simpáticos **players** para treinar adquirindo desde modo robustez psiquica, elasticidade muscular e agilidade indispensáveis ao bom **foot-baller**.

Domingo último a diretoria do Crato-Foot-Ball-Club fez seguir para Barbalha quatro sportmans com o delegação de criarem alí uma sociedade congenera o que foi levado a efeito sob os melhores auspícios, havendo-se desempenhado desta comissão a contento de todos, os Srs. Jorge Dummar, Mário Melo e Abdias.

O primeiro jogo oficial de que temos notícia pelo jornal — "O Araripe", edição de 19.6.1919, foi assim distribuido:

— Quadro A, Elite Cratense e Quadro B, Coronel Nelson. O segundo jogo, entre os mesmos quadros termina com empate, 7.8.1919.

O desempate mereceu do "O Araripe". 14.8.1919, pormenorizada notícia da qual destacamos:

"As 4,35 deram entrada no campo, ao som da bem regida banda municipal as **elevens** que iam disputar o **match** de desempate que terminou: Elite Cratense 2 — Coronel Nelson".

* * *

Prometêramos explicar, por que cris-

mára o povo de "Cabra Preta", a loja dos srs. J. Ribeiro & cia.

Firma recém-instalada na cidade, seus dirigentes e auxiliares imediatos também recém-chegados, rapazes habituados ao convívio social dos centros adiantados, aqui, sentiam-se isolados.

Identificados com o meio, fundaram um grêmio cívico literário do qual temos conhecimento pelo jornal "O Araripe" de 17.7.1919.

"Secretaria da Filial n.º 6 da "Eiicêpece" na cidade do Crato, em 26.6.1919. De ordem do sr. Presidente tenho a grata satisfação de comunicar a V. S., que nesta data foi solenemente instalada nesta cidade a Elicêpece — Litera — Cívica — Solidária, tendo sido eleita e empossada a seguinte Diretoria:

Pr.: José Ribeiro Soares

Secr.: J. A. Camarão

Th.: Gerson Zabulon

Or.: Dr. Elias Siqueira

Consul.: Jorge Dumar.

Aproveito o ensejo para hipotecar-vos os meus protestos de alta estima e consideração. J. A. Camarão, Secr.:

Não faltaram prosélitos à agremiação que, semanalmente na sua sede à rua das Laranjeiras — atual n.º 109 — realizava sessão. Mencionaremos as características pivô dos comentários:

- a) essas reuniões eram secretas;
- b) os associados compareciam rigorosamente vestidos de **prêto**;
- c) à entrada do associado, a porta fechava-se imediatamente;
- d) do que ocorria inter-muros reinava o mais profundo silêncio;
- e) os pontos **cabalísticos** publicados na comunicação, denunciavam prática estranha, com **cheiro** de maçonaria...

Corroborando tudo isso, uma corneta de sons bizarros, emitia vez por outra, de acôrdo com o cerimonial da sessão,

um grito fanhoso que ouvido pela vizinhança semelhava o berro de um bode, daí o apelido de Cabra Preta.

Não restam dúvidas! Àqueles sinais cabalísticos, o rigorismo observado no traje preto, após a sessão, saíam então, em coluna por dois, rumo ao Bar Ideal, para o ágape fraterno, tudo, denunciava a prática de uma simulação de maçonaria com pronunciada ascendência em 1919. Entre outros nomes que integravam **A Cabra Preta**, não arrolados na nominata da diretoria, podemos declinar; José Luiz de França — Zeba —, Dr. Alfredo Teixeira Mendes, Alfredo Gonçalves de Oliveira, Isaías Alves de Matos, José Duclerc Colares, Josias Girão Moreira, José Carvalho, Hildebrando Sisanando, Emídio Braz, afora alguns não lembrados pelos participantes da agremiação que nos prestaram valiosa colaboração. Residia na vizinhança da sede do grêmio, a senhora Dona Lulú, muito religiosa, foi a primeira a incitar o quartelão contra a novél entidade, bradando alto, sem papas na língua:

— Isto é obra do Dêmo. Espiritação desses excomungados. Inda essa semana eu ví **barmura** no quintal. Vou dar parte... Rosa Beijinha, também devota compenetrada, não pisava a calçada do prédio. Caminhava pelo meio da rua, e, para segurança da sua fé, fazia cruz na bôca...

Não carecia de ser profeta para prever o resultado.

O Vigário, no sermão dominical, mandou brasa na nova seita.

Começou a declinar o movimento de J. Ribeiro & Cia.

Nesse ínterim o quadro B do Crato Futebol Clube, crescera com novos elementos, tornara-se enfim, entidade definida: Iracema Futebol Clube, segunda no gênero, sendo seu primeiro presidente: — José Ribeiro Soares.

O Crato, vestia camisas de listas

verticais, nas côres preto e branco, era o alvi negro. O Iracema, também camisas de listas verticais, nas côres vermelho e preto, era o rubro negro. Calções brancos, mais compridos que as mini-saias da moda atual.

Uma das providências do presidente do Iracema, foi mandar confeccionar na oficina do Sr. Teopista Abath, um troféu de prata, sendo Julio Saraiva, o burilador da Taça Coronel Nelson, a ser disputada no jôgo do dia 15 de novembro de 1919.

* * *

Ao clarear do dia 15.11.1919, os famílias que transitavam pela praça da Sé, para ouvir missa na Casa de Caridade ou na Catedral, deparavam com turmas de rapazes entregues à faina de delimitar com estreita faixa de cal, a área do Campo.

Os bancos da praça Siqueira Campos e da séde da Banda Municipal, eram transportados e distendidos — lado poente — distanciados de três a quatro metros da linha divisória do gramado.

Às desesseis horas, a Banda Municipal, sob a direção do maestro Pedro Maia, era recebida com palmas pela assistência. Às famílias, reservavam-se lugares na bancada, enquanto os rapazes, postavam-se, atrás dos bancos, dando cada um, preferência a ficar próximo da namorada.

Era, realmente, para êles um prazer aquele festivo encontro dominical. Às vêzes, por ocasião de um chute forte do José Carvalho, visando as traves do Iracema, defendidas por Kacildo, o namorando, afetando distração, de soslaio passava a mão nos cabelos da amada...

— Quantos solenes casamentos, provieram daquelas tardes festivas?

— Ao certo, não aventuramos resposta a essas indagações; limitamo-nos

a indicar o secretário dos assentamentos da Igreja, única fonte insuspeita para opinar sobre o aumento da natalidade...

* * *

Às desesseis e trinta início da partida:

O Crato Futebol Club, apresentou o seguinte esquadão:

Francisco Teixeira, Mário Mélo, Heli Norões, João Dumar, Waldemar Garcia, Jorge Dumar, Zezé Esmeraldo, José Duclerc Colares, José Carvalho, Gerson Zabulon e Antônio Lima.

Iracema, Kacildo Dantas, Lauzemiro Aguiar, José Martins, Walmick Gomes, Ulisses Lima, Eudório Romão, Vicente Maia, Luiz Carvalho, Alcides Parente da Silva, Pedrinho e Alfeu Amorim.

Juiz da Partida — José Dumar.

Venceu o Crato por 3 X 1.

* * *

Eis, em ligeiros traços, o esboço histórico do advento do futebol no Crato. A criação dos clubes, a conquista do primeiro troféu.

A rememoração da "Cabra Preta", fizêmo-la, por constituir página não divulgada, e, comprovar a vinculação de vultos destacados da sociedade, não apenas no Grêmio Elicêpece, também no setor social esportivo.

Os documentos que apoiam esta narrativa, na parte alusiva ao C. F. C., são coordenados e convincentes de modo a podermos declinar com segurança todos os nomes dos jogadores da partida 15.11.19 — Taça Coronel Nelson —, o que se não pode dizer dos jogadores do I. F. C., pela escassa documentação existente. Os nomes apontados, figuram como os mais cotados, nas crônicas da época.

— O terceiro clube, bem, aí começa outra história...

Cônego Manuel Feitosa

IN MEMORIAM

AS NOTAS QUE ADIANTE SE SEGUEM, FORAM COMPILADAS SIMPLEMENTE PARA LEMBRANÇA E NUM PREITO DE GRATIDÃO E SAUDADES DO CÔNEGO MANUEL FEITOSA, QUE A PAR DE SEUS TRABALHOS EVANGÉLICOS, SOUBE SER BOM, POPULAR E HUMILDE

SEU FAMILIAR QUE FUI E PRIVEI DA SUA AMIZADE, NÃO DEVO DEIXAR QUE A SUA VIDA, TÃO PROVEITOSA, FIQUE ESQUECIDA, NA VORAGEM DOS QUE VÃO SE PASSANDO, DEPOIS DE SUA MORTE.

J. CALIOPE

A VIDA DO CÔNEGO

O Cônego Manuel Feitosa, nasceu pobre em Arneirós, Ceará; viveu pobre e morreu pobre, sem nunca ter saído de seu Estado.

Seu pai era coletor de rendas, de uma comuna que talvez não tivesse renda anual de mil cruzeiros, faleceu em 1894, deixando este único filho varão com menos de 8 anos de idade, a viúva e 2 filhos.

Com 14 anos de idade, o nosso futuro cônego, foi estudar primeiras letras em Canindé, Ceará, iniciativa de seu parente, de Cocucá, nos Inhamuns, o Sr. Joaquim Feitosa Sobrinho. Ali, passou, apenas 3 anos, de 1900 a 1903, voltando a Arneirós, onde começou a ensinar meninos pobres.

Em 1906, com pequena ajuda de sua mãe, foi estudar no Seminário de Fortaleza, as expensas do Mons. Leopoldo de Araújo Feitosa, que foi Vigário Geral e Cura da Sé, na capital. Ordenou-se sacerdote em 1912 e logo foi ser coadjutor das freguesias de Meruoca e Massapê, sendo nomeado vigário de Uruburetama em 1914 e depois em Pedra Branca, em 1917.

Nêste mesmo ano, deixando a Arquidiocese, passou a ensinar no Seminário de Crato, nova Diocese.

No Crato, foi Diretor do Colégio Santa Teresa, onde lecionava, redator-chefe do jornal "A Região" e do "Mensageiro Diocesano", deixando nêles seus artigos doutrinários e apreciados.

Cooperou nas fundações do Banco do Cariri, na Cooperativa de Crédito e da União Beneficente, estando presente em todos os movimentos culturais da cidade. Vigariou Cedro de 1936 a 1941, quando foi nomeado vigário de Quixerá, onde faleceu em 1945..

Quando Quixerá não era freguesia, costumava o cônego celebrar ali, as festas natalinas e sempre trabalhou pela criação da freguesia, até que isto aconteceu em 1937.

O CÔNEGO ERA RESERVADO

Homem reservado, falando só quando necessário, o cônego era tido como padre calado, entretanto êle gracejava com os amigos e com seus familiares. Não gostava de comentar os acontecimentos, nem mesmo pelo jornal que chefiava. A sua mudez durante as visitas e com os familiares, era tal que prejudicava vários negócios e pretensões de seu interesse. O seu tempo disponível era quasi sempre dedicado às suas leituras, pois êle lia muito e tinha grande biblioteca, em face de seus pequenos rendimentos.

Assim como sabia ser prudente e reservado, sabia ter os seus sentimentos e o seu caráter, quando alguém feria a sua suscetibilidade, atacava a sua religião ou noduava o conceito de sua familia.

Não discutia, mas, tinha uma palavra certa e dura que punha o assunto fora de tela.

Obediente aos seus superiores, em todos os casos de aproveitamento de sua inteligência para o posto indicado, mesmo que este não lhe desse resultado monetário.

CÔNEGO INTELECTUAL

Nos estabelecimentos de ensino, onde o cônego esteve presente, lecionou português, latim e se propunha ensinar, particularmente, o esperanto que cultivava, quasi que exclusivamente, no Cariri.

Jornalista, estava pronto para todos os movimentos sociais, culturais e progressistas do Crato.

Foi nomeado Cônego do Cabido da Bahia, por serviços prestados ao Cardeal Silva, Arcebispo Primaz do Brasil, com sede na Bahia, quando este visitou o Ceará. Ardoroso devoto de Santa Terezinha, a quem atribuia a cura de grande mal que padecera, traduziu do francez para nossa língua, o livro "História de uma alma". Infelizmente não chegou a publicar e perdeu os autógrafos. Tinha, também, autógrafos de uma resenha sobre devoção ao Sagrado Coração de Jesus que também não foi publicado. Tinha em manuscrito um estudo sobre como as alunas do Colégio de Santa Tereza, deveriam passar as férias, constante de conselhos, questionários, poesias e pontos sobre os cursos normais e ano complementar. Publicou e distribuiu gratuitamente, uma novena de Nossa Senhora da Conceição. Compôs outra novena de Santa Terezinha que não publicou. Publicou, entretanto, um opúsculo de advertência às moças pobres para fugir aos galanteios dos chamados rabos de burro, das más companhias e dos atrativos envolventes da mocidade. Gostava do verso e chegou a ensinar metrica. Foi seu aluno um rapaz que hoje, além de ser poeta renomado, com várias publicações, é Magnífico Reitor de Universidade no sul do país. Foi secretário da Curia Diocesana ao tempo do inolvidável D. Quintino, que era notável em descobrir valores.

Quando estudante parodiou as Pombas, soneto de Raimundo Correia, com relação aos cigarros que lhe pediam seus colegas de turma. Publicou na "A Região", um soneto sobre a morte de sua pequena sobrinha Maria Edília, quando também foi publicado outro, no mesmo sentido pelo falecido Padre Emídio Lemos.

D. Aureliano Matos, digno Bispo de Limoeiro do Norte, em missiva que dirigiu ao Cônego, diz que revendo sua pasta, encontrou o soneto Despedida que mandava, ao cônego, como lembrança.

É o seguinte o soneto :

“ D E S P E D I D A ”

Ao Pe. Lumesi

ALMA SANTA DE NOBRE ENVERGADURA,
CORÇÃO IMPOLUTO E GENEROSO
QUE SEMPRE VOS MOSTRASTE ALTEROSO
QUER NA ALEGRIA, QUER NA DESVENTURA.

AGORA QUE A DOR PUNGE E VOS TORTURA,
AGORA QUE VOS MATA IMPIEDOSO
O DESTINO CRUEL E TENEBROSO,
QUEREMOS ABRANDAR VOSSA TRISTURA.

DIZENDO : IDES PARTIR, MAS NÃO A SÓS,
POIS NOSSOS CORAÇÕES VOS DAMOS NÓS
PARA CHORAR CONVOSCO A INGRATIDÃO !

NOSSAS ALMAS VOS SEGUEM ABATIDAS
GEMENDO TODAS PELA DOR TRANZIDAS
MAS REPLETA DE AMOR E GRATIDÃO !

Fortaleza, 5 de Abril de 1912.

Manuel de Araújo Feitosa.

* * *

Em 1935, o Cônego Feitosa dizia que tinha gasto muito dos seus dias, os quais foram dedicados ao Ministério, porém, apesar de ter lido muitos dos livros da época, atinentes a tal profissão, verificava que ela era uma das mais ingratas que o homem podia ter, por incompreendida de muitos e especialmente pelos educandos e pelos estabelecimentos contratados.

Ele tinha passado por uma grande enfermidade e já ia sabendo bem as agruras que o mundo tem para premiar a quem se dedica, corpo e alma, às letras patrias, para o seu cultivo e para o bem dos semelhantes.

Aqui vai mais um dos seus sonetos. Aquele primeiro feito quando ainda não era padre; este já no declínio de sua existência :

“ ÚLTIMOS VERSOS ”

EU CANTEI MINHA DÔR E MEUS PESARES
NA LIRA DA AMARGURA E DA TRISTEZA
AOS RICOS EU OS DISSE EM SEUS SOLARES,
AOS HUMILDES CONTEI EM SUA POBREZA.

RIRAM TODOS DE MIM, COM QUE DUREZA!
E ME CORRERAM LAGRIMAS AOS PARES,
AO SENTIR DOS HUMANOS A RUDEZA,
SEMELHANTE Á INCLEMÊNCIA DOS JAGUARES.

MINHAS MAGUAS A MAIS NINGUEM DIREI,
NO INTIMO DO PEITO AS GUARDAREI,
QUE O SILÊNCIO É O AMIGO VERDADEIRO.

SE PARA MIM O MUNDO FOSSE PERVERSO,
NA SOLIDÃO JAMAIS COMPOREI VERSO,
PORQUE ESTE QUE AQUI DEIXO É O DERRADEIRO

Crato, 1935

Con. Feitosa

* * *

Cônego Feitosa era sócio remido da União do Clero de Fortaleza, tendo sido admitido mesmo antes de se ordenar, em data de 25 de Agosto de 1911. Seu diploma, entretanto, só lhe foi dado a 30 de Março de 1922, quando a Sociedade festejava seu 38.º ano de existência, no 1.º ano do centenário da independência do Brasil.

Era eleitor na 16.ª zona - Crato, inscrito a 21 de Janeiro de 1933, título que tinha seu retrato e foi assinado pelo Juiz Hermes Parahyba, que mais ta de seria desembargador da Corte de Justiça do Estado.

O título de Cônego tem os seguintes dizeres: Armas do Arcebispado da Bahia, com a inscrição: "Per Crucem ad lucem", e o carimbo onde se lê: "Augustus Alvarus a Silva. Archiep. S. Salvatoris, Bahia", a seguir: "Dom Augusto Alvaro da Silva Por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo Metropolitano de S. Salvador da Bahia, Primaz do Brasil, etc., etc. Pela presente Fazemos saber que, atendendo ao desejo do Exmo. Bispo do Crato, Ceará, com pleno assentimento do Nosso Cabido Metropolitano, Havemos por bem conferir ao Revdo. Padre Manuel de Araújo Feitosa as honras de Cônego de Nossa Catedral Metropolitana e Primacial, com todos os privilégios, graças e isenções que competem aos Revmos. Cônegos Catedráticos da mesma Igreja, exceto assento em quadratura e o voto em Cabido, com a declaração, porém, de que, na administração dos sacramentos, não usará a capa magna e roquete e sobrepeliz e estola como foi expressamente ordenado pela S. C. dos Ritos em 12 de Novembro de 1831. Dada e passada nesta cidade de S. Salvador da Bahia aos 30 de Abril de 1929. † Augusto Arc. da Bahia". "Visto. Crato, 3 de Maio de 1929. † Quintino, Bispo do Crato".

* * *

MORTE DO CÔNEGO

Em uma das suas estradas em Quixará, no ano de 1928, o cônego vol-

tava de uma confissão de hora de morte, fora da cidade, sentindo uma dor de um lado, e logo apressou sua volta a Crato, onde se estorcia sob cruenta dor no pulmão. Chamado o médico, êste opinou por uma junta médica, que constatou tratar-se de uma pneumonia purulenta, procedendo-se logo, uma punção para extração de grande quantidade de pús. Feita esta, não resolveu o caso e foi, então, feita a operação, abrindo-se o lado e extraindo-se a grande quantidade de pús. Curou-se e como dizia, mais pela intervenção de Santa Terezinha que lhe deu um sinal, em sonho. Ficou, entretanto, com um pulmão fracc, mas, sem muito incomodo para o munus paroquial. Tanto assim que, passou a vigariar Cedro em 1936 e Quixará até 1945, quando morreu.

A 23 de Dezembro desse ano, de volta de uma confissão de enfermo, depois de ter tomado uma neblina, passou êle a sentir dor no outro pulmão e tosse frequente. No dia seguinte, 24, teria que celebrar missa pela manhã e a dominical ás 10 horas. Só pôde celebrar a conventual, fazendo ainda alguns batismamentos. Dia 25 piorava sensivelmente e chamados os dois farmaceuticos da terra, prognosticaram morte iminente, tal era seu estado de agravamento da moléstia e de falta de forças no seu coração. Passaram, então, os farmaceuticos a aplicar coramina, oleo camforado, acrescentando que seu estado de saúde era tal, que não suportaria viajar a carrò de maneira nenhuma. Na cidade não havia médico e as estradas para Crato, lugar mais próximo, não davam passagem rápida a qualquer veículo.

Viajar a cavalo, era impossível. Na cidade só havia como meio de comunicação, o correio, de 8 em 8 dias. No dia 27, se expedia portador urgente, á cavalo, para Crato, chamando um médico e noticiando o estado do cônego. Quando o portador chegava á Crato, já em 28 do mesmo mês e quando o médico e o Sr. Bispo Diocesano, com alguns padres, se preparavam para rumar para Quixará, eis que chegava outro portador noticiando a morte do cônego, que se dera ás 10 horas daquele dia 28.

A agonia do vigário, começára pela manhã cêdo e assistiam com êle, os padres David e Agio Moreira, que se achavam na terra e deram ao expirante, os últimos sacramentos, recebidos com calma admirável do cônego, que teve consciência plena do ato, e morreu com a serenidade dos justos. O velório do extinto na casa paroquial, durou até noitinha, quando, em procissão, seu corpo foi levado para o velório durante a noite toda de 28, na Matriz local. Á procissão e ao velório, na matriz, compareceu muita gente.

No dia seguinte, 29, se dava o enterramento na nave principal da igreja, assistido peo Sr. Bispo D. Francisco Pires, que acudiu com seu conforto á família, não temendo á dificuldade da estrada. Com êle, os padres já falados, o Mons. Francisco de Assis Feitosa e o clérigo Vicente Alves Feitosa, seus parentes, o primeiro, então Cura da Sé Catedral de Crato, depois falecido, na Paraíba e o segundo que se ordenou e vigaria a freguesia de Caririáçú.

Além dos parentes do pranteado morto, compareceu grande multidão de seus paroquianos, tanto ás solenidades do enterramento, como as missas de requiem celebradas depois pelo Revmo. Pe. David Moreira, Pe. Agio Moreira, inclusive missas gregorianas.

Em Crato, também, não só o Exmo. Sr. Bispo, e o Mons. Antônio Feitosa, primo do Cônego, como o Colégio de que foi Diretor, fizeram celebrar solenes exequias.

Mons. Feitosa que era grande amigo reconhecido do cônego, de acôrdo com o Sr. Bispo, mandou confeccionar uma lápide de mármore, que demora na Matriz de Quixará e tem as seguintes inscrições :

"Etian se mortuus fuerit vivet. Juan II, 25".

Á êstes grandes expoentes da Igreja Cratense , aquêle primo do cônego, censor eclesiástico da Diocese e atual vigário de Missão Velha e êste segundo bispo da mesma Diocese e já falecido, a família do cônego deve muitos e inesquecíveis favores prestados depois da morte dêste.

Espera, portanto, que Deus os recompense com a gloria eterna, único pagamento capaz.

* * *

VASTO NECROLOGIO

Para não fugir à memória, dêste que jornais logo desaparecem, a seguir se reproduz em alguns necrológios e se dá notícia de outros, que foram publicados após a morte do Cônego Feitosa.

O Jornal "A Ação", de Crato, logo no dia 30 de Dezembro noticiava a morte do cônego, dizendo que a Diocese perdera mais um vulto importante de seu clero, em detalhado necrológio. De fato, no dia 6 de Janeiro de 1946, publicou dito jornal, o artigo que se segue : — "No próximo passado dia 28 de Dezembro, data aniversária da morte do sr. d. Quintino Rodrigues, a nossa Diocese perdeu um sacerdote verdadeiramente excepcional — o Cônego Manuel Feitosa.

Após uma vida sacerdotal! brilhante e fecunda, foi receber, na mansão dos eleitos o prêmio de suas virtudes, trabalhos e sofrimentos.

O Cônego Feitosa veio á luz, na paróquia de Arneiroz, aos 8 de Dezembro de 1886, sendo seus pais o sr. Leonardo Alves Feitosa e a exma. sra. d. Maria Jardimina de Araújo Feitosa.

Em 1900 iniciou sua carreira de estudante em Canindé, com os padres Franciscanos, passando em 1907, a estudar no Seminário de Fortaleza, onde recebeu a ordenação sacerdotal, em 1912.

No ano seguinte foi provisionado coadjutor de Massapê. De 1915 a 1917 exerceu o paróquiato de Arraial, daí saindo para ocupar a freguesia vacante de Pedra Branca, onde permaneceu menos de um ano.

De 1917 a 1936 fixou residência nesta cidade de Crato, onde desempenhou os cargos de professor do Seminário, capelão do Cemitério e lente do Colégio Santa Teresa, Diretor de "A Região" e Diretor da Congregação Mariana, (1932-1935). No ano de 1936, foi nomeado vigário de Cedro, donde foi removido em 1941, recebendo logo provisão de vigário de Quixará, onde o veio colher a morte, no dia 28 de Dezembro de 1945.

O bom povo quixaraense, que dele recebeu favores espirituais sem conta, quis que os restos mortais de seu pranteado pároco repousasse no recinto da Igreja. De fato, os seus despojos alí foram guardados, no dia 29 de Dezembro, em presença do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, de três sacerdotes e de uma multidão de fiéis.

Sempre admirando as belas qualidades de sacerdote e de homem do saudoso Cônego Feitosa, dirigimos a Deus uma prece ardente em prol de seu descanso eterno nos braços de Deus".

No mesmo jornal e no mesmo dia, as "Alfinetadas n.º 209", da pena magistral do Mons. Pedro Rocha, atual Provedor do Hospital S. Francisco de Assis, desta cidade, diziam assim: "**Homenagem de saudades**— O Senhor quis amargar o coração do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano e de seu clero, nos últimos dias de 1945. O prêmio de Natal que nos coube, êsse ano, humanamente falando, é dolorosíssimo. A morte dos Revmos. Cônego Manuel Feitosa e do Padre José Correia, em dezembro p. findo e dentro da mesma semana das festas natalinas, representa uma espada de dôr crudelíssima para os que ficamos na arena do apostolado sacerdotal.

Dois vigários se foram para a eternidade. Dois incansáveis párocos, com surpresa geral, prestaram tributo á lei enxorável da morte.

Quando mais precisava de ministros do altar para o campo paroquial, Deus nos seus insondáveis mistérios, arrebatou á Diocese, um par de seus mais dignos representantes, junto ao povo católico de Quixará e de Barbalha.

Morre-se, como se vive, reza o anexam.

E os dois valorosos soldados da milícia divina, tombam no campo da luta, e em plena luta do pastoreio das almas.

Nem sequer a notícia da doença chegou aos ouvidos de todos os colegas.

Como é bom morrer sacerdote de Deus, em paz com o Senhor, caindo na luta, no meio de suas ovelhas queridas! A morte do vigário fiel aos arduos compromissos da vida paroquial, hoje tão carregada de espinhos, mas, isso mesmo tão pontilhada de flores espirituais, constitui, na expressão de S. Bernardo, **a porta da vida.**

No livro da sabedoria, um pensamento nos conforta, nessa hora de amarguras: "As almas dos justos estão nas mãos de Deus e não as atingirá o tormento da morte; aos olhos dos ignorantes parecerão mortos, a sua morte será considerada uma aflição. . . elas porém, estarão em paz. Nem os santos temeram a morte, por ser ela o princípio da vida.

Santa Catarina exclamava ao morrer: "Alegrai-vos comigo por deixar esta terra de atribulações e dirigir-me á Pátria da Paz".

Uma das facetas particulares dos dois vigários falecidos era o amor ao problema do recrutamento sacerdotal. Em vida, cuidaram, com acendrado zêlo pela formação do nosso futuro clero.

Queriam deixar dignos sucessores na vida apostólica e se empenharam, em extremos de dedicação, no auxílio dispensado a O. V. S.

Cônego Feitosa, depois de ter contribuído para a ordenação do nosso Pe. Antônio Feitosa, quis continuar a sua esfera de benemerência, ajudando extraordinariamente ao nosso movimento.

Quando vigário em Cedro, foi a associação que mais lhe mereceu carinho.

Em Quixará, paróquia pequenina, organizou a O. V. S., de maneira a tomar uma posição sempre bem distinta no quadro geral das freguesias contribuintes.

Era singularmente calado, pouco falava, mesmo na Igreja. Mas, alegremente, toda vêz que se feria o assunto da O. V. S.

Nas suas cartas ao Diretor Geral, derramava o seu ardente zêlo pela maior obra da Igreja. . .

...Com a morte do Cônego Feitosa e do Padre Correia, perdemos, não apenas dois zelosos párocos e esforçados curas de almas, não só dois autênticos ministros do altar, mas, também, dois grandes baluartes da Obra das Vocações em nossa Diocese.

E aqui rendemos a nossa homenagem de saudades, áqueles que, em todos os momentos difíceis da O. V. S. estiveram ao lado do Seminário, prestigiando-o com o fulgor de seu zêlo e o insenso de suas virtudes sacerdotais. (a) PRO. "Este artigo da série das Alfinetadas publicadas na "A Açã", por Mons. Pedro Rocha de Oliveira, foi reproduzido no Boletim dos O. V. S. de 1945, com os retratos dos dois homenageados.

* * *

O Jornal de Crato, "O Congregado Mariano", n.º 103, de Janeiro de 1946, publicou demorado artigo, do qual se destacam alguns trêchos, em virtude de ser um tanto longo, reproduzindo alguma coisa do que já está acima noticiado. Começa nos seguintes têrmos: "Seria inconcebível ingratidão a folha mariana omitir o necrológio dêste eminente sacerdote, tão inesperadamente desaparecido d'entre os mortais.

Foi êle o zeloso Diretor da Congregação Mariana Masculina do Crato, durante três anos. Mais um motivo de prestarmos-lhe as honras funebres pela publicação destas linhas..." A seguir, o artigo em alusão, noticia como adoeceu o cônego que acometido de uma pleuresia, sômente suportou 5 dias, de 23 a 28 de dezembro, quando "trocou a terra pelo céu".

Noticia a assistência espiritual dos 2 colegas que estavam em Quixerá, em férias, seu enterramento, após missa de corpo presente. Termina o artigo, com traços biográficos do cônego, acrescentando que êle fora batizado a 25 de Dezembro de 1886, pelo Pe. Antônio da Silva Rego. Fala nos seus estudos e na sua ordenação, em o Seminário de Fortaleza, a 30 de Novembro de 1912, e conclue: "De Fevereiro a Dezembro de 1913, exerceu o cargo de Coadjutor de Massapê, regendô também, de 10 de abril a 31 de Junho do mesmo ano, interinamente, a freguesia de Meruoca. De 31 de dezembro de 1913 a 15 de junho de 1916, paroquiou Uruburetama, daí saindo para Pedra Branca, cujos destinos espirituais governou, de fevereiro a abril de 1917. Dêsse último ano data a sua residência em Crato. Aqui exerceu êle o mais variado labor sacerdotal. Lente do Seminário e Colégio Diocesano (16-5-1917); redator da "A Região" (1917-1927); Diretor do "Boletim Diocesano do Crato" (1924-1933); Secretário do Bispado (1 de 1918-5 de 1936); lente do Colégio S. Teresa (1923-1936); Diretor do mesmo Colégio (1929-1936); de 1.º de janeiro a 15 de fevereiro de 1935, foi vigário interino de Juazeiro, a 27 de novembro de 1936, foi nomeado vigário de Cedro, sendo exonerado em junho de 1941. A 18 de Junho de 1941 foi provisionado pároco de Quixerá, de que foi empossado no dia 22 do mesmo mês. "Fala, ainda na vida cheia de atividades sacerdotais do cônego, de suas peregrinas virtudes, edificação e brilhantes qualidades intellectuais, além de se referir ao merecido título de cônego.

"O Nordeste", de Fortaleza, em janeiro do mesmo ano noticiou a morte do Cônego Feitosa, com longo artigo, pormenorizando o fato surpreendente. Dá a sua biografia, faz menção dos cargos que exerceu, com as datas precisas e termina: "...Se, no caráter de cura de almas, o cônego Manuel Feitosa deixou, por suas virtudes impressão nas circunscrições pelas quais transitou, também a sua cultura e dotes intelectivos lhe grangearam muitos admiradores. Na metrópole episcopal do sul do Estado, êle não foi apenas o provento educador, mas também o jornalista de grandes merecimentos..."

"A Revista Eclesiástica Brasileira" do Rio,, vol. 6, fasc. 1, março de 1946. publica longo necrológico, com todos os dados dos artigos já transcritos de outros jornais. A mesma revista, no fasc. n.º 2, de junho do mesmo ano, reproduz, quasi, o mesmo noticiário, o que se deixa de transcrever por repetido.

"A Ação", de 3 de fevereiro de 1946, publica farto agradecimento dos familiares do Cônego, ás autoridades eclesiásticas de Crato que rumaram, altas horas da madrugada do dia do sepultamento do cônego, para assistí-lo, pelas missas celebradas em seu sufrágio, ás autoridades civís e ao povo, pelo comparecimento aos atos, pelo conforto e pelos pêsames endereçados, bem como aos jornais que noticiaram o infausto acontecimento, não se olvidando, também, os sentimentos manifestados pela Congregação das Filhas de Santa Tereza e seu colégio, em Crato.

Por ser tanto prolixo, deixa-se de transcrever, muitos outros artigos e referências ao falecimento do Cônego Feitosa, bem como inumeras cartas e telegramas, de mais de cento, e os próprios sentimentos de quem escreveu esta resenha, que foi feita simplesmente, para perpetuar a memória dêste grande e culto sacerdote, cuja morte, tão calma como foi, deixou aos que foram presentes, uma aparência de morte de um justo.

* * *

PARTICULARIDADES DA VIDA DO CÔNEGO

O Cônego Feitosa gostava de aves domésticas.

Em sua casa tratava com carinho algumas aves como uma Ema, uma carioca que lhe presenteára, o saudoso Pe. Cícero, papagaio, pavão, inhambú, etc.

Tive a ocasião de ver um tatú que vivia em uma toca de alvenaria que o próprio Cônego mandára preparar para o animalzinho, que, talvez lhe fosse incomodar e dentro da mesma, chegou a morrer.

Gostava de possuir sempre um cavalinho para suas viagens de confissões, não obstante, foi êle quasi um pioneiro das andanças de automóveis nas estradas de pedestres no Cariri. Seus motoristas de confiança foram José Dias e Orlandino Silva.

Viagens á Ingazeiras, quando o trem chegava somente até alí e a Farias Brito, foram diversas em que se aventurava fazer, até mesmo em épocas invernosas.

De uma feita, indo de Crato para Farias Brito, passou por todos os empicilhos, mas, quando faltava apenas uma légua para vencer, encontrou um riacho cheio e teve que regressar á Crato, andando nove léguas para trás. Noutra ocasião, além da vila de D. Quintino, encontrou grande árvore sôbre o caminho. Teve que voltar áquela vila, para arranjar quem fosse desobstruir a estrada. Mas, a pior, foi quando uma sua irmã adoeceu em Farias Brito e o cônego, para lhe levar um médico, no caso o Dr. Elísio de Figueirêdo, teve que ir com seu amigo José Dias por Santana do Cariri, Assaré, daí para Jucás, Cariús e subir o Rio, até encontrar Farias Brito, tendo saído de Crato ás 5 da manhã e veio a chegar ao destino, ás 10 da noite. Ainda assim, o carro ficou do outro lado do rio, porque êste estava cheio. A volta teve o mesmo percurso e gasto das mesmas horas, sofrendo, ainda uma derrapagem, no lugar Ipiranga. Perto de cem léguas de viágem, quando Farias Brito fica a 8 ou 9 léguas de Crato.

Foi isto em 1931 e em 1945, quando o cônego precisava de um carro para o transportar á Crato, para se hospitalizar e quando já se podia viajar diretamente, o destino lhe foi cruel, não se tendo arranjado, na contigência, nem mesmo um caminhão que fazia serviços perto, na fazenda Canabrava.

Dizia o Cônego, eu tenho choufer de confiança que me leva devagarinho ao Crato. Mas os farmaceuticos de sua cabeceira diziam que êle, cônego, não suportaria mais a viágem, tal era o seu estado grave, onde o coração já estava sob o fraco poder da coramina e do oleo canforado.

O Cônego desempenhou sua caridade de modo a deixar um belo exemplo. Na seca de 1915, em Uruburetama, se compadecia dos flagelados dando-lhes, não só o conforto espiritual, mas, o material naquilo que podia dar de sua própria mêsa. Recebeu de um pobre uma creança em estado de penuria e a criou até se por homem, dando-lhe relativo ensino na arte, fazendo-o carpinteiro que ainda hoje serve no Crato, onde constituiu família.

Chegou a comprar de pobre roceiro, um pequeno sítio, em Uruburetama por um conto de réis, para não vê-lo perecer de fome,, sítio êste que dencis vendeu pelo mesmo valor, pois não gostava de possuir bens imóveis.

Fazendo ver ao sr. Arcebispo D. Manuel, a calamidade de sua freguesia, foi por êste auxiliado com alguns recursos para a pobreza, inclusive a quantia de 500,00.

Em 1932, foi o padre escolhido para cuidar espiritualmente dos flagelados do campo de concentração de Buriti e alí, em meio dos pobres doentes e infetos exercia a sua caridade material. Em o tempo da calamidade da **bailarina** em Crato, foi êle o único padre restante no atender aos doentes espiritualmente, quando o Dr. Irineu Pinheiro era o único médico atendente.

O Cônego Feitosa foi o primeiro desta família cearense que passou a residir no Cariri.

Depois vieram e aqui se fixaram seus parentes próximos, expoentes do clero crotense, Mons. Assis Feitosa, Mons. Antônio Feitosa, padres Vicente Feitosa, Irismar Petrola, Manuel Feitosa, além dos contra-parentes, Mons. Juvinião Barreto e Antônio Teodosio.

Discussão Monetária

G. LOBO

Brasília amanheceu sorrindo. Distribuiu beleza por todos os seus recantos, naquela quente e gostosa manhã de verão. O sol, com seus raios ainda sonolentos, aquecia lentamente a Praça dos Três Poderes, onde três personagens discutiam animadamente. Primeiro falou sua Excia. o Mil Réis: "De qualquer maneira eu sou o pioneiro; nasci na infância do meu país; tive minha glória, tive grande prestígio. Com o meu conto de réis comprei vários dólares, várias libras esterlinas. O meu milionário era invejado, tinha valor. Você, Cruzeiro Velho, me desbancou mas nasceu pobre e morreu pobre. Seu milionário nunca valeu nada. Ser milionário era quase ser vulgar. Você tirou a significação desta palavra". Calma, colega, aparteu sua Excia. o Cruzeiro Velho. "Suas palavras demonstram um pouco de despeito. Admito que nasci e morri pobre, mas vivi minha época e ao meu modo. Sempre fui popular. Sempre adorei a volúpia dos milhões; gostava imensamente da orgia da riqueza, embora soubesse que era um pouco irreal... Mas tive minhas glórias, também. Esta beleza! e apontou para a metrópole que os cercava: Brasília, a Capital do futuro, admirada pelo mundo inteiro é obra minha! Veja o grande parque industrial que eu construí e a mentalidade desenvolvimentista que eu criei! Quase todos os veículos que cortam as estradas brasileiras têm minha chancela. Não se esqueça do que fiz pela siderurgia nacional, veja o quanto aumentei o nosso potencial elétrico, nossas vias de comunicação!" De fato, interveio sua Excia. o Cruzeiro Novo: "Vocês viveram em épocas diferentes; cada um viveu sua própria época. Não adianta discutir. Águas passadas não movem moinhos. Importa que pensemos no presente, hoje; êste hoje que é o amanhã que ontem nos preocupava tanto, conforme disse alguém. Pensemos no futuro da nossa pátria comum. Eu tenho a grande vantagem de poder aproveitar a experiência de vocês, examinar seus êrros e suas virtudes e procurar inspiração nestas e evitar aqueles. Vou pedir a Deus para me dar a felicidade que deu aos meus amigos o Franco e o Marco, para que eu possa elevar o meu querido país à altura que êle bem merece no conceito das nações!

De pequena distância, sua majestade a libra esterlina e sua Excia. o dolar, ouviam atentamente aquela conversa. Alguém que passava ouviu o cavalheiro dizer à sua real companheira: "como está eufórico e otimista o caçulinha brasileiro!..."

Restaurante ALGO MAIS

OS MELHORES PRATOS!
AS MELHORES BEBIDAS!
O MELHOR AMBIENTE!

Restaurante ALGO MAIS

o ponto número 1 de referência da Cidade!

Todas as quintas feiras, animada tertúlia dançante,
com os AZES DO RITMO.

Um ambiente requintado, um tratamento perfeito,
diariamente um prato diferente!

AVENIDA PADRE CICERO S/N

(Vizinho ao Posto Shell) —o— CRATO — Ceará

POSTO SHELL

DE

ANTONIO PRIMO DE BRITO

Todos os produtos Shell, com o
ALGO MAIS QUE A SHELL LHE OFERECE

Gasolina, Óleo, Lubrificantes,

Perfeito Serviço de Lavagem !

Um atendimento gentil, que o tornará cativo para
preferir sempre, o POSTO SHELL

CRATO —o— Avenida Padre Cícero S/N —o— Ceará

Variações em Fa Sustenido

O ilustre e acatado escritor sergipano Zozimo Lima, em sua coluna VARIACÕES EM FA SUSTENIDO, no conceituado jornal de Aracajú, "Gazeta de Sergipe", de 5 de Fevereiro de 1966, escreveu o seguinte tópico, sob o título — REVISTAS E REVISTAS :

"Sempre recebo, com muita satisfação, a revista "Itaytera". órgão do Instituto Cultural do Cariri, obséquio do escritor J. de Figueiredo Filho, um dos seus mais ilustres colaboradores.

O VI número dessa revista, ano 1961, traz magistral trabalho de investigação genealógica, de autoria do padre Antônio Gomes de Araújo, pelo qual se conhece a influência dos colonizadores sergipanos, originários de Itabaiana, Pôrto da Fôlha, Vila Nova, os quais atravessaram o rio S. Francisco. Alagoas e Pernambuco, indo, afinal, acampar no Cariri, fundando sítios, aldeias, povoados, vilas e cidades, inclusive Barbalha, sede do município do mesmo nome.

Acabo de receber a revista "Hyhyté", da Faculdade de Filosofia do Crato, na qual leciona com proficiência o eminente historiador J. de Figueiredo Filho, cuja atividade mental, assombrosa, se derrama em vários setores da cultura.

Possúo, e vou colecionando, os primeiros fascículos da sua "HISTÓRIA DO CARIRI", onde se encontra a descrição das pegadas do sertanejo e beradeiro sergipano, aposentado naquele vasto trecho da luminosa província cearense, como o Cap. Francisco de Magalhães Barreto e Sá, do Urubu de Baixo (Propriá) casado com Maria Lucena de Abreu e Lima, da Vila Nova (Neópolis); o Cel. João Mendes Lobato e Lira, de Pôrto da Fôlha, o Cap. Joaquim Teles, o Cap. Antônio Píneiro Lobo e Mendonça, de Itabaiana, as mulheres Apolônia, Bárbara, Lusia e Desidéria, das quais descendem o padre Cícero Romão, os Macieis, os Alencares, Araripes, etc.

Do propriaense Francisco de Magalhães Barreto e Sá descendem o pernambucano Agamenon Magalhães. Mais tarde, escorado em boas autoridades, mostrarei o parentesco afim, na linha da ancestralidade, do Dr. Leandro Maciel, chefe da extinta U. D. N., com os Diogo Alvares e Catarina Paraguassu, pela entrosagem colateral com os descendentes Leandro Bezerra Monteiro e Semião Teles de Menezes.

Fiquem vocês sabendo, se é que ignoram, que êsses Menezes, Sobrais, Leites, Rolemberts e Macieis são parentes pró-

CRATO, CABEÇA DE COMARCA...

EDUARDO CAMPOS
(Dos Diários Associados do Ceará)

O Cariri, de um modo geral, é verde. E o verde resulta quase sempre em doce, pois implica a cultura da cana, que, por sua vez, vira mel, e o mel, rapadura. Quem gosta de clorofila, só pode morrer de amores pelo Crato, pelos caminhos da sua serra, dessa "terra de uma uberdade prodigiosa", como dizia antes de nós M. A. de Macêdo, em 1871, a escrever suas observações sobre o modo de aumentar os volumes das águas nas correntes do Cariri, — acrescentando: "é tão esponjosa e permeavel que os fortes aguaceiros, como sabem despejar as nuvens intertropicaes, se infiltram apenas se acham com ela em contacto".

Está sempre comigo o estudante contemplativo que indo ao Crato, nos idos de 1942, haveria de extasiar-se diante de natureza tão pródiga — comer milho verde, assado, em janeiro, e lhe poder ver nas feiras, de inspiração e autenticidade folclórica a fartura e a grandeza de sua gente.

Data daí o meu ferro de quatro CC "de mãos dadas", que quer dizer Cidade do Crato Cabeça de Comarca...

Fiz amigos nas praças, nos cafés, na paisagem. Não posso esquecer ainda hoje o engenho d'água que pertenceu ao cel. Nelson da Franca Alencar, no Lameiro, nem o banho da nascente, vendo a água surgir tão clara e limpa que o jeito é fraquejar no lugar-comum e lembrar a pureza de uma noiva...

Quantos amigos, ao certo, fiz de lá até hoje? Há uma galeria toda, de vultos queridos, a contar do Stênio Lopes com quem havia de zangar-me pelas páginas deste jornal, passando por criaturas buliçosas e inteligentes como o médico Quixadá Felício, que sendo homem de horários rígidos, por atrasar-me eu meia hora no chegar à sua mesa, jantou primeiro...

ximos, mas terríveis adversários políticos, daí achar eu impossível uma cordial acomodação nêsse saco de gatos que será a ARENA sergipana. Lembremo-nos do prolóquio latino sobre inimizades de parentes: ACERRIMA PROXIMORUM ODIS.

Já ia me esquecendo da "Hyhyté", ótima revista de cultura. Admirável, entre outros trabalhos interessantes, o de J. de Figueirêdo Filho, com fundamentos etimológicos na linguagem dos aborígenes cariris, mostrando a razão daquele título.

O trabalho sobre doenças mentais, de autoria do catedrático do 3.º Ano Pedagógico, não é pròpriamente de pesquisa, mas de inteligente divulgação, em linguagem ao alcance das jovens inteligências em desabrocho, mórmente quando explica as psicopatias, psicoses com suas variantes e divisões, sem preocupação dos vocábulos técnicos, de difícil fixação cerebral".

Que não me olvide o confrade ilustre J. de Figueiredo Filho.

E a árvore frondosa e respeitável da região, o velho mas rijo Filemon Teles? E o outro Teles, de estudos históricos e de vida militar, e mais os médicos e dentistas, que de importantes a família é feita?

De permeio a êstes, há o Ossiam, o Jósio, colegas de vida acadêmica. E José de Figueirêdo Filho, por quem tenho uma ternura especial e que apesar dos anos de trabalho pela cultura da região não se cansou ainda de mostrar o seu talento. Tenho-o agora, aqui comigo, — e é isso que me faz revolver reminiscências tão íntimas do bem-querer, — encorpado neste primeiro volume de sua "História do Cariri", editado no Crato, parte que é da coleção Estudos e Pesquisas da Faculdade de Filosofia.

Conta-se de um tudo, da bravura, direita e coragem de uma gente que fez o Crato nascer da Missão do Miranda. "Entre 1817 e 1824, Crato, por si, ou seus filhos natos e adotivos, esteve à testa de tudo quanto se fêz pelo emancipação política na província e muitas vêzes, até fora dela".

Êste Crato também cativa pelos seus grandes nomes do passado, pelo seu povo corajoso e decidido. Ainda a respeito da luta de 1817, escreve o prof. J. de Figueirêdo Filho: "A Rebelião de 1817 deixou marcas bem profundas em Crato. Criou-se o espírito de pioneirismo, no decorrer dos tempos futuros: quase todo empreendimento benéfico, nascido na vila ou na cidade, que nasceu da Missão do Miranda, tendê a derramar-se noutras regiões".

É bem verdade que o livro do prof. J. de Figueirêdo Filho é didático, elaborado para os seus alunos e "apropriado para a cadeira que dirijo", conforme êle refere. Mas vale, principalmente, pela ordenação de fatos, de datas e incidentes que, andando à solta, neste ou naquele compêndio, não obstante a sua profundidade, passam despercebidos da maioria.

Louve-se antes de mais nada o trabalho do homem de estudos e, depois, a iniciativa da Faculdade de Filosofia do Crato que sempre se colocou na liderança dos movimentos culturais da hinterlândia.

O Crato bem merece elogios, que o Crato é terra boa, tanto no alto do Araripe, como em seu vale rico de seiva onde o homem, um dia, mais acordado para o solo abençoado que possui, colherá dele com mais previdência, a abundância.

" GOSTO DE VER ESTA SERRA
AOS MEUS OLHOS DESDOBRADA !
QUE LINDO PENDÃO DE GUERRA,
SOB A NOITE ENLUARADA !
DEFENDENDO O DOMÍNIO
FOI QUE EM LUTAS DE EXTERMINIO
SE EMPENHARAM OS CARIRIS,
COM TRIBOS GUERREIRAS FORTES,
TRAÇANDO EM SEUS CONTRAFORTES,
OS FEITOS MAIS VARONIS ".

Estou, em número e gráu, com êsses versos de José Alves de Figueirêdo, à Serra do Araripe.

Um dia, num quando não muito tarde, vou rever outra vez o Cariri, de quem me considero ferrado mesmo com o bom sinal dos quatro CC; CIDADE DO CRATO CABEÇA DE COMARCA.;

Pe. FRANCISCO DE ASSIS PITA, êsse vértice iluminado

JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI

Nenhuma personalidade, em tôda minha vida, deixou em minha alma e em meu coração, tão viva impressão, quanto o Pe. Pita, o excelente e extraordinário Diretor do Colégio DIOCESANO e fundador do tradicional Ginásio do CRATO.

Portador de aprimorada cultura, conhecendo profundamente o vernáculo e as línguas latina e novi-latinas, sabia, melhor que ninguém dizer o QUANTUM SATIS e expor seus elevados conhecimentos, quase transcendentais, em linguagem fluente e agradável, acessível a jejuos, estreante em ciências e lêtras.

Obra de inexgotável mérito realizou o Padre FRANCISCO DE ASSIS PITA, em CRATO, orientando nossa mocidade, para o porvir, e contribuindo, de fato, para a elevação do índice intelectual de toda a região do cariri, e do próprio país.

A mercê de sua obra pioneira, transmutou-se CRATO em um centro intelectual, dos melhores e mais produtivos da NAÇÃO.

Ministrou, sem imposição de quem quer, ensino gratuito a pobres e necessitados.

Os Colégios que o tiveram, como DIRETOR, jamais recusaram aluno estudioso, por ser pobre.

O exemplo dos que perustraram os bancos de seus colégios, sem ônus, é extenso.

Educou, religiosa, militar, cívica e moralmente, verdadeira plêiade de mocidade nordestina.

E quando já vai longe, no tempo, essa feliz atuação, a evocação de seu nome é um balsamo para o espírito, e um estímulo e exemplo, para todos.

Portador, na região, de estimável patrimônio, optou pela mais sacrificada das vidas, a de educador, tornando-se a figura central de tudo quanto, até certa época, se fez no Cariri, em prol do ensino oficial.

Exigente, no que concerne ao cumprimento do dever escolar; compreensivo, ao extremo, no que respeita às deficiências naturais do ser humano; justo no qualificar o mérito ou demérito; preciso no fixar e programar as diretrizes da vida estudantil; erudito no editar conceitos; tolerante no tratar com os menos capacitados, essa a personalidade de escól, que conheci, diuturnamente, por delongado período, para minha felicidade.

Tem Pe. FRANCISCO DE ASSIS PITA, em cada um de seus ex-alunos, um amigo e admirador incondicionais, porque de seu lado soube, acima de tudo, ser um grande amigo e educador.

Conhecedor profundo da alma humana, de todos cuidou, como verdadeiro guia espiritual, espargindo luzes e orientação.

Mestre insigne e emérito, pesquisador profundo, a êle todos devemos muito.

Muito mesmo.

Principalmente respeito, admiração e amor.

Padre Mestre Ibiapina no Rio Grande do Norte

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Pelo sertão ainda se fala no **Padre Mestre Ibiapina**, o **Santo Missionário**, com mais lendas que passos dados na terra. Uma vida singular, intensa e alta, foi a sua. Nascido na fazenda **Morro da Jaibara**, Sobral, no Ceará, à 5 de agosto de 1806, era estudante magnífico, ativo e curioso, com uma mocidade anotecida pela revolução de 1824, condenados o Pai e o irmão mais velho, os bens confiscados, a família errante, desesperançada e heróica. Mas, na primeira turma dos Bachareis em Direito pela Academia de Olinda, em 1832, José Antônio Pereira Ibiapina colou gráu. E, logo em fevereiro do ano imediato, é Professor de Direito Natural, ensinando aos que o viram aluno. No ano, dezembro, é Juiz de Direito na Comarca de Quixeramobim. O Ceará mandou-o á Câmara dos Deputados do Império, Deputado-Geral na terceira legislatura, 1834-37.

Tribuno, magistrado, latinista, professor, Ibiapina, aos 30 anos, estava no cimo d'uma carreira formosa. Tudo abandonou para fazer-se **Padre**, rebendo o presbiterato ás mãos ilustres de dom João da Purificação Marques Perdigão, Bispo de Olinda, celebrando a primeira Missa a 29 de julho de 1853 na igreja da Madre de Deus no Recife. Ainda é preciso renunciar. Renuncia o cargo de Vigário Geral do Bispado. Renuncia a cátedra de Eloquência Sagrada no Seminário de Olinda. Renuncia as honras, os títulos, os tratamentos cerimoniaes. Mergulha no combate mais áspero, no mundo mais triste, na tarefa mais difficil. É, enquanto viver, um Missionário. Confundindo-o com os missionários Capuchinhos, dizem **Frei Ibiapina**, na ilusão de ter sido frade o grande pregador. Ibiapina jamais pertenceu ás Ordens Regulares do cléro. Foi um membro do sacerdócio secular.

Padre Mestre Ibiapina, é o seu grande e sonoro título ritual.

A pé, a cavalo, carregado em rêde quando aleijado, o Pregador das Missões, o Evangelizador do Sertão, semeou a palavra de Deus, erguendo capelas, cemitérios, Casas de Caridade, Recolhimentos. Atravessou as sêcas e as epidemias em plena coivara açesa. Caminhou pelas almas dos homens. Adivinha, prevê, abençoa, trabalha. E, em quatro Províncias, imprime o vestígio do seu nome no coração de todas as lembranças.

Vindo do Ceará, várias vezes, varou o Rio Grande do Norte, ganhando a Paraíba pelo Seridó. Em 1860 visitou-nos. Em Santa Luzia do Messoró fundou uma Casa de Caridade. Em 1862, instalou no Açú outra Casa. Consegue aí a conversão do **Irmão Inácio**, depois sua sombra inseparável. Era um leigo com a obstinação vitoriosa de um franciscano, teimoso na Fé, insensível aos elementos, pisando, descalço, as areias, as pedras e as águas de todo o Nordeste. Na Sêca de 1877, para que as Casas de Caridade não fechassem em sua totalidade, o **Irmão Inácio**, de esmola em esmola, foi ao Rio de Janeiro. E, estendendo a descarnada mão, faminto, sujo, a túnica es-

farrapada cobrindo ossos, angariou dezesseis contos de réis! É a réplica nordesta ao grande **Irmão Joaquim Francisco**, fundador de hospitais e seminários em São Paulo e Santa Catarina.

Em Angicos, de 19 a 26 de agosto de 1862, Ibiapina pregou as **Missões**. Falava na sombra de uma latada, fazendo intervalar o sertão com cânticos coletivos, numa inteligente intuição do canto orfeônico. Construiu o cemitério, que veio a 1900. E concertou o açude, abandonado sessenta e dois anos depois. Quando deixou Angicos, os fiéis cantavam:—

FOI EMBORA O PADRE MESTRE
DEIXOU TRÊS ERVAS PLANTADAS:
SALVE RAINHA AO MEIO-DIA,
O TERÇO À BÔCA DA NOITE,
O OFÍCIO, DE MADRUGADA!

Ainda, a 15 de agosto de 1864, fundou uma Casa de Caridade no Acarí, profetizando seu rápido desaparecimento. Passou à Flôres, terminando a Igreja.

Minha tia-avó Ana-Maria da Câmara Pimenta, **tia Naninha**, (1840-1933), que viveu muito tempo na Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba, e que está sepultada em Natal, com o hábito das **Irmãs**, morou em nossa residência, e contava-me o famoso **sonho** de quem ela sempre chamou **Meu Pai Padre Ibiapina**.

Era ele Juiz de Direito em Quixeramobim. Numa noite, sonhou ver um bando de porcos vadeando um rio. O porqueiro fizera transpor a corrente a todos, menos um que, roncando e guinchando, recusava obedecer. Depois dos gritos e pancadas, o guia disse, como se ordenasse:— **Porco! Entra neste rio como os Doutores entram para o Inferno!**

E o porco, num salto brusco, precipitou-se **n'água**.

O Padre Mestre Ibiapina morreu na Casa de Caridade de Santa Fé, Bananeiras, Paraíba, a 19 de fevereiro de 1883. Antes de expirar, cantou baixinho o **Salutaris Hostia**. E, estendendo os lábios, parecia receber a partícula, dada por invisíveis mãos...

Natal, **A REPÚBLICA**, de 9/VI/1940.

QUARTO CONGRESSO DE JORNALISTAS DO INTERIOR CEARENSE

No próximo dia 28 de Junho, do corrente ano, iniciar-se-á na cidade de Baturité, em comemoração ao cincoentenário do décimo dos jornais interioranos do Ceará — "A VERDADE", dirigido pelo Comendador — Ananias Arruda, o quarto congresso de Jornalistas do Interior Cearense. Será patrocinado pela Associação Cearense de Jornalistas do Interior. Organizou aquela entidade, programa vastíssimo a ser cumprido naquela pitoresca cidade, sobressaindo teses oportunas, a serem defendidas. Naquele certame, comparecerão vários jornalistas do Cariri, viajando em trem, daquele mesmo dia de abertura do Congresso — 28 de Junho.

Cada dia mais avultam as reuniões bienais dos periodistas interioranos. O primeiro, patrocinado pelo Instituto Cultural do Cariri, realizou-se em Crato, o segundo, em Baturité e o último, há dois anos, na cidade de Iguatu.

Aspectos Folclóricos dos Inhamuns

MONSENHOR SILVANO DE SOUSA

Na época de 1830, já existia Tauá, não a bonita, elegante e culta cidade de hoje, mas uma vilazinha em formação, projeto do qual hoje estamos vendo e admirando. Já existia a paróquia com sua igreja sem estilo definido, meio barrôco, meio colonial com uns ligeiros traços do renascentismo. As grossas paredes que formavam as três naves e serviam para apoiar as tribunas em uso naquêles tempos e mais tarde abolidas por exigência da ordem nos atos e cerimônias do culto. Contava-se que nas tribunas conversava-se durante a Missa, mesmo durante o sermão. Essa desordem deu motivo a que um dos vigários mandasse retirar as tribunas e transformar em colunas as paredes interiores. Fêz-se também uma sacristia muito cômoda que se prestara para reuniões e conferências.

A paróquia foi criada na década de 1830. Conta-se que por esse tempo, morava às margens do rio Carrapateira, afluente do Triúci, os quais reunidos, foram o rio Jaguaribe, uma família, que vivia de sua pequena criação.

Uma filha desse modesto fazendeiro começou a manifestar fenômenos psíquicos de desdobramento de espírito: frequentemente a mãe dizia: mãe, em Fortaleza mataram um homem, no Crato está se dando um grande incêndio. Passava-se o tempo. O correio ou uma pessoa conhecida vinha do lugar, confirmava com todos os pormenores a notícia transmitida pela mocinha. Os fatos iam-se repetindo com mais frequência. A mãe da vidente afligia-se, e afinal, comunicou tudo ao marido, e deu-lhe o parecer de levar o fato ao conhecimento do Sr. Vigário. O modesto fazendeiro era um homem razoável. Aceitou sem discutir a opinião da esposa e no outro dia foi ter com o Sr. Vigário e lhe expôs o caso clara e sucintamente. O Vigário, Padre Frutuoso Dias, de importante família do Icó, ouviu com muita atenção o pai da jovem visionária e, considerando bem as circunstâncias, foi de parecer que devia falar com a personagem em torno da qual estava se dando aquêles casos extraordinários. O pai da vidente aquiesceu, e no dia seguinte trouxe a filha para falar com o sacerdote. Aconteceu, porém, que o Vigário, naquela ocasião, tinha que atender a um seu colega e a muitos paroquianos que esperavam a sua vez na casa paroquial. O sacerdote que desejava falar com o pároco, já informado do caso, ofereceu-se para atender àquela família. O cura da paróquia aceitou muito grato os bons serviços do colega. A doente e seus pais foram sem demora para a igreja matriz; o sacerdote, ao chegar à igreja, colocou a doente diante do altar-mór e deu início ao exorcismo, que era o caso da mocinha.

Logo às primeiras palavras do Ritual, o demônio falou por meio da possessa, dizendo: com que autoridade manda você que eu saia daqui? Você é padre irregular; deixou a sua vida religiosa, pois você era jesuíta, e veio para os sertões desta paróquia, onde vive amasiado, cheio de filhos naturais, e ocupado de negócios estranhos à vida Sacerdotal. Os assistentes assombra-

ram-se com aquelas revelações escandalosas e correram para a Casa paroquial dizer ao Vigário que chegasse à Igreja, onde se estão dizendo coisas que asombram o povo.

Chegando o Vigário, o exorcista transmitiu-lhe as suas funções; então mandou ao demônio que saísse do corpo daquela cristã; e o demônio respondeu: "se sair daqui, entrarei no corpo de um dos presentes". Estava entre os presentes um ourives de nome Quinderé que, ao ouvir as palavras do demônio, entrou no batistério, sentou-se na pia batismal e, fazendo o sinal da cruz na boca, olhos, nariz e ouvidos, dizia por aqui você não entra. O vigário continuou o exorcismo; e o demônio inquieto, respondeu: vou sair não porque você mande, mas, porque tenho de assistir a um casamento no Cipó e a um juri em Piranhas. Cipó era uma fazenda nas cabeceiras do rio Carrapateira e Piranhas é hoje a cidade de Crateús. O interesse que despertava no demônio o casamento do Cipó, era que o noivo contava um pouco mais de oitenta anos e a noiva, apenas, uns dezesseis. Os filhos do velho noivo, ao saberem do caso, partiram para o Cipó, referiram tudo e convenceram o pai que desfilizasse o noivado o que não foi difícil, pois os noivos não acharam nada agradável a presença do diabo em seu casamento. E assim, Satanaz perdeu a sua cartada. Não se falou dali por diante no casamento do velho do Cipó. A jovem das margens do Carrapateira procurou melhor interesse sentimental e a vida chegou à sua legítima finalidade.

O DESTELHAMENTO DA VELHA CASA DO COCOCÍ

Duas pessoas de Tauá, em épocas passadas, tinham negócios de certa importância para aquêles lados de Cococí. Sairam pela manhã, trataram de seus assuntos no correr da caminhada e chegaram a Cococí já à noite. Não quiseram incomodar famílias conhecidas e amigas, pelo que resolveram pernoitar num casarão desabitado, mas de que êles conheciam os encarregados. Jantaram, conversaram, e afinal foram para o casarão sem gente. Os amigos e conhecidos que lhe ofereciam hospedagem, acharam extravagante aquêlê gôsto dos amigos. Mas lembraram-se do provérbio latino aprendido de um sacerdote amigo: de gustibus non disputatur. Os hóspedes da casa vasia foram recolher-se. Armaram suas redes e dormiram cômodamente até depois da meia noite, quando despertaram com um ruído estranho: eram as telhas da casa que tinham caído; êles ficaram olhando o céu estrelado. Não tinham o que fazer; dormiram. Quando acordaram, pela manhã, estava o telhado como antes, sem nenhum sinal de que pessoa ou forte ventania tenha alterado a sua disposição ordinária. Não tinham explicação para a extraordinária visão. Aceitaram o fato sem explicação.

FEITOSINHA DO COCOCÁ E O SEU VAQUEIRO

Cococá é a fazenda e residência tradicional da família do Sr. Feitosinha do Cococá. É uma situação bonita, localizada entre Marrecas e Cococí. Ali moravam os antepassados da Família desde os tempos coloniais.

Naqueles tempos uma senhora da família sofria de uma erisipela na

região dos seios. Médicos e farmácia só no Icó, Aracatí ou Fortaleza, ou nos comerciantes ambulantes que percorriam os sertões no seu próprio interesse comercial.

Havia na casa uma escrava ainda jovem que tinha frequentes visões de almas de outro mundo que contava a sua senhora; era repreendida, mas não se corrigia. Passava pela casa grande uma pessoa a tratar de negócio com o Senhor da fazenda. Tratava do seu negócio e despedia-se. Dias depois, vinha a jovem escrava e dizia: Sinhá moça, aquêlê senhor que passou por aqui comprando gado, teve, ante-ontem uma febre e morreu; o enterro foi ontem em Saboeiro. A senhora já aborrecida com tantas histórias, disse à prentinha: tu que conversa tanto com as almas, pede a elas um remédio para esta minha erisipela que me está incomodando muito.

Passam-se alguns dias e lá vem a negrinha e diz: sinhá moça, a alma apareceu e disse que a senhora passasse querosene na erisipela e ficaria logo boa. E o que é querosene? e onde se encontra? Ninguém sabia.

Esperaram o primeiro vendedor ambulante que não tardou a aparecer. Conhecia o remédio, e o tem em sua casa de negócio; mas infelizmente não o tinha trazido; mas, na primeira oportunidade traria sem falta. E assim foi. Por uma feliz casualidade uma pessoa de confiança e velho conhecido, passa por ali em direção aos inhamuns. Conversando, veio a história do remédio, e a pessoa ficou muito satisfeita por ter ocasião de prestar um serviço àqueles seus amigos de Cococá. A senhora recebeu o remédio, aplicou-o e ficou inteiramente curada da erisipela. Quem ouvia o caso, ficou muito admirado e curioso de o justificar. O sr. Feitosinha, notando o interesse do seu amigo, mostrou-lhe o querosene que a família conservava carinhosamente. A garrafa era daquelas que antigamente vinham com aguardente de Genebra. O amigo levado pela curiosidade, pediu licença, meteu uma lasquinha de pau dentro da garrafa, que veio molhado de algumas gotas de querosene com o próprio cheiro da substância. O amigo satisfeito em sua curiosidade, ficou muito admirado de como a família do Sr. Feitosinha teve tanto cuidado, zelo e perseverança em conservar durante anos e anos algumas gramas de querosene como lembrança histórica da cura de um seu antepassado.

Quero deixar aqui expressa a minha admiração e louvor aos membros da família.

O VAQUEIRO DE FEITOSINHA E A FESTA DE MARRECAS

Não muito longe da casa grande de Cococá morava um dos vaqueiros da fazenda, chefe de família, fiel aos seus deveres de vida religiosa. Não longe da fazenda do sr. Feitosinha há uma igreja, capela da paróquia de Tauá, tendo como padroeira a Sagrada Família, cuja imagem numa bela escultura representando Nossa Senhora montada num burro com o Menino Jesus nos braços e São José a pé, puxando o animal, de viagem para o Egito. Esta imagem colocada no altar causou má impressão no Sr. Bispo Dom Joaquim José Vieira na primeira visita pastoral que fez àquela região da sua diocese. Ordenou ao padre Alexandre Barreto, vigário da paróquia, que retirasse do altar aquêlê burro. O vigário, ou porque adiasse o cumprimento da recomendação do Sr. Bispo, ou porque não quisesse desgostar os seus paroquianos, ou

porque fôsse adiando para mais tarde, o certo é que deixou a estátua do burrinho no altar em sua viagem simbólica para o Egito. Veio o segundo vigário seguiu o caminho do seu antecessor, e o burrinho foi ficando no altar, até que o Sr. Bispo chamou o segundo sucessor do padre Alexandre Barreto, e sabendo que o burrinho ainda estava no altar, aborreceu-se com os padres que não cumpriram as suas ordens, e mandou novamente que retirasse do altar o burrinho. O vigário esclareceu o Sr. Bispo, dizendo-lhe que a dificuldade era obter dinheiro para adquirir outra imagem. Não seja essa a dificuldade; eu darei a imagem.

O vigário fez um novo altar para a nova imagem da Padroeira. Era bonito, mas não comportava o burrinho. Chegou a nova imagem, e preparou-se a festa da bênção, à que assistiu muita gente. Naturalmente os tradicionais amigos do burrinho deixavam transparecer no semblante um ar de tristeza, que bem se compreendia. A vida religiosa do povo de Marrecas não d'iminuiu; assim é que foi muito solene a festa à que foi assistir a família do vaqueiro do sr. Feitosinha do Cococá. A mulher e os filhos saíram cedo para alcançar a missa. Leilão, procissão, funções religiosas na igreja ocupavam a tarde.

O vaqueiro achou que devia encontrar-se com a família de volta das funções religiosas em Marrecas. Preparou-se, tomando a sua roupa dominigueira e saiu na direção de Marrecas. A uma certa distância havia uma ipueira: água rasa e estendida largamente, entremeada de pedras miúdas e vegetação rasteira mal sobrepondo-se à superfície das águas. O vaqueiro olhou a extensão da ipueira, e considerou sua própria roupa e sapatos, tudo limpo e aseado. Passou-lhe pela mente um involuntário pensamento de passar ipueira sem molhar os pés. Mal o pensamento tocou-lhe o espírito, sentiu um aperto nas costelas abaixo das axilas, e estava do outro lado da ipueira. Impressionado, sentou-se e deixou passar o desassossego do imprevisto caso.

Em uma das paróquias dos Inhamuns ouvi do sr. vigário o seguinte: O vigário, num domingo tinha de celebrar na séde da paróquia e noutra paróquia anexa, onde tinha de fazer seis casamentos. Celebrou na paróquia a primeira missa, e se foi para a capela, onde devia celebrar novamente e fazer as cerimônias dos seis casamentos. Chegou à Igreja e avisou aos interessados que os casamentos se efetuariam na missa. Naquela paróquia os casamentos realizam-se, tendo os noivos passado no exame de doutrina, e tendo feito a sua confissão e comunhão. Acontece, porém, que um dos nubentes não sabe doutrina para poder confessar-se. O vigário, homem tolerante diz ao nubente que êle vá passar novamente a doutrina com professor, e à tarde, confessa-se e faz-se o casamento. Fica acertado.

Celebra-se a missa, fazem-se os batizados, e à hora marcada, chega o noivo para o casamento. Procede-se ao exame de doutrina e o vigário achou que rigorosamente ele poderia confessar-se e efetuar seu casamento. Se tiver de fazer a Santa Comunhão, é preciso saber o que se recebe na Santa Comunhão. Ah... Isto eu sei bem. Então o que está na Hostia Consagrada? Ele respondeu convictamente: pão real, material purgante, sum só amem... O vigário confessou o noivo, assistiu ao casamento e recomendou à esposa que preparasse bem o marido para a comunhão que êle devia fazer no próximo domingo. E assim se fez, constituindo-se mais uma família com as bênçãos da Igreja.

U M A E X P L I C A Ç Ã O

Morava em Tauá o Tenente Lourenço Feitosa que tinha estado na guerra do Paraguai, donde voltara promovido a Tenente honraria que conservou toda a vida, exercendo a direção política dos Inhamuns enquanto viveu. Homem de grande valor moral e firmeza de caráter, era consultado por todos que precisavam de um esclarecimento. E' assim que uma pessoa de suas relações pediu-lhe um esclarecimento sobre um desses casos comuns que aparecem na vida de várias pessoas. Nesses casos há muitas ilusões e aparências ilusórias. Como V. sabe, a minha profissão nêstes sertões, é a advocacia. Não faz muito tempo, voltei já tarde de um desses compromissos. Minha mulher estava em nossa fazenda, fugindo ao calor do verão. Não havia ninguém na casa. Apeei-me, tirei a rêde da garupa da montaria, armei na sala de visita e deitei-me. Depois de algum tempo ouvi o bater de saltos e o frufu de saias, naquêles tempos usavam-se saias compridas. Levantei-me tomei o revolver e fui para a sala de visita. Esperei muito, quando ouvi o soprar do aracati que subia pelo Jaguaribe e, dividindo-se pelos afluentes, penetrava sertão a dentro. A casa ficou sem gente; as plantas secaram e espalharam-se pela sala. A táboa de passar roupa ficou mal apoiada na janela e mêsa de jantar. Chega o aracati: arrasta as folhas; e o frufu das saias; agita a táboa de engomar; é o toco-toco dos sapatos de salto alto. Tudo explicado sem visagem.

Banco da Bahia S/A

A Garantia de um tradicional estabelecimento
de crédito !

Mais de cem Agências para servi-lo em todo o
territorio Nacional !

SEGURANÇA !

PONTUALIDADE !

PERFEITO ATENDIMENTO !

Banco da Bahia S/A

Praça Juarez Távora, esquina com Mons. Esmeraldo

C R A T O

—o—

C E A R Á

F. C. Pierre & Filhos

ELETRO - DOMÉSTICO, MÓVEIS

PEÇAS E ACCESSÓRIOS PARA BICICLETAS

TELEFONE: 232 — TELEGRAMA: "PEÇAS"

RUA SANTOS DUMONT N.º 52

CRATO — CEARÁ

F I L I A L :

ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES

RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 89

TELEFONE: 233

CRATO — CEARÁ

ANTONIO ALMINO DE LIMA

VENDA DE COMBUSTIVEIS POR ATACADO

PARA VÁRIAS REGIÕES

M A N T E M 5 P O S T O S

atendendo melhor aos motoristas e proprietários

M A T R I Z :

Rua Almirante Alexandrino N.º 22

T E L E F O N E : 5 3 1

C R A T O

—o—

C E A R Á

NO TEMPO DOS CORONÉIS

II — O PECADO DO CORONEL LOURENÇO DA VARZINHA (*)

CARLOS FEITOSA

O Coronel Lourenço da Varzinha (Lourenço Alves de Castro) era homem de disciplina familiar muito rígida, sendo considerado um dos mais fiéis continuadores daquela tradição de respeito que deve ter o agregado ao patrão, do mais nôvo ao mais velho e, assim por diante, como se observava na zona do campo. Uma moça não deveria rir, apenas sorrir. Nada de riso sôlto e laviano, de gargalhada espalhafatosa que se observa nas cidades, pois uma menina recatada deve sômente esboçar o riso.

Neste sentido os Feitosas deixaram e mantêm uma educação no Alto Jaguaribe que ainda hoje é admirada. Aliás a conservação dessa disciplina se deve ao fato de serem os Inhamuns um feudo fechado às inovações desagregadoras da educação de hoje, profundamente alterada pelos ensinamentos da Psicologia, que vive ao sabor de novas descobertas, em constante fluxo e refluxo, das marés montantes, sem encontrar fixidez. Cada autor traz uma teoria nova, e se esforça por derrubar a do seu antecessor.

Nessa zona singular, se um agregado se encontra com o patrão, ao cumprimentá-lo, tira o chapéu, em sinal de respeito. São costumes vindos de Portugal, e aqui conservados. Eça de Queirós os registra em sua primorosa obra "A Cidade e as Serras". Os moradores de Jacinto de Tormes, quando êste visita suas herdades na Serra da Estrela, prestam-lhe as devidas vênias. ("Nunca êle se demoraria a conversar com os moços, quando à borda de um caminho ou num campo de monda, êles se endireitavam de chapéu na mão" — fim do IX capítulo, Edições de Ouro, 1963, pág. 219). Lá, como aqui nos Inhamuns, ficam os agregados sem jeito, rodando o chapéu na mão, ao encontrar-se com os patrões. Salvo os mais velhos.

Se andam a cavalo, o que é sujeito apeia-se, por que é falta de respeito ficar com o patrão na mesma posição, no mesmo pé de igualdade. O sociólogo Manuel Correia de Andrade, estudando "A Terra e o Homem do Nordeste", observou que o proprietário, "para salientar sua posição, construía a casa grande assobradada ou com calçada alta sôbre uma colina ou uma encosta, de onde falava a lavradores, empregados ou escravos. Saía sempre a cavalo ("Nordeste" de Gilberto Freyre, 2.^a ed., pág. 124), de onde continuava a falar do alto àqueles a quem dava ordens. Daí a comum paixão por bons cavalos que, como ainda diz: **andam de meio a baixo**". (edição de 1963, pág. 72).

Se rapaz nôvo, toma a bênção, embora não seja afilhado. É de boa regra que assim o façam, por consideração aos mais velhos. Como sinal de respeito aos de idade provectora, até os meninos das casas-grandes pedem a bênção aos negros velhos, aos iôis e às iaiás. O romancista-sociólogo Jäder de Carvalho interpretou o fenômeno do compadrio como o único seguro que está ao alcance do agregado deixar a seus filhos, isto é, assegurar a proteção do patrão aos filhos. Daí veem as mães pretas e os pais velhos, e a expressão de respeito "meu tio", sem o ser, na realidade.

As famílias não se sentavam à mesa com os serviçais, embora os tratassem com toda a educação, e sentimento humano. Ainda recentemente o Agrimensor João Germano Leite, que trabalhou na Zona do Cariri, e agora serve na dos Inhamuns e Quixelôs, estranhou esse hábito quando, na Fazenda Cococá, de propriedade de Quinquim Feitosa (Joaquim Alves Feitosa Sobrinho), verificou que à mesa dos donos da casa não se sentava o seu baliseiro. Êste foi encaminhado para outro compartimento da casa, onde havia uma mesa grande dos trabalhadores, de cujo teto de cômodo pende, ainda, uma sineta destinada à chamada dos escravos para as refeições. Trata-se de uma Casa das mãis antigas e tradicionais da família.

Os filhos dos fazendeiros, de novinhos, já são tratados por "seu" fulano, pelos agregados. Uma quadra que fêz época em Tauá, comprova o fato.

Dentre os nove filhos do Capitão Pedro Alves Feitosa, do Cococá (meu trisavô duas vêzes), que era casado com D. Maria Madalena de Castro, cinco frequentavam a escola pública e, conforme a usança do tempo, cada qual portava o seu badameco a tiracolo, repletos de livros e cadernos. Êste utensílio, confeccionado em pano, ordinariamente de brim cáqui, foi substituído pela pasta de couro e, atualmente, pela bolsa de matéria plástica..

Voltavam da escola, alegremente, Antônio Alves Feitosa (**Seu Tõe**), que foi de São Gonçalo; os gêmios, que se tratavam por **Mamão**, Joaquim Alves Feitosa (**Seu Quim**), conhecido por **Major Quim**, que foi da Barra do Puiú, também chamada **Barra do Ouro**, (pela abundância de objetos dêsse metal, que possuía essa casa, que é das mais antigas), foi Deputado Provincial no biênio de 1868/1869, pelo Distrito de Tauá, e foi Coronel e Comandante do Batalhão da Guarda Nacional nos Inhamuns (pai do meu avô paterno); Francisco Alves Feitosa (**Seu Chiquinho**), tratado por **Major Chiquinho**, e foi do Cococá; José Alves Feitosa (**Seu Casusa**), que foi do Cococá, e era pai da espôsa do General Manuel Cordeiro Neto (que foi Chefe de Polícia ao tempo da **Ditadura Getuliana**, Secretário de Polícia na **Reconstitucionalização do País em 1945** e Prefeito eleito de Fortaleza, na legislatura de 1958-1962; e Manuel Alves Feitosa (**Seu Baleco**), que foi da Fazenda Estreito (pai de minha avó paterna).

Por curiosidade natural da idade, ao retornarem das aulas, passavam os meninos na cadeia. Vendo todos os trajas escolares, um dos presos, que era dado a fazer trovas, tirou uma quadra em sete versos perfeitos, dêste modo improvisada :

OS MENINOS DA ESCOLA,
TODOS USAM BADAMECO :
SEU TÕE, SEU QUIM E SEU CHIQUIM
SEU CASUSA E SEU BALECO.

É ocioso dizer-se que os garotos obtiveram a graça paterna para a liberdade do vate encarcerado.

O exemplo é para mostrar o respeito a que se impunham os donos da terra, que começava do berço.

* * *

Foi dentro desta escola de respeito e de austeridade que o Coronel

Lourenço da Varzinha criou os filhos: Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro (O Tenente Lourenço da Guerra do Paraguai, para onde foi deixando a Faculdade de Direito do Recife, e Deputado Provincial e Estadual em várias legislaturas); o Padre Francischo Máximo Feitosa e Castro (como o irmão, Deputado Provincial e Estadual em diversos períodos, e Vigário das Freguesias de Cococi, Ipu-eiras, Ipu e Cococi, novamente, onde faleceu); D. Leonarda do Vale Feitosa e Castro, espôsa do Coronel Leandro da Barra (Leandro Custódio de Oliveira e Castro); Honório Alves Feitosa e Castro; José Alves Feitosa e Castro; D. Maria, consorte de Leandro Alves Feitosa.

Na educação dos filhos, esmerou-se, igualmente, sua espôsa D. Luzia Alves Feitosa e Vale, filha do Major José do Vale Pedrosa, talvez o maior proprietário dos Inhamuns, superior, mesmo, aos Viscondes do Icó, como se pode comparar dos inventários de ambos, aquêle, em Tauá, 1.º Cartório — Zé Lúcio), êstes, em Saboeiro (1.º Cartório — Chico Cândido).

A fama da austeridade do Coronel Lourenço da Varzinha espalhou-se por todos os Inhamuns e, por isto, parentes e amigos costumavam enviar para sua casa os filhos indisciplinados, rebeldes, a fim de que lá tomassem as normas do seu código familiar.

A prática estendeu-se fora do círculo de páter-família, que êle exercia, beneficiando a estranhos, de que se contam vários exemplos, frustrando-se, apenas, no caso de moleque Auto, avô do famigerado pistoleiro Antônio Tomás, que atuava na região de Cariús, Jucás, Saboeiro, Aiuaba, tendo sido criado na Casa das Canastras, dos pais do meu sôgro, o Coronel Miguel da Silva Leal, chefe político do antigo São Mateus (Jucás e Cariús), de onde foi intendente, pioneiro no beneficiamento de algodão com máquina a vapor, evoluindo da prensa manual, antiga, ao modo das que hoje se fazem queijos. O Coronel Miguel da Silva Leal também era sogro do Coronel Mário da Silva Leal, que foi Deputado Estadual nas 6a. e 7a. Constituinte (1935-1937 e 1947-1950).

Assim, o moleque Auto, sestroso e cheio de maus costumes, foi enviado à Fazenda da Varzinha, para tomar jeito de gente, como disseram os pais. A Fazenda Varzinha era, como que, uma escola de correção, como o era a Marinha, no seu tempo, aonde se metiam os moleques das cidades, que viviam em estado de abandono, apanhando vícios.

Contudo, o mau caráter de Auto, que era incorrigível, não o permitiu submeter-se à disciplina, para o que, com o emprêgo de ardis, arranjava meios de fugir a ela, dando, em resultado, uma geração de tipo degenerados, como o seu neto Antônio Tomás, o pistoleiro famoso que, nas horas difíceis, se homiziava nos porões da casa do Coronel Miguel da Silva Leal, em Jucás.

Mas, vamos a uma das artes do moleque Auto.

Certo dia, o Coronel Lourenço da Varzinha mandou que Auto procurasse sua burra de sela, para uma viagem. Moleque malandro, começou a estudar logo um meio de safar-se da empresa, para não criar hábito, qual a de ficar sendo procurado para êsse fim.

Quem viveu numa fazenda sabe o que é procurar um animal sôlto ou que está peado há dias. Terá muito que procurar. De espaços a espaços, terá de pôr o ouvido à escuta do chocalho do animal, ou o da besta do lote do

relincho, ou de um simples espirro (consequente do capim que lhe entra pelas narinas). Terá de pôr o ouvido em terra, como nos ensinaram os índios, para ouvir sons longínquos.

Se a mula for sestrosa, encontrando-a, terá trabalho para apanhá-la, pois quando se vai ver o cabresto na cabeça, ela, rapidamente, dá-lhe as costas e se prepara para o coice. Se está solta, fica teimando horas e, até meio dia, ou mais, correndo de um lado para outro, ou disparando, até que seja encan-toada. É raridade submeter-se o animal simplesmente ao cabresto atirado ao lombo (para dar-lhe a idéia de já achar-se prêso), ou deixar-se, pacificamente, meter-se-lhe o cabresto. Muitas vêzes é necessário o uso de laço,, e até o ajuda de um companheiro.

O meninote não queria ter estes trabalhos. Por isto, deu uma voltinha à tôa, não muito longe de casa, e voltou com a pálida desculpa de não haver encontrado a alimária. Enérgico, o Coronel voltou-o com a ordem de só regressar com a mula.

O moleque, contudo, era malandro, de marca maior. E, mal encobrin-do-se da casa, pendeu para um baixio fresco e subiu num umbuzeiro (de gê-nero **Spondias**, purpúrea, Lineu, na família das Amarcadiáceas), abundante na região, e pôs-se, sossegadamente, a comer suas frutas, fazendo horas para regressar, com as mesmas desculpas de não a haver encontrado.

Quando se achava bem despreocupado, escondido por entre a folhagem do umbuzeiro, degustando os frutos verdes de sabor acre, viu chegar à sua sombra (**sub tegmine**...) uma cabocla da Casa Grande da Varzinha, conduzindo um courinho debaixo do braço, que foi estendido no chão.

Dáí a instantes, chegou o Coronel Lourenço e deitou-se com ela.

Terminada a cena, que o moleque presenciou escondido na fronde es-galhada do umbuzeiro, entendeu que já tinha elementos para fazer a sua des-culpa, devendo voltar para casa. E, assim, fêz.

Retornando à casa, atingiu a parte interna e procurou ficar aproximado de D. Luzia, dela não se afastando..

Com pouco tempo, o Coronel Lourenço o viu e foi logo interrogando-o pela burra. Respondeu, com empáfia, o moleque :

— Bem, seu Coronel, eu estava procurando a burra. Mas, senti fome e subi num umbuzeiro. Quando estava lá em cima chegou, com um courinho debaixo do braço...

O moleque não pôde mais continuar sua história, pois, percebendo a que ponto chegava a malícia do endemonhado negrinho, o Coronel, entre indig-nado e atrapalhado, por ter sido apanhado em flagrante, em bêco sem saída, e dada a insolência do molecote, que iria dar por terra tôda a áurea de res-peitabilidade de que gozava, atalhou o desenvolvimento da história..

— Basta ! Lá quero saber de conversa fiada... E vá-se lá para fora, que não quero negro desocupado em minha cozinha.

Depois que o moleque se retirou, virando-se para a espôsa, com a in-tenção de despistar a história, arrematou :

— Não me interessa história de moleque com burra. E, por fim, sen-tenciou : — Vou mandar êsse negrinho aos pais. E, mais aliviado do susto por que passara : — É incorrigível.

(*) O capítulo I foi inserto em ITAYTERA n.º 9, para o ano de 1964.

O Cego do Cavaquinho

ALCÂNTARA ARARIPE

Nasceu cego. A Natureza com as suas inexplicáveis deliberações, atirou-o ao torvelinho da vida, em meio da ruidosa floresta humana, negando-lhe o maior dom com que o vivente deve ser premiado: a vista. E, privado de ver a luz do dia — mergulhando no calabouço de uma noite eterna, de um eterno martírio, sempre envólto em pesada sombra — nunca pôde fitar os horizontes, as paisagens, as plantas, a terra, as águas, os montes, o céu infinito, os astros inflamados espargindo luz celeste, e, muito menos, sua mãe, seu pai e os objetos que o rodeiam. Foi atirado à vida como uma semente, para vegetar ligado à terra, entregue a seu destino para deambular, Tateando, nos infratuosos caminhos da vida. Por onde passava, ia deixando o sulco da sua angustiosa passagem.

Que tortura, que tristeza experimentara na infância, quando compreendeu a brutal realidade de que era simplesmente um nulo, uma sombra dentro da sombra que o rodeava, porque era irremediavelmente cego!

José Wilson, com a sua ingênita cegueira, veio ao mundo em 1933, na cidade de Parnaíba - Piauí. Com inusitada surpresa, seus pais verificaram que o recém-nascido nada enxergava. Levaram-no a um facultativo tendo êste, depois dos necessários testes, constatado que a criança havia nascido com olhos rudimentares — sem pupila e sem retina — e neste caso não podia prejetar as imagens dos objetos.

Com o vagaroso e sutil perpassar dos anos, José Wilson, aos poucos, foi compreendendo que, na vida, não deixava de ser apenas um pêso morto. Para locomover-se, precisava de alguém para guiar-lhe os passos, porque seu mundo fora compôsto somente de trevas... Êle, porém, com uma resignação de apóstolo, deixou que a vida seguisse o caminho traçado por Deus, na face da terra. E, se deixando conduzir pela ilusão de que a cegueira não lhe viria tolher os designios, pelos olhos da alma, começou a ver tudo côr de rosa. Influenciado por uma espécie de misticismo, até então desconhecido, sentia abrir-se-lhe a grande porta do condado onde estava a sua felicidade espiritual, saindo do enleamento da frustração. Daquele dia em diante a vida lhe deixou de ser o pêso torturante que o acabrunhava e o estiolava no alvorecer da mocidade, quando a existência é um estendal de sonhos, e de encanto, e de beleza. Seus passos, embora hesitantes, apalpando as depressões dos terrenos onde pisava, guiados pelo farol da alma, aos poucos, levaram-no ao seu nôvo mundo. Parecia emergir de um subterrâneo ao eclidir da nova vida, macia e delicada que iniciava.

Ao completar quatorze anos de idade, compreendeu a necessidade de lutar

pela vida. Infelizmente, porém, o meio onde nascera e se criara, não podia oferecer recursos a um cego — notadamente escola de letras e de artifícios — senão esmolar, sentado numa esquina ou no patamal de Igreja estendendo, aos transeuntes, a mão esquelética e medrosa, na expectativa de um minguado níquel ou dum displicente "perdoe". Raciocionando sobre a triste condição de implorar esmolas, apesar de ser preciso ajudar à sua família, resistira. Não adieru ao corriqueiro meio de vida, ordinariamente, destinado àqueles a quem Deus não lhes deu ou lhes tirou a luz dos olhos.

Nessa conjuntura, estacado na encruzilhada onde o destino o jogara, seus ouvidos, miraculosamente, se abriram para as mais sutis harmonias que a Natureza oferece aos mortais, no planeta terra. E fôra com a alma cheia de translúcidas, suaves e delicadas melodias, que se inclinara a aprendizagem dum instrumento de cordas. Êle via naquela vocação, o complemento do seu Mundo, conquistado através de apostólica resignação. Esta idéia lhe fêz morada no fundo da alma, não tendo abandonado o desejo em que via a sua independência, pelo menos relativa.

Por intermédio de pessoas caridosas, conseguiu um cavaquinho, e, com o beneplácito de Deus, se lhe aguçara o cérebro para a Arte, e a sua alma se derreara sobre as quatro cordas do seu modesto instrumento, dando-lhe aos ouvidos profanos os aprimorados sons, em perfeita conjugação com o ritmo, a escala musical e agilidade aos dedos indecisos.

Com o auxílio de lacônicas lições, José Wilson tornara-se senhor do segredo de seu cavaquinho, passando a ganhar algo para custear as suas despesas ordinárias.

Está com dezoito anos que toca o instrumento que a Providência Divina lhe colocara nas mãos. Ajudado por um rapazinho, com um tambor à guisa de contra-baixo, faz excursões nas cidades do Piauí e do Ceará. Em regra geral, quando chega a uma cidade, procura o mercado público. Senta-se num tamborête, põe uma pequena caixa de madeira no chão, à sua frente, para colhêr os donativos, e, com verdadeira mestria, fere as cordas de seu cavaquinho, deixando escapar, por intermédio dos dedos ágeis, as maravilhosas músicas de seu repertório — umas aprendidas através de rádio, e outras de criação própria. Acompanha-o uma senhora já puxada na idade, que acredita ser sua mãe. Essa velhota, mal vestida mas de boa aparência, tem o religioso cuidado de agradecer a cada pessoa que deposita qualquer importância no receptáculo exposto aos olhos caridosos.

Foi assim que atrardo pela música que se perdia no amplo espaço, fui encontrá-lo, aqui em Teresina, na rua imediata da frente do Tribunal de Justiça (onde se inicia o movimento da feira diária), dedilhando o seu soberbo cavaquinho que lhe garante o sustento de cada-dia.

À primeira vista, parece que José Wilson pratica mendicidade. Acresce notar, porém, que aquêle artista nato, ocupando-se em espargir harmonia, recebe o estipêndio de seu serviço, muito embora não seja contratado por alguém.

Para colhêr êstes dados, sentara-me bem pertinho dêle e fui anotando no papel que servia de invólucro a uma compra que fizera no mercado..

Em Torno de "ITAYTERA"

ULYSSES VIANA

Enviado pelo Instituto Cultural do Cariri, tenho em mão o número 10 da revista "ITAYTERA", que se edita na cidade do Crato (Ce.). Uma publicação do interior não poderia oferecer melhor exemplo de trabalho de uma sociedade integrada no cultivo das coisas sérias.

Revista organizada com carinho e em cujo teor sentimos a marca da inteligência de homens que, ligados a múltiplas atividades profissionais, permanecem fiéis às suas idéias, como autênticos apóstolos das belas-artes.

Quero registrar, mais uma vez, a influência que recebi, durante 12 anos, no Crato, daqueles elementos que ainda hoje constroem a grandeza de sua terra. Eles ajudaram, com seu esforço, no estabelecimento de obras bem estruturadas em que aparecem, já hoje, os resultados positivados através de realizações efetivas. Esse labor produtivo vem de muito tempo. Os nossos antepassados cavaram os alicerces em que se ergue o futuro de uma região privilegiada do Nordeste. No Crato, espécie de centro cultural de vasta zona sertaneja, cultiva-se a ciência sob vários aspectos e daí a sua hegemonia no campo intelectual, distinguindo-se, evidentemente, de outros ponderáveis núcleos populacionais do Estado.

Volto as minhas vistas para o Crato de minha juventude, onde empreendimentos de notáveis significações movimentavam a existência dos moços. Figuras representativas da imprensa matuta traçavam o nosso roteiro e no seu exemplo a mocidade bebia o vinho das arrojadas iniciativas. Figueiredo Filho, José Alves de Figueiredo (artista de fino quilate), Quixadá Felício, meio temperamental mas profundo na difícil seara de invejáveis composições literárias; Padre Antônio Gomes de Araújo, o médico Elysio de Figueiredo, José Newton Alves de Sousa, Pedro Felício, Jefferson de Albuquerque, o inesquecível escritor Irineu Pinheiro, Padres Antônio Feitosa, Pedro Rocha de Oliveira, Antônio Vieira e Leopoldo Fernandes, João Alves Rocha, José Denizard Macêdo, entre muitos outros.

No teatro meia dúzia de teimosos conseguiram verdadeiros milagres. Waldemar Garcia, José Correia, Salviano Saraiva, Icléa Teixeira, Joaquim Felipe, Hélder França, Gilberto Pinheiro, Amarílio Carvalho, Mundinha Macêdo e outros constituíam equipe de alto gabarito. Peças de inconfundível linhagem foram apresentadas. Ainda hoje, fragmentados, os amadores do Crato desafiam o tempo, efetivando temporadas que encham de júbilo a alma de qualquer nordestino verdadeiro..

Consequentemente o Crato não poderia, jamais, ficar em posição de inferioridade no que diz respeito ao desenvolvimento que se objetiva na região caririense. Tem oferecido colaboração maciça ao soergimento de mentalidade nova, capaz de transformar o panorama sócio-econômico no sul do Ceará. E

vai atravessando, com raro estoicismo, todos os obstáculos que servem, contudo, para patentear a rigidez do caráter do elemento humano radicado no Cariri.

Omitir o nome de Juazeiro do Norte seria falta de senso. É um município que caminha a passos de atleta para se constituir parque industrial de primeira.

Um grupo de cidadãos atuantes compõe uma organização comercial alicerçada em bons capitais e tradição indiscutível. Desenvolveu-se muito na parte pertinente ao ensino e isso em função de reconhecidos expoentes da intelectualidade local. "O padre Cícero plantou uma árvore que se ampliou em tôdas as direções e os frutos, robustos e sadios, aí estão contribuindo para o progresso da sua terra".

Creio que o aparecimento da revista ITAYTERA constituiu o resultado da inteligência realizado-a dos habitantes da serra do Araripe. Sob a sua sombra, uma comunidade inteira trabalha incansavelmente e oferece ao Brasil exemplo de vitalidade e dinamismo.

O órgão filiado ao Instituto Cultural do Cariri apresenta colaborações selecionadas, verificando-se, sobretudo, material gráfico categorizado que serve para difundir, também, o bom gosto dos seus artistas especializados. ITAYTERA, como revista de cultura, enobreceria qualquer cidade brasileira e a sua penetração atingiu países longínquos, conquistando aplausos, manifestados através de documentos expressivos.

Como não poderia deixar de ocorrer, o organismo da revista está formado de importantes partes, cujo funcionamento ficou a cargo de nomes como o do padre Antônio Gomes de Araújo, responsável por obras históricas de real valor; J. de Figueiredo Filho, J. Lindemberg de Aquino, Luís de Borba Maranhão, Francisco G. de Carvalho, Celso Gomes de Matos, José de Siqueira Cavalcanti, Raimundo de Oliveira Borges, Alcântara Araripe, Otávio Aires de Menezes, Félix Lima Júnior, Alves de Oliveira, F. S. Nascimento, Napoleão Tavares Neves, Jeser de Oliveira, Antônio Gonçalves da Silva, Luiz Delgado, José Pedro Xavier da Veiga, Fernando Távora, Lourenço Feitosa, Jurandy, Paulo Elpídio, frei Marcelino Cantalice, M. Patrício de Aquino, Aires de Montalbo, D. Marcos Barbosa e Marisa Raja Gabaglia.

O escritor J. de Figueiredo Filho continua à frente do Instituto Cultural do Cariri, recebendo a colaboração dos membros integrantes da sua diretoria.

Realiza, por outro lado, ITAYTERA, função de entrosamento entre instituições sócio culturais, gerando o laço indestrutível do entendimento das comunidades que cultivam os mesmos ideais. Todos os cratenses espalhados pelo território nacional oferecem o seu natural estímulo a uma obra que já tem suas raízes lançadas no tempo e a frondosa árvore da inteligência continuará se avolumando, num formidável respeito às causas reconhecidamente patrióticas.

Ninguém poderá deixar de colaborar na manutenção do maior instrumento de divulgação das potencialidades caririenses e o Governo que está também em ITAYTERA, continuará dando cobertura a um empreendimento que somente tem servido para espalhar aos quatro cantos do mundo o nome de uma raça sofredora, forte e indomável.

ELOGIO FEITO A GENERAL CRATENSE

Num Boletim do Estado Maior do Exército, na quarta parte, setôr Justiça e Disciplina, encontramos uma elogiosa referência ao General cratense Raimundo Teles Pinheiro, ex-Comandante do CPOR de Fortaleza, vasada nos seguintes têrmos :—

“General de Divisão R-1 — RAIMUNDO TELES PINHEIRO — Deixou as funções de Chefe da 1a. Sub secção (Geografia) da 5a. secção, por ter sido, a pedido, transferido para a reserva, decreto publicado no D. O. de 27 de Maio de 66, e, nesta data, desligado do Estado Maior do Exército. São 36 anos e 4 meses de bons serviços prestados, com dedicação, entusiasmo e eficiência.

“Assentou praça no Exército a 15 de Fevereiro de 1930, na antiga Escola Militar do Realengo e foi declarado Aspirante a Oficial da Armada da Infantaria em 22 de Dezembro de 1932. Serviu em cêrca de 20 organizações militares, em diferentes funções, sendo de assinalar a sua passagem por esta augusta casa, por duas vêzes e o exercício do comando da Escola Preparatória de Fortaleza e do Colégio Militar em que ela foi transformada.

“Tanto nêste Estado Maior como no referido estabelecimento de ensino, foi-lhe permitido ressaltar sua cultura eclética e bem desenvolvida e suas apreciáveis qualidades. Desincumbiu-se desta espinhosa e difícil missão, exercida por mais de dois anos, com rara felicidade, fazendo obra criadôra, conquistando a confiança e a lealdade dos professores, instrutores e alunos; Mantêve o ensino em alto nível e sob perfeito contrôle, impondo-se pela correção de atitudes e ilibado caráter.

“Desempenhou com muita eficiência as funções do Estado Maior, tais como, Adjunto do Estado Maior, Chefe de Secção e Chefe do Estado Maior da 10a. RM, sendo que esta última função foi cumprida em período delicado e nada fácil, logo após a Revolução de 31 de Março de 1964. Por ocasião dêsse movimento revolucionário mais uma vez comprovar ser prôdigamente dotado de elevado espírito militar. amor á Pátria e nitida compreensão do cumprimento do dever. Durante esses quase 37 anos de bons trabalhos e dedicação ao Exército, era a constância no bom servir, em virtude disso foi agraciado com as medalhas de bronze prata e ouro e tornado membro do Ordem do Mérito Militar.

“Nessa despedida de sua vida militar na ativa e quando vai dispor de maior tempo para dedicar-se a outros afazêres, resta sintetizar tudo o que lhe foi dito no agradecimento que o Exército lhe deve pelo dever cumprido, sem esquecer da saudade que nos deixa do seu alegre convívio e pelas ideias puras e de sã patriotismo que abriga.

Num dos numerosos elogios constantes da brilhante fé de ofício do General Raimundo Teles Pinheiro, encontramos a passagem que se segue: "...ninguém pode servir ao Exército durante mais de quarenta anos sem que passe a amá-lo, acendradamente, com o amor puro e desinteressado, que o tempo sublima, transmutando-se o entusiasmo quase juvenil dos tempos de Aspirantes a Oficial, na serena compreensão trazida pela idade e pelo exercício das pesadas responsabilidades dos altos postos — e é com saudade que deixamos as cousas que amamos".

"Ao General Teles — a nossa despedida e os votos de muitas felicidades ao lado de sua digna família".

Esse elogio foi emanado do Chefe do Estado Maior do Exército, General Décio Palmeiro Escobar, ao general Raimundo Teles Pinheiro.

COMEMORAÇÕES DO DIA DO MUNICÍPIO — 21 DE JUNHO

Foram brilhantíssimas as comemorações do Dia do Município de Crato, no presente ano. Começaram a 15 de Junho, para se encerrarem na data, em que Crato completava seu 203 aniversário de elevação à categoria de vila. Tais festejos, graças à compreensão do atual prefeito municipal Dr. Humberto Macário de Brito, tiveram o condão de despertar o espírito cívico de toda a comuna a começar pela cidade até aos mais afastados distritos rurais. Os desfiles escolares se caracterizaram pela representação de motivos históricos dos principais feitos de Crato no passado. Foram a prova de que já estão amadurecidas as sementes plantadas pelos nossos historiadores, a exemplo de Irineu Pinheiro, Pe. Antônio Gomes de Araújo e J. de Figueiredo Filho. Crato começa a sentir a influência decisiva de seus maiores em sua formação. E isso é o melhor incentivo para o seu dinâmico progresso, em todos os setores de atividade humana.

Hotel PAULO FROTA

UM AMBIENTE SELETO

CORTEZIA... HIGIENE...

Ótimo serviço de BAR e RESTAURANTE

CRATO — Rua Luiz Teixeira — CEARÁ

LANÇADO, EM SANTANA DO CARIRI, O LIVRO

“ÁTOMOS DO PENSAMENTO”

É sensível a mudança do cenário de Santana do Cariri, por efeito do movimento educacional que se passa ali. No Domingo, 11 de Junho, no Ginásio local, houve ali festa de cunho inteiramente cultural com o apoio unânime da cidade, pelo motivo do lançamento do bem feito livro de poesias “ÁTOMOS DO PENSAMENTO”, de autoria da poetisa local — Maria Eurenice Coêlho. Tôda sociedade santanense compareceu àquela reunião, incluindo também uma representação de Crato, composta do Prof. José Newton Alves de Sousa, escritor J. de Figueiredo Filho, jornalista João Lindemberg de Aquino e outros elementos. A sessão foi presidida pelo Prof. José Newton Alves de Sousa que lançou o livro com palavras de elogios á poetisa.

Houve mais outros discursos e alguns números de arte.

“ÁTOMOS DO PENSAMENTO” está bom. Destaquemos um dos seus sonetos :

H O R A S D E M I N H A V I D A

POR QUANTAS HORAS NESTA VIDA, PASSO...
POR MINHA VIDA QUANTAS JÁ PASSARAM...
ÀS VÊZES, PARO, QUANDO NELAS PASSO
E ELAS POR MIM PASSAM E NUNCA PARAM.

PASSOS QUE DOU, POR ELAS SEMPRE PASSO.
PASSEI POR ESSAS QUE POR MIM PASSARAM,
FORAM TÔDAS A SOAR NO ESPAÇO
E SÓ SAUDADE PARA MIM DEIXARAM.

QUANDO CHEGAR A DERRADEIRA HORA
DO MEU VIVER POR ESTA TERRA AMIGA,
TODO O MEU SER ARREPENDIDA CHORA...

POR TER PERDIDO ALGUMA HORA ANTIGA
MAIS OUTRAS TANTAS QUE VIVER E IMPLORA
POR OUTRAS HORAS, MAIS, MEU SER MENDIGA.

Às 13 horas, na residência da genitora da poetisa, a Snra. Da. Mundingha foi ofertado lauto almoço à sociedade santanense e á comitiva de Crato, esmerando-se na arte culinária inescrivível, em pratos regionais, a Exma. Snra. Dona Otávia, amiga da família Coêlho.

“CANTOS DA MORTE” — JÁDER DE CARVALHO

Jáder de Carvalho, é sem contestação, dos vultos de mais destaque do mundo intelectual cearense, com projeção no Brasil inteiro. É talento multi-forme: ótimo jornalista, romancista social de primeira e bom poeta.

Pela Editora do INSTITUTO DO CEARÁ, lançou recentemente, ainda neste 1967, o seu “CANTO DA MORTE”, prefaciado pelo jovem consócio do I. C. C., agora intelectual, de renome, em Fortaleza — Francisco S. Nascimento. O tema escolhido, do começo ao fim, é a morte. E com tristeza de artista, impregnado de beleza pura, soube êle contar a eterna ceifadora! Vejamos o soneto SÉTIMO DIA:

SETE DIAS DEPOIS QUE TU FOSTE EMBORA,
OUVI MISSA POR TUA PAZ ETERNA..
VI, NA IGREJA, A SAUDADE EM MUITOS OLHOS
QUE ME FITAVAM SEM CANSAR, COM PENA.

HOUVE PRANTO EM SURDINA. A VOZ DO PADRE,
TÃO DIFERENTE DA DOS OUTROS DIAS,
AO CICIO DAS PRECES COMOVIDAS,
AH, ERA MAIS SOLUÇÃO DO QUE REZA.

FUI DE TODOS, AO CERTO, O MAIS TRANQUILO,
O DE ROSTO MAIS MUDO E OLHOS MAIS CALMOS:
É QUE TUA ALMA, LEVE E TRANSPARENTE,

SEM QUE NINGUÉM PUDESSE PERCEBÊ-LA
E NÃO SEI SE COM SONO OU DISTRAÍDA
DESCANÇAVA A CABEÇA NO MEU OMBRO.

“CLÁUDIO IDEBURQUE CARNEIRO LEAL FILHO”

O Desembargador Cláudio Ideburque Carneiro Leal Filho, pai de vultos também de destaque do Ceará, foi figura de homem probo e de jurisconsulto que muito ilustrou a terra cearense. Por ocasião de seu centenário, ocorrido no ano passado, grupo de admiradores de sua memória, o homenageou, publicando uma plaqueta enaltecendo o seu valor, em diversas facetas da vida. Foi editado, em Fortaleza, pela FUNDAÇÃO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA.

Alberto Ribeiro da Cunha sintetiza a vida do homenageado no seguinte período:

“ Todo o seu valor pessoal residia sobretudo na moralidade, na honestidade, na elevação, na nobreza, na retidão, na lealdade, na consciência, na justiça, na prudência, na grandeza d’alma, no bom senso esclarecido, que nêle ultrapassavam, em riqueza e em valia, o campo da inteligência em si mesmo, embora contasse com dose de reflexão”.

Comemoração do 30 Aniversário do H. P. Socorro de Fortaleza

Exmo. Sr. Governador do Estado
Exmo. Sr. Governador da Cidade
Exmo. Sd. Comandante da 10a. Região Militar
Senhores Secretários
Exmas. Sras.
Respeitável Auditório.

No decurso da existência, deparam-se-nos transformações as mais radicais. Tanto no mundo físico como no mundo moral, vemos contrastes e contradições que, em lugar de destruírem, garantem, de alguma forma, a perpetuidade da vida do homem na face do globo. E é em obediência ao império dessa lei: inelutável que se veio transformando, ao perpassar dos anos, este bem fadado estabelecimento.

Há, todavia, uma entidade que resiste ao desgaste do tempo: é o bem quando praticado silenciosamente e com elevação de vistas.

Esta casa, Senhores, não é senão uma das diversas realizações do bem no Ceará e com mão de obra cearense. Aqui se pratica, no rigor científico e em plenitude, a nobre profissão médica. E que sublime é, sem lugar para dúvida, esta profissão! Na verdade, onde se poderia encontrar outra, exceção feita da vocação missionária, capaz de excedê-la em clemência e doçura, em alívio e consólo, em solicitude e ternura, em esperança e beleza moral? Nela se percebe, inofismavelmente, o bem com inicial maiúscula. De algum modo se palpa o bem, aquêle bem incóvel de que nos dá imperecível noção a parábola do Bom Saharitano.

As numerosas salas de atendimento, de curativos, de traumatologia, o centro cirúrgico, as enfermarias, todas as suas dependências, em suma, consubstanciam-se no laboratório onde se manifesta, por forma nítida e eloquente, a grandeza incomensurável do bem.

Que vêm a ser, afinal de contas, as reiteradas conquistas da medicina no terreno puramente científico? E o progresso incessante da terapêutica no avanço milenário da civilização? Nada mais do que uma parcela das inumeráveis revelações do bem. Todas as descobertas nas torneadas colunas do saber humano, as pasmosas inovações que vão surgindo, os preceitos que se editam, as leis que se decretam no empenho de reduzir ao mínimo os padecimentos do homem, tudo isso constitui, em última análise, a luminosa síntese da prática do bem.

Dar combate a doenças e afecções, evitar contágio, preservar o próximo contra o perigo dos micróbios e suas toxinas, tal como o fazem os médicos de hoje, insprados nas lições de Pasteur, outra cousa não é senão a quintessência do bem, vez por outra disfarçado em filantropia e humanitarismo.

Meus Senhores:

Samuel Smiles, num de seus livros, refere que à cabeceira de um famoso general moribundo fazia-se o elogio de suas vitórias e citavam-se as bandeiras arrebatadas por êle ao inimigo nos campos de batalha. Ouvindo aquilo, o velho

cabo de guerra ponderou com seguro raciocínio: — “De que servem agora êsses rasgos de valentia que recordais com tanto entusiasmo?. Todos êles reunidos não valem sequer um copo d’água fria dado pelo amor de Deus”.

À luz desta sábia reflexão podemos concluir que mais vale a prática do bem nas enfermarias de um hospital do que vistosos troféus. Na profissão médica superiormente vivida, há maior heroísmo, maior grandeza moral do que no coação do patriota que, sob a animação dos clarins e de aparatosas ordens do dia, se lançam, destemorosamente, no fragor da peleja, inclusive nas lutas corpo a corpo. Um e outro são imensamente dignos de nossa admiração, mas, enquanto se admira e aplaude o soldado no requinte de sua imolação no altar da pátria, una-se e venera-se o médico que, desprezando às próprias comodidades, passa noites em claro, tentando salvar a vida de pessoas que mal conhece, às vêzes pobres operários, anônimas mães de família, que nele depositam a derradeira esperança de sobrevivência e cura.

Pois foi precisamente esta carreira que esposou o Dr. José Frota, benemérito fundador e primeiro diretor desta instituição. Não satisfeito com isto, ficou-se devotado aos doentes que para cá eram trazidos, como se foram filhos de sua alma de eleito. Como êle, na história da medicina cearense, bem poucos se podem arrolar que como êle se emparelhem no espírito de abnegação. No Cariri, Joaquim Secundo Chaves, Joaquim Teles e Leão Sampaio; em Fortaleza, Guilherme Studart, mais conhecido como Barão de Studart, Rodolfo Teófilo, Antônio Justa e meia dúzia de outros, para só mencionar os falecidos.

Aí está, senhores, o motivo pelo qual o Dr. José Frota, há muito desaparecido de entre os vivos, é ainda hoje vivamente lembrado por seus concidadãos.

Aí está por que seu nome é escolhido, carinhosamente, para figurar no frontispício dêste hospital. Faz-se mister que sua memória continue sobrevivendo na nossa estima, como um farol a indicar-nos o caminho, um estímulo de primeira ordem, um modelo indefectível para nossa atividade de médicos e enfermeiros, dos diretores e funcionários. É que José Frota foi a viga mestra da instituição, cujo trigésimo aniversário hoje celebramos em transportes de júbilo.

Aproveitando o serviço assistencial que aqui funcionava com a designação de Pronto Socorro sob a direção esclarecida de três distintos colegas Deusdett de Vasconcelos, Jurandir Picanço e Ocelo Pinheiro, e, contando com o apêlo patriótico do Exmo. Snr. Dr. Araripe aqui presente, ao tempo, dirigente, moral e tecnicamente, dos destinos de Fortaleza, e que houve por bem encampar o mesmo para a Prefeitura, Frota, sôbre ser o vanguardeiro, foi também, o pensamento em ação, o organizador esclarecido, o entusiasmo em marcha de que resultou a alvíscara realidade que nossos olhos contemplam embevecidos.

Verdade é que tudo aqui começam como começam as cousas simples, quase imperceptivelmente, desprovida que era das condições necessárias ao desempenho eficiente do plano que se tinha em mira. Cirurgião chefe da Santa Casa de Misericórdia, essa veneranda realização dos tempos da Monarquia, cirurgião da Casa de Saúde César Cals, médico do Matadouro Modelo, do Centro Médico Cearense, sócio de várias associações científicas do país, clínico de renome, clínico a quem nunca faltaram o preparo técnico, a deontologia e o amor à profissão, parteiro e ginecologista forrado de conhecimentos adquiridos em hospitais do velho mundo, o Dr. Frota está a merecer-nos êste testemunho de reconhecimento.

Vamos, por conseguinte, gravar para sempre o seu aureolado nome no pórtico dêste estabelecimento, que a êle pertence de pleno direito.

Permaneça, pois, o saudoso primeiro diretor, simbolicamente, à dianteira do nosso nosocômio, na qualidade de nome tutelar, servindo-nos de mira não sômente a nós, mas também às futuras gerações.

Senhores :

Quem quer que aspire a sobreviver na bem-aventurança entrevista no Evangelho, como na respeitosa estima da posteridade, deve fazer consistir as suas mais caras ambições no esquecimento de si mesmo. "A firme esperança de uma segunda existência em que tôda lágrima será enxugada é que nos dá fôrças para arrostarmos as conseiras, lutas e incompreensões inseparáveis da vida terrena. E o maior tesouro que o homem pode possuir depois da morte será o bem que tiver feito em favor do próximo sem idéia de retribuição".

Porque soube viver sua nobre profissão com o pensamento nas alturas foi que o nosso saudoso homenageado atingiu os umbrais da imortalidade. Realmente êle passou pela vida à maneira de exemplo personificado de trabalho e abnegação, no exercício consciênte da arte de curar.

* * *

Senhores :

No âmbito da medicina, possuímos belíssimas tradições. Dispomos da Faculdade de Medicina prôpriamente dita; dispomos da Maternidade Assis Chateaubriand, do Centro Médico Cearense, do Hospital Escola, para não nomear algumas outras no interior e nesta capital. Não resta dúvida de que crescem dia a dia, desentranhando-se em dedicações e benemerências. Convenhamos, portanto, que já não é possível voltarmos as costas ao passado. Se isso fizéssemos, seríamos não apenas injustos, mas sobretudo ingratos. Eis por que não vem fora de propósito rendermos aqui especial homenagem, misto de apreço e saudade, aos companheiros de ontem, êsses valentes campões e obreiros tão cedo desaparecidos do nosso convívio, do teatro de nossas refregas, enfim, do palco imenso onde se agita, dramática e abnegadamente, a vida clínica profissional. Assim compreendido, destacamos, com todo o calor de nosso afeto e saudade, Orlando Falcão, Walter Magno, Periguari de Medeiros e Lauro Chaves. Ao batizarmos com seus nomes algumas salas dêste nosocômio, pretendemos premiar os que souberam trocar as comunidades do repouso pela vigília de trabalho sem medir sacrifícios, sem encorar fadigas sem conta, afrontando as asperezas dos gerações, apesar de falecidas há muitos anos. E cada vez que os sentimos presentes nos enleios de nossa amizade e reconhecimento, seus edificantes xemplos nos orintam e conduzem pela senda da vida. Tudo isso fica expresso por Nietzsche da seguinte forma: "Onde há tûmulo há também ressurreição". É o que os mortos, em vez de se irem depressa, continuam a governar os que mourejam na terra.

Senhores :

Li algures um juízo eminentemente, dêsses que enriquecem o patrimônio filosófico da humanidade. Segundo êle, as pessoas que mais amamos, ainda quando se nos apaga a luz dos olhos, continuam fielmente retratados em nossa retina, como se continuássemos a vê-los com frequência. Por isto vivem indefinidamente na memória das gerações, apesar de falecidas há muitos anos. E cada vez que os sentimos presentes nos enleios de nossa amizade e reconhecimento, seus edificantes xemplos nos orintam e conduzem pela senda da vida. Tudo isso fica expresso por Nietzsche da seguinte forma: "Onde há tûmulo há também ressurreição". É o que os mortos, em vez de se irem depressa, continuam a governar os que mourejam na terra.

E já que esta verdade subsiste a despeito das negações dos que perderam a fé no sobrenatural, torna-se bem fácil conceber a homenagem que houve-mos por bem tributar à memória de D. Narcisa Borges da Cunha Moreira, que trágica e inopinadamente foi arrebatada à existência. Esculpindo-lhe o nome na placa comemorativa que mandamos colocar no serviço de pediatria, é nossa intenção concorrer, pela forma mais decisiva, para que jamais seja esquecida a pranteada senhora, roubada desumanamente não só à sociedade de que era marcante ornamento, mas também às doçuras do lar, aos desvelos dos filhos estremecidos.

* * *

Sr. Gal. Murilo Borges :

Várias têm sido os ocupantes do Palácio Iracema. Não poucos, sem dúvida, tornaram-se mercadores de acatamento e respeito, reconhecimento e admiração da parte de seus munícipes. Nenhum, porém, na medida de V. Excia. veio ao encontro dos seus auxiliares no tocante à saúde da população fortalezense, sem excessão dos nossos subúrbos. Nenhum colaborou com tanta determinação, para o progresso desta Casa, para o aumento de seus créditos e realce de sua reputação.

O Pensionato, a modernização do serviço de transfusão de sangue, o aparelhamento do Centro Cirúrgico, a Pediatria e algo mais de grandioso que já possuímos no mundo dos melhoramentos, é a V. Excia., Gnal. Murilo, que Fortaleza deve. Por isso, se confrontarmos o acervo de realizações advindas da gestão atual em favor desta Casa, retrato verificamos que apenas cumprimos um dever de justiça no ato de por o retrato de V. Excia. neste salão onde nos reunimos para regular troca de idéias.

Procedendo assim, é nossa intenção — por que silenciá-lo? — praticar um desagravo à sua pessoa, que tão recentemente esteve sendo alvo de violentos e infundados ataques, tanto deselegante quando nascido de um antigo funcionário da Casa.

Digne-se V. Excia. aceitar êste tributo de nossa elevada estima e gratidão por tudo que tem feito pelo engrandecimento de nossa cidade. Aliás, ninguém ignora que o sinal mais infalível na rota dos grandes administradores é a fidelidade com que investe contra êles o despeito e a inveja.

* * *

Já é tempo de encerrar a minha alocução. Não terminarei, entretanto, antes de ter rendido um preito de reconhecimento à solicitude nunca desmentida do Diretor da Casa, Dr. Emilio Guilhon, do Administrador, dos funcionários, das irmãs, dos médicos e enfermeiros que com êste trabalho e sem cuja cooperação, bem pouco a classe podia fazer. A todos que continuam no seu pôsto, cumprindo exemplarmente suas obrigações e zelando pela eficiência do serviço a seu cargo, quero aqui render, com minha cordial homenagem, os protestos de reconhecimento imorredouro. Dão, realmente, à população do Ceará e dos Estados vizinhos uma assistência prestimosa e inteligente, nem sempre olhada com o sentimento de justiça a que fazem jús êsses esforçados servidores da felicidade coletiva.

“ S I N H Ô S I N H O ”

“ CASA GRANDE, iluminada!...

Estrêla d'Alva luzindo
na face da madrugada!

Trsteza em tudo!... Senhores
cochichando, cochichando
ao longo dos corredores
da Casa Grande enlutada!

O vai-e-vem das mucamas
o café distribuindo!...

Num caixão todo enfeitado
Senhósinho está dormindo
no seio da Eternidade
da vida distnciado!...

Coronel conceituado
da Guarda Nacional,
Senhósinho está fardado!...

Isto é um pedaço do poemeto SINHÔSINHO do poeta gergipano J. Freire Ribeiro. Este simples trecho mostra que é dos grandes vultos da poesia nacional, dos presentes momentos. Tudo é harmonia naqueles versos tão singelos. J. Freire que se projeta para o Brasil de uma pequena e culta cidade nordestna — Aracajú, dispensa qualquer elogio, pois, pode ombrear-se com a elite dos poetas nacionais de todos os tempos.

O poemeto tem o prefácio de um dos melhores escritores sergipanos — Zózimo Lima e a capa é trabalho artístico de Alvaro Santos.

“ M E D I C I N A F O L C L Ó R I C A ”

O Escritor Jôsa Linhares, dos bons intelectuais cearenses, professor da Faculdade de Medicina e membro da Comissão Cearense de Folclóre, lançou no ano transáto, pela “IMPRESA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ”, o seu livro “MEDICINA FOLCLÓRICA” obteve o prêmio CIDADE DE FORTALEZA, de 1965 — Seção de FOLCLÓRE. E' estudo metuculoso do tratamento de diversas doenças pelos remédios populares, muitos dos quais têm raízes profundas na terapeutica de todos os tempos, enquanto outros são filhos da superstição ou têm origem na flora e na fauna brasileiras.

Jôsa Magalhães legou-nos bom documentário, escrito em linguagem pura, dos bons autores. Copiemos do trecho de parecer sôbre o Autor, firmado pelo escritor conterrâneo Nertan Macêdo:

“Livro de experimentado erudito. É rico de informação e curiosidade. A introdução de Jôsa Magalhães, excelente erudita e singela, revela ademais a boa linguagem do autor. Trabalho precioso e admirado em qualquer parte, por letrados e não letrados. MEDICINA FOLCLÓRICA está apta ao prêmio de folclóre da Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza”.

Cumprida esta missão, termino agradecendo a tão seleta auditorio a paciência com que me têm suportado.

Discurso pronunciado pelo General Dr. Pinheiro Monteiro por ocasião do trigésimo aniversário do Hospital do Pronto Socorro. Na oportunidade foram ali inaugurados vários melhoramentos e daquele dia em diante, a instituição passou a chamar-se de HOSPITAL DE PRONTO SOCORRO Dr. JOSÉ FROTA.

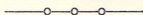
PUBLICAÇÕES LANÇADAS, EM CRATO,

NO DIA 21 DE JUNHO DE 1967

Crato constitui hoje dos centros de maior movimento bibliográfico do interior nordestino. Nenhuma cidade, mesmo capital de vulto, possui relativamente à população, maior número de revistas a circular regularmente.

Só, no dia 21, consagrado ao 203.º aniversário do Município, quando se realizaram comemorações deslumbrantes, Crato para comprovar sua liderança cultural e publicitária, lançou as seguintes publicações:

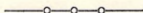
"REVISTA DE POESIA", órgão do CLUBE CARIRIENSE DE POESIA, sob a supervisão do intelectual Prof. José Newton Alves de Sousa. Foi patrocinada pela Faculdade de Filosofia do Crato e pela Municipalidade. Já atravessou fronteiras do país e é das poucas revistas consagradas exclusivamente à poesia, editada em língua portuguesa.



"IC - REVISTA", sob a direção do jornalista e secretário da prefeitura Oswaldo Alves de Sousa. Circula em seu quarto número e a edição é consagrada ao Município do Crato, no seu aniversário, trazendo também o PROGRAMA DE GOVERNO DE HUMBERTO. É publicação dedicada à Indústria e ao Comércio



"ALVORADA DA GLÓRIA", plaqueta escrita pelo abalizado historiador Padre Antônio Gomes de Araújo, dos maiores cultores da História no Ceará e Vice-Presidente do Instituto Cultural do Cariri.



"INFORMAÇÕES HISTÓRICAS SÔBRE O MUNICÍPIO MÓDELO NO SEU 203 ANIVERSÁRIO". É opúsculo artisticamente confeccionado pela Gráfica CARIRI, de autoria do jovem intelectual, membro do I. C. C. — Jurandy Te-móteo de Sousa. Traz o resumo histórico da sede do Município do Crato e de seus distritos, sendo trabalho muito oportuno.



"VANGUARDA". Jornal de jovens estudantes, já amadurecidos no modo de escrever e de pensar. Comprova que o futuro cultural de Crato está assegurado pela geração estudiosa que começa a surgir apta para o trabalho e para a direção do porvir.

ELEIÇÕES DE 1966

No dia 15 de Novembro último o eleitorado cratense compareceu ás urnas, para eleger as novas autoridades municipais e os nossos representantes na Assembléia Legislativa e Câmara Federal.

Sagrou-se Prefeito do Município o médico Humberto Macário de Brito, e vice-Prefeito o dr. José de Paula Bantim, êste, por sinal, ex-Secretário do Instituto Cultural do Cariri. Para a Câmara Municipal foram eleitos José Horácio Pequeno (falecido em 25.04.67 e substituído por José de Sousa Brito) Maria Arraes Simião, Valdir de Sousa Leite, Valderiz Brasileiro, José Valdevino de Brito, Joaquim de Sousa Brasil, Dr. Ailton Esmeraldo, Eron Pinheiro Teles, Peddo Saraiva de Macêdo, José Araújo Filho, Valdemiro Paz de Sousa e Cícero de Moura Rosendo. O novo Presidente da Câmara foi o sr. José Luiz de França.

Para a Câmara Federal foi reeleito o dr. Ossian de Alencar Araripe.

Para a Assembléia Legislativa foram eleitos o dr. José Kleber Collou, pela ARENA 1, e Dr. Derval Peixoto, pela ARENA 2.

DO MINISTRO JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

A J. DE FIGUEIREDO FILHO

O Ministro José Américo, dos maiores escritores do Brasil atual, recentemente empossado numa das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, escreveu a carta que se segue, a J. de Figueiredo Filho:

JOÃO PESSOA (TAMBAÚ), 10 de setembro de 1966

Prezado amigo

Prof. J. de Figueiredo Filho:

Estou a dever-lhe um vivo agradecimento por seu artigo de impressões da Paraíba e de sua passagem em Tambaú. Apreciei-o sobremaneira. Não somente por ter-me tocado o coração com sua generosidade, como pelo poder de evocação de coisas que já pareciam mortas.

Agradeço-lhe igualmente, a remessa de "ITAYTERA", uma revista de maior interesse pela variedade dos temas versados sempre com perfeita consciência da matéria e elementos novos. Li "NO ASFALTO E NA PIÇARRA" com o maior prazer intelectual.

Aceite um abraço cordial e recomende-me a dona Zuleica.

José Américo de Almeida

Reminiscência

Dr. JÉSER DE OLIVEIRA

Mestre José Filipe. Conheci-o. Era um caboclo de estatura média. gordo, careca e já cincoentão. Sofria das vistas, tendo um leucoma no olho esquerdo, o que o impedia de leituras demoradas. Exercia, ao tempo, duas profissões nobilitantes: alfaiate e mestre-escola. Vestia o povo e ensinava o povo. Sua oficina, residência e onde também funcionava a escola era na então Rua do Fogo, hoje Senador Pompeu, defronte quase ao Sobradinho, que fôra de minha avó paterna e, por herança, de minhas irmãs, que, afinal, venderam ao progressista farmacêutico Alfredinho, meu particular amigo. Casinha baixa, alongada e de má construção. A sala da frente de duas janelas e uma porta um pouco abaixo do nível da rua, era ladrilhada e caiada de branco. Nas paredes, manchas escuras de fuligem dos candieiros-a-querozene. Longos bancos se acumulavam pela sala toda e no centro uma grande mesa, que se servia para o corte das roupas e estrado, onde o mestre presidia as aulas e orientava a escrita e rascunhos dos alunos bisonhos. O ensino era noturno e gratuito. Tinha como auxiliar o dedicado, generoso e bom Néco Fogueteiro que com êle formava a dupla benemérita que alfabetizava, no burgo, os que não sabiam, mas que ansiavam por aprender. Felipe, chasqueado, às vezes, pelos ricos analfabetos, era em si um homem de linha e ninguém o afastava do objetivo mais que humano de levar a escola à família proletária. Trajava preto, usava suspensórios, também pretos, e camisa branca engomada e de botões pretos. Ao que julgo, era viuvo e cumpria a praxe inflexível do luto daqueles tempos. Pouco andava, a não ser para a igreja, mas era visto sempre no labor da sua tenda modesta. O altruísmo da fibra destes, José Filipe e seu colaborador Néco Fogueteiro, vai rareando e tudo indica que vai acabar. Explica-se: a evolução do tempo e a formação utilitarista normal dos novos caracteres responsáveis pela sociedade moderna. Aqueles mestres dos pobres eram religiosos até o carolismo ingênuo e inofensivo. Na verdade, para eles e devia ser para todos, Só Deus era Grande e belo o ritual da pregação de Suas doutrinas. Felipe era Irmão-do-Santíssimo e aos seus discipulos explicava porquê. Via-se claro no fundo dalma do Velho caboclo alfabetizador a religião sincera. Que estivesse em acêrto e que estava, era admirável a sua convicção absoluta na Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ensinava religião com o exemplo: era católico praticante. Gozava do respeito e da gratidão de seus alunos, que passavam de mais de duas gerações de rapazes pobres moradores nos subúrbios da grande cidade. José Filipe, de louvável memória, era homem sério e estimado no âmbito de sua pobreza honrada e edificante, sobretudo edificante. Nêle não custaria a Diógenes, a despeito de sua lâmpada diurna, mesmo à noite e sem lâmpada, encontrar UM HOMEM DE VERGONHA. Cumpre a filosofia moderna estudar o homem e seus atos no ambiente pobre e estagnado em que viveu. E por isto, pelo que foi, pelo que fez e pelo que deixou em beleza espiritual à posteridade.

HONRA AO MÉRITO !...

“SINFONIA DO ENTARDECER”

J. F. F.

O poeta tem o dom da perene juventude. Parece que vive espiritualmente na terra encantada de SHANGRILÀ. O corpo pode alquebrar-se com o passar dos anos, mas o espírito permanece inatingível pelo tempo.

Lembro-me de Carlyle Martins, há muitos anos, quando eu passava em Senador Pompeu e, às vezes o visitava, na residência de seu pai — o Juiz de Direito da terra. Alí recitava seus versos, no auge da mocidade e conversava em meu pai, também cultor das musas.

Colaborava nos jornais de Crato, especialmente na velha “GAZETA DO CARIRI”, de Bruno de Menezes.

Quando estudava eu, em Fortaleza, algumas vezes, o vi. Naquela época escreveu soneto que fêz sucesso e, para melhor atender aos constantes pedidos, mandou imprimi-lo em artísticos cartões. LÁGRIMAS DE ANGICO se chamava aquela preciosa joia.

Carlyle é dos melhores poetas do Ceará e seus leitores estendem-se pelo país inteiro. É dos mais ilustres membros da Academia Cearense de Letras e faz parte de dezenas de instituições culturais de norte a sul.

Lançado pela Editora Instituto do Ceará, recebi com oferta do Autor, o livro de poesias, com o poético título de SINFONIA DO ENTARDECER. Li-o a vagar, sorvendo aquêles versos cheios de encantamento, que fazem tanto bem à alma, nestes tempos complicados de lutas, alta de vida e de materialismo do mais cru.

Alí, naquelas páginas, está Carlyle tão jovem, como o conheci, há decênios, vibrante de entusiasmo, a recitar as poesias de seus poucos anos. O poeta, é incontestavelmente filho espiritual de SHANGRILÀ. Vejamos a emocionante “A SUPREMA VERDADE”, da página 121 :

“HOMEM, NESSA INCERTEZA QUE TE INVADE,
GASTAS NO ESTUDO OS TEUS MELHORES DIAS,
PROCURANDO O ROTEIRO DA VERDADE,
NA TEIA OBSCURA DAS FILOSOFIAS.

SE O MAIS FRÁGIL SOFISMA TE PERSUADE,
QUERES, COM NOVAS FÔRÇAS E TEORIAS,
SONDAR E ATÉ TRANSPÔR A IMENSIDADE,
NUM SURTO DE ILUSÕES E FANTASIAS.

NO TEU MUNDO INTERIOR HÁ UMA PERGUNTA,
BAILANDO ETERNAMENTE E QUE SE AJUNTA
À TUA INDECISÃO E AOS SONHOS TEUS.

PARA QUE TANTO ESFÔRÇO, HOMEM MESQUINHO,
PROCURA A LUZ, E NESSE BOM CAMINHO,
[ENCONTRARÁS A ALTA VERDADE — DEUS !”

Carolino Sucupira

Gen. R. TELES PINHEIRO

É-nos sumamente grato fazer a cordial apresentação, aos caros conterâneos, com prazer e efusiva satisfação — como sói ocorrer quando apresentamos, na vida em sociedade, um estimado amigo a outro de igual natureza — do vulto singularmente expressivo de um cariense nascido na centenária cidade do Crato; nesse querida urbis elegantemente chantada na concavidade graciosa da gigantesca ferradura da majestosa e imponente Araripe, quase constantemente mimada pelo som mavioso dos canaviais coleantes, sacudidos suavemente pela brisa cicante que banha o dorso de suas extensas e fecundas encostas.

Mais que isso, desejamos apresentar um eminente lidador de todos os atos cruentos, desenrolados no tablado da prolongada guerra contra o govêrno despótico do Paraguai; um lutador incansável, patriota de incontestáveis méritos, reconhecidos naquela época, hoje e sempre, cujo glorioso nome devemos reverenciar com orgulho de brasileiros, particularmente de brasileiros do Ceará e do Crato. E homenageá-lo, lembrando-o sempre com hosanas, por forma a jamais, em tempo algum, permitir o seu criminoso esquecimento.

Com irrefutável e merecida justiça, nós exaltamos a tua personalidade invulgar, bravo Major CAROLINO BOLIVAR DE ARARIPE SUSUPIRA. Tua brilhante marcha e constante ascensão na senda do dever, tua arraigada destinação de patriota exaltado, provado e comprovado no decorrer de longos e intermináveis cinco anos de lutas; tua desmedida coragem, tua incontestável intrepidez, teus sacrifícios sem conta, teu magnífico exemplo, tudo em defesa da honra e da integridade do teu muito amado Brasil, erijiram-te em esplendente fanal para os teus coevos e pósteros. Sobretudo para êstes, para os da geração atual, tão carentes de dignidade, de firmeza de caráter, de amor às tradições e aos sãos princípios — virtudes em estado agônico hoje — sobretudo necessários no momento crucial que defrontamos na turbulenta e apavorante encruzilhada do nosso porvir, e no tremendo drama que assoberba, abala e ameaça demolir os frágeis suportes da civilização contemporânea...

Exponhamos uma parcela mínima da sua preciosa existência. Exumemos do sarcófago tenebroso do esquecimento e analisemos, sumariamente embora, os seus gloriosos, relevantes e patrióticos feitos.

E para maior segurança da verdade histórica, revelemos o retrato oficial, pintado no extrato da sua imarcessível e invejável fé de ofício e dos documentos enviados pelo Tabelião Alceu de Toledo Pontes ao General Comandante da Artilharia Divisionária da 2.^a Divisão de Infantaria, em 5 de maio de 1965:

“O autêntico herói, na guerra do Paraguai, major COROLINO BOLIVAR DE ARARIPE SUCUPIRA, filho do tenente da Guarda Nacional Antônio Ferreira de Lima Sucupira, nasceu na cidade do Crato, Estado do Ceará, aos 3 de julho de 1843, casando-se muito jovem aos 20 anos. Pouco depois, aos 4 de maio de 1865 assentou praça, como voluntário da Pátria, sendo reconhecido segundo

cadete a 26 do mês de junho seguinte. Nomeado alferes em comissão para o 32.º Corpo de Voluntários da Pátria a 21 do citado mês e ano, embarcou com o dito Corpo, da Corte para o Rio Grande do Sul, a 1.º de agosto e foi promovido a tenente, por distinção, pela Ordem do Dia de 4 de setembro de 1867. Por Decreto de 14 de março de 1867 recebeu a condecoração do Hábito da Imperial Ordem da Rosa, em 18 desse mês foi promovido ao posto de capitão e, por Decreto de 8 de abril de 1870, foram-lhe concedidas as honras do posto de major honorário do Exército. Além de outras ações, assistiu a todos os bombardeios sobre Curuzú desencadeados pelo inimigo; tomou parte no ataque e tomada das fortificações do Sauce; participou do reconhecimento de Humaitá e do sítio àquela praça de guerra, até a sua posse; bateu-se denodadamente no Chaco, no combate da ponte de Itoró, na batalha do arroio Avaí e nos combates de Lomas Valentinas, de Augustura, de Vileta, e fez parte da tropa de ocupação de Assunção, etc. Nunca foi preso, nem baixou a hospital, tendo recebido do Governo o Hábito da Imperial Ordem de Cristo. Como comandante da linha de atiradores, às ordens do futuro Marechal Deodoro da Fonseca, na sangrenta referida batalha do Avaí, conseguiu romper as linhas do adversário e tomar ao inimigo dois estandartes **(um deles, crivado de balas e manchado de sangue, foi ofertado por seus filhos, em 1914, ao então Museu de Guerra do Rio de Janeiro, onde hoje dormia o sono da glória ao lado do busto do insigne Caxias)**. Em retribuição aos seus relevantes e heróicos serviços prestados à Pátria, D. Pedro II, por solicitação do Chefe das Forças Armadas, Conde D'Eu, mandou buscar sua esposa e filhos no Ceará, dando-lhe, ainda, um prédio e vasta área do patrimônio do Exército na cidade de Jundiá **(o qual é, atualmente, sede do QG da Artilharia Divisionária da 2.ª Divisão de Infantaria, retornando ao patrimônio Nacional)**. Aí, durante 30 anos, o ilustre militar exerceu o cargo de 1.º Tabelião de Notas, ajudou a construir a cidade e criou os seus 7 filhos, 2 dos quais foram militares. Faleceu aos 16 de fevereiro de 1897, com 54 anos de vida laboriosa, está sepultado na mesma Jundiá, onde, na lousa do seu túmulo estão gravadas as seguintes palavras: "HONRA E TRABALHO — CORAGEM, LEALDADE E GRANDEZA D'ALMA". Como homenagem póstuma, erigiram-lhe uma herma na praça Tibúrcio Siqueira, antigo Largo de São Bento e batizaram uma rua central com o aureolado nome do herói". . .

Feliz o homem que, em toda a plenitude, honra o chão que lhe serviu de berço. Feliz o ser humano que não passou na terra inutilmente e cumpriu integralmente o seu dever. . .

Indubitavelmente foste imensamente feliz, nobre brasileiro cariense
CAROLINO BOLIVAR DE ARARIPE SUCUPIRA.

Não viveste inutilmente. Criaste algo permanente e ponderável: foste um magnífico EXEMPLO!

Fortaleza, 26 de abril de 1967.

Gen. Div. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

BIBLIOGRAFIA: Documentação remetida ao autor pelo camarada e prezado amigo General Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira, Comandante da AD/2, de janeiro a abril de 1967.

"A FAMÍLIA CALDAS"

EXCELENTE ESTUDO GENEALÓGICO

O BACHAREL José Bernardino de Carvalho Leite, em pleno vigor da inteligência aos 96 anos de idade, deu-nos, no princípio do corrente ano, uma excelente publicação de sua lavra, A FAMÍLIA CALDAS, quando faz um estudo completo da genealogia desse importante ramo familiar que se fixou no Cariri e hoje se constitui das maiores famílias da região.

Analisando desde os primórdios a constituição e a disseminação da Família, no Vale caririense, José Bernardino de Carvalho Leite mostra-nos as nuances de um estudo exaustivo e sério, á luz de documentos irrecorríveis, e assinala vultos de maior destaque oriundos da família Caldas — entre os quais o Dr. Antônio Martins Filho, ex-Reitor da Universidade do Ceará.

História também a formação da família CARLEIAL (as primeiras sílabas de Carvalho, Leite e Alves) de sua descendência direta, aparecendo vultos de renome na vida cearense.

Magnífica brochura do Instituto do Ceará, A FAMÍLIA CALDAS é um trabalho valioso e sério, destinado a incorporar-se definitivamente no rol das grandes obras da região, imprescindíveis ao estudo de nossa formação social.

MISSÃO DO MESTRE

DJANIRA FILGUEIRAS

A luta pelo crescimento de um País ou de um Estado deveria prosseguir sem solução de continuidade, visando a sua emancipação política, social, moral ou econômica, a qual só se consegue com a alfabetização e a cultura que tornam os homens "menos individuais e mais humanos".

E é na criação e no funcionamento de escolas adequadas aos modernos padrões pedagógicos que consiste a formação dos cidadãos de amanhã, tornando-os capazes de constituir e conduzir os seus destinos.

Somente as escolas "dinamizam e constroem o progresso" porque nem o esforço conjugado dos governos, nem os exércitos, nem os poderes de guerra, afirma o Professor Nilo Pereira, constroem a civilização e sim o professor que é o satélite da civilização, da cultura e da compreensão humana".

A liberdade do homem, a consciência dos seus valores, a reabilitação de sua personalidade, resultam de um grau de civilização que êle conquistou na escola, onde o verdadeiro Mestre, munido de consciência democrática e cristã acima de tudo, é capaz de extinguir os vícios e melhorar o seu nível de vida.

Portanto, a consolidação dessa grande obra tem o seu alicerce no idealismo do professor primário, quase sem estímulo e mal remunerado que, abnegada e heróicamente, desde a capital ao "hinterland" prepara o Brasil do futuro.

E é nessa tarefa árdua, nessa nobre missão, impregnado de sentimentos cristãos que êle, formando consciências e plasmando caracteres, conduzirá os seus alunos, — futuros mestres —, a penetrarem na "realidade brasileira" legando à posteridade um patrimônio de civismo, de fé e disciplina.

EFEMÉRIDES IMPORTANTES NA VIDA DO I. C. C.

4 DE OUTUBRO DE 1953 — 10 HORAS DA MANHÃ

Instalação e fundação do I. C. C. — Reunião na séde da Biblioteca Municipal. Presentes altas autoridades da cidade, entre outros Dr. Décio Teles Cartaxo. Dr. Aluísio Cavalcante, Figueiredo Filho, Luiz de Borba Maranhão e J. Lindemberg..

Dirigiu os trabalhos — Dr. José Alves de Figueiredo . Eleita a diretoria tendo a frente o Dr. Irineu Pinheiro.

18 DE OUTUBRO DE 1953

Posse da primeira Diretoria do I. C. C. — Dirigiu os trabalhos o Presidente Dr. Irineu Pinheiro, ladeado pelos Srs. : — Renato Alencar, Soriano Aderaldo, Valderi Uchôa, Dr. Décio Teles Cartaxo (Prefeito Municipal), Hélio Hildeburque Leal e José Denizard.

Conferência : — Revdm. Antônio Feitosa : assunto : Papel na Igreja na Formação e Vida do Cariri. Falando em seguida o intelectual Cearense Renato Alencar.

12 DE JUNHO DE 1954

Sessão magna em homenagem sentida ao seu primeiro presidente Dr. Irineu Pinheiro falecido aos 21-5-54. Pronunciou belíssima oração o Revdm. Pe. Antônio Gomes de Araújo que presidiu os trabalhos, traçando o perfil de homenageado. Passou a presidência ao Dr. Décio Teles Cartaxo. Falou Duarte Júnior, discorrendo a biografia do autor de "O CARIRI".

27 DE NOVEMBRO DE 1954

Eleição da 2a. Diretoria, sendo eleito a presidente Figueiredo Filho.

11 DE DEZEMBRO DE 1954

Posse da 2a. Diretoria. Convidado especial o jovem pintor cratense Servulo Esmeraldo, residente em São Paulo, oportunidade em que falou sobre sua arte.

8 DE DEZEMBRO DE 1955

Escolha do nome para a Revista do I. C. C., que ficou sendo Itayera.

Reminiscência

Dr. JÉSER DE OLIVEIRA

Havereis de dizer-me que Pedro Carmina, morador de um bar-aço à Ladeira do Seminário e que existiu nos idos de 910 a 951, não merecia lugar na crônica dos acontecimentos da nossa velha urbs, hoje denominada Princesa do Cariri. E eu vos direi, no entanto, parafaseando o poeta que ouvia estrelas, que muitas vezes parei só para ouvi-lo, tocando pífaro com excepcional perfeição; eu vos direi ainda que, se assim falais, é porque não conhecestes, como eu conheci, os talentos musicais de um simples operário, ajudante de pedreiro, quase cego por tracôma sem tratamento e que a sorte lhe deu por bêrço e abandono a gleba maldita, onde vivera e falecera na mais completa obscuridade. Tocava numa avêna tosca, que Pan ou Diabo lhe ofertara e arrancava dali notas tristes e comoventes, que Patápio Silva, o outrora maior flautista do Brasil, quicá do Mundo, em uma flauta de 30 chaves nunca, jamais conseguiu realizar.

Era eu menino de engenho sem os estigmas freudianos do que Zé Lins do Rêgo tentara descrever; mas, era menino do sítio, criado solto sem aspirações nem vocação definidas. Um dia sou agarrado e metido num internato escolar para aprender ferrar mais no futuro o esquesito jamengão. Botaram-me no Colégio São José, educandário de padres, que funcionava no velho e majestoso prédio do Seminário do Crato, que tem o mesmo nome. Bruscamente, arrancaram-me da bagaceira, campo aberto aos meus brincos e à minha liberdade. E foi no cativeiro do internato que me tornei sonhador e me revi, sob os tormentos da saudade, nos tons claros e envolventes do pífaro encantador do inspirado Pedro Carmina, operário ajudante de pedreiro. A disciplina do internato me esmagava; e, saudoso e sorumbático, eu só pensava no dia sem data da minha soltura e da minha libertação. Da lembrança não me saía o ostental alvinite da bagaceira húmida e enluarada.

Dalí, do Alto do Seminário, do meu dormitório ouvia emocionado, noite velha, as solfas chopinianas, em flauta, do pífaro mágico do espantoso Pedro Carmina. Alma de poeta a dêste quase cego ajudante de pedreiro morador nas favelas do Seminário. Ele traduzia, no tósco instrumento que manejava, tôda a mágua sua não só, mas de uma raça, cujo destino foi o de nascer para chorar, como os inditosos filhos do Timbira. O mestiço brasileiro, o do seu tipo, especialmente, que é cafuso, surge dotado de assombrosa inteligência, que não aproveita na prática da vida.

Convivi anos a fio na intimidade dos mulatos mais célebres do BRASIL: OS BAIANOS. Aprendi, através de Nina Rodrigues, Oscar Freire, Artur Rames e Estácio de Lima a estrutura física e moral da sub-raça mulata da Bahia. Desmente, em parte, o "raquitismo exaustivo" da classificação literária de Euclides da Cunha. O grande escritor e sociólogo à própria revelia generalizou, para enfraquecer, o admirável conceito sobre os "mestiços do litoral". O que

LITERATURA DE MOÇAMBIQUE

Por intercâmbio direto com a província ultramarina portuguesa de Moçambique, ou por ofestas de amigos, temos recebido diversas publicações, daquele mundo tão distante no espaço de tão próximo de nós, pela mesma língua. Ultimamente, o Dr. Francisco de Vasconcellos, folclorista e nosso ótimo colaborador, residente no Rio, mandou-nos alguns livros do renomado escritor moçambicano RODRIGUES JÚNIOR. Foi com inteiro prazer espiritual que lemos seus "POETAS DE MOÇAMBIQUE" e "LITERATURA ULTRAMARINA". São livros de crítica das gerações intelectuais que surgem em Moçambique, pujantes de seiva.

Com satisfação, constatamos que, nas províncias africanas, a linguagem se aproxima muito mais do Brasil do que de Portugal. É quase a mesma formação racial. A língua teve ali idêntica modificação que a nossa.

O escritor Luís da Câmara Cascudo, por mais de uma vez, tem incentivado o I. C. C., através de carta ao seu presidente J. de Figueiredo Filho, a pôr-se em contacto direto com Portugal Ultramarino. E para isso já lhe enviou quantidade regular de sugestivas publicações, entre as quais ISOMBA, de ÓSCAR RIBAS. Esta vem de LUANDA — ANGOLA. O convite não pode ser rejeitado. Será objetivo do programa do Instituto Cultural do Cariri, no presente

sei é que a sub-nutrição gera em todo o país a figura exaustiva e consequentemente a neurastênica. Os estudos modernos destruíram o princípio da superioridade da raça, isto simplesmente porque não há raças puras.

É fácil lêr o que digo, em que pese a Nelson Werneck Sodré em Oliveira Viana, justamente considerado o mais sutil e ardiloso intérprete da sociologia vigente com bases em estudos meticulosos da antropologia científica.

No Brasil, em todas as classes, vêm-se mulatos de gênio. Cito a êmo: Juliano Moreira, cientista de alto renome; Machado de Assis, famoso literato e tido por clássico da língua brasileira; José do Patrocínio, o panfletário temeroso e orador de arrebates demostênicos; os irmãos Rebouças, heróis de Uruguiana e figuras exponenciais do Exército Brasileiro. Poderia citar, se fôsse preciso, nomes e mais nomes de mestiços geniais do Brasil inteiro.

Mas, eu quero falar é de Pedro Carmina, motivo desta crônica, operário tocador de píforo, mulato quase cego e ajudante de pedreiro, que encantou com a dolência de suas valsas o bairro favelado das encostas do Seminário. Seu êmulos, era no então o não menos admirado José Muritiba, êste músico e pistonista de pulso, incontrolável seresteiro, animador da Rua Pedra Lavrada. Já lá se foram para a eternidade os dois soberbos encantadores de serpente, que levaram consigo o atrativo de suas doces melodias e o filtro incomparável das suas cadências.

Nunca mais, que se tivesse falado, deu o Crato tocadores de serenata da marca destes dois mestiços evidentemente superiores. E porque se sobressairam aos demais da sua raça fazem jus em figurar na crônica dos acontecimentos felizes da nossa terra.

NOTAS AVULSAS

Lendo a revista ITAYTERA, n.º 10, 1965 - 1966, Crato, Ceará ponho-me a pensar no esforço do seu diretor e professor Figueiredo Filho, que é também o presidente do Instituto Cultural do Cariri.

Meu primeiro contacto com Figueiredo Filho foi na Academia Pernambucana de Letras, quando êle falou do seu empreendimento intelectual, do gosto pelas coisas e pelas tradições de sua terra. Sua revista é o melhor atestado disso. Tem já uma vida que demonstra o quanto a sustenta o idealismo de Figueiredo Filho e dos seus colaboradores — todos êles voltados para a moldura do Cariri.

Admiro êsse devotamento que se traduz em tanta coisa que não é possível deixar passar sem um registro: as dificuldades de manutenção duma revista dessa natureza; o largo âmbito das pesquisas históricas que se realizam sob a nspiração dêsse núcleo de trabalho; o idealismo dos intelectuais da terra, apegados à sua vivência, valorizando o tempo e o espaço históricos, a paisagem local, a contribuição atual ao conhecimento dos problemas da região.

Tudo isto está nessa revista, na qual Figueiredo Filho põe a sua alma e a sua fé.

Nesse homem simples sente-se logo um devoto das coisas que mereçam ficar. E que não ficariam, muitas delas, se não houvesse um amoroso como êle a fixar a fisionomia do povo e o caráter dos fatos, sem pressupostos regionalistas— sem querer, por isso, que o Cariri seja tudo quanto determinou a história do Nordeste.

Há sempre, em certas cidades mais importantes, mais cheias de tradições, pesquisadores assim que vão assegurando, com esforços pessoais que só êles sabem, a continuidade do passado. São muitos dêles, autênticos historiadores que, nos arquivos, nos cartórios, nas Igrejas, nas bibliotecas, em álbuns de família, vão recolhendo um material definitivo para não deixar morrer o testemunho válido. Nem sempre contam com o apóio oficial. Mas são por si mesmos uma lição viva de tenacidade e de trabalho, valem às vêzes por tôda uma Universidade.

NILO PEREIRA

(Do "Jornal do Comércio" de Pernambuco)

ano social, com continuação nos anos subsequentes. Temos necessidade de aproximação com o mundo que os lusos criam, no continente africano, da mesma forma que fizeram no lado de cá do Atlântico.

Já não podemos viver isolados, quando nos ligam laços profundos, aliçergados em duas raças que nos formaram e que deixaram traços indeléveis no brasileiro, notadamente em sua cultura. O intercâmbio direto, isento de paixões da política internacional, só poderá nos proporcionar sadia compreensão sem qualquer interferência estranha a envenenar liames que deveriam ser indestrutíveis.

RECORDANDO E REVELANDO

JOSÉ DOS ANJOS REIS

Todos os componentes orgânicos e inorgânicos dos três REINOS DA NATUREZA, vivem sob a regência de LEI IMUTÁVEL. Transgredí-la, irremediavelmente, virá o choque de retorno.

Sòmente o ser humano, com tódo potencial de raciocínio, é capaz de postegá-la, apesar de que, os irracionais que sofrem e gozam, estarem sujeitos às mesmas adversidades que os racionais. Para chegar-se à conclusão do "PORQUE", e, também da má sorte existente nos reinos mineral e vegetal, precisa que deixem de existir o complexo dos complexos do mistério.

Simplificando o caso em tela, quero unicamente dizer que, o velho de hoje e menino de ontem, que é o autor de "RECORDANDO E REVELANDO"; chegou à conclusão que, o escudo e a couraça para defesa contra a infelicidade, está no cumprimento do Decálogo de Moisés.

Se não fosse o amor a Deus que minha mãe tinha e não tivesse ela me impregnado dêle, eu não teria conhecido a cidade de Frei Carlos de Ferrara, no tempo em que a conheci, e, também não teria vencido na vida. "O amor de Deus é o princípio da sabedoria". Minha saudosa mãe era católica fervorosa. Em virtude da sua fé cristã, tive a oportunidade de conhecer o Crato.

A velha Juazeiro estava sem sacerdote católico, isto é, havia um, o Padre Cícero Romão Batista, todavia, estava impossibilitado para ministrar qualquer sacramento, por ordem superior hierárquica.

Decorria o ano de 1916. Ainda estavam bem arraigados os resquícios de cólera no coração de um punhado de pessoas juazeirenses e, também de cratenses.

As populações das duas cidades não se viam com bons olhos, em consequência do estremecimento fratricídio de 1914.

Pouco tempo depois, Crato e Juazeiro reataram relações de amizade, com mais calor do que dantes,

Conheci Crato em 1916. Conduziu-me àquela cidade, minha mãe, levada pela premente necessidade espiritual, isto é, de confissão e comunhão.

De véspera a nossa ida, minha mãe passou e dar-me suas instruções.

Esas instruções eram unicamente no sentido de não sermos identificados como juazeirenses. Temia que, fôssemos molestados por alguém.

Alta madrugada, rumamos com destino ao Crato, chegando ao alvo-recer. Dirigimo-nos à igreja de N. S. da Penha, onde aguardamos a abertura das portas, a fim de entrarmos para a missa matutina.

Fomos os primeiros a entrar, depois de nós, chegaram outras pessoas, e, ficou pingando gente, mais tarde.

O sacerdote oficiante, muito jovem, ainda demonstrava possuir odor de seminarista, de tão nôvo que era. Ante de começar a missa, minha mãe falou ao sacerdote que desejava confessar-se. Êle estranhou, pois, não era praxe confissão pela manhã, e, sim comunhão.

Então, minha mãe teve que identificar-se ao sacerdote, isto é, dizer que, moradora em Juazeiro, tinha feito esforço hercúleo a fim de receber Deus, representado na hóstia. Ao padre, não havia nenhum receio, mas, se fosse a qualquer profano, ela morreria e não revelaria sua residência.

O padre determinou que, depois da missa, ela seria ouvida em confissão.

Quando terminou a missa, foi confessada, inclusive eu, como calouro. Comungamos e rendemos graças a Deus, por Ele estar em nós e nós estarmos com Ele. Após a saída da igreja, fomos tomar café. Por onde íamos passando, éramos olhados e, minha mãe ficou desconfiada. Dizia-me baixinho: "cuidado meu filho, os cratenses estão nos olhando". Depois de tomarmos café com pão e manteiga, parece-me que, a despesa feita por nós, não excedeu a importância de trezentos réis, mesmo com os pães bem amanteigados e, mantenga de procedência do país hoje do General Charles André Marie Joseph De Goulle.

Por curiosidade nossa, depois que saímos do café, fomos à residência do TEIXEIRA, para termos a certeza dos boatos propalados da luta.

Fiquei extasiado, por ver tanta perfuração nas janelas, portas e paredes do prédio, produzida pelas balas inimigas. São decorridos 53 anos incompletos daquele drama tenebroso, pois, foram dias de, "DEUS NOS ACUDA". Só mesmo, quem o assistiu, é que pode acreditar. Conheci os chefes de grupos beligerantes da revolução de Juazeiro e, o único bode espiatório foi o padre Cícero.

Este bradava em voz alta, para que fosse cumprido o que preceitua o sétimo mandamento do Decálogo de Moisés. Entretanto, sua recomendação nesse sentido, não foi observada por pequeno número de pessoas. Às caladas da noite a muamba dava entrada. Até a cama do TEIXEIRA, decolou em vôo noturno e rasante, pilotada por piloto hábil e, aterrou na pista do campo doutra plaga, com êxito pleno. Relato êsse episódio, sem a menor intenção de ferir o brio de A ou de B. A geração hodierna, não tem culpa do que houve no passado, pois, "o justo não paga pelo pecador". Esqueçamos o passado e procuremos um futuro alviçareiro que nos traga paz e prosperidade. O povo do Crato, com sua educação finíssima e coração bem formado, e os juazeirenses do mesmo quilate, souberam perdoar mutuamente as ofensas e terminaram as rivalidades inócuas.

Hoje, marcham lado a lado, na estrada do progresso. Naquêl tempo, fazia gosto ver as matas do Cariri e, também os engenhos de rapadura. Quase todo sítio tinha o seu, puxado a junta de bois mansos.

Os engenhos estão quase desaparecidos e as matas já foram devastadas.

Na marcha em que vai a derrubada floresta no Cariri, em breve, a lenha desaparecerá. Havia cemitério nas imediações de Crato, denominado "cemitério do cólera". Era intocável, chegou o ponto de transformar-se em mata virgem de arvoredos corpulentos, em sua maioria inharé e tatobá. Por entre eles vicejavam enormes touceiras de uha-de-gato.

Tal cemitério era protegido por muralha construída de tijolos, cobertos de calça. O TEMPO, senhor absoluto, em sua ronda contínua, transformou a côr primitiva da muralha do campo-santo. Deixou-a empastada pelas algas filamentosas das águas das chuvas. No local em que outrora servira de abrigio

aos corpos inertes dos cratenses mártires, ceifados pelo cólera-morbo, atualmente já deve estar ocupado por casas residenciais. (1.º). Vou dizer algo sobre minha impressão quando vi Crato pela primeira vez. Seus habitantes gozavam de conforto elevado, praça com jardim e ruas assejadas. Quando vi tudo isso, lembrei-me da rua em que eu morava. Intimamente, em meu coração, desejei que ela também disfrutasse daquele asseio. Vi no povo, modo diferente no linguajar, não havia sotaque, e sim, maneira correta de pronunciar as palavras.

Eu nunca tinha visto um bispo, mas, minha mãe já conhecia. Por atender ao meu pedido, fomos à residência de senhor bispo, todavia, não fomos atendidos em nosso desejo, pois, estava ele muitíssimo ocupado.

Antigamente, um bispo era coisa rara, como abelha mestra que, é difícil da gente ver.

De volta a meca Juazeirense, em todo percurso do caminho, não afastava o meu pensamento de tudo quanto tinha visto em Crato.

Fato curioso para mim, foi quando vi pela primeira vez, uma avestruz que Sr. Lôbo criava, dentro do sítio de sua propriedade, que ficava bem pertinho do Crato. Por ter falado em Sr. Lôbo, veio-me a lembrança pessoa da família do referido senhor. É estrela luminosa da constelação militar nacional. Trata-se de Antônio Fernandes Lobato, Brigadeiro do Ar. (2.º).

Conheci-o como 2.º Sargento radiotegrafista. Eu era Marinheiro Nacional de 1.ª classe, de especialidade idêntica a do então Sargento Lobato.

Serviámos na mesma guarnição, Estação Central Radiotelegráfica da Marinha na Ilha do Governador. Daí nasceu nosso conhecimento e, pouco tempo depois ele ingressou no Corpo de Intendentes Navais, como Aspirante Naval.

Em 1934, ou 1935, não me lembro bem, tivemos o ensejo de pertencer a outra guarnição, isto é, estivemos destacados em Ladário — Mato Grosso, Ele era 2.º Tenente e eu 3.º Sargento Radiotegrafista.

Contou-me que estava noivo, parece-me que, a moça era de Iguatu e, mostrou-me fotografia dela. Por ocasião da criação do Ministério da Aeronáutica, o então Tenente Lobato, servia no Centro de Aviação Naval, sediada na Ilha do Governador. Com a fusão da Aviação Naval, foi transferido para o novo órgão criado, Ministério da Aeronáutica.

Não mais o vi, tive conhecimento que ele é Brigadeiro, através da reportagem do meu amigo J. de Figueirêdo Filho, "NO ASFALTO E NA PIÇARRA".

Tudo tem a sua razão de ser, nunca antes e nem depois, é sempre no momento exato e, estipulado pelas forças que governam os mundos e os seres.

Essas forças invisíveis que os materialisas negam-nas, são criações do ONIPOTENTE e entregues a NATUREZA que é o agente encarregado de orientá-las e distribuí-las. Foram elas ou uma delas que, fizeram ou fez, a minha aproximação, com a pessoa de J. de Figueirêdo Filho.

Conheci-o em 1961, por intermédio de um filho do Dr. Raimundo Borges, rapaz muito educado, com quem mantive demorada palestra.

Após nossa conversa, rumei com destino a casa do meu amigo J. de Figueirêdo Filho, fui recebido gentilmente. Cientifiquei-lhe do motivo que me fazia estar ali. Mostrar-lhe a cópia dos caracteres rupestres do "SOBRADO DOS CABOCLOS". Recebeu-a e examinou detalhadamente e aproximou-se de nós uma senhora que, fiz juízo tratar-se da sua esposa. Não houve apresentação, mas, isso não vai o caso de desconsideração. Foi um ligeiro esquecimento. (3.º).

Minha permanência em sua residência foi cêrca de trinta e cinco minutos, sòmente enquanto a referida senhora tirava cópia da cópia dos caracteres.

Aparentemente foi pouco tempo, mas, para mim foi o bastante para ficar conhecendo por fora e por dentro, o Dr. J. de Figueirêdo Filho.

Vi nêle, o protótipo do homem que o Brasil precisa ter pelo menos dez em cada cidade. Não quero com isso, desmerecer o quilate dos demais que não estão em som harmônico com o apóstolo cratense, isto é, não poupar tempo para despertar e curar a mocidade, do sono e da miopia do analfabetismo, em que vive mergulhada. Êle é o BOTICÁRIO que possui o segrêdo da droga que elimina os germes do analfabetismo, suponho que, tal mistério lhe foi revelado pelas APSARAS VÉDICAS. Agora passo a tratar sôbre o Juazeiro de minha infância.

Morava à rua Santa Rosa no quarteirão paralelo a Zé Terto. Guardo as reminiscências do passado. Juazeiro recebeu pela primeira vez a visita de veículo motorizado (automóvel), em 1918.

Era um buíque e estacionou nas "MALVAS" por longos dias, por ter quebrado a corôa do peão.

As opiniões das pessoas que iam visitar o automóvel, divergiam, diziam que era obra de satã, outras afirmavam que naquele carro estava a besta-fera representada. Havia outro grupo, possuído de discernimento reto, via nêle o progresso em desenvolvimento. Durante muitos anos, Juazeiro foi o núcleo de beatos e beatas, uma delas, foi quem deu origem ao caso tão comentado e discutido que, chegou a transportar fronteiras estaduais, arrastando o saudoso Pe. Cícero a situação difícil, que o privou do uso de ordens sacerdotais. Não comento pormenorizadamente êsse caso, nêste trabalho modesto, por não comportar tal assunto. Escapa de mim autoridade para fazê-lo. Apenas afirmo que, a Onipotência Divina, não encobrirá a verdade e nem a mentira, com o decorrer do tempo saber-se-á quem tinha razão.

Cidade de festas folclóricas, havia reisados e quilombos. O mestre que tinha mais perfeição para apresentar a arte, era o popular Cícero Boneca. Havia velório. As pessoas presentes ao velório, entoavam cânticos com ampliação natural da voz que, em raio de ação de dois quilômetros, perturbavam o sono dos viventes racionais.

Também existiam os celebres penitentes, formados de grupos de ambos os sexos. Por falar em sexo, lembrei-me de um cantor popular que o vi na ATENAS BRASILEIRA, em 1938 quando lá estive destacado na Estação Rádio da Marinha. Encostado na coluna da estátua do grande vate Gonçalves Dias, distribuía versos, em cantoria. Tenho dois de côr.

" NO RIO PINDARÉ
TEM COBRA E JACARÉ
TEM HOME TOMANDO BANHO
MISTURADO COM MUIÉ "

Essa miscelânia, ocorria ou ocorre, na região do Pindaré, mas, com os penitentes a cousa era diferente, cada macaco em seu galho.

Tivemos o boi "milagroso", ficava lá na região da "Baixa Dantas".

Coitado, pagou caro com a vida, por causa da credence que se generalizou em tôrno dêle. Diziam até que, tinha poder miraculoso.

Pois, foi abatido como martir, a fim de fazer desaparecer tudo aquilo que, lhe imputavam sem razão de ser. Sua sentença de morte, foi ditada pelo Dr. Floro. Ordem dada e executada. Havia diversos conjuntos musicais compostos de zabumba, pífanos, pratos e caixa de guerra (tambor). Os p.faros eram construídos de taboca do "pé" da serra do Araripe. Suponho que, ainda deve existir tal modalidade de orquestração, porém, com mais aperfeiçoamento, no estilo musical do que naquêl tempo. Naquela época, estava muito em voga, "RATO RATO GABIRU". Se não me foge a memória, a banda musical de Juazeiro, foi reorganizada logo após a guerra do Cariri, quando contou com maior número de instrumentos musicais. Ouvia ZUM - ZUM - ZUM que, os instrumentos musicais, recém adquiridos, tinham sido presas de guerra da milícia estadual de Fortaleza, não afirmo a veracidade dos boatos.

O primeiro maestro, foi o saudoso telegrafista Peluzio Corrêa de Macêdo, pai do falecido cônego Macêdo. A banda de música era composta de trinta e quatro músicos, restam apenas cinco.

Manuel Galdino dos Santos, pistão, residente em Petrolina, João Francisco, trompa, que ficou em Juazeiro do Norte, Luís Gomes, também em Juazeiro do Norte, Henrique Gomes, bombardino, que reside na Paraíba, Antônio "Soldado", clarinete, morador em Várzea Alegre.

O Dr. Floro Bartolomeu da Costa, com a influência política senhor da situação local, acabou terminantemente com tudo que estava fora dos bons princípios, isto é, os penitentes, cantorias nos velórios e os "especialistas em aliviar o alheio".

Ele foi o introdutor do calçamento nas ruas de Juazeiro, procurou dar feição nova e acabar com a buraqueira.

Os enxames humanos dos arrenegados da sorte, não faltavam diariamente, excluindo-se dêles os romeiros que iam visitar a "NOVA JERUSALEM" (Juazeiro).

Entre os abjurados da sorte, viamos portadores de moléstias contagiosas, loucos e deformados fisicamente.

Êstes, aquêles e aquêles outros, faziam da calçada da igreja de N. S. das Dores e do tamarineiro próximo, morada definitiva. Entre muitos destocavam-se dois, "CABORÉ" e "TAU". "Caboré", apesar de ser bipede, fazia uso para locomoção, á maneira dos ápodos. "TAU", era louco perigoso e andava às soltas, deixou muitas vítimas da sua fúria indomável.

Meu inesquecível QUIRIRI e atual CARIRI, receba a oblata do meu ósculo fraternal. Como oblato me ofereço a ti, em reconhecimento dos benefícios vivificantes que emanam de ti. Confio em ti que, continuarei a ser dos teus eternos favorecidos da sorte, se Deus o permitir.

NOTAS: (1.º) No local fica hoje a estação da CELCA — Crato

(2.º) O Brigadeiro do Ar Lobato que foi oficial da Marinha e depois da Aviação, morreu vítima de desastre de jeep em Fortaleza.

(3.º) Essa inscrição do Sobrado dos Caboclos, a mim ofertada pelo oficial da Marinha José dos Anjos Dias, agora meu velho amigo, foi publicado, com artigo de minha autoria, no número 75 do Boletim Geográfico do Rio — GB.

J. de Figueirêdo Filho

ESTRÉLAS E VAGALUMES

MARDISSOL

A serra...	Os vagalumes cintilando...
O Céu...	brilhando... brilhando...
A terra....	como as estrelas de lume...
Na serra, as matas.	confundindo-se
No céu, estrélas	no beijo profundo
Na terra, as plantas.	silencioso da terra,
A serra escura.	do céu na serra...
O céu escuro..	Imitando na terra,
A terra escura.	os vagalumes,
Nas matas...	as estrélas do céu.

POEMA DO INDEFINÍVEL

MARDISSOL

Cai a garôa...	límpida...
Cai a chuva...	Igual ao escuro
A noite é escura.	da noite,
Minh'alma sôa :	em profundidade.
as tessituras	Igual a suavidade
de algo	da garôa.
indefinível,	
que fôsse	Cai a garôa...
igual	Cai a chuva
a chuva	A noite é escura.

ESTRÉLAS ESCONDIDAS

MARDISSOL

Perguntei as estrelas	Eis porque,
porque elas se escondiam.	pude ver
Elas sorriram	a sorte de pessoas,
e me responderam :	que como estrélas
Para quando	se escondem
voltarmos...	na terra.
brilharmos	
mais..	

EXU — 1966

P A Z - I

NAS RUAS LARGAS DO DOMINGO
ESVAZIO O ESPÍRITO
ACOSTUMADO AO ATRITO
DA DOR SOCIAL

BUSCO NOS TEMPLOS
DE CRENTES REPLETOS
CONTEUDO DE PAZ

PALAVRAS E CÂNTICOS
DISPERSAM NOS ARES
A IMAGEM DA FÉ

E A PAZ DESEJADA
NOS ARES LANÇADA
EM VÃO SONHO TER

AMO A DOR DO CONFLITO
NA LUTA DO ESPÍRITO
PARA FLUTUAR NO NÃO SER.

EXPORTADORA CRATENSE

— D E —

ANTÔNIO ALVES DE MORAIS JUNIOR & CIA.

I N S C R I Ç Ã O N.º 1

TELEGRAMA: ANTALVES

TELEFONE: 200

CAIXA POSTAL, 11

Comércio de Algodão - Usina de Beneficiamento de Algodão

Escritório : RUA SENADOR POMPEU, 8

Usina : AV. PE. CÍCERO — BAIRRO S. MIGUEL

C R A T O

— o —

C E A R Á

P A Z - II

ZUMMM... ZUMMM... AUTOMÓVEIS A ROLAR
NOITE ALTA E NA CIDADE NÃO ANOITECE
ZUMMM... ZUMMM... ZUMMM...

VIGÍLIA DAS NOITES NÃO ANOITECIDAS
ZUMMM... ZUMMM... ZUMMM...

NÃO HÁ PAZ NA CIDADE
NA CIDADE SÓ O CANSAÇO PARA

FELIZ DO CORPO CANSADO QUE PODE PARAR
PARAR E ANOITECER

COMO ANOITECER SE O ESPÍRITO REBELADO
NÃO SE METE NO CORPO CANSADO?

Indústria de Massas Alimentícias GESSI

de Gessi M. Lopes & Cia. Ltda.

VEM DE AMPLIAR MODERNAMENTE AS SUAS
INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS, OFERECENDO OS
MELHORES PRODUTOS E MAIOR PRODUÇÃO

BISCOITOS — BOLACHAS — MACARRÃO

PRODUTOS CONSAGRADOS PELA SUA QUALIDADE

FONE 386 — TELEG.: "I M A G"

RUA SANTOS DUMONT, 12 — CRATO — CEARÁ

RECORDANDO UM MARCO GLORIOSO DA HISTÓRIA

MARECHAL FERNANDO TÁVORA

VERSÃO MNEMÔNICA DA ALOCUÇÃO PROFERIDA NO
FORTE DE COIMBRA, PELO COMANDANTE DA 9.º R. M.,
AOS 13.IX.55, DATA COMEMORATIVA DO 180.º
ANIVERSÁRIO DA FAMOSA FORTIFICAÇÃO

Exmo. Sr. Gen. Ex (RI) Raul Silvestre de Mello,
Exmo. Sr. Comandante do 6.º Distrito Naval,
Exmo. Sr. Comandante da 2.º Brigada Mista,
Sr. Comandante do Destacamento da Base Aérea
de Campo Grande (MT)
Sr. Comandante e Oficiais de Divisão de Marinha da
Flotilha de Mato Grosso, surta em águas deste Forte
Comandante e Camaradas da 1.º Bateria do
“Grupo Portocarrero”

* * *

A guisa de introito desta Alocução, vamos repetir as palavras oraculares do insigne Alexandre Herculano, sobre o culto das tradições.

— “A falta de amor às velhas cousas da Pátria é indício certo da morte da nacionalidade e, por consequência, do Estado decadente e da última ruína de qualquer povo”.

* * *

1. Estamos aqui reunidos, e, sobretudo irmanados, para celebrar o 180.º aniversário do primeiro estabelecimento desta Fortificação, chantado aos 13 de Setembro de 1775, nesta mesma paragem e a 150m a jusante do atual Forte. Era uma Estacada — Presidio, segundo o estilo e a designação costâneos.

2. Parece oportuno repetir aqui e neste instante — as máximas com que iniciámos e encerrámos a Palestra de 10 de Março transato, na sede regional, — sobre o escôço histórico de Mato Grosso, que é a jurisdição territorial da 9.ª Região Militar. Ei-las :

Primeira — Duzentos Anos, têrmo médio, separam as feitorias do BRASIL marítimo, das fundações motagrossenses. Ter isto sempre presente no cotêjo das realizações do Leste do Descobrimento, com as do Oeste da Conquista;

Segunda — Nossos antepassados não nos legaram nenhuma cidade de ouro, nem sequer muito ouro nas cidades. Mas, por sobre o sonho avito e iluso do “El Dorado”, em que consumiram as energias de tantas gerações e consumaram um Império, recebemos o sudário imenso e inestimável do território Matogrossense.

3. Senhores: COIMBRA é um dos pontos cardiais da rosa dos ventos de nosso determinismo histórico, uma das Mecas do civismo e do valor de nossa Gente. Foi uma “sorte grande” haver encontrado, por meado deste século, o seu Profeta — S. Excia. o General Silveira de Mello, — historiógrafo do Forte, apóstolo de sua Padroeira e vexilário de seu Nume tutelar; conforme demonstrámos e proclamámos na Alocução de 9 de Dezembro de 1954, aqui proferida na ocasião da entrega da Urna funerária do Coronel RICARDO Franco, à sua tebaida de sacrifícios e de glórias.

4. A vista e guardando, qual sentinela perdida e per-vírgil o famoso “Estreito de S. Francisco Xavier”, no curso médio do Rio Paraguai, — a fortificação Coimbra foi chantada à margem direita dêsse caminho d’água, que 2 povos, civilizados e 2 nações autóctones, encheram de lutas e luto por mais de duzentos anos... Suas coordenadas geográficas são 19° 55’ de Latitude (S) e 32° 2’ de Longitude (W), segundo uma Planta do tempo, existente no Arquivo Militar; a qual foi reproduzida pelo General Mello no seu livro “Cel. RICARDO Franco”, cujo biografado plausivelmente terá sido seu autor.

5. Citámos as determinantes astronômicas do propugná-culo colibriense — observadas e anotadas, supomos, por seu insigne arquiteto, construtor e 1.º Comandante, — depois que se engastou na encosta N E do Mórro homônimo. Situemo-lo, agora, em distâncias, pelas medidas da época, com relação a outros pontos, intimamente ligados à sua criação e sustentação :

I — Fica 40 léguas a montante de “Fecho dos Mórros” —

a angustura em que o Art. 2 das Instruções de 9 de Outubro de 1775, dadas ao Cap. Ribeiro da Costa pelo Governador Pereira e Cáceres,—mandava assentar o primeiro estabelecimento.

II — Queda 36 léguas a jusante de Corumbá (a velha Albuquerque), criada em 1778 como seu escalão avançado de reaprovisionamento e posição de acolhimento.

III — Está 30 léguas ao Poente de Miranda — cuja Estacada, erguida em 1797, no Comando de Franco, — estendia e atendia a vigilância lusa aos lindes do Sul e aos caminhos de Piratininga;

IV — Situa-se 200 léguas a jusante de Cuiabá — a 1.ª fundação e base logística não só da Fronteira, — como da própria Governação desta imensa Capitania;

V — Finalmente se distancia 300 léguas, rumo ao Sul (2/3 por aquavia e 1/3 por litovia) — de “N. S. de Vila Bela da Santíssima Trindade de Mato Grosso”, — a 2.ª e mais demorada sede dos Governos coloniais desta porção de nosso território.

6. Diz a sabedoria anônima: “Há males que veem para bem”. Invocamo-la e aplicamo-la no caso da escolha do sítio do baluarte conimbricense; pois com a parcimônia com que se ergueu e a minguia de recursos com que prodigiosamente se defendeu — teria caído em mãos do Governador de Assunção, seu “astuto vizinho”, em 1801, sem o obstáculo providencial do desaguadouro da Bahia Negra e dos alagadiços que se seguem para o nosso lado. Hosana, pois, à previsão ou assombração de MATIAS Ribeiro da Costa, cujo estabelecimento aqui contrariava as intenções e instruções de seu Governador e Capitão General!

7. Sob a égide do Grande Comando da 2.ª Brigada Mista, que destacou e substituiu, no tempo, o “Comando da Fronteira do Paraguai”, que era cumulativo com o do bastião conimbricense — fazemos a entrega dêste “Quadro-Galeria”, — à 1.ª Bateria do 6.º Grupo de Artilharia de Costa, herdeira de longas e gloriosas tradições cívico-militares.

8. Caros circunstantes:

Nesta magnífica obra de pesquisa histórica e de labor artístico, — a Região, a Brigada e esta Unidade — sempre ficarão devendo ao patriotismo, e à ciência, paciência e generosidade do Exmo. Sr. Gen. Ex RAUL Silveira de Mello, que ainda nos honra e estimula com sua presença, nesta longínqua e quase impérvia Guarnição. Temos à vista, pode-se dizer, num autêntico diorama histórico — meio século de lidas e lídes neste venerando Forte, — a baliza mais antiga e fustigada de nossos lindes ocidentais.

9. Durante 47 anos, 10 meses e 5 dias, de 13 de setembro de 1775 a 18 de julho de 1823, isto é, — de sua fundação ao conhecimento do Grito do Ipiranga neste meio mundo e fim do mundo, que é Mato Grosso — houve nesta Fortificação 17 Comandos, exercidos por 14 Oficiais, cujos postos iam de Ajudante (1.º Tenente) a Coronel. Em tal lapso de tempo foi bisada a gestão de RICARDO Franco (9.º e 11.º) e trinada, a de ANTÔNIO José Rodrigues (10.º, 12.º e 14.º).

10. Sem desdouro para nenhum dos valorosos Chefes desta Galeria, mas também sem sombra de dúvidas; podemos nela destacar três figuras dignas de encômios especiais:

I — O Sargento-Mor Joaquim José Ferreira, que alcançou no seu Comando (o 6.º: 1790/91) o entendimento e a paz definitiva com os Guaicurús; os quais, durante três lustros, haviam trazido esta Guarnição, “de braço às armas feito” e lhe infligiram canseiras e perdas humanas que superam de muito às sofridas nas duas refregas internacionais, suportadas por este glorioso bastião. Vamos chamá-lo o PACIFICADOR.

II — O Tenente-Coronel RICARDO Franco de Almeida Serra, em sua 1.ª estada, longa de 8 anos (9.º Comando: 1797 a 1805) elaborou o projeto, fez a locação e deixou muito adiantada a construção do “novo Forte de Coimbra” (iniciada a 3.XI.1797) — dentro de cujas muralhas de pedra e barro, ainda inconclusas e sem abrigo para o pessoal, “defendeu-se como um leão”, do ataque espanhol de 1801. Pela façanha memorável e por despacho real de 3 de julho de 1803 foi promovido a Coronel. Ainda que por instruções do 6.º Capitão-General, — foi por ordem de Franco que seu antecessor, neste Estabelecimento, seguiu para o Rio Miranda, em cuja margem direita (N) — fundou a Estacada Presídio, que estendia e completava a vigilância e a defesa das fronteiras meridionais da Capitania. E são ainda dessa fase o “Plano de Defesa da Capitania de MT” e o “Parecer sobre os Índios Uaicurús” ou (Guaicurús), ambos da lavra do inclito e incansável Engenheiro Militar. Na 2.ª estada (o 11.º Comando: 1808/9) leva ao fim — “as principais e mais urgentes construções (do Forte), — menos o que respeita a acomodações do pessoal; pois grande parte da Guarnição ainda se achava instalada fora da Praça, em ranchos, por falta de alojamentos”.

Podemos cognominá-lo o CONSTRUTOR.

III — Finalmente o Sargento-Mor ANTÔNIO José Rodrigues, que neste posto exerceu o 10.º (1806/8) e 12.º (1809/10) e já Coronel, o 14.º Comando (1812/17). Como sucessor de Franco e também Engenheiro — “seguiu (são palavras dêle)

seu delineamento e com bastantes fadigas se esmerou em continuar aquela obra (Coimbra), dando-lhe maior consistência". Usou alvenaria regular, tijolos e telha, de sua improvisada olaria e longinqua caieira (Corumbá).

Pode-se, pois, afirmar, com os documentos na mão — "que pelo esforço de 2 Officiais (Franco e Rodrigues) — é que se acha hoje uma fortificação naquela fronteira, que não fez pêso à Fazenda Nacional" (exceto duma Memória do começo do século XIX). Rodrigues atingiu o posto de Brigadeiro no Imperial Corpo de Engenheiros do Brasil (1.º Império).

É de sua autoria a "Memória Geográfica e Histórica da Vasta Fronteira da Província de Mato Grosso" — Datada de 24 de maio de 1829 e endereçada ao Ministério de Estado da Guerra, precioso achado no Arquivo de Manuscritos da Biblioteca Nacional, em fins de 1954, por sua Excelência o General Silveira de Mello, que se dignou tirar e oferecer uma cópia datilografada do citado documento, ao Estado Maior da 9.º Região Militar. Apensa à Memória figura a "parte de combate" de 16/24 de setembro de 1801, redigida por Franco e extraída naturalmente do "Livro de Registro de Ordens do Forte", infelizmente desaparecido ou em lugar incerto e não sabido.

Com inteira justiça será apelidado o CONSOLIDADOR.

* * *

Para epilogar esta arenga, que já vai longa, vamos recitar o final da Estrofe 41.º do Canto IV de "Os Lusíadas" — de LUIS DE CAMÕES, — A voz da Raça que enformou a Nação e Civilização Brasileiras :

— "E PORQUE MAIS AQUI SE AMANSE E DOME
A SOBERBA DO INIMIGO FURIBUNDO,
A SUBLIME BANDEIRA CASTELHANA
FOI DERRIBADA AOS PÉS DA LUSITANA "

Tivemos autoridade ou fortuna condizentes com os nossos anelos — fariamos inscrever êste quarteto em letras de aço inoxidável, da altura destas venerandas muralhas e nelas engastadas, para que perenemente espelhassem nestas águas peregrinas e refletissem nêstes pampas sem fim — a senha duma GENTE que há mais de oitocentos anos abre caminho na História, em todos os hemisférios, com honra e glória indiscutíveis...

Musa

FERAS SECRETAS

Horas caladas,
Lá fóra o palco de dramas e traumas,
Cá dentro a impassibilidade da mais provisória das pases.
O mundo cala as horas
E palpita de mistérios.
Aquela luz... aquela chama ao longe,
Que dor não alumia aquela chama ardente,
Que fantasmas de morte... que sòmente ela,
A arder, a tremer... é testemunha?!...
Aquêlo grito lancinante, aquêlo grito,
Quem jamais lhe desanuviará o mistério?
Na penumbra transparece cenas,
Cenas gritantes, que apenas,
O sentir, o viver elas,
Poderá de algum modo retratá-las.
É a morte que palpita em cada seio,
É a luz que se extenua em cada facho!

LAMPARINA

Esta lamparina rústica,
É festa de colisão entre gases e fôgo,
Entre líquido e chama.
É também testemunha de meus tédios,
De minhas vigílias a nada,
De minhas esperas tão vãs,
De minhas mágoas cicatrisadas,
De minhas lágrimas hoje vapor,
Das quais só resta o sal, talvez nem sal...
Esta lamparina,
Também chora comigo... fumaças...
E o sal delas mora no telhado...
Esta lamparina,
Tem cumprido comigo uma missão fecunda:
Servir de luz a quem foge das trevas.

Germinante

F. ASSIS DE SOUSA LIMA

O ECLIPSE FUI EU

Anunciaram o eclipse
Para uma manhã sem sol.
Um eclipse espacial
Que poria as aves no recolhimento
Espavoridas com tão curto dia...
Mas o eclipse não se deu assim,
Ele só foi visível para mim
Pois neste dia o eclipse fui eu.

M A R I A

Maria que chora
Ao pé da coluna,
Da suja coluna
Mais limpa que tú!
Maria sem nome,
Como outras marias
Aperta o teu grito,
Levanta teu chôro,
Aperta teu grito,
Faz da rua um rio:
O rio das lágrimas
de uma maria...
Soluça convulsivamente,
Chora, Maria,
E mostra aos poderosos
A centelha de tua miséria,
Para ver se os seus corações
Não permanecem empedernidos!

COISA DE CRIANÇA

Fitei sorrindo a criança,
Ela não me sorriu.
Fitei-a depois, chorando,
Então ela sorriu-me.

O U T O N I A

O TRABALHO ENCHE DE VIDA
AS RUAS SEMANAIS

E O HOMEM, ÁTOMO DE ENERGIA SOCIAL
LUTA PARA VENCER
A ILUSÃO DE BEM VIVER

PASSAM OS DIAS
PASSAM-SE OS SONHOS
E A HUMANIDADE DO POVO
ENRIQUECE NO DESESPERO DE NÃO TER

(TUDO PASSA, TODOS DIZEM
E VIVENDO, TUDO PASSA, TODOS SENTEM)

PASSAM OS ANOS
PASSA O ARDOR
E DE IDOS SONHOS
VEGETO O HOMEM
FENECIDO O CALOR

A FAMÍLIA IMPERIAL EM PETROPOLIS

Ao Dr. José Figueirêdo Filho :

Agradeço a amável remessa de sua tão interessante revista "ITAYTERA".

Li com particular emoção as justas referências ao nosso bom amigo Guilherme Auler.

Seu afeiçoado

DOM PEDRO

Cartão com fotografia da
família imperial (D. Pedro II)

1889

Na mesma escadaria do Palácio
Grão Pará em Petropolis a família
de D. Pedro, bisneto do Imperador

1962

O manda-chuva de JUÀZEIRO

JAYME SISNANDO

..(Do Instituto Cultural do Cariri)..

Eu nunca vira o padre Cícero. E, como naquela tarde correrá rápida a notícia de que êle estava prestes a chegar ao Crato, a minha natural curiosidade de criança alvoroçou-se tôda. Ia finalmente ver uma das personalidades de maior prestígio no Nordeste, aquêle cujo nome andava na boca de todos, que derrotara as fôrças do coronel Franco Rabelo e fizera atacar o Crato, expondo-o ao saque da jagunçada que não respeitava ninguém que não fôsse "marreta" e fazia os rabelistas sofrerem tôda a sorte de vexames. As casas comerciais dôs coroneis Luiz e José Alves Teixeira tinham sido arrombadas e "limpas" e muitas outras tiveram sorte igual, naquele período doloroso da história cearense. Até as casas de família, que não tivessem pregada à porta um pedaço de fita ou tira encarnada, indicando serem propriedades de "marretas", eram invadidas brutalmente, e as coisas de valor se "evaporavam". Dos armazens, multidões de romeiros andrajosos, parecendo que nunca tinham visto comida, saíam com sacos cheios de farinha, rapadura, queijos e o que mais podiam levar.

Pelas ruas, especialmente Formosa e Grande (atuais Santos Dumont e João Pessoa) espalhavam-se pelo chão cartas de baralho, espelinhos, latas de brilhantina, leques, etc. Quem não tivesse consciência e quisesse se aproveitar, era só entrar pelas lojas escancaradas e tirar o que desejasse. Vi um caipira que tão grande número de peças de fazenda pôs sôbre o seu cavalo que, ao subir, mais parecia escanchado sôbre pequena tôrre do que sôbre um animal. Mulheres e meninos carregavam canela em casca numa quantidade tal que pareciam transportar feixes de lenha.

O padre, além de vitorioso naquela revolução, tinha a fama de milagroso. Contavam-se fatos interessantes que demonstrava as suas qualidades de traumaturgo, especialmente a hóstia que se transformava em sangue tôdas

as vèzes que êle a depunha nos lábios da beata Maria de Araújo, quando esta ainda era viva.

Parecia até um milagre ter êle saído vencedor na luta contra o govêrno do Estado, que dispunha de tropas bem alimentadas e bem armadas com fuzis Mauser e até um canhão-espantalho com que o presenteara o Sr. Emílio Sá, enquanto as dêle, padre, eram constituídas por pobres romeiros esfomeados, empunhando armas velhas, espingardas de pequeno alcance, muitas delas até feitas com canos de guarda-chuva.

As indisciplinadas fôrças de Juazeiro, compostas de gente ignara, sem tática, fanáticos acorridos de diversas partes do Brasil, atraídos pelo renome do padre, sômente possuíam de verdadeiramente importante a sua fé, aquela fôrça moral que recebiam do seu "padrim", e que os fazia acreditar na proteção de uma entidade superior. Daí a sua impavidez para lutarem com tropas bem equipadas, e que teriam vencido fàcilmente as hostes da Meca cearense se tivessem sido dirigidas por um verdadeiro cabo de guerra. Todos souberam depois que o Cap. Ladislau Lourenço de Sousa, comandante da polícia estadual, ao envez de dar combate aos romeiros, fugira para Barbalha inexplicavelmente e lá se deixara ficar, enquanto os referidos romeiros se dirigiam para o Crato e atacavam a cidade, tendo apenas para lhe resistir a caixeirada que, em trincheiras improvisadas com fardos de algodão e armada de fuzis, manteve o fogo durante três dias. Tão intensa era por vèzes a fuzilaria, sibilando de tal maneira que houve pessoas que julgaram que estava era chovendo. Mas de um cratense chegou a entreabrir a porta de sua residência para perscrutar o tempo, e se certificar da verdade. Do que foi a refrega diziam-nos ainda tempos depois as paredes mudas da residência do coronel José Alves Teixeira, e de outros cidadãos que, esburacadas pelas balas davam uma prova da invasão juazeirense. Quando a jagunçada caótica desceu o Barro Vermelho, a maioria das famílias cratenses, amedrontadas, já haviam subido a ladeira do Seminário e fugido para outras paragens mais seguras. Contam que houve mulheres heróicas que, naquela desabalada, transportavam até máquinas de costura, baus, perus, galinhas, etc. Muita gente se internara pelas matas, procurando esconderijos, com mêdo de ser sangrada pelos fanáticos daquela nova espécie de Canudos.

* * *

Uma bôa pessoa era o padre Cícero Romão Batista. Não se aproveitava do seu prestígio para fazer mal a quem quer que fôsse, nem mesmo aos inimigos. Se os romeiros, às vèzes, praticavam desatinos, êstes eram praticados à sua revelia, gozando sempre o padre de grande ascendência sôbre êles. Em Juazeiro se aglomerava gente de muitos Estados do Brasil, atraída pela sua

bondade e, principalmente, pela sua fama de milagroso. Vendiam-se medalhinhas com a sua effigie, que aquêles crentes usavam, orgulhosos, sôbre o peito ou pregadas nos chapéus de couro. O próprio Lampeão, fiado na bondade do sacerdote, chegou a ir até ao Juazeiro impunemente, sem que ninguém o ofendesse, pois o padre não queria que o bandido fôsse traído pela confiança que depositava nêle, e deixou que o mesmo ali permanecesse livremente. Consta até que, com sua influência e desejoso de regenerá-lo, arranjou-lhe com as autoridades competentes uma patente de Capitão. . .

* * *

Após a revolução juazeirense, surgiram modinhas com letra e música muito simples, que popularizavam ainda mais em todo o Cariri o manda-chuva de Juazeiro :

O PADRE CIÇO DISSE,
COM A MÃO NA COROA,
QUEM ATACAR O HÓRTO
ÊLE AMALDIÇOÁ.

O PADRE CIÇO DISSE
QUE ERA PECADO
DORMIR DOIS NUMA RÊDE
SEM SER CASADO.

O PADRE CIÇO DISSE
PARA OS "MARRETA"
QUE ESPERA DE PÉS FIRME
O DANTAS BARRETA.

Trata-se nos últimos versos do General Dantas Barreto, governador de Pernambuco, que, segundo propalavam, iria atacar o padre, fazendo restabelecer a ordem no Ceará.

Conforme asseveravam, o padre Cícero estava no propósito de resistir a qualquer investida das tropas pernambucanas e, como meio de defesa, a fim de lhes barrar a invasão, os romeiros chegaram a abrir grandes valados na serra do Araripe. Muita gente rumara para o alto do sertão, temendo que o sul do Ceará se tornasse o palco de novas atrocidades, invadido pela polícia do Estado vizinho.

* * *

Cafa a tarde quando uma populaça suja se aproximava da rua das Flôres (atual D. Quintino). Eram os romeiros.

Cheio de curiosidade, eu os aguardava na calçada de D. Maria de Sécundo, em cuja residência o padre iria se hospedar. Por toda a rua bandos de curiosos para assistirem a sua passagem. Nas janelas das casas lindos rostos de senhoras e moças surgiam, ansiosas por verem o famoso personagem nordestino, que tanto susto já lhes causara com o ataque ao Crato de sua romeirada.

Finalmente divisei sobre um cavalo a sua figura pequenina e serena. Nos lábios um sorriso de bondade. Mais parecia vir num andor que escarranchado num quadrúpede. De todos os lados cercavam-no os seus inúmeros e solícitos afilhados. Uns puxavam pelas rédeas, outros seguravam nos estribos e um ainda, com a mão sobre uma das ancas do animal, parecia ir sustentando o rabicho.

E foi assim, como um santo levado em procissão, cercado de uma gente humilde, andrajosa e fervorosa, que vim a conhecer uma das personalidades de maior fama em todo o nordeste brasileiro.

FALECEU CEGO ADERALDO

DE LUTO O FOLCLORE NACIONAL

A 29 de Junho último faleceu em sua residência, em Fortaleza, o popular Aderaldo Ferreira de Araújo, mais conhecido como CEGO ADERALDO, famoso cantador popular, nascido no Crato, em 24 de Junho, no ano de 1878.

Admirado como dos maiores cantadores do Brasil, Aderaldo deixou de luto o folclore brasileiro.

"O Cego Aderaldo, sem dúvida, enfeixou em sua Coletânea o que existe de bom, no Brasil, em matéria de poesia popular. Construiu, assim, um monumento de real valor folclórico, destinado a projetar-lhe o nome, no mundo das letras, como luzeiro de rara cintilação", afirmou Osvaldo Aguiar.

"Ninguém o esquecerá jamais. Ao passar dos anos, mais e mais se tornará indelével a obra poética do maior cantador do Nordeste, aquele que foi o encanto das noites sertanêjas, o cinema e a televisão do pobre, o grande espetáculo de sabedoria dos terreiros e vales", escreveu Eduardo Campos, Presidente da Academia Cearense de Letras.

O Instituto Cultural do Cariri registra nesta nota o seu voto de pesar á cultura cearense pela perda do grande filho do Crato.

A Marcante Personalidade de D. Quintino

LEITE MARANHÃO

Dos Arquivos do Instituto Cultural do Cariri consta a seguinte missiva do intelectual caririense Dr. Leite Maranhão, dirigida ao Revdmo. Monsenhor Raimundo Augusto de Araújo Lima :

Fortaleza 10 de Dezembro de 1963

Meu caro Monsenhor,

Feliz Natal e paz, em Cristo, no próximo ano novo.

De Aurino, recebi as páginas de "A AÇÃO" dedicadas ao centenário de Nascimento de Dom Quintino, com expressa declaração:— Monsenhor Raimundo Augusto lhe envia...

Sou muito grato a V. Rvma. pela lembrança e gesto cativante.

Com efusão de alma, também partilho das homenagens à memória do grande apóstolo do vale caririense que fecundou a seara do Senhor na opulência dessa região paradoxalmente fértil de riquezas naturais e carente de formação social, para o justo e necessário consórcio do homem à terra numa racional equação de cultura e progresso.

A seu tempo, ali existia um paraíso selvagem, a natureza nutria o homem na expansão dos seus instintos, sem a disciplina cultural da civilização ainda embrionária e desritimada...

Coube ao evangelizador do oásis recuperar aquele habitat, o homem e o terra, atribuindo-lhes as características culturais que aprimoram o espírito e a inteligência nos fulgores da Fé, e fecundam o trabalho que gera riqueza e dignifica o homem. Ali se faz obra de equilíbrio social, luminosamente inspirada por Leão XIII:— **a riqueza em função do trabalho, com direitos e deveres expressos numa concepção humana da justiça social.**

Foi esta a ingente tarefa, a fulgurante obra apostólica de Dom Quintino.

O Padre Leonel Franca, em maravilhoso estudo sobre a psicologia do trabalho, diz:— "É preciso cultivar as almas para enobrecer o trabalho.

"Só o cristianismo, nas dificuldades da civilização, possui o segredo de descortinar horizontes e atingir profundezas. Resolvendo os problemas humanos, resolve os problemas sociais, no justo equilíbrio de direitos e deveres".

Dom Quintino, na via-lactea do seu sacerdócio, cultivou as almas, dignificou e disciplinou o trabalho com o espírito apostólico de um grande príncipe da Igreja.

Os articulistas de "A AÇÃO" foram justos e felizes na apreciação da personalidade do grande antífite. Monsenhor Silvano de Sousa, no seu magistral artigo sobre "a pérola do Seminário", sequentemente Padre e Bispo, omitiu, todavia, uma faceta primorosa da personalidade de Dom Quintino:— ele fora um privilégio na galeria artística da cultura clássica, cultivando a música sacra, com rara vocação para o canto e execução instrumental. A

música o elevou às melodias celestiais, varrendo do seu apostolado as ambições terrenas, a fome do ouro, a ganância de rendas discutidas no fôro da consciência, e, sobrepondo a tudo o bem comum das pessoas e das almas...

De coração agradeço a V. Rvma. a lembrança de enquadrar-me entre os que mais veneram a memória do grande Pastor.

Tive a felicidade de aproximar-me d'ele, quando aluno do Colégio São José, antigo Seminário de Crato, e com muito respeito, ofereci-lhe a minha Tese de doutoramento, recebendo, em troca, delicado cartão em que dizia com aquela paternal bondade: — "Se o estilo é o homem, sua tese define substancial valor para a profissão e para as letras médicas"...

Decididamente o impacto emocional que me veio daquele conceito generoso selou a minha responsabilidade na carreira que cotei, e, bem assim, o apreço àquele carinho acolhedor que se dignou dispensar-me em fugitivos e respeitosos encontros de cortezia.

Assisti, na Bahia, a sagração episcopal de Dom Quintino, integrando a colonia cearense e, em primeira fila, beijei-lhe o anel com emoção e gôzo espiritual.

De tudo isto guardo confortadora memória que, ora, se eleva ao céu no sentido de uma prece de louvores e benção ao espírito e à obra apostólica de Dom Quintino.

Mais uma vez grato, manda a V. Rvma. um cordial abraço e votos de feliz Natal.

Seu parente e amigo

LEITE MARANHÃO

P..S. Se aprovar a V. Rvma., pode dar publicidade na imprensa local: — será mais uma pávida contribuição às homenagens tributadas IN MEMORIAM ao venerável Antístite em que, eu e V. Rvma. nos defrontamos num momento de justa meditação

L. M.

J. DE FIGUEIREDO FILHO COTADO PARA A ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Notícia realmente desvanecedôra se encontra nos jornais: a anunciada candidatura do escritor e folclorista Dr José Alves de Figueirêdo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, para a Academia Cearense de Letras, na vaga do acadêmico Dolor Barreira, falecido em 29 de Junho último.

Movimentam-se os intelectuais cearenses para dar ao Cariri, na pessoa do Presidente da nossa entidade, êsse lugar no sodalício da Cultura do nosso Estado.

O Presidente do I. C. C., ora no Recife, tem sido cientificado do movimento e da grande aceitação em tôrno do seu nome.



indústria e moagens do cariri s. a.

UMA INDÚSTRIA DO CRATO PARA

O DESENVOLVIMENTO DO CARIRI

A IMOCASA AVISA AOS CRIADORES QUE A PARTIR DE
SETEMBRO ESTARÁ FABRICANDO RAÇÃO

BALANCEADA PARA AVES E SUINOS

A BASE DE SUROFAC — 10 e 12

RUA DA INDEPENDÊNCIA S/N — CRATO — CEARÁ

C **IMASA**
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DA MANDIOCA S. A.

Aproveitamento Integral da MANDIOCA

Produtos Exportação

Séde: BAIRRO ITAYTERA

CRATO

—

CEARÁ

CRESCENDO COM O CEARÁ
FAZENDO O CEARÁ CRESCER

BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL S. A.

FUNDADO EM 24 DE FEVEREIRO DE 1926

MATRIZ

F O R T A L E Z A
RUA FLORIANO PEIXOTO, 440

AGÊNCIAS

Brejo Santo - Crateús - Crato - Iguatu
Juazeiro do Norte - Senador Pompeu - Sobral



*O único Banco genuinamente cearense.
com filiais no interior do Estado*

CORRESPONDENTES NAS CAPITALS E PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS